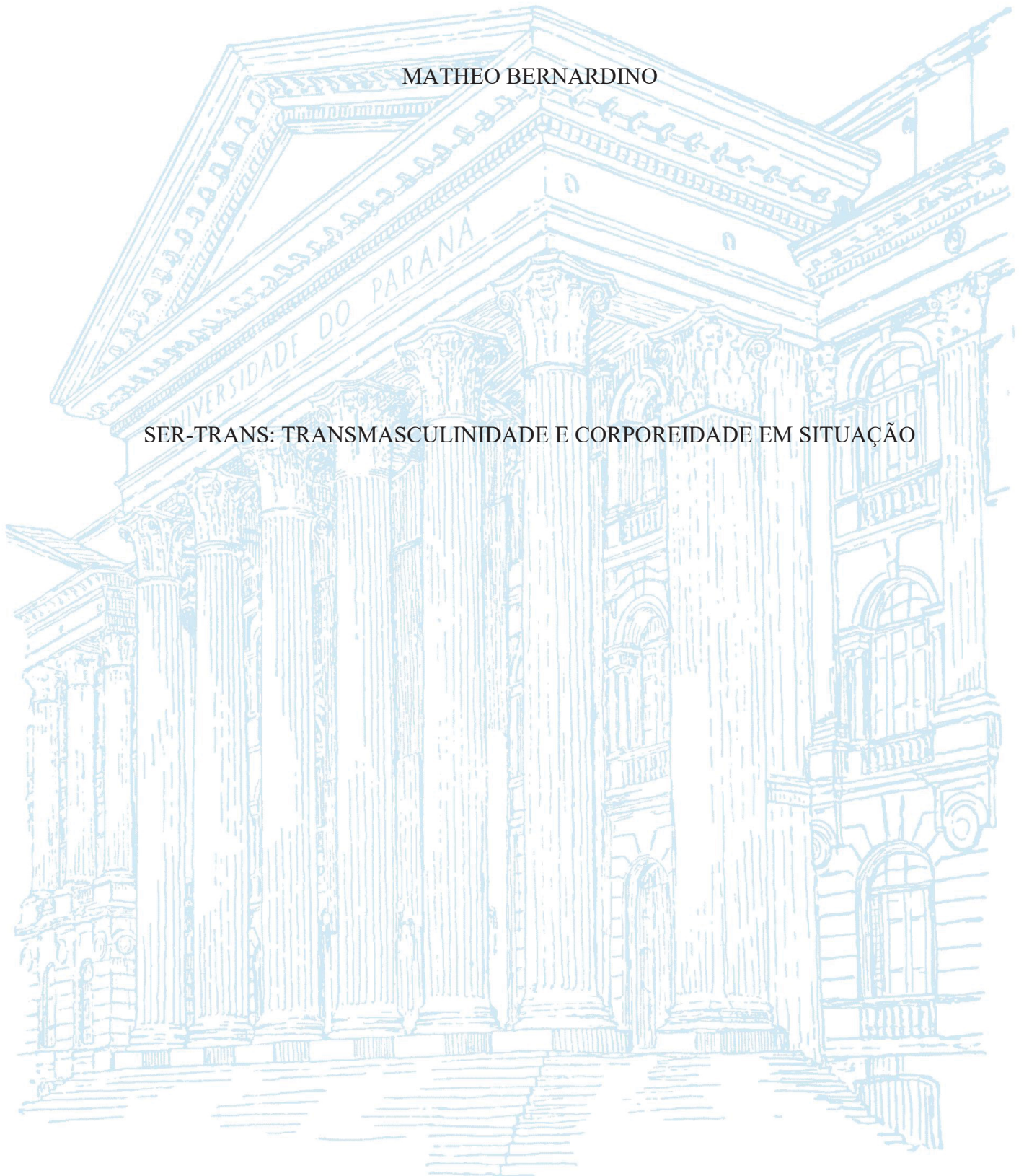


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEO BERNARDINO

SER-TRANS: TRANSMASCULINIDADE E CORPOREIDADE EM SITUAÇÃO



CURITIBA

2020

MATHEO BERNARDINO

SER-TRANS: TRANSMASCULINIDADE E CORPOREIDADE EM SITUAÇÃO

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Joanneliese de Lucas Freitas

CURITIBA

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Bernardino, Matheo

Ser-trans : transmasculinidade e corporeidade em
situação. / Matheo Bernardino. – Curitiba, 2020.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências
Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Joanneliese de Lucas Freitas

1. Psicologia fenomenológica. 2. Transexuais. 3.
Transexualidade.

I. Freitas, Joanneliese de Lucas, 1972-. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

ATA Nº213

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM PSICOLOGIA

No dia vinte e nove de abril de dois mil e vinte às 13:00 horas, na sala por meio de transmissão ao vivo pela plataforma digital Rede Nacional de Pesquisa (RNP), conforme determinações da Portaria nº36/2020 da CAPES, da Portaria nº754/2020 da UFPR e das recomendações da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFPR (PRPPG), foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **MATHEO BERNARDINO**, intitulada: **SER-TRANS: TRANSMASCULINIDADE E CORPOREIDADE EM SITUAÇÃO**, sob orientação da Profa. Dra. JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), MÔNICA BOTELHO ALVIM (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO), MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Observações: A banca destaca que Matheo Bernardino é o primeiro transhomem a defender uma dissertação de mestrado napsicologia da UFPR e do Brasil. Indica o trabalho para a publicação em forma de livro dada a relevância e o ineditismo da pesquisa. Por fim, solicita que sejam definidos mais objetivamente alguns conceitos, tal como apontados na arguição.

CURITIBA, 29 de Abril de 2020.

Assinatura Eletrônica

30/04/2020 10:10:46.0

JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/05/2020 11:32:30.0

MÔNICA BOTELHO ALVIM

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

04/05/2020 08:39:21.0

MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 40389

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>
e insira o código 40389



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PSICOLOGIA -
40001016067P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **MATHEO BERNARDINO** intitulada: **SER-TRANS: TRANSMASCULINIDADE E CORPOREIDADE EM SITUAÇÃO**, sob orientação da Profa. Dra. JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Abril de 2020.

Assinatura Eletrônica

30/04/2020 10:10:46.0

JOANNELIESE DE LUCAS FREITAS

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/05/2020 11:32:30.0

MÔNICA BOTELHO ALVIM

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

Assinatura Eletrônica

04/05/2020 08:39:21.0

MEGG RAYARA GOMES DE OLIVEIRA

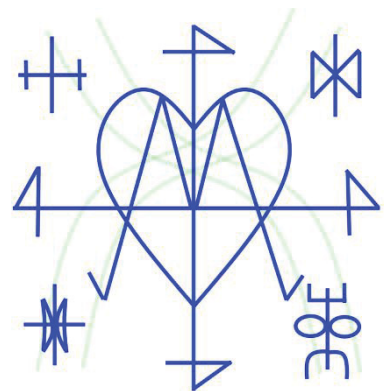
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Praça Santos Andrade, 50, 2o andar - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-010 - Tel: (41) 3310-2644 - E-mail: pgpsicologia@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 40389

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 40389



Àqueles que me precederam, com respeito à ancestralidade trans.

E aos meus amados dessa e de outras vidas.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dr.^a Joanneliese de Lucas Freitas por todos os ensinamentos, pela abertura para a pesquisa, pelas questões e reflexões estimulantes. Seu acolhimento e sua compreensão também foram essenciais e eu agradeço.

À Dr.^a Megg Rayara Gomes de Oliveira pelas contribuições e pelas orientações para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigado por sua existência potente e por estimular o crescimento da população trans dentro da academia.

À Dr.^a Mônica Alvim por suas contribuições para o processo de pesquisa. Agradeço por sua disponibilidade em compartilhar seu conhecimento e ricas reflexões.

À CAPES por tornar possível a realização desta pesquisa com seu apoio financeiro.

Aos participantes e colaboradores deste trabalho por se disponibilizarem. Agradeço a contribuição das suas fortes histórias, a abertura e o compartilhamento de tantos sentidos e sentimentos profundos.

À todas as pessoas trans que diretamente ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho e nossa ancestralidade. Agradeço, em especial, ao Coletivo Apollo de pessoas transmasculinas pelas trocas.

À todas as professoras e professores que contribuíram para a minha formação.

À minha espiritualidade e egrégora, que me forneceu energia, estímulo e proteção durante o processo.

À minha psicóloga que acolheu atenciosamente as angústias e as belezas do meu caminhar.

À querida Jenifer por tantos momentos de suporte e acolhimento mútuo e pelo companheirismo durante os dois anos de mestrado. Agradeço por compartilhar comigo esta jornada de modo tão sensível.

Às queridas Dafne e Luiza e aos queridos Luciano e Eric por compartilharem parte do caminho no mestrado. Agradeço a cada um pelos momentos de acolhida, de suporte, de incentivo e todas as reflexões conjuntas.

Às queridas Camila e Ana Paula por darem auxílio no processo de transcrição e análise das entrevistas, colaborando com seus esforços e reflexões.

Aos amigos, amigas e familiares que, mesmo distantes, foram incentivadores deste trabalho. Em especial, agradeço minha mãe Carmelita por me possibilitar vivenciar tantas oportunidades e pelo seu amor.

Ao meu amor, Mayara, por sua amabilidade, respeito, incentivo e compreensão.
Agradeço por tantos momentos especiais e por acreditar em mim e em nós. Amo você!

...Um transmasculino não precisa ser sarado, nem ter barba, nem se hormonizar ou ter penis e se operar. Basta saber quem são e que se sentem do gênero masculino. Vamos nos respeitar, nos unir, nos fortalecer e, sobretudo, ensinar aos homens cis o que é ser um homem sem medo do feminino... Façam grupos, ampliem a rede, se orgulhem de ser trans. Faremos um novo mundo! Mais humano, sem machismo, preconceito ou misogênia... Ser o que somos não tem preço,

Viver uma mentira nos enlouquece.

(Em memória de João W. Nery)

RESUMO

A existência trans é parte da história da humanidade, possuindo ancestralidade e potência. Embora sofra por tentativas de apagamento existencial constantemente, a população trans tem ganhado espaço, voz e visibilidade na contemporaneidade. O movimento transfeminista há décadas luta pelos direitos e reconhecimento das pessoas trans. Ainda assim, só recentemente a comunidade transmasculina ganhou maior reconhecimento nas lutas sociais e no mundo. As transmasculinidades são ainda pouco estudadas em relação ao número de trabalhos sobre as experiências transfemininas e travestis. A carência de estudos fenomenológicos acerca da população transmasculina motivou a proposição deste trabalho, assim como o fato de se tratar de uma comunidade que sofre ainda diversos tipos de violência no seu cotidiano, considerando que o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo. Assim, esta pesquisa teve por objetivo compreender a experiência transmasculina, sua corporeidade e relações no mundo contemporâneo. Para este estudo, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio do método fenomenológico heurístico de investigação. Foram realizadas cinco entrevistas com pessoas transmasculinas que se autoidentificaram como binárias, sendo que um dos participantes se autoidentificou como negro. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas conforme as orientações e passos descritos no método fenomenológico heurístico proposto por Clark Moustakas. O processo de pesquisa fenomenológica heurística seguiu seis fases: engajamento inicial, imersão, incubação, iluminação, explicação e síntese criativa. A partir das descrições individuais da experiência e da descrição composta, a explicação abarcou a análise dos temas desvelados na imersão no fenômeno em três eixos: ser transmasculino, a relação com o corpo e ser transmasculino no mundo. A experiência de ser transhomem se revela como uma potência na existência e na instituição de si. Seus sentidos são revelados no percurso histórico-biográfico de cada um, em relação à sua identificação com o gênero (trans)masculino, ao corpo, suas relações com os outros e sua situação no mundo, considerando os macrossistemas culturais, sociais, políticos, econômicos, históricos, de raça e classe. Ser-trans é, assim, potência existencial.

Palavras-chave: Transmasculinidade. Corporeidade. Fenomenologia.

ABSTRACT

The trans existence is part of human history, with ancestry and power. Although the trans population regularly suffers from attempts to be erased, it has gained space, voice, and visibility in contemporary times. The transfeminist movement has been fighting for the rights and recognition of trans people for decades. Even so, it is only recently that the transmasculine community has gained greater recognition in social struggles all over the world. Transmasculinities are still poorly studied compared to the number of studies on transfeminine and transvestite experiences. The lack of phenomenological studies on the transmasculine population motivated the proposal of this work, as well the fact that this community still suffers several types of violence in its daily life, considering Brazil is the country that most kills trans people in the world. Thus, this research aimed to understand the transmasculine experience, its embodiment, and its relationships in the contemporary world. For this study, a qualitative research with heuristic phenomenological method of investigation was performed. Five interviews were conducted with transmasculine people who identified themselves as binary, yet one of the participants identified himself as black. The Ethics Committee of the Federal University of Parana (Brazil) approved the research. The participants signed the Informed Consent Form; the interviews were recorded, transcribed, and analyzed according to the guidelines and steps described in the heuristic phenomenological method proposed by Clark Moustakas. The heuristic phenomenological research process followed six phases: initial engagement, immersion, incubation, illumination, explication and creative synthesis. From the individual descriptions of the experience and the composite description, the explanation included the analysis of the themes unveiled by the immersion in the phenomenon in three axes: being transmasculine, the relationship with the body, and being transmasculine in the world. The experience of being a transhuman reveals itself as a potentiality in the oneself existence and institution. Their meanings are revealed in the one's historical-biographical path, concerning their identification with (trans)male gender, their body and relations with others, and their situation in the world, considering the cultural, social, political, economic historical macrosystems of race and class. Thus, trans-being is an existential strength.

Key words: Transmasculinity. Embodiment. Phenomenology.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	18
2 PROPOSTA TEÓRICA – GÊNERO COMO MODALIDADE EXISTENCIAL ...	26
2.1 GÊNERO NA FENOMENOLOGIA	26
2.2 MODALIDADE EXISTENCIAL	30
2.3 GÊNERO COMO MODALIDADE EXISTENCIAL	34
2.4 POSSIBILIDADES E LIMITES	36
3 MÉTODO	40
4 RESULTADOS	47
4.1 SÍNTESE CRIATIVA	47
4.2 DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS	49
4.2.1 Oxóssi	49
4.2.2 Exu	53
4.2.3 Ogum	56
4.2.4 Oxalá	59
4.2.5 Xangô	64
4.3 DESCRIÇÃO COMPOSTA	69
Eixo I - Ser transmasculino	70
Eixo II - Relação com o corpo	72
Eixo III - Ser transmasculino no mundo	76
4.4 ILUMINAÇÃO	87
5 EXPLICAÇÃO – DISCUSSÃO E ANÁLISE FENOMENOLÓGICA CRÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE SER TRANSHOMEM	90
5.1 CORPO E ALTERIDADE: A INSTITUIÇÃO DO SENTIDO DE SER TRANSMASCULINO	90
5.2 IMPLICAÇÕES DA SITUAÇÃO ATUAL DO MUNDO SOBRE A EXPERIÊNCIA TRANSMASCULINA	98
5.2.1 Invisibilidade x Visibilidade: Entre o preconceito e o reconhecimento	98
5.2.2 Transmasculinidade, raça e classe	101
6 TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS DO PESQUISADOR	104
8 CONCLUSÕES	106
REFERÊNCIAS	110

ANEXO I: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS.....	114
ENTREVISTA I: OXÓSSI.....	114
ENTREVISTA II: EXU	128
ENTREVISTA III: OGUM	142
ENTREVISTA IV: OXALÁ	155
ENTREVISTA V: XANGÔ	174

APRESENTAÇÃO

O trabalho que se segue é um produto sensível de um processo de imersão vivencial na experiência transmasculina. O processo imersivo descrito deve possibilitar a abertura do leitor ao vivido. Nesse caso, abre-se o mundo experienciado por transhomens, da infância à vida adulta. Os meandros dessas narrativas perpassam a relação com o corpo, com a sexualidade, com a transmasculinidade, a alteridade e o mundo. Este estudo é fruto da vida de um pesquisador trans e da sua relação com os participantes que aceitaram abrir suas vidas para esta pesquisa. Ao longo das frases transcritas, muitos capítulos foram vividos nas entrelinhas pelos coladoradores. Muita profundidade, muitos sentidos e muitas emoções foram compartilhados.

Os diálogos aqui realizados foram orientados pela perspectiva fenomenológica merleau-pontyana. O objetivo deste trabalho foi o de compreender a experiência transmasculina, a corporeidade do transhomem e como é ser-trans no mundo. O método utilizado para esta pesquisa foi o fenomenológico heurístico, de Clark Moustakas (1990), que possibilita ao pesquisador estar imerso ativa e intuitivamente durante todo o processo.

Para dar destaque à vinculação profunda que proponho da experiência de ser transgênero com a existência humana, utilizo-me neste estudo da palavra ser-trans. O hífen conecta os sentidos de ser humano com a profundidade da experiência trans no horizonte contemporâneo do mundo. A hifenização é adotada pelos tradutores de autores clássicos da fenomenologia para se referenciar a união das palavras no original alemão, que explicitam a inseparabilidade e a profundidade das relações do ser humano no mundo de sua existência. Essa é também uma maneira de explicitação política e social da experiência trans. Colonizados que somos, tendemos a pensar o ser como cisgênero com naturalidade e como universal. Assim, reivindico a utilização do termo ser-trans, dando destaque à possibilidade e potência de ser que vai além da normativa cisgênera.

Existem dois termos distintos utilizados pela comunidade acadêmica e trans para se referir à experiência trans: transexualidade e transgeneridade. Não existe um consenso a respeito dessas utilizações. Ambas as terminologias possuem problemáticas. Entretanto, destaco que utilizo, em geral, os termos transgeneridade e transgênero para se referir a experiência trans.

A palavra transexualidade carrega em sua composição o termo “sexual” que pode acarretar na interpretação equivocada de que a experiência trans é derivada de uma orientação sexual e não de uma identidade de gênero. Também mantém ancoragem da compreensão de

gênero no sexo biológico da pessoa. Além disso, trata-se de uma derivação de “transexualismo”, termo utilizado pelos poderes biomédicos para patologizar a identidade trans.

O termo “transgeneridade” carrega outra problemática: em geral, é utilizado como termo guarda-chuva que inclui não só identidades, mas performances de gênero diversas, descritas como “funcionalidades” pela Dra. Jaqueline Gomes de Jesus (2012). Dentro dessas performances, enquadrariam-se as *drag queen* e *drag king*, entre outras, como *crossdressers*. A utilização desse termo para indicar *performances artísticas ou eventuais de gênero* é inadequada e fere a vivência da identidade da pessoa trans. Trata-se de um movimento de apagamento e desvalidação da realidade de quem é trans, uma vez que pode levar a comparações equivocadas.

Desse modo, quando neste trabalho utilizo os termos “transgeneridade” ou “transgênero”, considero essas problemáticas e destaco que não confundo *identidade de gênero* com *performances artísticas ou eventuais*, não comparo e nem valido a utilização inadequada do termo para experiências que não são identitárias. Porém, compreendo que existe ainda a vasta utilização, principalmente, dos termos “transexualidade” e “transexual” nos movimentos sociais e políticos e, também, na autoidentificação de algumas pessoas trans. Por isso, respeito a posição diversa.

Algo semelhante acontece entre as pessoas transmasculinas de experiência binária de gênero em relação a sua autoidentificação. Pelo menos duas categorias são utilizadas: homem trans e transhomem. O que difere o uso dessas denominações da experiência transmasculina binária é uma posição política distinta em relação à (trans)masculinidade. Coloco “trans” em parênteses, pois é esse termo que demonstra posições diferentes na autoidentificação. Para alguns, a sua masculinidade está equiparada a do homem cisgênero. Assim, colocar o termo “trans” como adjetivo de sua experiência é validar sua masculinidade em comparação à experiência cisgênera. Já a utilização de “transhomem” indicaria, para esses, uma desvalorização de sua masculinidade e a invalidação de sua identificação como “homem”.

Compreendo e respeito essas posições políticas e identitárias diversas. Entretanto, posiciono-me socialmente e academicamente como “transhomem”. Considero que seja inadequado equiparar a experiência identitária de uma pessoa trans a uma pessoa cis. Evidenciar o termo “transhomem” possibilita destacar a potência da identidade trans em si mesma e não como adjetivo em comparação com a experiência (cis)masculina. Essa posição é central na minha identidade e história e não um simples “anexo” da minha vida.

A despeito da minha posição pessoal, respeito ao longo desse trabalho a autoidentificação dos participantes da pesquisa durante as descrições de suas histórias e experiências. Introduzo essas discussões de modo a explicitar como me autoidentifico. Mas, esses debates podem ser acessados em outros trabalhos que discutem mais essas categorizações, como o trabalho de Guilherme Silva de Almeida (2012), homem trans e doutor pela UERJ, que discute outros pontos relativos a essas categorizações no artigo “‘Homens trans’: novos matizes na aquarela das masculinidades?”, e também a tese de doutorado de Simone Nunes Ávila (2014), “FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo”.

Na organização deste trabalho, prevaleceu a conexão com o sensível da experiência vivida pelos participantes desta pesquisa. O impacto desse sensível deve revelar o que todo ser tem de humano. Tratando-se de uma experiência tão invisibilizada e objetificada, expor o mais sensível da experiência em primeiro lugar é suspender ao máximo possível toda a pré-compreensão sobre o tema, que pode estar nublada por confusões e tabus. Assim, a abertura dessas vivências deve possibilitar que o leitor compreenda de modo profundo os sentidos desvelados pela experiência transmasculina, tocando-o primeiramente no que tem de humano.

Assim sendo, o primeiro capítulo é produto de um processo reflexivo que visou à decolonização do olhar do pesquisador em relação às questões históricas sobre gênero e introduz o leitor ao trabalho. O segundo capítulo se refere a uma proposição teórica sobre gênero que surgiu como resultado das reflexões realizadas durante todo o processo de pesquisa e foi submetido em forma de artigo à *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*. O terceiro capítulo apresenta o processo metodológico utilizado para a realização desta pesquisa. O quarto capítulo descreve os resultados obtidos na imersão da experiência pesquisada, iniciando pelo produto sensível da síntese criativa, seguido das descrições das entrevistas individuais e do diálogo entre o que é comum e particular de todas as vivências na descrição composta. O quinto capítulo apresenta reflexões fenomenológicas a partir dos sentidos desvelados por meio das entrevistas. O sexto capítulo apresenta observações sobre a transformação pessoal do pesquisador. Por fim, seguem as conclusões sobre o tema, referências e anexos.

Este trabalho não pretende ser uma descrição universalizante das experiências transmasculinas, mas sim um produto possível de ser generalizável na medida em que os detalhes particulares são levados em consideração. As transmasculinidades são diversas e esta pesquisa realizou um recorte das experiências consideradas binárias, dentro da perspectiva e autoidentificação de cada participante e do próprio pesquisador. Ademais, como autor e

peessoa trans, tenho limites derivados da minha própria experiência binária de gênero, branco e de classe média, ainda que tenha conduzido a pesquisa com um esforço fenomenológico de suspensão de minhas concepções sobre o fenômeno. Destaco, também, que esse estudo foi defendido em delicado momento político e de crise sanitária com a pandemia da COVID-19 em situação extraordinária e desafiadora. Os impactos dessa crise e da transfobia estrutural foram brutais e levaram a vida de muitas pessoas trans. Meus sentimentos e respeito pela vida de todes.

1 INTRODUÇÃO

Em torno de 1830, nascia Edward De Lacy Evans¹. Irlandês, imigrou em 1856 e viveu seus dias na Austrália. Edward trabalhou em minas de ouro em uma época em que havia a necessidade de trabalhadores e residentes para o crescimento da colônia. Casou-se três vezes. Em 1878, sua esposa engravidou. Desolado, Evans adoeceu por saber que esse não era seu filho. Os registros do Hospital Bendigo datam que Edward foi admitido como um lunático no dia 22 de julho de 1879. Após seis semanas, foi transferido para o *Kew Lunatic Asylum*. Forçado ao banho, tentou resistir e, violentamente, foi descoberto. Seu sexo foi identificado como feminino. Então, Evans foi tratado como mulher. Realocado para a ala feminina, obrigado a usar vestimentas consideradas femininas e acusado de ser um lunático impostor. Sofreu procedimentos médicos abusivos que feriram seus genitais. Após dois anos, saiu do hospital e foi exposto em um show no *Waxwork*, sendo a atração como “o mistério do homem-mulher”. Em 1881, Edward foi admitido em um asilo para imigrantes. Morreu no dia 25 de agosto de 1901, de gripe.

Outros registros contam parte da vida de pessoas trans em outros momentos da história da humanidade. São relatos como o do transhomem Franklin Thompson, que lutou na guerra civil dos Estados Unidos, da travesti negra Vitória, africana presa em Lisboa no período da inquisição, ou Stella Boulton e Fanny Park, em Londres². Ainda, há relatos sobre os povos indígenas de todas as Américas que evidenciavam mais de dois gêneros reconhecidos, como as Cudinas³ e as mulheres trans da tribo *Kadiwéu*⁴, no Brasil, ou *niizh manidoowag*⁵, da comunidade norte-americana *Ojibwa*, que é traduzido como dois-espíritos. São breves exemplos que puderam ser resgatados, considerando que existe um atentado contra a existência ancestral das pessoas trans. A disseminação dessas histórias fortalece as considerações sobre sua ancestralidade e corrobora com as reflexões e divulgações realizadas em mídias sociais pela Dra. Jaqueline Gomes de Jesus, mulher trans negra e professora de Psicologia no Instituto Federal do Rio de Janeiro, e pela Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira, travesti negra e professora na Universidade Federal do Paraná.

¹ Referência encontrada em <https://www.makingqueerhistory.com/articles/2019/6/29/edward-de-lacy-evans>

² Referências divulgadas pela doutora Megg Rayara Gomes de Oliveira em seu *facebook*.

³ Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018).

⁴ Darcy Ribeiro conta à folha sobre a observação de índios que viviam como mulher na tribo Kadiwéu, tratando como caso de “homossexualismo”. Referência encontrada em https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2020/02/darcy-ribeiro-falou-com-a-folha-depois-de-fugir-do-hospital.shtml?utm_source=mail

⁵ Referência encontrada em <https://sociolocus2.wordpress.com/2017/10/22/dois-espíritos-genero-em-algumas-sociedades-indigenas-americanas/>

Se as pessoas trans possuem ancestralidade e existência há milênios, o que aconteceu no meio do caminho até a contemporaneidade? Podemos alcançar as operações patriarcais, religiosas, coloniais, racistas e político-econômicas para responder à questão. Se, brevemente e para exemplificar, retomarmos a aniquilação das pessoas trans indígenas que viviam no Brasil no momento da invasão colonial, observamos se destacarem as características do invasor: homem, branco, cristão e burguês. Qual noção de gênero trouxe consigo o colonizador? Uma verdade normativa e binária, que defende a posição masculina como maior em poderio e pautada na diferenciação sexual-genital.

O final da renascença transformou a noção de sexo em dois polos opostos. Até então, acreditava-se que homens e mulheres teriam o mesmo tipo anatômico de corpo, com a diferença de que na mulher os órgãos genitais não fossem expostos, mas eram internalizados. O gênero durante esse período era uma categoria exclusivamente cultural e social, que não era determinada biologicamente, visto que havia esse entendimento unissexual acerca do corpo humano. Identificar-se enquanto mulher ou homem era ter uma determinada condição social. A hierarquização social determinava a posição do homem como referência de ser perfeito em detrimento da mulher (Renata Stellman, 2007).

A diferença sexual dos corpos de homens e mulheres foi explicitada no final do Renascimento, mais precisamente com as desvelações anatômicas por estudiosos do campo das ciências naturais no ocidente. Essa situação contribuiu para a acentuação dessas diferenças não somente físicas, mas também morais, subjugando o feminino ao masculino. Tais afirmações eram como a de que a mulher possuiria menor capacidade intelectual por ter um crânio de tamanho menor do que o homem, entre outras. Esses discursos aprofundaram ainda mais as desigualdades existentes entre homens e mulheres. Desde então, claramente, o gênero foi assentado e ancorado na ideia da diferença sexual, não mais sendo compreendido somente como uma condição social que se limitava à experiência de ser homem ou mulher (Stellman, 2007).

Tendo em vista o assentamento do termo gênero na diferença sexual biológica e compreendendo a desigualdade profunda que esta implicou entre o masculino e o feminino, os movimentos sociais desaguaram em ondas feministas que, inicialmente, buscavam os direitos das mulheres. É importante destacar que esse movimento se iniciou com as mulheres negras, embora essa luta tenha sido ignorada e negada diversas vezes na história do movimento feminista (Angela Davis, 1981/2016). Seu apagamento denota o racismo e o classismo que envolve o processo histórico das lutas de gênero, raça e classe e a interseccionalidade entre essas questões (Djamila Ribeiro, 2016).

O discurso feminista majoritariamente branco dos anos 80 evocou a utilização do termo gênero como um substituto para a palavra mulher, de modo a facilitar a entrada das autoras feministas em um mundo acadêmico dominado por homens e que seguia paradigmas científicos de neutralidade e objetividade (Joan Scott, 1995). Para não confrontar diretamente esses cientistas e estudiosos com a palavra mulher, o termo gênero toma o seu lugar nas discussões e possibilita o investimento feminista dentro da academia, quebrando pouco a pouco as desigualdades existentes e fortalecendo os direitos femininos (Edith Modesto, 2013; Scott, 1995).

As compreensões de gênero foram assim transformadas pelos movimentos feministas ao longo do último século até o momento atual. O binário de gênero feminino e masculino foi evidenciado como um modelo dualista e reducionista da experiência humana. A oposição emergiu e foi evidenciada pelas transformações sociais, morais e científicas. Estar identificado em um dos polos - masculino ou feminino - era naturalizado, até então, como exclusiva possibilidade válida assegurada pela própria “natureza” (Berenice Bento, 2008; Modesto, 2013; Adriana Sales, Lopes & Peres, 2016; Scott, 1995).

Em um modelo naturalista, ancorado em um saber biologicista, o gênero se constitui como binário e é dado a partir das configurações mulher-feminino-vagina e homem-masculino-pênis, que marcam desde muito tempo o desenvolvimento da noção de gênero humano (Bento, 2008). Características específicas a cada polo são atribuídas, ancoradas e afirmadas pelas construções históricas. Esses eixos de identidade-gênero-sexo são naturalizados como as experiências confluentes de ser generificado e também são definidos pelo termo cisgeneridade. Vale destacar que a primeira referência ao termo cisgeneridade é indicada como advinda de um homem trans holandês, Carl Buijs⁶. Porém, a primeira pesquisadora a publicar em livro a referência ao termo cisgeneridade e uma crítica acerca do cissexismo foi Julia Serano (2007), mulher trans estadunidense.

Ser cisgênero é, então, definido pela suposta congruência entre sexo e gênero, ou seja, se a pessoa nasce com vagina é mulher, se nasce com pênis é homem (Bento, 2008). A configuração binária é também nomeada como cisnormativa, pois normatiza aquilo que é entendido como experiência congruente de corpo-gênero. Apresenta-se socialmente como instituição total que visa disciplinar e docilizar os corpos e que opera a mortificação do eu⁷,

⁶ Embora não haja consenso sobre essa origem, Julia Serano (2007) destaca em nota de rodapé no seu livro *“Whipping Girl: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity”* a referência de Carl Buijs.

⁷ Rosa (2019) tece sua análise discutindo os conceitos de Goffmann de instituição total e mortificação do eu.

segundo análise de Eli Bruno do Prado Rocha Rosa (2019), transmasculino e filósofo pela Universidade Federal do Paraná. Porém, a realidade da vivência transgênera confronta o estabelecimento rígido da experiência de gênero humano (Bento, 2008; Modesto, 2013; Sales, Lopes & Peres, 2016; Flávia Silva, 2017). Utilizar o termo cisgeneridade é confrontar a dominância da naturalização do gênero, como aponta a pesquisadora e mulher trans Viviane Vergueiro (2012).

A transgeneridade foi, e ainda é, profundamente marcada como patológica em virtude de a cisnormatividade ser considerada como a referência de normalidade. Apresentou-se no mundo como um confronto direto às normas estabelecidas de corpo e gênero, que já haviam sido evidenciadas como opressoras pelos movimentos feministas. O binário de gênero foi transfigurado, desvelando a possibilidade mulher-feminino-pênis e homem-masculino-vagina. Ainda mais, foi expandido a partir do pensamento *queer* de Butler (1990/2003): a experiência de gênero pode ser tão fluida quanto uma paleta de cores em diferentes espectros e não se limita a um enquadre binário, muito menos biologicista. Retomando Merleau-Ponty, Flávia Silva (2017) afirma que “numa perspectiva fenomenológica o transgênero é, de certo modo, a expressão da potência de vida, é a não aceitação de uma industrialização massificante do que é permitido... da potência de vida como contraponto ao construtivismo social” (p. 7).

Com muita luta e sangue reivindicatório, as pessoas trans foram ganhando visibilidade e reclamando seus direitos como seres humanos. Sua identidade pouco a pouco vem sendo reconhecida, embora continue a ser um dos grupos mais rejeitados socialmente. É perceptível que as conquistas em muito são alcançadas por um atravessamento da “readequação”, que impele a pessoa a um dos polos cisnormativos de maneira a adequá-la ao “normal”. Quando encontro alguém na rua, tendo a tratar essa pessoa pelo pronome de gênero que é determinado cisnormativamente e que é constatado por mim quando a observo por meio de seus gestos, comportamentos, vestimentas e características, como homem/masculino ou mulher/feminino, sem questionar sua identidade de gênero. Porém, a partir do momento em que essa pessoa diz ser trans, o gênero vem a se destacar para mim como uma questão: mas, essa pessoa não é homem/mulher? Questiono essa identidade partindo de pressupostos cisgêneros. Ou seja, mesmo que a pessoa esteja “adequada” à normativa cis de expressão de gênero, por sua aparência, seus gestos e comportamentos, é confrontada em sua identidade a partir do momento em que anuncia ser trans. O próprio movimento de “adequação de gênero” é colonizado por normas binárias.

Considerando a construção da normatividade de gênero binária europeia, devemos retomar o fato de o Brasil ser um país colonizado e estar sob a influência da operação colonial

histórica. A colonialidade do pensamento é produto dos movimentos históricos de colonização que suprimiram diversas culturas, experiências e saberes em detrimento das verdades prescritas principalmente por pensadores europeus (Santos, 2017). A partir desse processo opressor de introjeção de saberes e epistemologias dos colonizadores, nosso pensar é impregnado de conceitos e métodos que, irrefletidos, dominam nossas produções. A crítica levantada pelo movimento decolonial aparece como deslocamento e problematização do modo de pensar da ciência colonizada, questionando sua supremacia e a supremacia das verdades clássicas europeias como universais. Destaca Santos (2017) que “o pensamento decolonial convoca as psicologias em geral para uma revisão de seus fundamentos epistemológicos fundados numa concepção eurocêntrica” (p. 108).

A Fenomenologia, como campo de orientação em diálogo com a Psicologia, deve abranger a crítica necessária para o desenvolvimento de suas reflexões e pensamentos em relação ao já dado como verdade e que é produto principalmente de pensadores europeus, majoritariamente homens e brancos (Santos, 2017). É exercício da fenomenologia suspender essas verdades, o que se aproxima da intenção da crítica decolonial. Em relação à questão trans,

Ao tomar a (des)colonização como conceito analítico para as individualidades transgêneras e não-cisgêneras, pretende-se denunciar o caráter colonizatório dos obstáculos institucionais e não-institucionais a uma existência digna a essas pessoas, incluindo-se aqui sua exclusão sistemática de espaços de decisão e produção de conhecimento, bem como explicitar o etnocentrismo que permeia as definições dominantes de gênero, desestabilizando cronologias que privilegiam instituições médicas para analisar inconformidades de gênero – respeitando, pois, a existência histórica de perspectivas outras sobre gênero que não a 'ocidental'. (Vergueiro, 2012, p. 9)

Como pode a fenomenologia contribuir, então, para a decolonização do olhar sobre as vivências trans e refletir sobre as possibilidades que ultrapassam a cisnormatividade e a binaridade de gênero? Repensar a fenomenologia de modo crítico deve auxiliar metodologicamente a ampliação e o aprofundamento da experiência de ser-trans, de modo a decolonizar todos os pressupostos já existentes sobre tal vivência.

Para isso, reafirmo o que Merleau-Ponty (1945/2006) coloca: o corpo é intencionalidade. Se “o sujeito que sou, concretamente tomado, é inseparável deste corpo-aqui

e deste mundo-aqui” (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 547), então as possibilidades temporais e históricas que rodeiam o ser-corpo estão em imbricada relação com a construção do próprio corpo e, portanto, do desenvolvimento do ser e de sua consciência e corporeidade. Ser humano é ser um corpo que vive no mundo, situado em um horizonte espacial-temporal, histórico-cultural, social, afetivo, sexual e político-econômico. A experiência humana não é redutível apenas a um dos sentidos em que se desenvolve no mundo, em que se desvela diante de possibilidades que estão no mundo e no horizonte específico onde o ser se encontra.

Entendendo a situação humana como complexa e envolta de diversos sentidos relacionados entre si, imbricados com a situação do ser no mundo, então olhar para o ser transgênero precisa abarcar esta complexidade. Como é ser transmasculino? Ao retornar à experiência para apreender os seus sentidos, as suas características, podemos captar a profundidade da vivência humana de ser-trans. Buscar os sentidos e significados da experiência vivida é indispensável ao “fenomenólogo... que se presta a alcançar uma compreensão dos múltiplos significados da experiência vivida, que tem, por sua vez, múltiplos contornos... inclui uma visão de ser humano em mútua constituição com o mundo, com a história, com a cultura” (Virginia Moreira, 2004, p. 455).

A atitude necessária para apreender essa profundidade é entender e compreender que ser-trans é ser uma possibilidade de corpo, um corpo que se projeta no mundo, um corpo que sente, que vive relações que são de ordem afetiva, sexual, social, política e cultural, que é um corpo que se encontra em determinado horizonte espacial e temporal específico, que delimita suas formas de se expressar e de existir. Ou seja, ser-trans é uma possibilidade e é uma possibilidade integral da experiência humana. Esse olhar tem o intuito também de retirar a pessoa trans do lugar marginal, do lugar do bizarro, do lugar incompreendido e transgressor, colocando essa vivência como possibilidade real integral da experiência humana, situando-a como é, o que já vem sendo sustentado na fenomenologia com os trabalhos de Gayle Salamon (2011) e Flávia Silva (2017).

Desse modo, eu, como pessoa trans, vivo e sou um corpo político, social, econômico, cultural, afetivo, sexual, espiritual e biográfico. Sou a integralidade dessa experiência de ser corpo. Meu corpo vive, sente e é todos esses aspectos e sentidos da experiência humana, integralmente. E se localiza, é situado e se projeta como abertura ao mundo, afetando-o e sendo por ele afetado. O mundo é construído sobre modos intersubjetivos, “costumes, saberes, valores, linguagem, formando uma temporalidade entrelaçada para nossas experiências... cria uma dimensão habitual, pré-reflexiva, gestos corporais que vão sendo aderidos, mas que estão

sempre abertos e ameaçados, já que estão sempre sendo atualizados” (Silva, 2017, p. 3). Na relação intencional do ser com o mundo, assim, novas formas podem ser criadas.

Se sinto meu corpo sexual, quer dizer que minha vagina pode ser masculina ou que meu pênis pode ser feminino ou que posso ser uma pessoa intersexual. Destacando uma vivência binária de ser transgênero, o movimento intencional da pessoa pode circunscrever a necessidade de uma transformação factual do corpo concreto. Sua existência pode vir a demandar readequações desse corpo para que expresse aquilo que o identifica profundamente, como observa Silva (2017). Tais ações podem contribuir para uma nova relação de existir, maior confluência entre a factualidade do corpo e o corpo vivido pelo ser, além de possibilitar novas aberturas ao mundo. A erotização e erogenização do meu corpo (trans)generificado podem direcionar meu desejo sexual das mais diversas maneiras possíveis, considerando assim possibilidades tanto hetero, homo, bi ou pansexuais, quanto as outras já caracterizadas no horizonte humano de possibilidades.

Se vivo no mundo, sinto meu corpo também como um corpo que é político, econômico, social, e o experiencio na minha vivência trans em todos esses aspectos. Meu corpo é afetivo, espiritual e biográfico. O desenvolvimento da minha história, dos meus projetos e da pessoa que sou como trans institui sentidos biográficos da minha existência, afetando o meu corpo e as relações intercorpóreas que tenho no mundo.

Pensar no corpo político, enquanto pessoa trans, é entender que toda a situação política no horizonte onde se encontra essa pessoa é sentida e por ela vivenciada nesse corpo que ela é. Podemos observar que no Brasil, atualmente, passamos por uma questão política de retorno e reavivamento de um tradicionalismo que tende a colocar a experiência trans em um lugar de extrema marginalidade, transgressão e anormalidade. Então, esse ser vivencia no seu corpo essa política que tende a violentá-lo, que pode literalmente alcançar o seu corpo como dor, bem como degradá-lo emocionalmente e psiquicamente com sua opressão. Ainda, essa pessoa pode vir a ser destituída dos seus direitos enquanto ser humano, em seu próprio direito de existir com o gênero que vivencia e de ter reconhecimento e legalização social de seu lugar e existência.

Ainda observando esse lugar de possibilidades políticas e atuais, é possível assim que a pessoa trans continue em um lugar tão marginal, sendo subjugada e desvalorizada no seu potencial econômico. É possível que a pessoa trans continue a ter subempregos e a não alcançar um desenvolvimento profissional, educacional e de carreira, pois pode ser entendida como transgressora e bizarra, perdendo o seu valor e a oportunidade de se desenvolver.

No sentido cultural, com a tendência da exacerbação do tradicionalismo no Brasil, ser-trans é viver e ser um corpo atravessado por uma cultura majoritariamente machista, patriarcal, racista, classista, misógina, transfóbica e opressora. Esse sentido se estende também até às tradições religiosas que tendem a manter esse modo de relação para com a pessoa trans.

Assim, ser-trans é viver no horizonte espacial e temporal que é violento e subjugar no Brasil. Isso afeta a biografia da pessoa trans, ou seja, o movimento temporal da sua existência, da sua história pessoal, da relação com o seu gênero, da relação com o seu corpo e da relação que possui com o mundo. Seu corpo e sua história de vida possuem altíssimas possibilidades de serem agredidos, de carregarem cicatrizes, de serem colocados em situação de sangria cotidianamente, nas menores coisas da rotina até, como já observado, nas questões macrosociais. A cultura brasileira ainda é fortemente marcada por essa violência. Entretanto, é possível observar que em outras culturas a posição social e as relações comunitárias influenciam de outra maneira a biografia e a experiência da pessoa trans, como é o caso dos tombois, descrito por Evelyn Blackwood (2011), que configuram uma masculinidade contingente adaptada àquele modo de vida em sua sociedade.

A experiência trans é uma possibilidade, está no mundo, acontece, mostra-se, desenvolve-se e reclama o seu lugar e os seus direitos. Entendendo a experiência trans como possibilidade, retiro essa vivência do lugar do patológico, do lugar do marginal, do lugar do bizarro, do lugar do anormal, e a apreendo como potência de ser da experiência humana em seus diversos sentidos, em seus diversos aspectos, desde os mais físicos até os afetivos, subjetivos e relacionais.

As especificidades de cada um desses aspectos podem ser observadas com o estudo aprofundado da vivência relatada pelas pessoas trans. É relevante destacar que necessitamos ainda dessa visibilidade e desse aprofundamento, além do asseguramento de direitos. Infelizmente, em termos atuais sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais, as pessoas trans continuam sendo marginalizadas, extremamente violentadas e destituídas de suas possibilidades em todos os sentidos. Essa é uma experiência que ainda sofre o olhar julgador, ainda é exposta no lugar do bizarro e do transgressor, o que pode vir a facilitar o aumento da violência contra essas pessoas. A partir também da minha própria experiência, enquanto pesquisador e transhomem, objetivo ampliar as discussões fenomenológicas dentro do campo da Psicologia, mas também dar visibilidade para as experiências transmasculinas dos meus pares. As questões e pontos apresentados até aqui dão suporte crítico para o aprofundamento na experiência transmasculina no decorrer da apresentação desta pesquisa.

2 PROPOSTA TEÓRICA – GÊNERO COMO MODALIDADE EXISTENCIAL

2.1 GÊNERO NA FENOMENOLOGIA

A definição do conceito de gênero é um campo de complexas disputas históricas que são marcadas de lutas por direitos humanos, políticos, econômicos, culturais e étnicos. Esses movimentos que discutiram a categorização de gênero, suas relações e implicações, iniciaram-se na luta das mulheres negras escravizadas, das mulheres brancas e burguesas e, mais recentemente, continuam a se delinear novas questões em relação às pessoas transgêneras. Se a utilização deste conceito implica no cotidiano e no direito a existência de toda pessoa, especialmente em relação às mulheres e pessoas trans, como a fenomenologia-existencial pode contribuir para essas discussões?

Em certo momento histórico, essa terminologia definiu categorias baseadas em um ancoramento da noção de gênero nas características genitais e sexuais da pessoa. A esse uso do gênero ancorado na noção biológica de sexo, Sara Heinämaa (2012), filósofa finlandesa, chama de “uso substancial”⁸. O mesmo se refere ao que Berenice Bento (2008) destaca quando discute o binarismo normativo que delimita apenas duas possibilidades de identidade-gênero-sexo: homem-masculino-pênis ou mulher-feminino-vagina. A limitação desse pensamento é clara quando a realidade de pessoas trans, por exemplo, explicita outras possibilidades de identidade que não se relacionam com a normativa de gênero baseada na área genital e caracteres sexuais secundários.

Outra proposta é a de considerar a questão como sendo uma construção social, de papéis normativos e bem delimitados que caracterizam o ser homem e o ser mulher, o que Heinämaa (2012) aponta como sendo o “uso criterial”⁹ do conceito de gênero. Esse tipo de categorização social cria expectativas de comportamentos e características individuais específicas para cada gênero, de acordo com uma história e cultura que constrói os papéis relacionados ao ser mulher e ao ser homem. De fato, a realidade é que a diversidade cultural em relação a esses comportamentos é tamanha que não comporta justificar que gênero é apenas construído socialmente de um modo universalizante. Pode-se observar com o trabalho de Evelyn Blackwood (2011), sobre a masculinidade contingente de *tombois* da Indonésia,

⁸ Tradução nossa de *substantial use*. (Heinämaa, 2012)

⁹ Tradução nossa de *criterial use*. (Heinämaa, 2012)

como o gênero é vivido de modo particular de acordo com uma cultura específica onde se situa o ser.

A questão de gênero também pode envolver modos econômicos e políticos de relações. Segundo Joan Scott (1995), historiadora feminista, gênero vem a ser um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos... uma forma primária de dar significado às relações de poder” (p. 86). Sendo assim, as relações de gênero podem ser (e são) permeadas por complexas estruturas políticas e econômicas que sustentam a hierarquização entre homens e mulheres, subjugando a mulher à dominação masculina. Ainda, convém observar que os “estudos de gênero” passaram a ocupar espaço acadêmico substituindo os “estudos de mulheres”, e mesmo os estudos sobre a “diferença sexual”, no intuito de galgar certa “neutralidade acadêmica” para as discussões feministas (Scott, 1995). Mas, o sexo, a condição social, histórica e econômica determina o gênero de uma pessoa? Como a fenomenologia tem abordado a questão?

Em *O Segundo Sexo vol. II*, Simone de Beauvoir (1949/1970a) afirma: “...o fato é que todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular” (p. 8). A filósofa introduz, assim, seu pensamento acerca da situação da mulher no mundo, expondo observações ontológicas sobre a singularidade da existência feminina. Nasce um campo de possibilidades fenomenológicas e existenciais de compreensão do mundo em relação ao gênero.

A posição feminina de Beauvoir (1949/1970a) a coloca em guerra com a hegemonia masculina da filosofia europeia:

Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: “você pensa assim porque é uma mulher”. Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “penso-o porque é meu verdadeiro”, eliminando assim minha subjetividade... um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada. (p. 9)

No meio de filósofos como Sartre e Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir reconhece sua situação como mulher, entendendo que sua subjetividade deveria ser colocada de lado se fosse para a sua voz e suas ideias serem reconhecidas. Sua obra é hoje reconhecida como um importante marco na história feminista.

Para Beauvoir (1949/1970b), os engendramentos históricos e sociais elaboraram o feminino como um *Outro*: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p. 9). A condição

dramática de como essa identidade feminina é apontada posiciona a mulher sob o jugo opressivo do homem. Ser o “segundo sexo” coloca a mulher sob uma *alienação corporal*, afirmada pelo conjunto cultural e que deteriora sua subjetividade.

Como ela, Iris Marion Young (1980), filósofa estadunidense, descreve aspectos da vivência feminina que destacam três modalidades de corporeidade: uma *transcendência ambígua*, uma *intencionalidade inibida* e *unidade descontinuada*. Um dos pontos centrais de sua discussão é o fato de que a mulher é submetida a uma estrutura social que objetifica seu corpo e faz com que sua experiência corpórea seja não de um corpo, mas de uma *coisa*, limitada em sua potencialidade, inibida por um conjunto de elementos e relações sociais. Por exemplo, a mulher tende a evitar certos esportes, pois desenvolve seu esquema corporal ouvindo coisas como, “mulher é fraca”, “isso não é esporte pra mulher”, entre outras falas que limitam o seu desenvolvimento corporal e a potencialidade do seu corpo (Missaggia, 2015). É notável, assim, que a noção de corpo para a fenomenologia contribua para perspectivas profundas sobre as discussões de gênero.

Ao contrário dos conceitos tradicionais de mente e corpo, os conceitos fenomenológicos de consciência e objetividade são mutuamente implicados: a consciência intencional é sempre a consciência de algo, e a objetividade pretendida é sempre válida para alguém. Isso significa que todos os fenômenos corporais envolvem fatores subjetivos e objetivos. Ao diferenciar entre seus tipos e formas, podemos revelar vários aspectos e camadas da corporeidade humana.¹⁰ (Heinämaa, 2012, p. 22)

A corporeidade, conceito fenomenológico aprofundado por Merleau-Ponty (1945/2006), impacta no modo como o gênero é compreendido por levar em consideração que o corpo é mais do que objetivo, factual, mas é fenomenal e permeado de ambiguidade: “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (p. 122). Sendo assim, o gênero não é dado pela factualidade de um genital que normativa e

¹⁰ “Unlike the traditional concepts of mind and body, the phenomenological concepts of consciousness and objectivity are mutually implicative: intentional consciousness is always consciousness of *something*, and the intended objectivity is always valid *for someone*. This means that all bodily phenomena involve both subjective and objective factors. By differentiating between their types and forms, we can disclose several aspects and layers of human embodiment.” (Heinämaa, 2012, p. 22)

socialmente designa ser mulher ou ser homem. Compreender que o corpo é vivido transcende o binarismo naturalizado.

Essa noção de corpo fenomenológico possibilitou autoras, como Judith Butler, Gayle Salamon e Evelyn Blackwood, descrever e aprofundar experiências transgêneras diversas, abrindo a possibilidade de reconhecimento da verdade dessas existências, retirando-as do estigma patológico. Segundo Salamon (2011), a verdade “não é necessariamente o que vemos, e o binário tradicional da diferença sexual pode ter menos apego à "verdade" do corpo do que outras maneiras de apreender sua realidade vivida”¹¹ (p. 248). Essa verdade perspectiva, a realidade vivida da pessoa trans em relação ao seu gênero e corpo, é sustentada pela compreensão de corporeidade e percepção merleau-pontyana. Salamon (2011) ainda desenvolve reflexões sobre a função de *transposição* da sexualidade e o conceito de *carne* em Merleau-Ponty de modo a compreender mais profundamente a experiência transgênera. Seus trabalhos, *Assuming a Body: Transgender and Rhetorics of Materiality* e *The Life and Death of Latisha King: A Critical Phenomenology of Transphobia*, fazem a análise da experiência de corporeidade trans e uma análise crítica de um caso de transfobia que resultou na morte de Latisha King, uma estudante dos Estados Unidos.

Há, ainda, o reconhecido trabalho de Judith Butler, filósofa estadunidense, sobre gênero, performatividade e subversão da identidade, nos livros *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* e *Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology And Feminist Theory*. Gênero, para Butler (1990/2003), realiza-se nos atos performativos, gestos repetidos ao longo da história e constituídos por um poder social em torno dos corpos. Segundo Butler (1990/2003), “essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (p. 200). Para ela, o corpo materializa os gestos, constituindo significados e possibilidades diversas, concordando com as argumentações de Merleau-Ponty (1945/2006) e Beauvoir (1949/1970), retratando diálogos fenomenológicos.

Aos leitores interessados em outras perspectivas fenomenológicas sobre gênero, existem ainda trabalhos como o de Jacob R. Lau (2018), que realiza uma análise autoetnográfica da sua experiência como pessoa trans e mestiço-asiático, Johanna Oksala (2006), que propõe uma compreensão sobre gênero a que nomeia de pós-fenomenológica, e

¹¹ “is not necessarily what we see, and the traditional binary of sexual difference might have less purchase on the body's "truth" than other ways of apprehending its lived reality.” (Salamon, 2011, p. 248)

Bonnie Mann (2018), que tece críticas à fenomenologia feminista. Das autoras clássicas da fenomenologia feminista até os autores contemporâneos que tecem reflexões sobre experiências de gênero diversas, a fenomenologia continua demonstrando ser um campo fecundo para novos aprofundamentos na questão.

Dentre essa diversidade de perspectivas fenomenológicas sobre o gênero, emergem questões que influenciaram o desenvolvimento deste trabalho: se gênero é uma situação engendrada historicamente, onde nessa situação se localizam as pessoas trans? Se é realizado performativamente e vivido de modo ambíguo, como legitimar uma identidade que aparece como subversiva? Se nem corpo e nem história definem a identidade de gênero de uma pessoa, como essa se institui no mundo-vivido do ser? Assim, esse estudo surgiu de uma revisão assistemática e objetivou propor uma reflexão sobre gênero como modalidade existencial estruturante da relação do ser-no-mundo e a instituição de sua identidade de gênero corporificada. Para responder essa questão, revisaremos a noção de modalidade existencial em Merleau-Ponty e Heidegger para, então, tecer as implicações dessa compreensão fenomenológica na análise sobre gênero e identidade.

2.2 MODALIDADE EXISTENCIAL

O termo se destaca ao meu olhar, primeiramente, na leitura da obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty (1945/2006). No capítulo *O Corpo Como Ser Sexuado*, o autor diz o seguinte: “se a cada movimento o corpo exprime as modalidades da existência, veremos que não é como... um número designa uma casa: aqui, o signo não indica apenas sua significação, ele é habitado por ela...” (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 222). Designa aqui a corporeidade e a expressão das modalidades existenciais pelo corpo habitado. De que modalidades trata o autor? Neste capítulo fala sobre a sexualidade, mas ao longo da obra desenvolve outros conceitos que correlaciona com “modalidade existencial” ou “modalidades da existência”.

Desenvolvendo suas reflexões sobre percepção, Merleau-Ponty fala sobre as sensações e o sentir:

Há um sentido em dizer que vejo sons ou que ouço cores, se a visão ou a audição não são a simples posse de um *quale* opaco, mas a experiência de uma modalidade da existência, a sincronização de meu corpo a ela... (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 314)

A compreensão de modalidade existencial em Merleau-Ponty parece, aqui, referir-se a uma experiência vivida por meio de um ato perceptivo, que dá sentidos àquilo que a princípio não teria coerência: posso ouvir cores e enxergar sons. Mais adiante, o autor afirma a *sensação* como modalidade existencial: “Aquilo que chamamos de sensação é apenas a mais simples das percepções e, enquanto modalidade de existência, ela não pode, assim como nenhuma percepção, separar-se de um fundo que, enfim, é o mundo” (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 324). Neste trecho, o filósofo associa a noção de modalidade existencial com mundo. Assim, uma modalidade da existência é sempre situada e nunca separada do mundo.

Ainda analisando a questão da percepção e do percebido, Merleau-Ponty (1945/2006) afirma que, ambos, “a percepção e o percebido têm necessariamente a mesma modalidade existencial, já que não se poderia separar da percepção a consciência que ela tem, ou, antes, que ela é, de atingir a coisa mesma” (p. 500). Porém, o filósofo aponta para outras modalidades de existência ao longo de sua obra: a imaginação, a fala, o social, o atual e virtual¹².

No capítulo *O Corpo Como Expressão e a Fala*, dialogando o ato de fala, o autor equipara a imaginação como modalidade existencial, descrevendo: “Assim como Pedro imaginado é apenas uma das modalidades do meu ser no mundo, a imagem verbal é uma das modalidades de minha gesticulação fonética, dada com muitas outras na consciência global de meu corpo” (p. 246). Quando fala aqui no imaginado como “modalidades do meu ser no mundo”, parece se referir a imaginação como uma modalidade da existência do ser. Além disso, no livro *O Transcendental e o Existente em Merleau-Ponty*, Ferraz (2006) cita que “para Merleau-Ponty, a fala é uma modalidade existencial enformadora do mundo: “a denominação dos objetos não vem após o reconhecimento, ela é o próprio reconhecimento” (1997c, p. 207), defende” (p. 101).

Mais adiante na obra *Fenomenologia da Percepção*, Merleau-Ponty (1945/2006) coloca o social como uma modalidade existencial importante:

O problema da modalidade existencial do social reúne aqui todos os problemas da transcendência. Quer se trate de meu corpo, do mundo natural, do passado, do

¹² Sobre o atual e o virtual como modalidade existencial, Merleau-Ponty cita a questão em uma nota de rodapé apontada no capítulo *A Espacialidade do Corpo Próprio e a Motricidade*, na página 160, nota 30: “30. Goldstein {*Ueber die Abhängigkeit*, pp. 160 ss.} contenta-se em dizer que o fundo do movimento abstrato é o corpo, e isso é verdade enquanto o corpo, no movimento abstrato, não é mais apenas o veículo e torna-se a meta do movimento. Todavia, mudando de função, ele muda também de modalidade existencial e passa do atual ao virtual”.

nascimento ou da morte, a questão é sempre a de saber como posso ser aberto a fenômenos que me ultrapassam e que, todavia, só existem na medida em que os retomo e os vivo, *como a presença a mim mesmo (Urpräsenz)*, que me define e condiciona toda presença alheia, é ao mesmo tempo uma des-presença (*Entgegenwärtigung*) e me lança fora de mim. (p. 487-488)

Esses excertos, assim, demonstram que Merleau-Ponty correlaciona “modalidade existencial” com corporeidade, expressão, imaginação, fala e social. Todos esses conceitos são compreendidos como modalidades da existência pelo filósofo e, portanto, são fundamentais e estruturantes da experiência vivida pelo ser no mundo. Entretanto, em nenhum momento o autor descreve a sua compreensão sobre modalidade existencial, como se esse conceito estivesse subentendido ao leitor em seu trabalho. Enfrentando a ausência de uma descrição específica em Merleau-Ponty, podemos recorrer às obras dos autores que influenciaram o seu trabalho em busca de uma resposta mais profunda. Neste caso, particularmente em Heidegger.

Face à necessidade de descrição e compreensão do conceito de modalidade existencial, temos em *Ser e Tempo* a seguinte observação de Heidegger (1927/2005) sobre a existência humana: “as características constitutivas da pre-sença são sempre modos possíveis de ser” (p. 78). A existência do ser se caracteriza por modos de abertura, nunca acabada, mas “sempre diante de uma possibilidade, um risco” (Ribeiro, 2000, p. 20). O que Heidegger (1927/2005) delinea aqui é que, possivelmente, quando pensamos em modalidades existenciais devemos compreendê-la como possibilidade. Para ele, “a possibilidade como existencial é a mais originária e última determinidade ontológica positiva do *Dasein*” (Heidegger, 1986 como citado em Reis, 2000, p. 279). Assim, “a pre-sença é sempre sua possibilidade” (Heidegger, 1927/2005, p. 78) e a sua concretização é diversa e pode variar historicamente: “A pre-sença possui em si própria diversas possibilidades de concretizar-se. As imposições e expressões de seu domínio podem variar historicamente” (Heidegger, 1927/2005, p. 182).

Pode-se observar na obra de Heidegger que, das possibilidades da existência, o *Dasein* pode ser um “eu” ou um “não-eu”, jogando-se na alienação ou na responsabilidade de si, autêntico ou inautêntico. Além disso, é co-presença, ser-com-no-mundo. Ainda, quando se refere aos modos de abertura que constituem o ser-no-mundo, o autor desvela os existenciais: a disposição, a compreensão, a interpretação e a linguagem. Todos esses existenciais estruturam a ontologia do Ser e aparecem como constitutivos do ser-aí ou pre-sença.

Entretanto, cabe esclarecer que, mesmo em Heidegger, a compreensão de “modalidade existencial” não é completamente possível. Reis (2000) afirma que Heidegger não desenvolveu esse conceito suficientemente, mas o apontou como um problema, iniciando sua discussão.

A medida da sua clarificação estende-se somente até a possibilidade no sentido da modalidade, da modalidade que é vista no contexto do enunciado e de sua certeza. Assim, a ideia de possibilidade é vista em conexão com atualidade e necessidade entendidas como determinações do ser, e, de fato, do ser da natureza em sentido amplo. O sentido de possibilidade e o tipo das estruturas de possibilidade que pertencem ao ser-aí enquanto tal nos estão totalmente fechados até hoje. (Heidegger, 1976 como citado em Reis, 2011, p. 274)

Aqui o próprio Heidegger afirma a impossibilidade de delimitar com profundidade esse conceito e destaca o sentido de “modalidade” correlacionado a “possibilidade”. Para além de outras acepções de possibilidade, compreenderemos sua noção existencial que envolve, segundo Reis (2000), pelo menos três considerações: “1) as determinações ou maneiras de ser do *Dasein*, 2) a sua qualificação ontológica última, enquanto capacidade de ser (*Seinkönnen*) e 3) o tornar algo possível (*ermöglichen*), que é propriamente aquilo que ser e sentido proporcionam” (p. 280).

Levando em consideração, então, essas três observações sobre possibilidade ou modalidade no seu sentido existencial, compreende-se que essa é determinante da experiência ontológica do ser-no-mundo. Uma modalidade existencial caracteriza determinados modos de ser, diz da sua qualificação ontológica e possibilita sentidos. Ainda, é interessante ressaltar que a modalidade existencial dá origem a comportamentos que vinculam o ser com ou em relação a algo e possibilita a identidade existencial (Reis, 2011).

Assim sendo, a identidade existencial que resulta da individuação a partir de possibilidades é também a instância de individuação de comportamentos determinados, entendidos como relações submetidas a vínculos normativos. Por fim, as possibilidades existenciais desempenham um papel transcendental ou aletheiológico.

Essa última característica significa que o comportamento em relação a algo como algo determinado sempre é possível num contexto de comportamentos vinculados a

possibilidades existenciais. Portanto, todo e qualquer ente que aparece como fenômeno sempre está identificado a partir de um contexto modal específico e complexo. (Reis, 2011, p. 275-276)

Se modalidade existencial, então, refere-se ao conceito de possibilidade existencial que Heidegger introduziu de modo a caracterizar a estrutura ontológica do ser-aí em modos de poder-ser que possibilitam sentidos e vinculação com o mundo, é compreensível que Merleau-Ponty em sua obra apresente o conceito correlacionando-o com análises profundas das características de corporeidade e intercorporeidade na existência humana. Corporeidade, como modalidade existencial, retrata um aspecto corpóreo da existência que implica estruturalmente em toda vivência humana, subjetiva e intersubjetiva. O corpo como pivô do mundo possibilita a existência, a instituição subjetiva e a relação profundamente entrelaçada do ser no mundo. E não só o corpo, mas a expressão, a fala e o social, todas são caracterizadas em Merleau-Ponty com o mesmo nível de importância na experiência, como modalidades da existência.

Desse modo, considerando os apontamentos realizados por Merleau-Ponty e Heidegger em torno da questão, pode-se observar que, a despeito do conceito não ter sido completamente discernido pela filosofia, sua relevância é identificável nas obras desses autores. Se para a ontologia do ser o entendimento de possibilidade é importante e designa ou caracteriza diversos outros conceitos utilizados em sua análise, é possível, então, repensar a questão de gênero, dialogando seus sentidos com a compreensão de modalidade existencial.

2.3 GÊNERO COMO MODALIDADE EXISTENCIAL

Pensar sobre o gênero como modalidade existencial, é compreendê-lo como uma estrutura do ser humano, que se desdobra em possibilidades diversas de modo de ser particulares, que conduzem a um estilo próprio de cada pessoa, e que são desveladas pela intencionalidade desse ser, enquanto um “eu-posso” que está imbricado no mundo. Assim, retomamos em Merleau-Ponty (1945/2006) e os complementos conceituais ontológicos de Heidegger (1927/2005) para abrir novas possibilidades de compreensão sobre gênero.

A intencionalidade é o movimento de abertura do ser em direção ao mundo, uma intencionalidade do ser-corpo. Se existo é por que sou esse corpo intencional. Minha existência se dá no mundo-da-vida, esse mundo que não é somente concreto, mas é o mundo de possibilidades onde o meu ser se situa, onde é/está situado. Assim, meu horizonte de

possibilidades é situacional, espacial e temporal. O ser aqui não mais é definido em sua existência enquanto um “eu penso”, mas um “eu posso”. E se pode é porque é encarnado, é um corpo intencional que se movimenta e se direciona ao mundo, em relação imbricada com esse. Esse horizonte da minha existência é diverso e é intersubjetivo/intercorpóreo e circunscreve modos e relações complexas. Essa abertura existencial é caracterizada, como vimos, por possibilidades que facilitam modos de ser, de se vincular e se relacionar com os outros e o mundo. Uma das modalidades existenciais que é fundamental nas relações do ser com o mundo é o gênero. É só observarmos toda a história em torno das lutas (trans)feministas para identificar o gênero no centro de muitas disputas e, ao mesmo tempo, fundamental na identificação subjetiva do ser.

Para compreender mais sobre o gênero, recorreremos a uma analogia da experiência de gênero com o espectro da luz e as sensações por ela produzidas. A luz é em si a união de todas as cores, sua absorção e reflexão, o que a torna ao mesmo tempo todas as cores e nenhuma. A decomposição da luz por meio de um prisma explicita a diversidade que carrega quando direcionada para um anteparo onde possa ser visualizada e reconhecida. Gênero, aqui, refere-se ao espectro da luz. Como modalidade da existência, é ao mesmo tempo o tudo e o nada das possibilidades espectrais da experiência de gênero na existência. O prisma é o próprio ser, em sua corporeidade e particularidades perspectivas decorrentes das suas experiências temporais. O anteparo é a representação do mundo, do horizonte histórico-cultural e político onde o ser está situado, vive, expressa-se e experiencia relações.

O gênero, como modalidade existencial, descreve uma diversidade de possibilidades de identificação e de relações do ser no mundo. Como o corpo espectral da luz, é, então, todas as cores unidas em um só e ao mesmo tempo nenhuma, pois irradia/reflete todas essas. O espectro que é o gênero só ganha corpo e possibilidade em um ser encarnado, o prisma que o decompõe de modo particular, instituindo uma identidade de gênero e expressão única, ainda que possa ter semelhanças generalizáveis de experiência com outrem. Aqui, o prisma é a própria carne, no sentido merleau-pontyano, que sempre estará profundamente interligada com o mundo, o anteparo situacional onde é possível observar as expressões da identidade de gênero do ser e suas relações com a cultura, o social, o político e todas as suas complexidades históricas.

A despeito de realizar uma metáfora do gênero com o espectro da luz, ele nunca deve ser retirado a um plano metafísico. Sua instituição se dá em uma continuidade de atualizações possíveis desse espectro, na medida em que a experiência do ser encarnado possibilita sua ampliação no decorrer da história e das transformações das relações culturais e sociais. Assim,

há 80 anos as únicas possibilidades aceitas no Brasil eram as configurações sociais normativas e binárias, ou seja, ser homem-masculino-pênis ou mulher-feminino-vagina. Hoje, as experiências intersexuais e transgêneras reconfiguram das mais variadas formas essas possibilidades de ser: transhomem-masculino-vagina; transmulher-feminino-pênis; homem-masculino-intersexo; mulher-feminino-intersexo; *queer-genderfluid*-vagina; travesti-feminino-pênis, entre outras.

Nem sempre o que acontece com as transformações socioculturais dizem respeito a atualizações que ampliam as possibilidades da manifestação de diferentes identidades e expressões de gênero. Retrocessos políticos e morais históricos também implicam na restrição das experiências diversas. Não só na restrição, mas na patologização, negação e marginalização. Um exemplo claro disto é a marginalização de identidades transgêneras. Ainda podemos pensar nos retrocessos causados pelo processo de colonização. Algumas manifestações de gênero em tribos indígenas norte-americanas delineavam a possibilidade de até 5 identidades de gênero, algumas dessas expressões chamadas de *two-spirit*¹³. A chegada dos colonizadores dizimou a potencialidade dessas identidades, que eram consideradas pecado e amaldiçoadas pelo cristianismo.

Todas essas experiências foram e são potências da modalidade existencial gênero, como um espectro amplo que possibilita a instituição de diversas identidades e expressões. Assim, este corpo que eu sou é, no campo das minhas experiências, tomado por uma identificação e expressão de gênero singular dentro dos espectros possíveis em relação ao complexo campo modal onde estou situado, podendo minha identidade inclusive ser restringida ou potencializada por ele. Nessa relação contínua vou adquirindo hábitos, integrando-os ao meu esquema corporal e gestual, assim como observado pelo trabalho de Flávia Silva (2017), desenhando meu estilo e sendo esse corpo que é, além de biológico e sexual, também social, afetivo, político, histórico-cultural e espacial-temporal.

2.4 POSSIBILIDADES E LIMITES

Como observado anteriormente, o movimento feminista desenvolveu a conceituação de gênero, primeiramente no sentido de colocar a mulher e o feminino em evidência situacional, demonstrando a inferiorização que sofre a mulher nas suas relações integrais no

¹³ Texto de Francine Oliveira, publicado no site *Geledés*: <https://www.geledes.org.br/antes-da-chegada-dos-cristaos-europeus-nativos-norte-americanos-reconheciam-5-generos/>

mundo em relação aos privilégios masculinos. A continuidade das discussões no feminismo levou à compreensão de que a experiência humana é fixada em dois polos, um feminino e um masculino, evidenciando uma disparidade de direitos femininos, o que foi de extrema importância para o desenvolvimento das relações sociais, políticas e existenciais da mulher. Mais recentemente, o descolamento do binarismo homem-masculino-pênis e mulher-feminino-vagina desvelou as possibilidades transgêneras de ser. Essas discussões caminham em várias perspectivas, que dialogam ou não entre si: gênero determinado pelos caracteres sexuais, como categoria histórica, construção social, cultural, étnica e política, como relações de poder, como situação ou ato performativo.

Se a noção de gênero aceita se fixar nos caracteres sexuais do corpo de uma pessoa, admitindo apenas duas possibilidades, como já citado (Bento, 2008), excluimos do horizonte de possibilidades experiências como transhomem-masculino-vagina, transmulher-feminino-pênis, homem-masculino-intersexo, mulher-feminino-intersexo, entre outras. Neste tipo de categorização, temos a evidência de um controle opressor sobre os corpos e sobre a potencialidade de significação do gênero, que limita a experiência, restringindo o movimento identitário e expressivo da pessoa. Decorre disso a patologização das identidades transgêneras, colocando-as às margens do binarismo normativo de gênero.

Quando Butler (1990/2003) se dispõe a retomar Merleau-Ponty e Beauvoir e evidenciar que o corpo é uma situação, uma ideia histórica, reafirma que o corpo é uma materialidade de significados, de gestos, mais do que matéria, mas materialização do conjunto de possibilidades que se realizam na experiência. Esse corpo traduz sentidos de gênero outros que não apenas os normatizados feminino e masculino. Mas demonstra performances de gênero variáveis, fluidas e que se transformam ao longo da história e da experiência da pessoa. Para Butler (1988/2018),

O gênero não é passivamente inscrito no corpo nem determinado pela natureza, a língua, o domínio simbólico ou a assoberbante história do patriarcado. O gênero é aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção, diária e incessantemente, com angústia e prazer. Se esse ato contínuo, porém, é tomado como um fato natural ou linguístico, renuncia-se ao poder de ampliar o campo cultural corporal com performances subversivas de diversas classes. (p. 16)

Destaca-se a compreensão de que nem a natureza nem a inscrição cultural-social podem simplesmente invadir o corpo que, passivo, receberia seu gênero. Porém, compreender

o gênero como uma identidade meramente instituída pela repetição de performances, encenadas no cotidiano, é negar um movimento passivo-ativo de tomada de sentido de gênero e de existência subjetiva pela pessoa, mais profundo do que apenas a instituição de atos performativos. As performances expressam a instituição de sentido de gênero, não são ela. Além disso, colocar atos performativos de pessoas trans como “subversivos” é deixar margem à reafirmação do seu estigma contra-normatizador ou sua situação marginal.

A possibilidade de compreender gênero como modalidade existencial abre espaço para considerar as identidades fora das amarras rígidas normativas, em sua diversidade e em sua real potência. Como conceito aberto e espectral, abrange as diversas configurações de identidades e expressões, mantendo a possibilidade de fluidez, os mais diversos sentidos que tomam o corpo e as transformações situacionais, espaço-temporais, onde se realizam em movimento contínuo.

Desse modo, considerar o conceito fenomenológico de modalidade existencial para refletir sobre as questões de gênero pode facilitar a validação das identidades potenciais que, historicamente, são marginalizadas e colocadas como subversivas, destoantes ou abjetas. A tentativa fenomenológica dessa abordagem reflexiva também incorpora as considerações já realizadas pela fenomenologia clássica e as autoras feministas contemporâneas: possibilidade existencial, corporeidade, situação, instituição, sentido, expressão e ato performativo.

Certamente, esse é um diálogo introdutório que se limita a uma nova provocação que carece ser aprofundada. Todos esses conceitos fenomenológicos necessitam ser revisitados e retomados com profundidade para que o diálogo entre esses fortaleçam uma nova possibilidade de abordarmos as questões de gênero, levando em consideração todas as contribuições das autoras da fenomenologia até aqui. Este é um trabalho, assim, que pretende ainda uma expansão, deixando aberto um novo campo a ser explorado.

Discutir gênero é ainda um desafio e um campo aberto a possibilidades. De um ancoramento na implicância biológica dos genitais e caracteres sexuais até categorizações históricas e sociais, o conceito vem sendo repensado e debatido extensamente em diversas áreas. A fenomenologia feminista desenvolveu suas reflexões sobre a questão desde Beauvoir, que expôs a situação da mulher no mundo, até Butler, que subverteu as compreensões normativas da identidade de gênero, pintando com sua crítica quadros fluidos. As contribuições fenomenológicas possibilitaram ampliar a questão por meio de descrições e análises críticas e profundas de diversas experiências identitárias e múltiplas expressões. Ainda assim, novas discussões podem ser suscitadas quando pensamos no gênero como modalidade existencial.

A abertura de possibilidades existenciais em relação às manifestações do fenômeno gênero inclui os diversos modos de ser em um espectro amplo que se particulariza, instituindo-se na experiência do ser corporificado e em relação imbricada com a situação em que esse se encontra no mundo histórico, cultural, social, político e econômico que o envolve. O espectro gênero se institui pela experiência do ser encarnado, que como um prisma revela a expressão de sua identidade, refletida em relação a um anteparo situacional.

Desse modo, compreender gênero como modalidade existencial implica em acolher todas as possibilidades existenciais de identidade e expressão de gênero como potências que podem se manifestar das mais variadas formas, com maior ou menor fluidez.

Dentro dessa compreensão, reflexões já realizadas pelas autoras feministas podem se encontrar e dialogar, trazendo considerações sobre corporeidade, instituição, situação e atos performativos, bem como outros apontamentos sobre as experiências de gênero já desveladas pela fenomenologia. Esta proposta é uma abertura a novos aprofundamentos e diálogos sobre gênero, considerando-o como modalidade existencial e, assim, como um espectro de potências que se revelam na vivência corporificada e situada de uma pessoa.

3 MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada com enfoque qualitativo e se utilizou do método fenomenológico heurístico para a análise dos dados que foram obtidos no processo imersivo do fenômeno. A fenomenologia apresenta uma apreensão descritiva e profunda dos sentidos da vivência em questão, a partir da experiência do próprio ser que a vive, bem como prevê “uma visão de abrangência do fenômeno pesquisado, realçando a sua circunscrição junto aos demais fenômenos – sociais, culturais, econômicos, quando for o caso” (Holanda, 2006, p. 364). Assim, é por meio do relato da experiência da própria pessoa que é possível compreender a essência da sua vivência (Moustakas, 1994). Nisso é baseada a pesquisa fenomenológica, que segue seu caminho metodológico com base em quatro passos: *epoché*, redução fenomenológica, variação imaginativa e síntese de significados (Moustakas, 1994).

O processo da *epoché* permite a suspensão dos pré-julgamentos, predileções e pré-disposições em relação ao fenômeno pesquisado. Trata-se de uma experiência em si mesma que possibilita alcançar um novo conhecimento, “é uma maneira de olhar e ser, uma postura sem restrições”¹⁴ (Moustakas, 1994, p. 85, tradução nossa). Essa postura carece de concentração, abertura e presentificação em relação à própria experiência de consciência, de modo a permitir que a experiência se revele sem interferências de processos reflexivos e de julgamento durante toda a pesquisa (Moustakas, 1994).

A redução fenomenológica é um passo posterior à aproximação do fenômeno e objetiva a descrição dos aspectos pré-reflexivos da experiência. Esse procedimento requer o desvelamento do que é temático em relação à experiência, aquilo que aparece como sua essência. Uma série de reaproximações e reflexões devem ocorrer nesse momento para que seja possível a descrição dos sentidos essenciais ao fenômeno (Moustakas, 1994). O processo de variação imaginativa emprega elementos de diferentes perspectivas, características e funções para obter os temas estruturais alcançados pela redução e, finalmente, produzir a síntese dos sentidos e significados sobre o fenômeno (Moustakas, 1994).

Dentro dos possíveis caminhos metodológicos fenomenológicos em pesquisa qualitativa, o método heurístico compreende uma possibilidade de aproximação e descrição do fenômeno que envolve processos criativos e supera o modelo tradicional que enfoca aspectos racionais da construção do conhecimento. Segundo Holanda (2006), “a grande contribuição do modelo heurístico está na intrínseca participação do sujeito do pesquisador no

próprio ato da pesquisa, isto é, na efetiva colocação da subjetividade do pesquisador no ato de pesquisar” (p. 368).

O método que foi utilizado nesta pesquisa é baseado, assim, na metodologia fenomenológica heurística de investigação de Clark Moustakas. Segundo Elizabeth Brisola e Vera Cury (2016), tal método fenomenológico de aproximação e pesquisa torna o pesquisador pessoalmente envolvido em todo o processo de experiência e construção de conhecimento. A diferença dessa abordagem metodológica para outras dentro do campo da fenomenologia, que consideram a subjetividade do pesquisador, é que o método heurístico torna explícito o pesquisador no centro de toda a sua investigação. Dessa forma, “o pesquisador se torna engajado na busca de padrões e significados, começando por sua própria experiência com o fenômeno estudado; o resultado é a descrição dos elementos essenciais da experiência vivida de ambos, pesquisador e participante”¹⁵ (Brisola & Cury, 2016, p. 96, tradução nossa).

A pesquisa heurística visa a descoberta das essências e sentidos das experiências humanas significativas com foco principal no procedimento de investigação. Nesse processo em busca de compreensão do fenômeno, o pesquisador é um instrumento ativo, por meio de sua autorreflexão e autodescobrimento. Torna-se tão envolvido que percebe e entende o fenômeno de uma nova maneira. Para um pesquisador iniciante, a metodologia pode se apresentar, aparentemente, de uma maneira pouco científica, entretanto, destacam Brisola e Cury (2016),

Quando olhamos atentamente para a proposta de Moustakas, apesar do foco colocado na pessoa e na criatividade do pesquisador, a proposta de manter cientificidade e coerência pode ser claramente enxergada. É, ao mesmo tempo, uma busca apaixonada e rigorosa pelo “conhecimento que ilumina os problemas humanos relacionados à essência e significado vivenciados” (Maciel, 2004, p. 174) e uma busca constante por uma descrição autêntica e precisa de um fenômeno.¹⁶ (p. 98, tradução nossa)

¹⁴ “...is a way of looking and being, an unfettered stance” (Moustakas, 1994, p. 85).

¹⁵ “The researcher becomes engaged in a search for patterns and meanings starting from one’s own experience with the phenomenon studied; the result is a description of the essential elements of both one’s lived experience and those of the participants” (Brisola & Cury, 2016, p. 96).

¹⁶ “When looking at Moustaka’s proposal attentively, despite the focus put on the person and creativity of the researcher, the purpose of maintaining scientificity and coherence can be clearly seen will become clear. It is, at the same time, a passionate and rigorous search for “knowledge that illuminates human problems related to the essence and meaning experienced” (Maciel, 2004, p. 174) and a constant search for an authentic and precise description of a phenomenon” (Brisola & Cury, 2016, p. 98).

A pesquisa heurística fenomenológica é desenvolvida em um processo de seis fases: o engajamento inicial, a imersão, a incubação, a iluminação, a explicação e a síntese criativa. A primeira fase determina a escolha do tema e problema de pesquisa, que deve ser de profundo envolvimento com a vida do pesquisador, que o motive fortemente e seja de significância pessoal. Tal envolvimento é fundamental para a manutenção do interesse do pesquisador durante a investigação. Eu, Matheo Bernardino, sou transhomem, assim identificado desde o início de 2013, portanto, possuo forte envolvimento com o tema, por experiência pessoal.

A partir dessa escolha e engajamento, o pesquisador imerge no fenômeno na segunda fase, vivendo-o, prestando atenção em todos os relatos e experiências, incluindo a sua própria. Segundo Moustakas (1990b, p. 28, citado por Brisola & Cury, 2016, p. 99, tradução nossa), “o processo de imersão habilita o pesquisador a se tornar íntimo com as questões – para vivê-las e crescer no conhecimento e no entendimento delas”¹⁷. Isso ainda ocorre também pelo diálogo do pesquisador consigo mesmo, conversando com o fenômeno, examinando suas experiências de forma ampla.

O processo de imersão desta pesquisa abarcou entrevistas qualitativas com uma população de transhomens. Além disso, a participação em discussões realizadas por outras pessoas trans do meio acadêmico e da militância, como a Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira e as pessoas transmasculinas do Coletivo Apollo, foram essenciais no processo imersivo.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Paraná pelo parecer consubstanciado de número 3.077.325. As entrevistas foram realizadas com cinco participantes, todos maiores de 18 anos e que se autoidentificam como transgêneros masculinos binários. A duração média das entrevistas foi de 45 minutos. O recrutamento dos participantes foi realizado por conveniência, sendo que apenas um dos participantes não era previamente conhecido por mim. Esse participante antes desconhecido foi indicado por um colega do Coletivo Apollo, quando conversamos sobre a inclusão de pessoas negras como participantes da pesquisa. Naquele momento, eu estava procurando por alguém que se autoidentificasse como binário e negro. Assim, eu possuía o contato da maioria e pude convidá-los a participar da pesquisa por telefone. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foram:

- a) Explicação dos objetivos da pesquisa para os participantes, enfatizando o sigilo e os procedimentos éticos;
- b) Solicitação da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- c) Gravação da entrevista, permitindo o acompanhamento dos registros pelos participantes;
- d) Devido à temática abordada, ao final de cada entrevista foram disponibilizados aos participantes atendimentos psicológicos, caso sentissem necessidade. Os atendimentos não fazem parte da coleta de dados, estão apenas descritos aqui por terem sido ofertados logo após a entrevista. Nenhum dos participantes solicitou esses acompanhamentos.
- f) Transcrição das entrevistas, omitindo dados que pudessem fornecer indícios da identificação dos participantes.

Para que o sigilo sobre a identidade de cada colaborador fosse respeitado, optei por trocar o nome dos participantes por nomes de Orixás e com meu respeito por esse culto tradicional. No momento da entrevista, Oxóssi tinha 26 anos, era professor de educação infantil, com ensino superior completo e estava cursando pós-graduação. Se autoidentificou como branco. Quando questionado sobre o seu gênero, respondeu *masculino*. Exu tinha 34 anos, trabalhava como motorista particular de aplicativo, possuía o ensino médio completo e se autoidentificou como branco. Quando questionado sobre o seu gênero, Exu respondeu *sou trAns*. Ogum tinha 25 anos, trabalhava como atendente de farmácia, com ensino médio completo e não soube responder com qual raça se identifica. Quando questionado sobre seu gênero, respondeu *masculino*. Oxalá tinha 22 anos, trabalhava em uma instituição cultural, cursava graduação e se autoidentificou como branco. Quando questionado sobre seu gênero, respondeu *masculino*. No momento da entrevista Xangô tinha 25 anos, era tatuador, com ensino médio completo e se autodeclarou negro. Quando questionado sobre seu gênero, respondeu:

Eu:: me considero homem, né? Ma::s eu gosto de/de trazer essa::... essa coisa do trans comigo, pra me lembrar que:: eu não preciso disso, tá ligado? Não precisa, tipo.. ter uma definição, tá ligado? Pra isso tudo.. Eu posso ser o que eu quiser ser... homem trans.

¹⁷ “the immersion process enables the researcher to come to be on intimate terms with the questions – to live it and grow in knowledge and understanding of it” (Moustakas, 1990b, p. 28, citado por Brisola & Cury, 2016, p. 99).

Foram realizadas entrevistas abertas partindo do propósito de investigar três elementos: a experiência de ser uma pessoa trans; a experiência de ser transhomem; e como o participante experienciou seu corpo sendo transhomem. A partir desses elementos investigativos, procurou-se chegar a uma descrição mais completa da experiência de ser transmasculino do entrevistado. Não houve questões disparadoras estruturadas anteriormente à entrevista. As questões foram formuladas no presente momento de cada entrevista com a orientação desses elementos a serem investigados e a necessidade de aprofundamento dos significados durante o diálogo.

As entrevistas foram transcritas e, seguindo as orientações de Moustakas (1990), em seguida foram realizadas aproximações que possibilitaram o destaque de temas principais de cada entrevista. O processo de transcrição e aproximações para destaque dos temas incluiu a participação de duas alunas da graduação de Psicologia da UFPR, exaltando a importância da colaboração entre os cursos de graduação e pós-graduação. Os temas principais de cada entrevista foram apreendidos por diversas aproximações do conteúdo, onde anotações e reescritas das falas do entrevistado eram feitas, objetivando encontrar os sentidos e afetos que descrevessem a sua experiência de modo profundo e originário. Após os temas relevantes serem selecionados, o pesquisador descreveu de forma temporalmente organizada o relato individual da experiência de cada participante. Quando todas as entrevistas individuais foram descritas, realizou-se uma aproximação com o conteúdo geral das experiências. Dessa aproximação geral, o pesquisador destacou os temas comuns e particulares entre todas as descrições individuais e, posteriormente, realizou uma descrição composta, buscando traçar um diálogo entre o que é comum e particular da experiência dos participantes.

Embora Moustakas (1990) oriente que a descrição composta seja feita com os temas comuns revelados entre as entrevistas individuais, as particularidades das vivências de raça, de paternidade e religiosidade não poderiam ser deixadas de lado, uma vez que se tratam de pontos essenciais e que influenciam profundamente a experiência de ser transhomem de alguns. Portanto, optei por realizar uma descrição composta que abarcasse um diálogo entre o comum e o particular.

Depois da imersão profunda na experiência do fenômeno, compreende-se no método heurístico a necessidade de dar um passo atrás, afastando-se brevemente do fenômeno, momento que vem a ser chamado de incubação. Propositamente, o pesquisador deve passar um período longe do foco da pesquisa, tirando para si um tempo de descanso do tema. Esse momento é importante para se elevar a dimensão tácita do conhecimento. Essa dimensão é

aquela parte do conhecimento que temos, mas não sabemos que temos. Segundo o que Brisola & Cury (2016) apontam, “sua importância no processo heurístico é que precede a intuição e aponta o pesquisador na direção de novos significados. A intuição cria uma ponte entre o conhecimento implícito inerente e o conhecimento explícito, observável descritível”¹⁸ (p. 99, tradução nossa). Na medida do possível, alguns intervalos foram realizados de maneira espaçada, entre as descrições e análises realizadas durante o processo de pesquisa. Nos intervalos entre uma fase do processo metodológico e outra, permitia-me descansar da produção e da aproximação acadêmica com o tema. Ainda assim, em muitos momentos durante a pesquisa, situações pessoais e intensas que se relacionam com a experiência particular de ser transhomem me tomavam ou aconteciam com amigos íntimos. Sendo assim, a incubação completa é impossível de ser realizada por se tratar de um fenômeno que o pesquisador vive pessoalmente em todos os âmbitos.

A quarta fase é chamada de iluminação e descreve um momento em que, depois da incubação, o pesquisador se torna aberto e receptivo ao conhecimento tácito e à intuição. Segundo Moustakas (1990b, p. 30, citado por Brisola & Cury, 2016), “a iluminação abre a porta para uma nova consciência, uma modificação do entendimento antigo, uma síntese do conhecimento fragmentado, ou uma descoberta totalmente nova sobre algo que esteve presente por algum tempo ainda além da consciência imediata”¹⁹ (p. 100, tradução nossa). Sendo assim, é resultado de uma reflexão fluida e geral de todo o processo de imersão, com objetivo de possibilitar que o conhecimento tácito, adquirido pelo pesquisador, fosse desvelado e orientasse o procedimento de explicação. A iluminação descrita nesta pesquisa foi fruto de um momento em que fui tomado pela emergência interior de sentidos apreendidos durante a imersão, um processo passivo-ativo de expressão da experiência, quando do corpo à palavra a vivência se tornou expressão linguística.

Na quinta fase, a explicação, o pesquisador vai subsequentemente examinando tudo o que a experiência da imersão no fenômeno lhe revelou durante o processo. Sua análise parte da sua própria experiência e se dirige ao essencial da experiência e dos componentes do fenômeno investigado (Moustakas, 1990). Todos os temas que foram desvelados durante as

¹⁸ “its importance in the heuristic process is that it precedes intuition and points the researcher in the direction of new meanings. Intuition creates a bridge between inherent implicit knowledge and the explicit observable and describable knowledge” (Brisola & Cury, 2016, p. 99).

¹⁹ “illumination opens the door to a new awareness, a modification of an old understanding, a synthesis of fragmented knowledge, or an altogether new discovery of something that has been present for some time yet beyond immediate awareness” (Moustakas, 1990b, p. 30, citado por Brisola & Cury, 2016, p. 99).

descrições realizadas foram lidos e relidos para o seu aprofundamento por meio de um diálogo teórico com base na fenomenologia merleau-pontyana.

O processo fenomenológico heurístico é finalizado com a síntese criativa. Explicam Brisola e Cury (2016) que “este é o passo final do método heurístico descrito por Moustakas. É uma criação que emerge da familiaridade do pesquisador com o fenômeno e cresce das dimensões tácita e intuitiva”²⁰ (p. 101, tradução nossa). Essa síntese pode surgir como uma produção de um poema, uma história ou mesmo um desenho ou pintura. O pesquisador permitiu que o processo intuitivo e sensível tivesse prioridade, fluindo com os afetos provocados pela imersão. A síntese criativa floresceu pouco antes do início do aprofundamento na análise dos elementos da experiência, em mais um momento tomado pela sensibilidade da experiência do corpo à expressão linguística.

A metodologia de investigação fenomenológica heurística coloca grande responsabilidade, assim, no papel do pesquisador. Como toda pesquisa, deve seguir rigorosamente e de forma íntegra os passos do processo e da experiência, de maneira a manter a precisão científica. Sua limitação e sua maior vantagem estão no mesmo ponto: “ênfase na autoinvestigação do pesquisador”²¹ (Brisola & Cury, 2016, p. 103, tradução nossa). Enquanto pode apresentar uma rica e profunda descrição das nuances e sentidos do fenômeno, preservando a experiência humana vivida, interações e encontros, requer especial esforço na abertura, transparência e autenticidade do pesquisador.

Por se tratar de tema que é parte essencial da minha experiência, como transhomem e pesquisador, este método de aproximação e investigação fenomenológica fornece a liberdade e a orientação necessárias para a explicitação das percepções e reflexões que eu alcanço durante o processo de pesquisa e a vivência cotidiana de ser-trans. Assim, de modo sensível, rigoroso e crítico, o trabalho visou à compreensão profunda da experiência de ser transgênero masculino e suas particularidades.

²⁰ “This is the final step of the heuristic method described by Moustakas. It is a creation that emerges from the researcher’s familiarity with the phenomenon and grows from tacit and intuitive dimensions” (Brisola & Cury, 2016, p. 99).

²¹ “emphasizing the researcher’s self-investigation” (Brisola & Cury, 2016, p. 103).

4 RESULTADOS

Os elementos a seguir descritos foram resultados do processo de imersão no fenômeno, por meio da vivência do pesquisador e das entrevistas realizadas com transhomens. Durante as descrições e a discussão da experiência dos participantes, utilizo a categoria “homem trans” em respeito à autoidentificação dos mesmos. A apresentação desses resultados segue em uma ordem que se diferencia daquela orientada pela proposição metodológica de Moustakas (1990). O conteúdo se inicia pela síntese criativa, pois se trata do produto sensível da imersão e que deve possibilitar a abertura e a sensibilização do leitor para a sequência de descrições das experiências individuais dos participantes, assim como a descrição composta da experiência. Por fim, a Iluminação apresenta reflexões gerais sobre a experiência de ser transhomem que precedem a explicação com aproximações teóricas do próximo capítulo.

As descrições individuais e a descrição composta contêm trechos em itálico que destacam algumas falas dos entrevistados. As entonações e pausas da fala do entrevistado são demonstradas de acordo com as normas de transcrição a seguir:

- a) Incompreensão de palavras ou segmentos: ()
- b) Hipótese do que se ouviu: (hipótese)
- c) Truncamento: /
- d) Entonação enfática: Maiúscula
- e) Prolongamento de vogal e consoante: :::
- f) Silabação: -
- g) Interrogação: ?
- h) Qualquer pausa: ...
- i) Comentários descritivos do transcritor: ((minúscula))
- j) Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto: (...)

4.1 SÍNTESE CRIATIVA

Sentei-me à beira do precipício. Era tudo ou nada. Senti o vento gelado do Norte e um frio percorrer a espinha montanhosa. Segurava um caderno em minhas mãos, a capa meio amassada e uma letra quase incompreensível: *Paulinho*. Era minha vida ali, muito mal escrita e desenhada. Eu sabia, mas não sabia quem eu era. Mesmo com cinco anos. Meu corpo era gostoso de sentir e confortável na época. Só me faltava poder fazer xixi em pé, como todos os

outros. Mas, tudo bem. Eu podia brincar livremente com isso e ninguém me julgava. Como era bom ser inocente e não entender muita coisa do mundo adulto.

Senti uma lágrima dançar por meu rosto e molhar minha assinatura infantil. *Paulinho* havia crescido um pouco e se tornado *John*. Um nome sofisticado para uma criança de 11 anos que já havia conhecido alguma obscuridade no mundo. Uma época confusa, turbulenta e massacrante se iniciava.

Paulinho e *John* ficaram guardados na memória. O corpo irrompeu seu lugar, literalmente sangrando. E mesmo que o sangue ficasse escondido, as curvas ocupavam espaço ao lado e à frente. Olhar no espelho era estranho. Por que, por mais que eu me esforçasse, eu não podia ter o peitoral e o tronco retos, os ombros largos e os músculos sobressalentes? Era verão, 35 graus, e eu só saía de casa se fosse com o moletom preto de número três vezes maior que eu.

Eu me revoltei. Se eu não podia compreender as sensações que sentia, então eu abusaria do meu corpo e seria abusado por ele. E fui. Assim, descobri na carne mais traços do machismo e da misoginia no mundo. Objeto descartável e repulsivo: um corpo. O meu.

Cansei. Migrei. Raspei o cabelo e assumi um relacionamento com outra mulher. Sapatão. Mas, espera... tem algo de estranho nisso. Sapatão? Um desconforto: ser mulher. – *Olha pra você, piá desse jeito... você acha que é trans?*

Vertigem. Rememória. Choro e angústia. E agora, *Paulinho*?

Sem embargos, este sou eu. A psicóloga atestou²². Tenho provas.

8 de novembro de 2013. Uma agulha acertando em cheio a transformação do meu corpo. Agora vai.

14 de março de 2014. Sob os olhos atentos do anestesista: - *Você vai sentir uma leve dor e logo mais dormirá, depois convers...* Muita dor. Muita liberdade após meses de compressão do peito.

Próximo passo: processo judicial. Um ano de tramitação e provas de minha identidade. Atestado por testemunhas de mim. Dinheiro desembolsado e documentos novos à mão. Dessa vez, ninguém mais duvidaria de que eu sou eu. Eu mesmo, esse barbudo da foto. Esse do nome no RG. Que confortável sensação: viver sem ser questionado.

²² A avaliação psicológica era imposta à pessoa trans. A experiência trans foi retirada da lista de doenças mentais pela Organização Mundial de Saúde em 2019, embora continue sendo patologizada por alguns profissionais de saúde.

Muito conforto, mas ainda conflito. O que diriam as pessoas desconhecidas se soubessem quem sou? Sou impostor por não me revelar? Que tipo de pessoa sou eu, afinal? - Transhomem.

Em um último ato desesperado em busca de sentido, eu me sentei à beira do precipício de mim e me reencontrei imerso na montanha existencial. O fato é que toda a escalada até aqui fez com que eu me misturasse aos cis-transeuntes do caminho. Foi *Paulinho* quem me trouxe de volta à montanha. Foi *Paulinho*, na sua sagacidade, quem me lembrou que posso sentir prazer no meu corpo. Foi *Paulinho*, na sua inocência, quem me fez olhar para a feminilidade em mim. – *Tá tudo bem ser transhomem. Tá tudo bem ter uma parte da vida como menina*²³. *Faz parte de você. Faz parte de mim. É bonito assim.*

É bonito assim. É potente assim.

E as palavras e desenhos rabiscados naquele velho caderno amassado amadureceram. Hoje fazem parte de uma dissertação da minha vida. Da minha potência transmasculina, que se desdobra e reflete tantas outras. De Matheo para *Paulinhos*.

4.2 DESCRIÇÕES INDIVIDUAIS

4.2.1 Oxóssi

4.2.1.1 Temas principais

- ✓ Sua transmasculinidade é um *processo de construção*, incômodo de fechar.
- ✓ Ser transmasculino é possuir uma vivência de performance feminina e saber o que é exercer um papel de mulher na sociedade.
- ✓ Tem um embate consigo mesmo e com os outros por carregar traços femininos que conflitam com a masculinidade habitual (social).
- ✓ Forçava gestos e comportamentos masculinos para ser reconhecido masculinamente.
- ✓ Buscar um enquadramento masculino (cis) lhe gerava sofrimento.
- ✓ Quem ele é *vem de lá de cedinho*.

²³ “como menina” se refere ao momento da vida onde a pessoa transmasculina pode se ver obrigada a negociar sua existência e identidade para sobreviver, performando um papel feminino devido à imposição social, o que não condiz com sua identificação de gênero.

- ✓ A presença dos seios é desconfortável e o priva de algumas atividades por medo de sofrer violências.
- ✓ A necessidade de provar a sua angústia e desconforto para poder realizar a cirurgia é desgastante.
- ✓ O desconforto com os seios não é só psicológico, mas físico.
- ✓ Ser comparado a um homem cis o incomoda.
- ✓ Não é possível *esconder 24 anos* de sua história como mulher.
- ✓ Sempre se entendeu como menino, sentia-se um *muleque* na infância, achava *fantástico* quando o tratavam no masculino e não possuía incômodos com o corpo.
- ✓ A transformação do corpo na adolescência gerou desconforto em relação aos seios e curvas, quando outras pessoas o apontavam e reforçavam o que ele não queria.
- ✓ Por um período, achou que o *problema* era a sexualidade e tentou se enquadrar no padrão social de menina, mas existia um incômodo maior.
- ✓ O incômodo ganhou *nome* quando ouviu uma pessoa trans falar sobre sua experiência e se reconheceu.
- ✓ Sentia, mesmo antes da transição, um bem-estar e conforto em ser reconhecido masculinamente.

4.2.1.2 Descrição individual

Oxóssi afirma que quem ele é *vem de lá de cedinho*. Na infância, sentia-se um *muleque* e era um *piá*, sendo que *ninguém dizia que eu não era*. Nas brincadeiras assumia o papel masculino e achava *fantástico* que quando ia, por exemplo, visitar a casa de um amigo era *confundido* com um menino. Oxóssi se sentia bem em ser reconhecido como menino, desde a infância até a vida adulta, sentia-se confortável, o que o fez buscar uma aparência cada vez mais masculina.

Ele *sempre* se entendeu como menino, mas na adolescência veio a entender que não o era, segundo as normas sociais cisgêneras. Relatou que até os 12 anos não teve problemas com seu corpo e se relacionava bem com ele. Quando as mudanças da puberdade começaram a surgir no seu corpo, começou a se incomodar. As diferenças físicas ficaram evidentes e os grupos de meninos e meninas começaram a ser formados, sendo que algumas atividades foram restringidas, como ele não poder jogar futebol ou videogame.

Até a oitava série não queria e não via necessidade de usar sutiã. Porém, fizeram chacota do fato de ele não usar sutiã como todas as outras meninas. Mal com isso, começou a usar top, que a tia arrumou para ele. Tinha a impressão de que o sutiã aumentava *aquilo que eu queria esconder*, sendo que o top o ajudava a esconder um pouco dos seios. Começou a tomar anticoncepcionais aos 15 anos, o que evidenciou as curvas do corpo e fez os seios crescerem mais, o que gerou *uma angústia muito grande* em Oxóssi. Começou a usar roupas mais largas e evitava tudo o que pudesse deixá-lo parecido com uma menina. *Incomodava demais* que as pessoas apontassem e reforçassem aspectos do corpo dele que ele não queria que fossem reforçados, *então cada vez mais eu fazia com que isso desaparecesse de mim*.

Dos 14 aos 16 anos tentou se enquadrar no padrão, vestindo-se com roupas socialmente designadas como de menina. Mas entendeu que *cara, não é isso* e chegou um momento em que achou que o *problema era só a sexualidade* e entendeu que era lésbica. Porém, percebeu que existia algo além do se relacionar com meninas, *um incômodo maior*. Foi quando Oxóssi começou a pesquisar na internet coisas como *incômodo com peitos* e começou a ler notícias e blogs que estavam relacionadas à transsexualidade. Entretanto, ele se questionava se realmente queria *ter barba*, pois já usava roupas masculinas. Em um momento durante esse período de dúvidas, Oxóssi participou como ouvinte de uma palestra de uma pessoa trans e foi enquanto essa pessoa falava da sua experiência que ele ia se reconhecendo: *cara, é isso... nossa, verdade isso que ela tá falando, é/é o mesmo sentimento que eu tenho*. Ele compartilhou dos mesmos sentimentos que a pessoa falava, *só não sabia d/denominar isso, colocar um nome pra isso... e nem como... como iniciar, como me assumir*. Foi saindo daquela palestra que se encontrou: *eu sou transexual... esse incômodo que eu sinto é... exatamente isso, e aí parece que eu me encontrei naquilo*. Após esse momento, começou a pesquisar com detalhes os procedimentos que precisava fazer para começar a se hormonizar. Esse momento aconteceu quando tinha 24 anos e o início da hormonização se deu aos 25, quando já estava decidido: *é isso que eu sou... e assim que eu acho que eu vou ficar mais confortável*.

Assim, Oxóssi, com 26 anos no momento da entrevista, está há um ano realizando a hormonização. Considera que é recente o *processo de descoberta* (dois anos) e, para ele, ser trans é um *processo de construção*. Diz que é *incômodo fechar essa questão* e acha que é um processo que nunca vai se fechar, pois é interessante que *a gente sempre vá... se mudando*. O que o incomoda nesse processo de construção é um *embate* sobre como ele vivencia a sua masculinidade. Afirma que teve uma vivência de performance feminina e que não pode esconder os 24 anos da sua vida em que viveu sendo socialmente lido como mulher. Oxóssi

sente carregar alguns traços femininos e o embate social surge com o estranhamento das pessoas por ele ser reconhecido como um homem mais delicado, educado e sensível. Sente-se incomodado de ter que explicar que a questão não se refere a orientação sexual, que não é gay. Pensa que essa vivência é uma construção sobre *que homem eu quero ser*.

Oxóssi comenta que em alguns momentos achava que deveria se enquadrar no que as pessoas esperavam dele. Assim, mesmo antes da *transição*, como sempre quis que as pessoas o reconhecessem como homem, *buscava forçar até alguns gestos ou determinadas ações*, usar determinadas roupas e mesmo forçar a voz para ser mais masculino. Sua voz, por exemplo, era algo que o incomodava muito. Questionava-se: *como que as pessoas vão me reconhecer como homem com uma voz dessa, né?* E tentava forçá-la a ser mais grave. Indica, também, que dentro do seu relacionamento amoroso sempre procurou *ter uma posição mais dominante*, pois *gostaria de ser reconhecido e esse papel normalmente ele é exercido por homem*. A princípio, Oxóssi não percebia que fazia essas ações na tentativa de ser reconhecido como homem, mas atualmente percebe que fazia *pequenas ações para me sentir esse homem que a sociedade espera que eu seja*.

Oxóssi vê a transmasculinidade como diferente da masculinidade cis e diz que tentar se enquadrar como homem cis é produtor de sofrimento. Para se sentir confortável, buscou entender que *nunca seria um homem cis, mas sim eu sou um homem trans e que, sim, algumas coisas seriam diferentes*. Entende que ser homem trans *te traz uma bagagem, te traz outras experiências e você muda a perspectiva com relação a algumas coisas, principalmente com relação a nossa masculinidade*.

As mudanças proporcionadas pela hormonização deixaram Oxóssi *muito mais confortável... nesse sentido de ter um corpo mais próximo daquilo que eu gostaria de ter*. Mas, afirma que a hormonização não mudou o seu íntimo, pois quem ele é *vem de lá de cedinho*. A questão de exercer um papel de homem *era muito mais forte antes de começar a transição*. Depois que Oxóssi começou a *transição*, percebeu que *não quero ser tratado como um cara cis... não quero ser esse tipo de homem que as pessoas sentem medo ou que tem que se impor de maneira mal-educada, enfim, enérgica demais*. Incomoda-o a comparação entre a masculinidade cis e a masculinidade trans.

Sobre seu corpo, Oxóssi afirma que está mais confortável do que antes, mas ainda tem *algumas disforias*. Ainda não fez a mastectomia e sofre com isso. Por ter os seios, evita fazer algumas coisas, evita certos tipos de roupa e se priva. Não se sente confortável e *essa questão do corpo... ainda é bem... complicada de lidar... e acho que o que mais escancara isso é justamente quando eu me privo de coisas... com medo do que as pessoas vão falar*. Tem

medo que a violência não seja apenas verbal, mas se materialize ou também seja uma violência psicológica. Ele não tem *disforia* em relação à genitália, *mas no peito e isso é um desconforto assim desde sempre*. Quando se refere à *disforia*, fala da *angústia, de sentir esse desconforto psicológico*, mas também uma sensação física, pois o binder comprime o seu peito durante todo o dia, *cê sente isso no teu corpo, né? É algo físico também*. Oxóssi afirma que o acompanhamento terapêutico o ajuda em relação à angústia e sofrimento com o seu corpo.

4.2.2 Exu

4.2.2.1 Temas principais

- ✓ Sempre foi um menino.
- ✓ Na infância, sentia-se um *menino pleno*.
- ✓ *Momento do espelho* na adolescência e a angústia de não se identificar com o corpo que ocupa.
- ✓ As mudanças corporais fizeram com que ele procurasse se esconder de *todo mundo* e também não gostava de ver seu corpo se *formando, era horrível olhar no espelho*.
- ✓ No início da vida sexual, confirmou que gosta de mulheres, mas não se sentia lésbica, pois *era um menino*.
- ✓ Hoje consegue se olhar no espelho, *vestido pelo menos... eu tenho que tá pelo menos de regata... pra eu me sentir menos pior*.
- ✓ O *momento trans* chegou aos 25 anos, foi quando *chegou a crise pessoal minha, do espelho... e eu... fui me fechando no casulo de volta* e logo, com ajuda da esposa, descobriu o termo *transsexual* e se identificou.
- ✓ Fala sobre como a *transição* é parecida com a adolescência, onde redescobre o corpo.
- ✓ Ser um pai trans lhe dá medo de *que um dia o meu filho não sinta orgulho de mim*.
- ✓ Sendo trans, a sua religiosidade foi *uma barreira muito grande*.
- ✓ O preconceito que sente é por ser tratado como *um gay recuperado*.

4.2.2.2 Descrição individual

Exu foi um *menino pleno*, teve uma infância *extremamente feliz*, quando podia jogar bola, brincar na rua ou de *esconde-esconde no mato*. Sempre gostou de usar boné, camiseta, bermuda e da coleção de carrinhos. Quando a adolescência chegou, os adultos afirmavam que ele não podia fazer certas coisas por não ser *homem*. A transformação do seu corpo na adolescência, com a formação dos seios, foi *horrrível* para Exu, *você não se identifica mais com o corpo que você ocupa*. Não gostava de ver seu corpo se formando e escondia isso de *todo mundo*. Lembra que olhava os amigos e o irmão *mudando da maneira correta pro masculino, a barba saindo, os pelos saindo* e queria *que meu corpo fizesse igual o dele fazia, entendeu? E o meu corpo não fazia... então... era horrrível olhar no espelho*. Sentia vergonha de não ser a filha que a sua mãe sonhava, mas *chega um momento que você olha no espelho e não dá mais... chega um momento... que você quer viver a Tua vida*.

Exu viveu o início da sua sexualidade com 13 anos de idade, quando se viu *apaixonado* por uma mulher mais velha que afirmava para ele *eu olho pra você... e::: me sinto atraída por você porque eu vejo um menino e um menino lindo*. Com 14 anos, teve sua primeira relação sexual com uma mulher, mas também decidiu se envolver com um homem para confirmar que não gosta de homens. Sua experiência sexual com um homem *parecia até uma violência sexual... de tão desagradável que é*. Nesse momento da sua adolescência, descobriu que *realmente gosto de mulher*, mas ainda não sabia da existência do termo trans. Então, naquela época era apontado pelos outros como lésbica, *mas eu não me via nem como sapatão nem como lésbica, eu era um menino, eu me achava e me sentia e dominava a minha mente a situação de eu ser um menino*.

Para Exu, o *momento trans* chegou com cerca de 25 anos de idade, quando *chegou a crise pessoal minha, do espelho*. Já casado com sua atual esposa, seu desejo sexual diminuiu e Exu foi se *fechando no casulo de volta*. Após terem uma relação sexual, Exu começou a *chorar compulsivamente... mas compulsivamente mesmo, sem conseguir parar*. Questionado pela esposa se não tinha mais desejo por ela, contou *toda a história pra ela, que eu me sentia um menino, e quando eu olhava no espelho eu não via o que eu queria*, explicou para a esposa que *não que eu não tenha desejo por você... éh::: quando eu lembro do sexo, eu/me lembro de tudo, entendeu? Do meu corpo*. Assim, sua esposa foi atrás de ajuda e foi quem trouxe o termo *transsexual*. Quando sua esposa lhe enviou um texto de um menino trans para que ele lesse, Exu se identificou:

sou EU... toda história que esse menino tá contando... sou EU, tudo que ele pA-ssa... sou EU.... Cara, eu sou Isso, eu não sou uma menina que gosta de menina, eu sou um menino trANs, eu sou Isso, como que eu faço pra resolver essa questão?

Foi então que conseguiu uma consulta com uma psicóloga:

na minha primeira consulta eu disse isso, “eu quero que as pessoas que convivem comigo vejam o.... Exu, respeitem o Exu”... ela falou: “Exu, faz quase uma hora que eu estou conversando com o Exu”.... E/e essa frase ficou marcada na minha vida.... uma pessoa que não me conhecia, uma pessoa que não sabia nada da minha vida.... uma pessoa que eu fui ali tentar contar um pouquinho da minha história.... e eu querendo que as pessoas vissem o Exu... e ela falou: “O Exu existe!... Ele só tem que ser colocado pra fora”.

Sobre a atual relação com o seu corpo, Exu diz que *hoje é bem melhor*, mas ainda não fez a mastectomia e isso é o que mais o incomoda, *hoje eu consigo me olhar no espelho... vestido pelo menos... eu não fico nem na minha casa sem camisa... eu tenho que tá pelo menos de regata... pra eu me sentir menos pior*. Gostaria de ter o dinheiro para pagar sua cirurgia, mas ainda não teve condições. Para Exu, é importante perceber as mudanças no corpo com a *transição* e focar no que gosta em seu corpo:

Tipo, vai ter aquela manhã que você vai acordar... parecendo um menino de... quinze anos de idade falando fino e no meio da tarde falando grosso... perceba a transição como uma adolescência... nossa, minha adolescência chegou... o pelo da perna... o primeiro pelo da barriga, o primeiro fio de barba... eu vou pegar uma vassoura pra passar na casa, eu quebro a vassoura, você tá descobrindo a força de novo... vai se descobrindo, viva a transição como uma adolescência... e se perceba e comece a gostar do que você tá vendo.... você tem que gostar... você tem que se gostar, é a única coisa que resta.

Para ele,

a masculinidade tá em você se assumir, você olhar e você dizer: “eu sou um Homem”... Eu quero comprar um tênis masculino, quero usar uma calça masculina,

quero usar uma camisa bonita, eu quero fazer a minha transição, eu quero:... tomar meus hormônios, eu quero fazer minha barba, eu quero me sentir bonito na rua... Então, eu acho que tá muito mais em sEr, em como você se sEnte, em como você se vê, pra daí o mundo te responder.... na minha cabeça foi Isso.

A sua *transição* é considerada *perfeita* pelas pessoas ao seu redor, sente *orgulho do cara que tá ali*, nos seus documentos retificados. Exu considera que não sofre preconceito por ser trans, mas por ser muitas vezes considerado um *gay recuperado... Porque um homem hétero acha que pra ser homem você tem que ser cavalo*. Em relação ao preconceito social, hoje procura fazer a *diferença no/no meio religioso*.

Ele e a esposa estão, no momento da entrevista, no meio de um processo de adoção para terem um filho. Para Exu, ser pai *é um sonho... é um sonho que eu não vejo a hora de ser realizado*. Mas, também tem medo: *espero que um dia ele não tenha vergonha de ter um pai trans... eu acho que esse é o meu maior medo... que um dia o meu filho não sinta orgulho de mim*.

4.2.3 Ogum

4.2.3.1 Temas principais

- ✓ Ser trans tem dois lados: um bom, de se aceitar como é, e outro ruim, de passar por situações de preconceitos.
- ✓ Enquanto era da igreja evangélica, negava sua situação e procurava agradar sua mãe.
- ✓ Ser lésbica *era muito estranho*.
- ✓ Sempre se sentiu diferente desde criança.
- ✓ Na infância, se sentia excluído, pois não podia ficar no grupo dos meninos e não se encaixava no *lado feminino*.
- ✓ Brincava e se vestia como menino, além de se chamar de Carlos Alexandre na infância.
- ✓ Sensação de liberdade por se descobrir no momento em que se identificou com o vídeo de outro homem trans.
- ✓ A mastectomia *é uma liberdade muito grande*.

- ✓ Tinha *crises*, principalmente pela presença dos seios. Mas, também se incomoda com seu genital e se pudesse faria a cirurgia de *mudança de sexo*²⁴ *ali... pra tipo finalizar*.
- ✓ O incomoda ter que se preparar para a relação sexual, tendo que deixar sua esposa e ir até o banheiro colocar a prótese peniana.
- ✓ Pensava que os outros estavam vendo os seus seios, mesmo que ele os tivesse escondendo com a faixa.
- ✓ Preocupava-se que o seu filho fosse ver que o corpo dele era igual ao da mãe.
- ✓ *Foi muito gostoso* observar as mudanças corporais, como o crescimento dos pelos do corpo e barba e a mudança da voz.
- ✓ A retificação do seu nome nos documentos é *uma liberdade*.
- ✓ Ser pai é *muito gostoso* e ele pretende contar sobre ser trans ao filho quando ele estiver *maiorzinho*.
- ✓ Era muito machista no início da transição. Hoje, pensa *ainda bem que eu sou trans* e possui *essa sensibilidade* de ser flexível e gentil.
- ✓ Sente-se muito feliz com sua transição.

4.2.3.2 Descrição individual

Desde criança, Ogum sempre se sentiu diferente. Não se *encaixava no lado feminino* e tinha *uma sensação muito estranha*, sentia-se excluído entre as crianças, pois não podia ficar junto dos meninos e não *se achava* entre as meninas. Brincava com seu primo, usava as roupas do seu irmão em casa e, nas brincadeiras, *sempre era um menino* e seu nome era *Carlos Alexandre*.

Até os seus 18 anos, Ogum fazia parte da igreja evangélica e procurava agradar sua mãe, negando que se sentia diferente. Com essa idade, começou a namorar uma menina que conheceu na internet, mas se sentia muito estranho quando ela o chamava de lésbica, *não me encaixava, eu me via como um menino normal, gostando de uma menina ali*. Ao assumir sua sexualidade, foi expulso de casa por sua mãe e teve medo de como ela iria contar para sua família. Quando contou para o restante da família sobre sua sexualidade, ficou revoltado por

²⁴ Embora “mudança de sexo” seja o termo utilizado pelo participante da pesquisa aqui, compreende-se que o adequado seja utilizar “cirurgia de transgenitalização”.

todos saberem que algo era diferente nele *e ninguém me falou nada*. Achava estranho e não se via *naquela situação* como lésbica.

A primeira vez que ouviu falar sobre *transexualidade* foi com a presença de uma mulher trans no programa Big Brother Brasil, mas ainda em uma época em que negava ser diferente. Após começar a namorar, iniciou algumas buscas na internet sobre *mudança de sexo* e achou dois vídeos de homens trans, um dos Estados Unidos e outro do Brasil. Quando viu os vídeos que apresentavam as mudanças corporais dessas pessoas trans, pensou *cara, é isso*. Teve uma sensação de liberdade quando descobriu essa identificação, foi quando *tudo clareou* na sua vida e decidiu *não, é isso que eu quero pra minha vida, é isso que eu preciso*. Conseguiu entrar em contato com o homem trans brasileiro e foi indicado para uma psicóloga, iniciou a terapia e *vi que realmente eu era trans*. Depois disso, começou a se *impor* para ser tratado no modo masculino.

O que mais o incomodava em relação ao seu corpo eram os seios, que eram *bem grandes*. Ele tentava esconder, mas *era muito difícil* e pensava que as pessoas iriam notar, mesmo que estivesse usando o colete os pressionando. O incomodava muito a presença dos seios e o preocupava muito também que o seu filho fosse ver o seu corpo e o igualar com o corpo da mãe. Tinha *crises* em alguns dias, quando se olhava no espelho e questionava *por que que eu não nasci logo homem?*, chorava e dizia para sua esposa *olha isso, né? Por que eu tenho esse corpo, não é o que eu queria*.

Ogum tem algumas *crises* ainda em relação ao genital. Se tivesse condições, faria a *mudança de sexo... pra tipo finalizar, entendeu?... realmente ser um homem por inteiro*. Mas esse incômodo é *menos* do que tinha com os seios. Acha muito chato estar no meio de uma relação sexual com sua esposa e ter de ir ao banheiro colocar a prótese peniana, isso o incomoda muito. Incomodava pensar que sua esposa poderia deixá-lo por ser trans.

A mastectomia, realizada 30 dias antes do momento da entrevista, fez com que ele se sintasse melhor com seu corpo, *é uma liberdade muito... grande*. Outras mudanças corporais foram *muito legal... muito gostoso*, como o surgimento dos pelos do corpo, barba e a mudança em sua voz. Ogum hoje se olha no espelho e *eu fico me namorando mUItO assim, eu olho assim, vejo assim as coxas cabeluda, o braço, a barriga, daí eu falo “nossa, mas eu vou ficar muito bonito ainda”*, *é/é uma coisa muito massa que eu sinto sabe?*. Está *bem feliz* com a sua transição e *é muito massa* ver sua aparência mudar como a *de um molequinho de 14 anos né? Cê vê um homem assim se formando*. Atualmente, com cerca de quatro anos de hormonização, sente que não tem mais tantas mudanças corporais.

No início do ano, conseguiu retificar seu nome e *foi... uma liberdade assim de poder apresentar o RG novo, sabe? Não ter aquele olhar estranho das pessoas*. Além disso, pôde registrar a paternidade do seu filho após a retificação. Teve problemas com a justiça no pedido de retificação e antes do registro da criança, *eu já sofri muito na justiça*.

Ser pai *é muito gostoso* e pretende conversar com seu filho sobre ser trans *quando ele tiver maiorzinho, assim, já entendendo mais das coisas... até porque não vai ter como eu ficar me escondendo dele a minha vida toda né? Ai a vida dele? Eu vou contar pra ele, vamos conversar certinho*. Não sente que teve problemas em assumir a paternidade, pois não fica se expondo muito, por receio de que aconteça algo com ele ou com o filho. Mas, durante o processo judicial de retificação, *teve muito medo de... a gente perder o nenê*.

Ser trans tem dois lados para Ogum. O lado bom é que finalmente se aceitou como é e não tenta mais viver um padrão ou agradar alguém, *eu penso/em eu ser feliz*. O lado ruim é a *luta diária* de ter que impor quem é e se justificar para que as pessoas entendam, enfrentar situações de constrangimento e muito preconceito, *por mais que a gente tenta se camuflar ali, no meio... se/se alguém descobre, tipo, já vem umas pergunta muito idiota, né?*

No início da sua transição, Ogum se considerava *muito machista*. Hoje, *procuro ser mais sutil com as pessoas*. Quando chega a alguns lugares e ouve certos assuntos entre homem cis, *pensa cara, ainda bEm que eu sou trans*. Considera que, talvez, se tivesse nascido *biologicamente um homem* poderia não ter a sensibilidade que tem. Procura ser flexível, gentil e sensível atualmente, diferente do momento inicial da transição, onde se impunha como homem de modo que acabava sendo *vacilão*.

4.2.4 Oxalá

4.2.4.1 Temas principais

- ✓ Ser trans é uma questão de *muito sofrimento*.
- ✓ A parte mais difícil do processo são as pessoas.
- ✓ A pior coisa era a relação com seus pais que não o apoiavam.
- ✓ O sofrimento em relação à *inadequação do corpo*.
- ✓ A *crise* em relação ao corpo: a questão com o genital *sempre parece um fantasma*.
- ✓ A masculinidade *eu expresso sendo eu mesmo*, enquadrado em um padrão binário, mas também com *essa coisa mais sensível*.

- ✓ Sempre se viu como um menino.
- ✓ A hormonização o faz se sentir bem consigo mesmo, mas não o deixa chorar.
- ✓ Sofria *bullying*²⁵ verbal e físico.
- ✓ Constrangimentos por não conseguir o direito ao nome social e ao banheiro adequado.
- ✓ A passabilidade como *um divisor de águas*.
- ✓ Sente-se feliz por ter a imagem que sempre quis, embora não seja alto e forte.
- ✓ Ser um homem trans escritor e se posicionar politicamente.
- ✓ Sempre foi uma criança trans, mesmo que não soubesse dizer que era trans.
- ✓ Sabia o que era por dentro, mas as pessoas não o enxergavam. Não transparecia no corpo, *nem no espelho, nem pros outros*.
- ✓ O incômodo nos relacionamentos: ser negado ou fetichizado.

3.2.4.2 Descrição individual

Apesar de não conhecer a palavra trans na sua infância, *Oxalá sempre foi uma criança trans* e sempre falou que era menino, sempre se viu como um. Era uma criança que em um *papel masculino realmente exacerbado*, gostava de carrinhos, dinossauro e futebol. Para ele era *muito difícil* entender a complexidade da divisão entre meninos e meninas. Na escola, *ficava ali no meio termo*, querendo ir para a fila dos meninos, mas sendo obrigado a ir para a fila das meninas *ou ficava no meio emburrado*. Ser uma criança trans *foi muito... conturbado*.

Como sua mãe o *enfeitou muito*, com roupa rosa, brincos, vestidos, *Oxalá* comentou que *teve muita cena de crise infantil, tipo rasgando o vestido, coisa assim*. Passou *muito constrangimento de ficar berrando que eu era menino... de ficar tipo, tendo luta, sabe? Do corpo... teve até uma vez que eu cortei meus cabelos*. Disse que esperneava para conseguir jogar bola e sair do balé, que odiava. Mas, como era diferente dos outros meninos, *nunca era exatamente o menino que eu achava que eu/que eu era por dentro*. Para ele, *sempre foi muito difícil... de lidar... com essa não conformidade do que eu sentia... do que eu realmente aparentava, né? Do corpo... Tipo, eu/eu sabia o que eu era por dentro, mas parecia que as pessoas nunca me enxergavam*.

²⁵ Aqui o entrevistado relata as agressões que sofreu como *bullying*. Entretanto, é importante salientar que essa violência é, na realidade, o retrato da transfobia estrutural que opera no cotidiano da pessoa trans.

Com 12 anos, Oxalá descobriu a palavra *transexualidade* na internet, pesquisando coisas como *não me sinto no próprio corpo*. Em uma pesquisa de vídeos, encontrou o documentário “Meu eu secreto” e se identificou: *Meu deus:::, sou eu... é isso... pra mim já ficou muito claro assim*. Entretanto, Oxalá sofreu muito por não ser aceito pelos pais e sofrer *bullying* na escola. Quando falava para seus pais que era menino, *sempre achavam que era loucura da minha cabeça* e, por isso, foi levado a fazer *terapia compulsória*. Por não receber ajuda dos seus pais para a transição, Oxalá teve de começar todo o processo sozinho, comprando hormônios pela internet, fazendo aplicações sozinho, *então todo esse processo, tipo, foi bem complicado*. Após o início da hormonização e o divórcio dos pais, Oxalá foi visitar sua mãe e *ela ficou horrorizada* com as transformações corporais pelas quais ele estava passando com a aplicação dos hormônios. Como Oxalá morava com seu pai na época, sua mãe acionou o conselho tutelar, *porque eu era um filho rebelde, por eu ser trans*. A conselheira falou *um monte de barbaridade, como eu nunca ia ser homem porque eu não tenho pênis*. Seus pais só foram começar a tratá-lo no masculino após a realização de sua mastectomia.

Oxalá contou que no colégio *foi bem estranho*. Os seus amigos o entenderam quando contou ser trans e, depois de um tempo, começaram a tratá-lo no masculino. Entretanto, *com o restante da escola era meio complicado... sempre teve bullying, não somente verbal como físico*. No primeiro ano do ensino médio, foi impedido de usar nome social e o banheiro, mesmo levando documentos que comprovassem que ele tinha esse direito. Por não conseguir usar o banheiro *morria:: de vontade de fazer xixi*, e quando não aguentava e usava o banheiro feminino *as meninas ficavam, tipo, horrorizadas*. Neste ano começou a hormonização e, no ano seguinte, conseguiu se mudar para um colégio onde teve seu nome social aceito e seu direito ao uso do banheiro masculino, sendo que *no começo das aulas ali já tava bem... passava... pra um adolescente, né? Não tinha barba, não tinha nada, pra um adolescente eu tava bem*. Disse que ainda tinha *muito conflito* com seu corpo nessa época, por não ter feito a mastectomia, mas conseguiu estudar melhor do que nos outros anos. Comentou que na época de ENEM e vestibulares passou por diversos constrangimentos e *sempre voltava transtornado pra fazer a prova*, depois de ter que explicar que era trans.

No ano *oficial de vestibular*, no terceiro ano do ensino médio, deixou de fazer a prova, *porque eu não aguentava mais passar por isso*. Ao sair do ensino médio, ficou um ano trabalhando em shopping e foi nesse período que conseguiu realizar a sua mastectomia e a retificação dos seus documentos, *então, foi mais tranquilo assim pra trabalhar*. Sobre o processo de retificação dos seus documentos, Oxalá falou que entrou com o pedido na justiça

quando ainda era menor de idade. Nas entrevistas para o processo, comentou que os profissionais *faziam perguntas absurdas... uma coisa bem, bem bizarra.*

Em relação ao seu corpo, Oxalá disse que tinha um sofrimento *desse corpo que não se identifica... em relação a essa ina/inadequação do corpo.* Usava como espelho o corpo dos outros homens e tentando *chegar a esse patamar mais masculino.* Antes, não conseguia tomar banho direito, pois *nem olhava.* Usava binder, *silvertape*, entre outras coisas para esconder os seios e a *falta* do pênis. Para ele *a cirurgia sempre foi uma coisa muito grande,* conseguiu realizar a mastectomia, entretanto ainda não fez a histerectomia nem a faloplastia. Ainda que esteja lidando melhor com seu corpo, se frustra, *tipo, parece que eu tô realizado com a mastectomia, mas sempre falta o principal que eu, que pra mim seria a faloplastia.* A faloplastia é para ele uma *preocupação,* mas *parece uma coisa muito inatingível.*

Ainda que *mais bem resolvido hoje em dia,* a parte que mais *pega e pesa* para ele é o genital. Oxalá comentou que tem *crise em relação ao corpo,* às vezes. Nessa crise, fica *mal... bem depressivo assim... pensando no/na falta do corpo.* Além disso, comenta ter *minicrises durante o ato sexual... parece que você... ou durante ou no final, você lembra da cirurgia, assim, por alguma razão, sempre parece um fantasma.* Mencionou que tinha épocas em sua vida que precisava estar *inebriado de alguma forma* para se relacionar sexualmente. Para ele, *parece que nunca tá completo, tipo, o sexo nunca tá completo... eu sempre pareço que nu/nunca tô realmente satisfeito... sempre tá... uma coisa estranha.*

Além da questão com seu genital, Oxalá também fica *brabo* com sua altura e às vezes fica *mal* por estar *barrigudinho.* Outra coisa que o incomoda é o fato de que, após o início da hormonização, não ter mais conseguido chorar, mesmo que ainda tenha sensibilidade. Associa esse fato ao hormônio e diz que *ao mesmo tempo que o hormônio, que me dá o que eu precisava... que era me sentir bem comigo mesmo, ao mesmo tempo... não me deixa chorar.* Assim, tem que encontrar outros meios para expressar seus sentimentos, como escrever ou caminhar. Acha isso *muito estranho.*

Sobre como expressa sua masculinidade, Oxalá disse que nunca tinha pensado sobre isso e que acha que *eu expresso sendo eu mesmo.* Mas, percebe que se enquadra *junto a essa coisa binária... no papel hegemônico, por assim dizer, tipo ah, tenho a voz grossa, tenho barba, tipo, eu sou hétero.* Ainda que esteja dentro desse padrão binário, *também tenho essa coisa mais sensível... que todo mundo diz que é coisa mais feminina.* Disse que ante se baseava no modelo de homem cis, tanto em relação ao corpo que queria ter quanto o jeito que queria ser, mas *hoje em dia eu sei que eu sou eu ((risos)) que não tem muito o que fazer, assim.* Disse que é *difícil traduzir* como é sua masculinidade, *porque::: sempre vi que eu*

sempre tive uma masculinidade. Acha que não está no padrão de masculinidade tóxica e que sua masculinidade hoje em dia está bem construída,

essa masculinidade ela foi se criando... hoje em dia, tipo ah, nem assisto mais tanto futebol e, tipo, foram/foram coisas sendo construídas... toda essa característica assim de realmente... né? Musculosos e tudo mais, acho que não sei, acho que eu sou um cara ((risos))... não sei... que às vezes fica em uma masculinidade mais tranquila, não sei.... não sou grosseiro.

A expressão de sua masculinidade também tem relação com estar se posicionando politicamente como um homem trans e como escritor. Disse que se incomoda muito de não ter representatividade na literatura e acha que *minha expressão de masculinidade no momento tá se concentrando nisso*. Comentou que sempre teve vergonha de se dizer escritor e *daí agora que teve o concurso e teve a publicação, eu me sinto um pouquinho melhor pra falar que eu escrevo... acho que agora eu tô me sentindo mais à vontade pra me posicionar politicamente, sabe?... Quanto a isso.*

Entende que a passabilidade é um privilégio e que foi *um divisor de águas* na sua vida, *porque antes eu sofria muito bullying, sofria, tipo, cara, tipo, um monte de constrangimento.... foi só ter voz grossa, ter barba, tipo.... tudo parece que melhorou*. Percebe que existe uma distinção de tratamento entre quem é passável e quem não é e que as pessoas o *tratam super bem, assim, tipo...* “*Ai, ele é trans, mas ele, tipo ah:: né? tipo é um homem perfeito*”, *né? nos dizeres das pessoas, mesmo que as vezes as pessoas façam perguntas curiosas.*

Sobre relacionamentos, Oxalá também contou que na quinta série tentou *beijar dois meninos pra ver se eu me transformava em/em cishetero*, mas sempre gostou de meninas. Sua primeira namorada foi uma mulher trans e ele *sempre achava que s/somente mulheres trans iriam gostar de mim, porque eu achava que sempre uma pessoa trans ia gostar de mim*. Sentia *muita recusa por parte das meninas cis* e para ele foi um processo entender que *não importa se a pessoa é trans ou é cis, o importante.. é a pessoa*. Também ficava preocupado se *a pessoa realmente tava me vendo enquanto homem* e, além da negação, passava por situações em que era fetichizado, o que achava

uma bosta, ficava muito bravo, falava “cara, ou você me vê como uma pessoa, né? você tem desejo pela pessoa ou você tem desejo pela questão de eu ser trans e ter um genital diferente” né? tipo... então sempre me incomodou muito.

4.2.5 Xangô

4.2.5.1 Temas principais

- ✓ Desde que começou a transição, aprendeu mais sobre sua feminilidade e hoje a ama.
- ✓ Por morar na periferia, lutava para se enquadrar em um padrão/pose de *machão* que não conseguia manter.
- ✓ Ser homem trans é ser quem quiser ser, é *respirar pra fora*.
- ✓ Ser homem trans feminino é se olhar como quiser e como sempre se viu, sem precisar passar por um *luto* de quem era.
- ✓ Expressa sua feminilidade com o corpo, em uma gestualidade mais *molinho*, a voz fina e a *atração por outros caras*.
- ✓ A expressão de sua masculinidade se dá quando não quer mostrar nada de si, quando está mais *fechado*.
- ✓ Nunca quis ter a visão que tinha do seu corpo no espelho.
- ✓ Sempre andou na rua se sentindo como um homem.
- ✓ Tentou se encaixar na sociedade como mulher lésbica, mas não se sentia confortável.
- ✓ Antes de saber da possibilidade da transexualidade e de uma transição, comentava com amigos sobre *querer mudar de sexo*.
- ✓ Quando questionado pela primeira vez se se identificava como homem trans, chorou, pois estava esperando um *aval* de alguém para conversar sobre isso.
- ✓ Tinha um medo *muito grande* em relação à transição, principalmente sobre como os outros iriam tratá-lo e o que pensariam.
- ✓ Experiências negativas com profissionais de saúde o fizeram recuar da transição algumas vezes.
- ✓ Hoje, sente-se muito melhor do que antes da transição.
- ✓ Antes de entender que é trans, achava que seu incômodo com o corpo era por ser *gordinho*.
- ✓ Sempre se sentiu desconfortável com os seus seios e sempre procurou escondê-los. Não se preocupa com o restante do seu corpo.
- ✓ A adolescência foi *bem pesada* com relação ao seu corpo.

- ✓ A transição permitiu a ele explorar mais o seu corpo, desde força, dor, resistência até sexualidade.
- ✓ Aprendeu a aceitar que sente prazer na sensibilidade que tem seu mamilo, mesmo que este se localize em uma parte do seu corpo que não gosta.
- ✓ Foi bem pesado estar em relações em que mulheres cis não o tocavam.
- ✓ O incomoda a padronização das orientações e identidades.
- ✓ Sobre sua orientação sexual: *eu gosto de pessoas, eu gosto de como as pessoas me fazem sentir.*
- ✓ É um incômodo grande que as pessoas queiram falar por ele que ele é um homem trans para outras pessoas.
- ✓ Sente-se um lixo por errar o pronome com pessoas trans que estão no início da transição.
- ✓ Achava que devia estar passável e, mesmo já estando, preocupava-se com isso. Não queria que as pessoas soubessem que é homem trans.
- ✓ Tem muito medo de ser preso.
- ✓ Acredita que perde muitos clientes por ser negro e trans.
- ✓ Depois da transição, teve mais problemas com a polícia.

4.2.5.2 Descrição individual

Xangô nunca quis ter a *visão que eu tinha no espelho*, em relação ao seu corpo. Disse que não tem um padrão que o fez achar que era homem, sempre se sentiu e andou na rua como um. *Eu só sempre me senti assim, desse jeitinho aqui.* Achava estranho o modo como as pessoas o tratavam, *não me cabia.*

Por um período, tentou se enquadrar no que a sociedade impõe, sendo uma mulher lésbica. Depois, entrou pra igreja e *daí depois que eu saí da igreja eu já não estava me sentindo mais confortável com nAda mEsmo, tá ligado? Nem com a minha sexualidade, tipo, como m/mulher lésbica e nem como tipo, u/uma mulher no mundo.*

Foi só depois de entrar na faculdade que soube da existência da *transexualidade*. Mesmo antes de saber dessa possibilidade, falava para os seus amigos sobre querer *mudar de sexo*. Entretanto, achavam que ele queria *chamar atenção* e ele acabava por não falar mais sobre isso. Foi quando sua namorada o questionou se era homem trans que pôde falar sobre essa possibilidade. Disse que, quando questionado, chorou *um mOnte* e entendeu que estava chorando *porque eu tava esperando que alguém, sabe? Tipo me desse um aval.*

Nessa época, Xangô sentia *um medo muito grande do que eu tava fazendo*. Sua namorada encontrou uma psicóloga e a terapia foi *esclarecendo... de uma forma muito mais leve* a questão. Os seus maiores medos se relacionavam com o que os pais iriam pensar ou como iria explicar pros amigos e como poderia fazer com que eles o tratassem como ele queria ser tratado.

Entretanto, Xangô contou que teve experiências negativas com profissionais de saúde e isso fez com que ele se afastasse da terapia e procurasse outras pessoas trans que pudessem o ajudar. Nisso, encontrou um amigo que o indicou ao (Centro de referência em atendimento a pessoas trans). Xangô descreve sua experiência no ambulatório como *horrível, eu cheguei lá e::/e me obrigaram a ter um nome*. Ele não se sentia preparado para ter um nome e, por isso, pensou que estava *fazendo tudo errado* e passou mais um período distante da possibilidade de transicionar. Em um segundo retorno ao ambulatório, *também foi horrível de novo*, pois não sabia responder as perguntas que a psicóloga o fazia, *eu não sabia nada da transição, não sabia de nada... e daí eu desisti de novo... eu tava morrendo de vergonha de ir lá, porque eu não sabia o que falar sobre isso*. Depois, conheceu a história de um menino trans que tomava hormônios sem passar por psicólogos. Isso o fez retornar mais uma vez ao Centro de referência em atendimento a pessoas trans, dessa vez já pedindo consulta com o médico para começar a hormonização. Assim, Xangô conseguiu a receita e iniciou as aplicações de hormônio (dois anos antes da entrevista).

Para Xangô, ser homem trans e ter feito a transição é *poder eu ser quem eu quero ser... É respirar de novo... respirar pra fora, tá ligado? Não ficar segurando mais*. Sua transição propiciou a ele aprender mais sobre sua feminilidade. Antes de transicionar, tinha um grande medo de sua feminilidade e foi se *fechando pra várias coisas... pra mim, pro meu corpo, pro meu cabelo, éh:: pras coisas que eu queria viver, pras coisas que eu queria fazer, até mesmo, tipo:... brincadeiras de menina*. Começou a *amar tudo isso* depois da transição. Porém, ao mesmo tempo era também uma *briga, uma luta muito grande*, pois vive em periferia e temia não conseguir ser o *machão*, como a maior parte dos homens onde vive são. Preocupava-se em fazer *pose* quando tinha que atender esses homens em seu estúdio de tatuagem. A terapia o ajudou a entender que podia aceitar sua feminilidade e esse *foi um momento muito libertador... aceitei chorar... se eu quero falar de um jeito mais afeminado eu falo mesmo... porque eu não quero mais me preocupar com isso... porque eu/eu tenho que ser eu*.

Tem um amigo que também é trans e que *sempre foi o meu padrão de/de homem*. Quando os dois tentavam se *acostumar* com a transição um do outro, Xangô começou a *não*

me ver... naquilo que eu queria, eu tinha medo de/de não conseguir ser que nem ele. Depois, ficou surpreso de saber que ele mesmo era um padrão de homem para o seu amigo.

Hoje, adora sua feminilidade e isso

faz sentir que eu não precisei passar... por um luto de quem eu era, me faz sentir que eu/eu só... eu sou quem eu sou... eu só agora consigo me olhar no espelho e me ver do jeito que eu sempre me vi... foi isso que... desse rolê de ser um homem trans feminino trouxe pra mim... eu me olho como eu quero, eu sempre me vi assim, eu sempre me olhei no espelho e me vi assim, feminino... mesmo odiando isso... só agora eu amo isso.

A expressão da sua feminilidade está em seu *jeito de ser*, de não se importar com o *gesticular*, com a voz mais fina, do jeito que conversa com as pessoas, *inclusive atração por outros caras e esse jeito... mais molinho assim*. Já a expressão da sua masculinidade *é uma coisa de mais querer... tem um dos momentos que eu tô mais:::, sabe? Fechado, mais brabo... eu sinto que eu não quero mostrar nada de mim... desde corporal... eu me fecho total assim*.

Em relação ao seu corpo, Xangô disse que *sempre tive uma coisa de/de esconder o peito*. Quando era adolescente, achava que isso era por ser *gordinho*. Mas, mesmo emagrecendo, *não funcionou... não me deixou feliz ainda*. Ele usava roupas largas e afirmou que *sempre me senti desconfortável com o meu peito*. Por um tempo, tentou aceitar a presença dos seios e queria acreditar que gostava deles, *mas eu não gostava*. A adolescência, em relação ao seu corpo, *foi bem pesada*. Disse que fingia estar tudo bem, mas *tava ruim*. Hoje, *eu queria muito assim ó, que fosse diferente*, mas tenta aceitar que, no momento, não tem condições para realizar a cirurgia e precisa esperar. Disse que com o restante do seu corpo *não me preocupa*. Já se perguntou sobre a faloplastia, mas acha que essa *é uma cirurgia muito/muito pesada... deixa marcas muito fortes*. O que mais o incomoda são os seios.

Xangô comentou que depois da sua transição começou a explorar mais o corpo, tanto em relação à força, resistência, dores e *também o lado sexual mesmo, a começar a respeitar os meus gostos pra cada coisa*, como questionar se deveria aceitar a penetração e entender que se *eu não gosto, tá tudo bem*. A transição também fez com que ele aceitasse que pode ter *outros lugares, outros prazeres*, como a sensibilidade nos mamilos que *é uma parada que eu aprendi a::/a aceitar no meu corpo, e a aceitar no meu seio, que é uma parada que eu não/não gosto* e que tem medo de perder ao fazer a mastectomia. Sobre seu corpo, disse que *eu gosto de como eu tenho visto ele... hoje em dia assim*.

Sobre relacionamentos com mulheres cishétero, Xangô contou que *isso foi uma das paradas, assim ó, que mai:s me apertaram, mais me machucaram*. Disse que já teve problemas com relacionamentos com algumas mulheres que não *aceitaram essa coisa da diferenciação dos corpos* e demonstraram medo de tocá-lo ou por *achar que não sabe como fazer, e:: nossa, foi muito pesado... foi bem pesado pra mim*.

Sobre sua sexualidade, disse que *sempre foi muito tranquilo* e que já estava namorando a pessoa com quem está atualmente no início da transição. Disse que é ainda *estranho* para ele, incômodo o modo como o sexo *tem que ser algo assim, tão redondo* e porque existe essa necessidade de *padronizar* tudo. Comentou que não sabe como considera sua orientação sexual, mas disse que *eu gosto de pessoas, eu gosto de como as pessoas me fazem sentir*.

Dentro da sua experiência, outra coisa que o está *incomodando demais* são as outras pessoas *quererem falar por mIm que eu sou um homem trans*. Disse que não tem problema em falar que é homem trans, mas que isso o incomoda demais, *odeio quando as pessoas fazem isso*. Além disso, Xangô tem um *problema* com pessoas trans que estão no início da transição, pois *sem querer... eu erro os pronomes*. Quando isso acontece, *eu me sinto um lIxo... porque eu odiava quando faziam isso comigo*. Como hoje é *passável*, não sofre mais com o tratamento errado, a não ser com quem o conhecia antes da transição.

Sobre a passabilidade, Xangô contou que, mesmo quando já estava *passável.. eu achava que todo mundo notava... daí eu sempre ficava bravo, assim... porque eu achava que eu devIa estar passável*. Mesmo que as pessoas afirmassem que ele estava passável, não achava isso e se preocupava com coisas como se os seios estavam aparecendo ou *não abraçava as pessoas direito, porque eu não queria que elas sentissem o meu corpo, eu não queria que elas soubessem que eu não era um homem/que/que eu era um homem trans*. Nessas situações, Xangô tenta *conversar* consigo mesmo, “*mano, para com isso, velho... seja feliz, seja livre, tá ligado?*”. Hoje, consegue se ver em um privilégio *gigantesco* por ser *passável*.

Xangô comentou que foi *muito privilegiado* em relação à família, pois sua mãe o aceita *muito de boa*. Como o pai é afastado da família, *ele nem sabe... não faz diferença*. Com os seus irmãos, teve dificuldades, mas *depois de um tempo ele aceitou de boa*.

Xangô compartilhou que *tenho muito medo de ser preso*. E sobre ser um homem trans negro, disse que *eu gosto de/desse rolê de colocar, tipo, eu sou um homem trans negro... porque eu acho que as pessoas têm que se definir, tem que aprender a se definir*. Contou também que depois da transição teve *mUI:to mais problema com a polícia*. Antes da

transição, visto como mulher, não era nem revistado, mas *depois da transição já comecei a apanhar já... é cada xingamento, assim ó, que cê perde ((riso)) a conta, tá ligado?*.

4.3 DESCRIÇÃO COMPOSTA

Para que fosse possível organizar uma descrição composta, os temas principais das entrevistas foram revisitados e comparados. A reaproximação geral possibilitou a divisão em dois grupos, divididos por temas comuns e temas particulares.

Os temas comuns foram:

- ✓ Ser, sentir-se e se ver como homem/menino/masculino desde *sempre*.
- ✓ A presença dos seios é desconfortável e gera privações.
- ✓ A adolescência é um período de muito sofrimento.
- ✓ A implicação do outro: reconhecimento x violência.
- ✓ A transição, com as intervenções no corpo e a retificação dos documentos, proporciona bem-estar, segurança e liberdade.
- ✓ A passabilidade vivida como um divisor de águas.
- ✓ A implicação dos estereótipos de gênero na infância e adolescência.

Os temas particulares foram:

- ✓ Ser transmasculino é ter vivenciado um papel feminino na sociedade em algum momento da vida.
- ✓ A tentativa de se enquadrar no papel feminino antes da transição.
- ✓ A transmasculinidade é diferente da cismasculinidade e inclui a vivência de uma performance social femina em algum momento da vida.
- ✓ A angústia pela incompletude genital.
- ✓ A barreira religiosa.
- ✓ O preconceito por parecer como um gay.
- ✓ Ser pai trans.
- ✓ Ser trans e se posicionar politicamente.
- ✓ A fetichização e a negação do corpo transmasculino nos relacionamentos.
- ✓ A questão racial e de classe e sua implicação na experiência trans.
- ✓ A questão econômica e a (im)possibilidade de realizar a mastectomia.

Esses temas foram reorganizados para que a descrição composta pudesse ser lida de maneira fluida e compreensível. Dessa reorganização, três eixos principais surgiram e foram descritos na sequência: ser transmasculino; a relação com o corpo; e ser transmasculino no mundo. Os temas foram incluídos e organizados no texto, embora nem todos estejam

explícitos nos subtítulos dos eixos. Como observado no método, os temas comuns foram colocados em diálogo com os particulares, pois não é possível separar temas essenciais a certas experiências, ignorando questões sociais, culturais e individuais importantes, como é o caso da questão racial e econômica e a vivência da paternidade.

No eixo 1 – Ser transmasculino – os temas descritos foram:

- ✓ Ser, sentir-se e se ver como homem/menino/masculino desde *sempre*.
- ✓ Ser transmasculino é ter vivenciado um papel feminino na sociedade em algum momento da vida.
- ✓ A tentativa de se enquadrar no papel feminino antes da transição.
- ✓ A transmasculinidade é diferente da cismasculinidade e inclui a vivência de uma performance social femina em algum momento da vida.

No eixo 2 – Relação com o corpo – os temas descritos foram:

- ✓ A presença dos seios é desconfortável e gera privações.
- ✓ A adolescência é um período de muito sofrimento.
- ✓ A angústia pela incompletude genital.
- ✓ A transição, com as intervenções no corpo e a retificação dos documentos, proporciona bem-estar, segurança e liberdade.

No eixo 3 – Ser transmasculino no mundo – os temas descritos foram:

- ✓ A implicação do outro: reconhecimento x violência.
- ✓ A fetichização e a negação do corpo transmasculino nos relacionamentos.
- ✓ A implicação dos estereótipos de gênero na infância e adolescência.
- ✓ O preconceito por parecer como um gay.
- ✓ A barreira religiosa.
- ✓ Ser pai trans.
- ✓ A passabilidade vivida como um divisor de águas.
- ✓ Ser trans e se posicionar politicamente.
- ✓ A questão econômica e a (im)possibilidade de realizar a mastectomia.
- ✓ A questão racial e de classe e sua implicação na experiência trans.

Eixo I - Ser transmasculino

a) *Sempre* ter sido ou ter se sentido um menino

É comum que as pessoas transmasculinas sintam sua identidade desde *lá de cedinho* (Oxóssi). Isso quer dizer que sua memória em relação à sua identificação de gênero

(trans)masculina vem da tenra infância. *Sempre* ter se sentido diferente ou ter para si a percepção, o sentimento e o sentido de ser um *menino*, é ser tomado por essa identidade ao longo de sua infância e adolescência até a vida adulta.

A impossibilidade infantil de compreender a complexidade de gênero em suas nuances, profundidade e diversidade não restringe o desenvolvimento do sentido de seu ser como (trans)masculino. A instituição da identidade de gênero ocorre em um movimento temporal, tomando a pessoa transmasculina desde sua infância e ganhando novos contornos com o seu desenvolvimento, até o momento em que adquire a capacidade de compreensão racional e linguística daquilo que *sempre* vivenciou. Assim, vivenciar essa identidade é, cedo ou já adulto, compreender que *eu sempre fui um menino... nunca me vi como menina, muito menos como mulher* (Exu).

A aquisição de maior compreensão sobre si, seu gênero e sua história possibilita o reconhecimento dessa experiência e a percepção de que *eu sempre fui uma criança trans* (Oxalá). E mais, de que *eu fui um menino pleno... feliz* (Exu). Uma criança que expressava essa identidade nas brincadeiras, na preferência por certas roupas, em seu comportamento e achando *fantástico* (Oxóssi) quando era tratada no pronome masculino, até mesmo brincando de ter outro nome: *Carlos Alexandre* (Ogum) ou *Paulinho* (Matheo). Um modo de ser tão particular, íntimo e verdadeiro que, quando era forçado a se encaixar *no lado feminino da/da coisa* (Ogum) por normativas sociais em relação ao gênero, *era uma sensação muito estranha* (Ogum); *era uma coisa muito difícil* (Oxalá) entender porquê não podia ser quem *sempre* foi.

b) A vivência da performance social feminina na experiência transmasculina

A história de uma pessoa transmasculina é, muitas vezes, permeada por momentos em que lhe é exigida a performance de um papel social feminino. Por ser compulsoriamente identificado como menina antes e após o nascimento, às vezes até à vida adulta, a pessoa transmasculina apreende do meio em que vive aspectos comportamentais e gestuais que são normativa e socialmente indicados como femininos, mesmo que seja apenas para ser aceito e transitar entre alguns grupos ou no meio familiar. Uma vez que a transfobia é estrutural e permeia violentamente o cotidiano da pessoa trans, essa se vê obrigada a negociar sua existência e sobrevivência por meio dessa performance que lhe é imposta.

O que é indicado como *traço feminino* diz respeito à sensibilidade, delicadeza, educação e respeito, que se expressam em gestos, movimentos e modos de se relacionar. Ou seja, características que embora humanas, são em nossa sociedade identificadas como femininas. Mas, mais do que afetos e comportamentos ligados culturalmente ao feminino, ser transmasculino é ter a experiência de um corpo que desenvolve seios, curvas mais acentuadas

e menstrua. É ter a experiência de passar pela violência machista e misógina que incide sobre ele. Um corpo duplamente objetificado: por ser corpo socialmente lido como feminino e por ser trans.

Para aquelas pessoas transmasculinas que se compreendem como trans só na vida adulta, as características da experiência de ter exercido um papel de mulher formam uma bagagem que não pode ser apagada: *comé que eu escOndo... 24 anos da minha vida como mulher, exercendo esse papEl, mesmo que não me reconhecendo como mulher eu exerci esse papEl, né?* (Oxóssi). Essa bagagem não é alcançada por nenhuma pessoa cismasculina. Ser transmasculino *te traz outras experiências e cê muda a perspectiva com relação a algumas coisas, principalmente com relação a nossa masculinidade* (Oxóssi).

Perseguir um suposto ideal cisgênero de masculinidade, buscando se aproximar dos aspectos corporais da experiência cismasculina, pode gerar *sofrimento* para algumas pessoas transmasculinas. Quando compreendem que sua experiência trans possui particularidades, que *algumas coisas seriam diferentes, né?... pro resto da vida... isso me deixou um pouco mais confortável* (Oxóssi). Em alguns casos, a experiência de transição pode propiciar um apaziguamento de conflitos com relação a esses aspectos apontados como femininos na experiência de ser transmasculino:

me/me faz sentir que eu não precisei passar por... por um luto de quem eu era, me faz sentir que eu/eu só... eu sou quem eu sou... eu só agora consigo me olhAr no espelho e me vEr do jeito que eu sempre me vi, tá ligado? Tipo, meio que é isso, e:: é/e foi isso que a femini/que essa/desse rolê de ser um homem trans feminino trouxe pra mim, tá ligado? Foi tipo.. eu.. e/eu me Olho como eu quero, eu sempre me vi assim, eu sempre me olhei no espelho e me vi assim, feminino e::, sabe? (Xangô)

Eixo II - Relação com o corpo

a) O corpo da infância à vida adulta

A infância nem sempre tem impactos negativos sobre a relação da pessoa transmasculina com seu corpo. Algumas pessoas relatam não ter *problema* com o corpo na infância, mas somente a partir da mudança hormonal e física decorrente da puberdade. Entretanto, em algumas experiências

pra uma criança é bem difícil entender... o que é esse corpo, o porque que... o porque que as pessoas falam que as meninas têm vagina, os meninos tem o pênis, e você não se enquadra nesse/nesse tipo e você se vê como um menino. (Oxalá)

É comum que a pessoa transmasculina expresse *vontade de... de parecer, com que eu, com o que/fisicamente, com o que eu imaginava que eu era interiormente* (Oxalá). Na infância as diferenças corporais não são tão expressivas e impactantes. Porém, a chegada da puberdade explicita as diferenças biológicas:

...eu lembro que eu olhava o meu irmão que é três anos mais velho que eu.... cin/trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, três anos mais velho que eu e o corpo dele mudANdo.... e que queria que meu corpo ficasse.... que meu corpo fizesse igual o dele fazia, entendeu? E o meu corpo não fazia... então... era hOrrível olhar no espelho... (Exu)

Fica evidente que o desenvolvimento corpóreo da pessoa transmasculina é diferente e a acentuação de caracteres como curvas, seios e voz, geram *uma angústia muito grande* (Oxóssi). Essa angústia é tão grande que pode fazer com que a pessoa nem consiga olhar para o seu próprio corpo: *não to/tomava banho direito, sem olhar, assim* (Oxalá). Assim, mesmo na sua intimidade com seu corpo surge a angústia: *Eu não fico nem na minha casa sem camisa.... eu tenho que tá pelo menos de regata... pra eu me sentir menos pior* (Exu).

Não é incomum que as mudanças corporais façam com que a pessoa procure meios de esconder essas curvas e a presença dos seios, utilizando-se de *roupas mais larga, essas coisas, por causa disso, por, tipo, não querer mostrar o peito, tá ligado? Sempre me senti desconfortável com o meu peito* (Xangô). Além das roupas em tamanhos maiores, é possível que a pessoa sinta a necessidade de usar *binder, Silvertape* ou *colete*, acessórios que pressionem os seios para que não sejam notados.

A angústia com relação à presença dos seios não é só desconforto psicológico... (...) *Porque pra usar binder, que fica comprimindo (...) cê sente isso no teu corpo, né? É algo físico também* (Oxóssi). E mesmo com esses recursos, a pessoa tende a continuar extremamente desconfortável e pensando: *“tá todo mundo vendo isso daqui”* (Ogum). Ainda que consiga esconder um pouco dos seios, *é uma insegurança muito grande com o que as pessoas vão achar* (Oxóssi). E isso também decorre da possibilidade real de vir sofrer violência física, além de verbal e psicológica por possuir um corpo que difere da normativa

cis. Assim, esse desconforto com os seios gera restrições e privações importantes na vida de uma pessoa transmasculina:

eu ainda não fiz a mastectomia... e em determinados momentos isso me gera um certo sofrimento, assim... porque... eu evito fazer algumas coisas, evito roupa principalmente, não/não uso qualquer tipo de roupa... éh:: não vou à piscina:: não vou::u à praia, vou, mas assim, não entro na água, não:: vou brincar. Sinto a vontade, mas me privo disso, porque é uma questão ainda que::... eu não:: me sinto confortável pra::, não tudo bem::, porque aí vem aquela questão eu sou homem trans, nunca vou ser homem cis, então oK, eu sou um homem com peitos... mas ainda me pega muito essa questão do que:: o outro vai achar, do as pessoas vão achar, e:: será que eu vou conseguir lidar com isso, né? Então essa questão do CORPO pra mim ela ainda é be::m éh::... complicada de lidar.. éh:: e acho que o que mais escancara isso é justamente quando eu me privo de coisas... com medo do que as pessoas vão falar... ou de repente de uma reação até... éh:: que não seja apenas verbalizada, mas que se materialize em violência, né? (Oxóssi)

O desconforto, a angústia e as restrições sentidas pela pessoa transmasculina pode, em alguns casos, também estar relacionada ao genital. Algumas pessoas sentem uma incompletude:

(...) realmente ser um homem por inteiro, assim, é/é claro que daí entra outra questão de que não precisa de um/um pênis pra você ser homem e tudo mais... mas de vez em quando eu ainda tenho umas/umas crise assim, pela genital, mas é menos do que eu tinha com:: o/com os seios.. bem menos. (Ogum)

Essa falta relacionada a não possuir o pênis pode gerar crises: *fico bem/bem depressivo assim... pensando no/na falta do corpo (Oxalá)*. Um dos momentos que evidenciam essa falta ou isso que parece um fantasma (Oxalá) para algumas pessoas transmasculinas é o ato sexual:

(...) e principalmente quando a gente tava ali.... éh:: na parte de pegação, se amassando e tudo e daí, ai/ela... () aí ela fala, assim, daí eu falo “ah, mor, e/espera aí que eu tenho que ir ali me/me arrumar”, então tipo... é uma questão muito chata,

assim, que tipo, ao em vez de você tá ali prOnto... pra fazer alguma coisa, cê tem sempre que tá se preparando, entendeu? Então, essa parte me deixava m.. e as vezes ainda me deixa muito/muito na bad, assim... de ter sempre que::: ir no banheiro e::: colocar a prótese e tudo pra/prá ter uma relação sexual com ela, isso as vezes me incomoda muito. (Ogum)

Podem existir, ainda, incômodos com a *altura* e a *voz*. Entretanto, o maior desconforto e a maior angústia costuma ser a presença dos seios, que evidenciam esse corpo e expõem a pessoa não só ao *desconforto psicológico*, mas *físico* e a diversos tipos de violência.

b) As necessidades e mudanças do processo de transição

Com a evidência do *sofrimento* que a pessoa transmasculina possui com relação ao seu corpo, a possibilidade de intervenções hormonais e cirúrgicas é essencial para o seu bem-estar. A realização da mastectomia traz uma sensação de *liberdade muito... grande* (Ogum). Além das transformações hormonais em relação à voz, pelos e gordura corporal:

(...) hoje em dia eu me olho no espelho e eu fico me namorando mUIto assim, eu olho assim, vejo assim as coxas cabeluda, o braço, a barriga, daí eu falo “nossa, mas eu vou ficar muito bonito ainda”, é/é uma coisa muito massa que eu sinto sabe? (Ogum)

As mudanças corporais impactam de modo que *não é ruim começar a transição, ruim é não começar, tá ligado?* (Xangô). E quando essas mudanças surgem, pode ser importante (re)explorar esse corpo:

foque no que você gosta.... Se perceba... perceba teu corpo mudando, perceba tua voz mudando... Tipo, vai ter aquela manhã que você vai acordar... parecendo um menino de... quinze anos de idade falando fino e no meio da tarde falando grosso.... Perceba a transição como uma adolescência.... Não importa se você tá com trinta e começou a transição.. vinte, trinta, quarenta, não importa, começou a transição se sinta um adolescente.... Nossa, minha adolescência chegou... O pelo da perna... o primeiro pelo da barriga, o primeiro fio de barba, almoço com cabelo caindo, outros nÃo.. chegou à adolescência, minha mão tá ficando, meu... éh::: dá uma fome do

caralho... éh::... eu vou pegar uma vassoura pra passar na casa, eu quebro a vassoura, você tá descobrindo a força de novo.... Você vai fechar a torneira, você estoura a torneira.... Vai se descobrindo, viva a transição como uma adolescência... e se perceba e comece a gostar do que você tá vendo.... Você tEm que gostar... você tEm que se gostar, é a única coisa que rEsta... (Exu)

Essa nova *adolescência*, trazida pela segunda puberdade da hormonização, pode fazer com que a pessoa redescubra seu corpo, sua força, seus prazeres e possibilidades. Mesmo em relação a locais do seu corpo que são causa de muito desconforto e angústia: *eu tenho muita sensibilidade/sensibilidade no mamilo e eu tenho muito medo de perder, tá ligado? (...) mas é uma parada que eu aprendi (...) a aceitar no meu seio, que é uma parada que eu não/não gosto (Xangô).*

Eixo III - Ser transmasculino no mundo

a) A implicação do outro: reconhecimento x violência

As relações que envolvem as pessoas transmasculinas implicam diretamente sobre o desenvolvimento de sua identidade, sobre o seu bem-estar e as possibilidades de dar passos em relação a sua transição, seja física ou social. Dos familiares, aos amigos e profissionais que passam pela vida da pessoa transmasculina, os outros podem reconhecer e apoiar sua transição ou serem violentos e opressivos em relação à sua identidade: *eu acredito que a parte mais difícil, fora a parte de descobrimento, inicialmente, era a questão da::... das pessoas né? (Oxalá).*

A família pode ser um ponto de apoio, dando suporte durante todo o processo necessário à pessoa transmasculina. Mas, é comum que pessoas trans não recebam qualquer ajuda de seus familiares ou mesmo sejam expulsas de casa. Os desejos e expectativas dos pais para com os filhos são *uma das maiores barreiras* (Exu). No caso das pessoas transmasculinas, todas essas expectativas giram em torno de uma *filha mulher*. Não atender esse desejo particular dos pais pode fazer com que a pessoa trans seja forçada a realizar uma performance feminina e ainda se sinta *com vergonha de não ser a menina que ela tanto sonhou* (Exu).

Os pais podem manipular violências diversas por ser *muito difícil entender esse/a perda dessa filha* (Oxalá). Assim, o homem trans pode passar por toda a transição *sozinho*, por não ter sua identidade reconhecida: *quando eu falava que eu era menino, eles sempre achavam que era uma loucura da minha cabeça e tudo mais, por isso que eu passei muito tempo da minha vida fazendo terapia compulsória* (Oxalá).

Seja de familiares ou amigos, a pessoa trans pode encontrar respostas desestimuladoras quando fala sobre sua identidade: *já falava pra alguns dos meus amigos, e sempre a resposta era tipo “meu, cala a boca, mano, isso é coisa de quem quer chamar atenção”, tá ligado? (...) até que um dia eu achei alguém que m/me ouviu* (Xangô). Porém, alguém que a ouça faz a diferença para que possa compreender a si mesma e suas possibilidades:

daí a gente começou a namorar e daí um dia a gente conversando tipo, do nAda assim ó, ela falou, tá ligado? ela perguntou: “Você acha que você é um homem trans?” daí eu desandEi a chorar, assim ó, no banho, assim ó, e Ahssa eu tava no banho e daí eu desandEi a chorar assim ó, um mOnte.. e daí ela falou: “por que que você tá chorando”, “eu não sEi também”, ((risos)) mas da/daí que eu entendi que eu só tava chorando porque eu tava esperando que alguém, sabe? tipo, me desse um aval, me desse uma, sabe? Tipo, um::: vamo lá, vamos conversar sobre isso, tá ligado? (Xangô)

É comum que, nesse processo de descobrir sua identidade trans, a pessoa busque e encontre textos, relatos ou vídeos na internet ou em programas de televisão que fazem com que se identifique com a história de outras pessoas trans e, assim, possa se apropriar de sua identidade e realizar sua transição.

(...) ela mandou todo o texto de um trans pra mim, e na hora que eu li foi o/a primeira... primero tapa na cara que eu recebi.... eu falei: “sou EU”.... toda história que esse menino tá contando... sou EU, tudo que ele pA-ssa... sou EU.... Cara, eu sou Isso, eu não sou uma menina que gosta de menina, eu sou um menino trANs, eu sou Isso, como que eu faço pra resolver essa questão? (Exu)

A partir deste momento de identificação e reconhecimento da sua própria história e da possibilidade de dar passos como intervenções hormonais e cirúrgicas, a pessoa tende a

buscar ajuda profissional, por indicação de pessoas próximas, pares ou fontes de informação *online*. Dentre os profissionais de saúde, os psicólogos também podem ser marcantes na história de uma pessoa trans:

(...) na minha primeira entrevista com a psicÓloga eu fui fazer uma experIÊNCiA, uma consulta gratuita e ela/ela me fez a mesma pergunta: “o que você quÊ aqui?”, eu disse: “eu quero que as pessoas vejam o Exu”, na minha primeira consulta eu disse isso, “eu quero que as pessoas que convivem comigo vejam o.... Exu, respeitem o Exu”, ela falou assim: faz uma ho/no final da consulta, ela falou: “Exu, faz quase uma hora que eu estou conversando com o Exu”.... E/e essa frase ficou marcada na minha vIda.... uma pessoa que não me conhecia, uma pessoa que não sabia nAda da minha vida.... uma pessoa que eu fui ali tentar contar um pouquinho da minha história.... e eu querendo que as pessoas vissem o Exu... e ela falou: “O Exu existe!... Ele só tem que ser colocado pra fora. (Exu)

Da mesma forma que podem ser suporte e fortalecer o processo de transição da pessoa transmasculina, um profissional também pode ser opressivo e violento na experiência de alguns homens trans:

(...) aí ele falou “ó, tem um rolê de/de:: um ambulatório que cuida da galera trans, travesti de Curitiba, se quiser ir lá, vai lá mano, o rolê é massa, a galera conversa” e daí eu fui pra lá... E daí também foi horrível ((risos)) eu cheguei lá e::/e me obrigAram a ter um nome, eles me obrigAram assim ó, “cOmo assim você não tem um nome? Que tipo de hOmем não tem um nOme?” tá ligado? BE::m assi::m... (Xangô)

Ser homem trans pode ser ter de *ficar o tempo todo... se impondo e se justificando pra que as pessoas entendam* (Ogum). Existe ainda *muito preconceito*. E as estatísticas mostram que a violência não é só verbal, psicológica, institucional, mas também física. Por isso, o *medo* na experiência transmasculina é recorrente. *Medo* de estar fazendo a coisa errada, de como a família irá reagir, de como os amigos o tratarão, de ser motivo de chacota, de transfobia, de ser violentado, expulso de casa ou morto. Diante dessa realidade, muitos se camuflam na *passabilidade*.

a.a) A fetichização e a negação do corpo transmasculino nos relacionamentos

As particularidades do corpo transmasculino são, ainda, alvo de rejeição afetiva e sexual, bem como podem ser alvo de fetichização. Algumas pessoas transmasculinas podem acreditar mesmo que somente outras pessoas trans poderão aceitá-las, amá-las e sentir desejo por elas.

A história afetiva-sexual de alguns homens trans pode ser marcada por *muita recusa* por parte das pessoas por quem se interessam. A rejeição pode ser impactante para a relação da pessoa transmasculina com seu próprio corpo e identidade.

(...) tem mulheres que elas tem um/não/não aceitaram essa coisa da diferenciação dos corpos, e aceitar que um corpo é um corpo, então eu já, tipo, tive um problema com relacionamento, tipo, por causa disso, por tipo a pessoa não me tocar por, tipo, medo, por achar que não sabe como fazer, e:: nossa, foi muito pesado assim ó, pra mim assim ((voz embargada)) Isso foi uma das paradas, assim ó, que:: foi bem pesado pra mim. (Xangô)

Além do incômodo e do *peso* da rejeição e da repulsa sobre o seu corpo, a pessoa trans pode também ter o seu corpo fetichizado. O fetiche coloca o homem trans como um objeto de curiosidade e diversão sexual.

Uma bosta, ficava muito bravo, falava “cara, ou você me vê como uma pessoa, né? você tem desejo pela pessoa ou você tem desejo pela questão de eu ser trans e ter um genital diferente” né? tipo... então sempre me incomodou muito. (Oxalá)

Por vezes, é difícil para a pessoa transmasculina saber discernir quando está sofrendo fetichização ou com o ato sexual curioso de alguma outra pessoa. Isso também pode facilitar sentimentos de insegurança afetiva e sexual: *Então... às vezes é difícil você encontrar uma coisa que seja natural, tipo, uma atração que não seja pela via do/do fetiche, né? (Oxalá).*

b) A implicação dos estereótipos sociais

O processo de transição de uma pessoa transmasculina recebe forte influência do *modelo de homem cis*. Esse modelo padrão indica o desejo de ser em relação a *corpo e jeito*, vestimentas e comportamento. Na infância, em muitos casos isso significa o *papel masculino, realmente exacerbado, sabe? Tipo, ai, gostava de carrinho, gostava de dinossauro, jogava de futebol* (Oxalá), rasgar o *vestido* e as roupas relacionadas a meninas. Pode significar olhar o corpo se transformar na adolescência e ver *os teus amiguinhos mudando da maneira correta pro masculino, a barba saindo, os pelos saindo* (Exu), e desejar que o corpo *fizesse igual*:

Tinha dias que eu acordava que eu olhava no espelho e falava “Por que que eu não nasci logo homem? Por que que eu tenho que passar por tudo isso?”, né?... éh:: e daí chorava, claro que escondido, né? porque:: a gente tem que ser forte. (Ogum)

Esse modelo padrão cisheteronormativo de homem também se reflete nos comportamentos de muitos homens trans. Por desejarem o reconhecimento como homens, buscam *forçar até alguns gestos ou determinadas ações que cê fala não se eu fizer isso as pessoas não vão me reconhecer como homem, então eu tenho que fazer tal coisa* (Oxóssi). Nisso, podem mesmo reproduzir atitudes machistas e misóginas: *no começo da minha transição eu/eu era muito machista, assim...éh:: em questão de é:: mulher tem que arrumar a casa ou mulher tem que fazer comIda e essas coisa assim, eu era mUito* (Ogum). Esse papel machista pode se evidenciar nas relações afetivas, em alguns casos com *uma posição mais dominante (...). no/no/nos hábitos... cotidianos... né? Ah, vai abrir um pote, “não, deixa que eu abro”... “Na/não deixa que eu carrego isso aí, é muito pesado pra você”* (Oxóssi). Todos esses gestos e comportamentos para *alguma forma me sentIr esse homem que a sociedade espera que eu seja* (Oxóssi). Assim, a transmasculinidade pode se basear em um modelo que engloba corpo e gestualidade:

(...) então eu acho que o/a masculinidade tá em você se assumir, você olhar e você dizer: “eu sou um HOMem”.... Eu quero comprar um tênis masculino, quero usar uma calça masculina, quero usar uma camisa bonita, eu quero fazer a minha transição, eu quero:... tomar meus hormônios, eu quero fazer minha barba, eu quero me sentir bonito na rua... Então, eu acho que tá muito mais em sEr, em como você se sEnte, em como você se vê, pra daí o mundo te responder.... na minha cabeça foi Isso. (Exu)

Ao mesmo tempo, esse padrão que é a referência de muitos homens trans também pode ser um incômodo, uma vez que sua experiência possui uma *bagagem* particular, como observado anteriormente: *Acho que o que o/a/a/essa/o que mais incomoda mesmo n/em tudo isso é:: essa::/essa padronização toda de/do feminino, masculino mesmo, que é chato pra caralho* (Xangô).

Por mais próximo que se encontre do padrão, o homem trans é alvo de questionamentos quando foge ao estereótipo em *que o homem de trinta de quarenta anos é grossO, é ogrO, é mal educAdo* (Exu). Sendo assim, quando as pessoas

se deparam com um homem que:: não atEnde determinados requisitos, é natural que haja u/ “tá mas aonde que a gente vai encaixar você então? Se você, acho que você é gay, não não, mas se você não é gay, o que que você é então?” (Oxóssi)

Daí decorre o preconceito que é muitas vezes em relação à sexualidade do homem trans: *hoj/hoje/hoje o que eu ouço é que eu sou um gay recUperAdo.... que eu sou um:: menino criado em uma família de mulheres* (Exu).

b.a) A barreira religiosa

Para aqueles homens trans que possuem uma relação com a religiosidade ou vivenciaram uma proximidade com a espiritualidade, a religião pode vir a ser *uma barreira muito grande* (Exu). Algumas pessoas buscam na sua espiritualidade a resposta para sua identidade e condição: *foi pensar assim, porquÊ que o senhor me colocou aqui? dessa maneira?* (Exu).

Em certas religiões, o estereótipo binário cisheteronormativo é tão evidente, forte e profundo que influencia o modo como a pessoa se identifica ou nega sua identidade (trans)masculina: *até os meus 18 anos assim, eu era da igreja evangélica... éh:: fazia parte do ministério de louvor, então, era uma/uma negação total assim do que eu tinha* (Ogum).

Ainda assim, a espiritualidade de uma pessoa transmasculina pode vir a dar suporte para que se realize como é:

O primeiro passo é você aceitar que você veio dessa maneira. ... éh:: Não tem aquela frase famosíssima?... Senhor me dê à serenidade pra aceitar o que eu não posso mudar... e coragem... pra mudar as que eu posso. Então, essa é a melhor

frase do trans, pelo menos pra mim, que sou religioso, que sou umbandista, candomblecista... éh:::... toda vez que eu orava, porque por mais que as igrejas achem que a gente é do demônio, a gente rEza, toda vez que orava eu colocava meu joelho no chão e falava: “meu deus, me dê a serenidade pra me aceitar do jeito que eu sou, e coragem pra que eu po/possa mudar o que eu quero e o que eu sei que dá pra mudar”.... O meu corpo da pra mudAr, eu mudEi.... o meu nome do RG, CPF, carteira de trabalho, carteira de motorista eu mudei. (Exu)

b.b) Ser pai trans

Dentro de algumas experiências particulares de homens trans, ser pai é um desejo a ser realizado. Para Exu, esse é *um sonho* e que está prestes a se realizar por meio de um processo de adoção. Para Ogum, que já é pai, é uma relação *bem gostosa*. Porém, há sentimentos particulares em relação a sua identidade.

O modelo de corpo e identidade cismasculina é uma preocupação dos alguns homens trans que vivenciam a paternidade. Possuir um corpo que evidenciava similaridades com o corpo da mulher cis preocupava Ogum:

(...) principalmente depois que/que a gente, que o neném nasceu, que daí eu ficava pensando meu “quando que eu vou fazer essa cirurgia?”, o meu neném vai crescer, vai ficar vendo, daí vai ver que o meu corpo é igual o da mãe dele, o que que ele vai pensar?.. Isso me preocupava muito, muito mesmo.

A realização da cirurgia era importante para que Ogum se sentisse confortável não só com seu próprio corpo, mas na sua relação de paternidade, como referência (trans)masculina do seu filho. Ainda, Ogum expressa o desejo de conversar a respeito da sua experiência transmasculina quando seu filho

tiver maiorzinho, assim, já entendendo mais as coisas eu vou c/contar pra ele... até porquê não vai ter como eu ficar me escondendo dele:: a minha vida toda né? Aí a vida dele? Eu vou contar pra ele, vamos conversar certinho e::: é isso aí.

A paternidade na vida de Ogum faz com que ele evite expor sua identidade transmasculina, por *receio de acontecer qualquer coisa, até porque agora que eu tenho um*

nenê pode acontecer alguma coisa com ele também. Além disso, ele e sua esposa tiveram dificuldades no momento de registrar o bebê, pois Ogum não havia realizado a retificação dos seus documentos ainda e a gravidez foi fruto de inseminação caseira com um doador anônimo. Assim, foram questionados pelas autoridades jurídicas sobre a paternidade e Ogum ficou *com muito medo de acontecer deles pega o nenê, da gente, sabe? a gente perder o nenê. Então, foi uma/uma parte assim muito ruim.*

Já Exu, que espera a realização do seu *sonho* de ser pai por meio do processo de adoção em andamento, expressa um medo de que seu futuro filho ou sua futura filha venha a ter vergonha por ele ser uma pessoa trans:

(...) espero que um dia ele não tenha vergonha de ter um pai trans... eu acho que esse é o meu maior medo... que um dia o meu filho não sinta orgulho de mim... mas acho que se a gente conduzir da maneira correta não vai ter esse problema né? assim eu espero.

c) A passabilidade como um divisor de águas

Alcançar os caracteres corporais do *modelo de homem cis* possibilita ao homem trans se *camuflar*, de modo que os outros não saibam que ele realizou uma transição. A chamada *passabilidade* é como *um divisor de águas* (Oxalá) em muitas experiências trans. Quando o corpo passa pela transição hormonal, além das intervenções cirúrgicas possíveis, a pessoa transmasculina adquire *barba*, pelos pelo corpo, *voz grossa*, tudo aquilo que é apontado como masculino. Após alcançar essas mudanças físicas, *tudo parece que melhorou, tipo, a coisa do nome, da cirurgia* (Oxalá). Antes da transição, ou mesmo no início dela, a violência e os *constrangimentos* são muitos.

A identidade transmasculina no início ou antes da transição, no geral, não é respeitada. Como um homem pode ter voz fina, não ter barba, ter seios ou não ser alto? Como pode alguém com um documento de identificação com registro de nome feminino querer ser tratado no masculino e com outro nome? As injúrias são por não ter o nome social respeitado em uma prova de vestibular, na universidade, na escola ou cursinho, no trabalho, ou nas ameaças jurídicas e institucionais de ter negado o seu direito de retificação de documentos, de procedimentos de saúde, do reconhecimento de quem é, como um todo. Mas, quando alcança a *passabilidade*, as outras pessoas só saberão *que eu sou trans depois, sei lá, me conhece no bar e sabe depOis, daí a pessoa fala “nossa::: nunca ia saber” sabe? Tipo, ou fala, que tipo*

“ah você pra mim, você é um homem perfeito” (Oxalá). Esse *homem perfeito, modelo, padrão* e que é o *estereótipo* aceito.

Hoje/Hoje eu chego em qualquer médico, qualquer lugar, banco, trabalho, apresento minha carteira de motorista, minha carteira, carteira de trabalho, um RG e sinto orgulho do/do/do cara que tá ali... hoje as pessoas me olham na rua e não sabem de mim.... hoje o que eu mais escuto, pra você ter uma noção da minha transição acho/é a gente não vê isso né, mas as pessoas, os amigos::: falam né? As pessoas que estão em volta de mim falam: “a tua transição é perfeita”, a gente não sabe disso, a gente não imagina isso. (Exu)

Essa *passabilidade* é compreendida por muitos como um *privilégio*. É, ao mesmo tempo, uma necessidade de muitos homens trans alcançar esse padrão após a transição, por ser essa sua referência de identidade (trans)masculina, o modo como se sente, percebe-se e deseja ser. Além disso, pode ser mais confortável e seguro, psicológica e fisicamente, manter-se *passável*, sem falar sobre sua identidade trans, evitando assim os riscos de ser trans na situação atual na sociedade brasileira com a incidência da transfobia estrutural e o ódio contra a existência trans.

d) Ser trans e se posicionar politicamente

A despeito de a *passabilidade* possibilitar que o homem trans se camufle e passe despercebido nos ambientes que frequenta, ele pode tomar a posição de expor sua experiência transmasculina em uma atitude política, reivindicando o reconhecimento da sua identidade. Por essa ser ainda uma identidade extremamente invisibilizada, algumas pessoas transmasculinas, que se sentem confortáveis e seguras para isso, expressam sua identidade falando e discutindo o tema, seja na rede íntima, nas redes sociais, na mídia, no ambiente religioso, no trabalho ou na academia.

Os homens trans estão ocupando diversos cargos e, dentre eles, a academia e a literatura. Assim como eu, autor desta dissertação, ocupo uma posição política e reivindico o reconhecimento da identidade transmasculina na academia, um dos entrevistados é professor e também pós-graduando (Oxóssi) e outro é escritor e graduando de Letras (Oxalá). Aqueles que não estão na academia, entretanto, também discutem e falam da experiência

transmasculina em outros ambientes, como no caso de Ogum e Xangô, ou ainda no ambiente religioso, como no caso de Exu, que ocupa um cargo espiritual em religião afro-brasileira.

e) A questão econômica e a (im)possibilidade de realizar intervenções físicas

Realizar os procedimentos hormonais e cirúrgicos é uma necessidade urgente de muitos homens trans para que se realizem em sua transição e identidade transmasculina, o que lhes possibilita bem-estar, felicidade e liberdade de ser. Porém, é claro que alcançar esses procedimentos nem sempre é tarefa fácil ou possível por falta de acesso e condição econômica para tais procedimentos.

Mesmo que no Sistema Único de Saúde existam ambulatórios especializados que facilitam essas intervenções para aqueles que sentem essas necessidades urgentes, o tempo de espera para tais procedimentos é de alguns anos, enquanto a angústia, a ansiedade e o desconforto da pessoa transmasculina só aumenta na espera de uma oportunidade. Porém, os procedimentos hormonais e, principalmente, cirúrgicos têm um custo elevado nos atendimentos médicos particulares.

A realidade é que muitos homens trans não possuem condições econômicas de conseguir a realização da cirurgia, principalmente da mastectomia, que é tão necessária e impactante sobre a experiência transmasculina, muito menos de conseguir a neofaloplastia, um procedimento ainda mais caro e complexo. No caso de Xangô, por exemplo, por ser autônomo, não poderia ficar muito tempo parado para sua recuperação e necessita de um longo planejamento financeiro para ter essa possibilidade de juntar o necessário para o procedimento, acrescido do valor necessário para que sobreviva durante o tempo de recuperação.

Mesmo para aqueles que possuem um plano de saúde que poderia e deveria facilitar a realização da cirurgia, encontram-se uma série de barreiras e dificuldades burocráticas para se conseguir a autorização necessária. Esse é o caso de Oxóssi, como descreve:

E é algo que eu sempre penso assim... éh:::... como eu vou paga:r, de que forma eu vou faze:r... e aí recentemente eu tenho::: feito consultas com... com profissionais da área e assim é altíssimo o valor, eu não tenho condições de pagar... e aí fui pro plano de saúde, o plano de saúde já falou que não vai cobrI:::r... e aí eu tenho uma amiga que é advogada e ela falou “cara, cê vai ter que apresentar... a documentação solicitando a cirurgia, o plano vai negar e aí a gente entra com::: uma

ação judicial, é o único maneira”, quer dizer, me deixa um pouco chateado, porque é um desgaste... né? Cê vai ter que correr atrás, cê vai ter que apresentar documentação, cê vai ter que provar que você precisa daquilo, que aquilo te gera um desconforto, te gera um sofrimento.. e aí gera uma angústia também, né? Porque “AH já não basta ter que conviver com isso, aí você vai ter que correr atrás”.

Assim, vários impedimentos institucionais, burocráticos e econômicos impedem a muitas pessoas transmasculinas alcançarem a realização de importantes intervenções físicas. Esse é um fator que incide sobre a experiência trans elevando o estresse e a angústia que sofre por ser quem é.

f) A questão racial e de classe e sua implicação na experiência trans

A experiência transmasculina ainda pode ser atravessada por questões ligadas à raça e classe. Como apontado, ser trans é sofrer uma série de violências e preconceitos. Porém, ser trans, negro e/ou de classe baixa é estar exposto a racismo e classismo, a dupla ou tripla vulnerabilidade em relação às pessoas transmasculinas brancas, de classe média ou acima.

A realidade de Xangô em particular, por exemplo, é de ser trans, negro e de periferia. Essa situação o expõe não só a violências transfóbicas, mas racistas e de classe. Ele foi o único dentre os entrevistados (brancos, em sua maioria) que expressou o medo de ser preso:

O que eu tenho muito/eu tenho muito medo de ser preso (...) porque eu não sei como eles vão:: lidar comigo, entendeu? (...) Isso eu tenho bastante medo. Então toda vez que passa a polícia, toda vez que a gente leva/leva revista essas coisas eu, nOssa, me cago pra caramba... isso é uma parada que eu tenho muito medo.

Levar revistas da polícia e sofrer racismo em diversos ambientes se tornou algo muito mais comum depois que realizou sua transição:

(...) eu vejo/eu vejo assim, que depois da transição, eu tive mUI:to maIs problema com a polícia, tá ligado? ((riso)) mUito mais, Antes assim Ó, acontecia se eu tava com meus amI::gos, tá ligado? com a piAzAda, porque daí a polícia vê que é mulher, “ah, não vou revistar”, entendeu? (...)Aí tipo, já depois disso não, depois disso já

comecei a apanhar já ((risos)) depois da transição já comecei a apanhar já ((risos)) mas aconteçe, fazer o quê? ((risos)) é/hor/é/a gente ri pra não chorar.

Xangô descreve claramente a diferença de ser reconhecido como mulher ou homem negro. Essa transição é impactante, como afirmou também Leonardo Peçanha (homem trans, negro e militante do Rio de Janeiro) em uma entrevista: “Deixei de ser objeto para ser ameaça”. O risco e a vulnerabilidade de uma pessoa trans, negra e da periferia é, assim, muito maior. O que se relaciona à questão histórica opressiva que envolve os corpos e a existência negra e as classes econômicas mais baixas da população.

4.4 ILUMINAÇÃO

Existe um sentimento predominante entre os homens trans de sempre terem se sentido como meninos/homens. Isso significa que desde a tenra infância se consideram tomados por um sentimento de masculinidade, com gestos, hábitos e comportamentos socialmente referenciados como sendo masculinos. A infância pode não ser agressiva para o seu desenvolvimento como pessoa transmasculina. Entretanto, é comum que as mudanças ocasionadas pela puberdade e as vivências da adolescência sejam impactantes para o sentimento de ser uma pessoa predominantemente masculina em um corpo que se transforma bruscamente e expõe aspectos social, histórica e culturalmente associados à feminilidade, como as curvas corporais, a menstruação e o desenvolvimento dos seios. O “momento do espelho” da adolescência coloca a evidência de um corpo que, objetivamente, transforma-se e é explicitamente enxergado e apontado pelos outros como feminino, o que pode levar a conflitos com os sentidos do corpo fenomenal da pessoa transmasculina.

Alguns aspectos do corpo objetivo não estão em conformidade com o corpo vivido da pessoa transmasculina, por isso a realização de algumas intervenções na fisicalidade permite que a pessoa se sinta mais confortável com a factualidade do seu corpo. Um dos incômodos mais comuns é a presença dos seios, que expõem certo aspecto da condição corpo da pessoa transmasculina binária e que é um fator que atrai os olhares de julgamento das outras pessoas. Nem sempre existe o desconforto com a genitália. Existem homens trans que dão um sentido masculino ao seu órgão genital. Entretanto, existem pessoas transmasculinas que sentem um incômodo relevante sobre a sua genitália e sentem o desejo de realizar a cirurgia genital. Porém, o acesso a essa cirurgia é economicamente inviável para a realidade da maioria dos homens trans. Apesar de mais barata e acessível do que a cirurgia genital, a

cirurgia de retirada das mamas também pode ser de difícil realização. A voz pode ser outro aspecto de desconforto, bem como as curvas mais acentuadas do corpo, cabelos e pelos ou mesmo a altura e o tamanho dos membros. Detaca-se, entretanto, que essas questões nem sempre acometem a experiência de todas as pessoas transmasculinas. A particularidade de cada pessoa deve ser levada em consideração sempre, embora, no geral, existam aspectos do corpo objetivo e da condição desse corpo que interferem no sentimento de conforto da pessoa transmasculina. Assim, o corpo parece contar a história da pessoa trans, engendrando sua história, sua subjetividade e sua relação consigo, com o outro e com o mundo.

Existe uma parte da história e um aspecto da experiência de ser homem trans que não pode ser negado: uma vivência de performance social feminina. Assim como a pessoa transmasculina descreve gestos, sentimentos, sentidos e habitualidades que são relacionadas à sua masculinidade, também se refere a aspectos da sua feminilidade. No geral, existe a indicação de uma referência social, histórica e culturalmente construída e que influencia diretamente os sentidos da pessoa em relação a sua experiência de gênero. Essa referência diz respeito às vivências binárias do que é ser homem e do que é ser mulher. Em busca dessas referências, a pessoa transmasculina pode se deparar com aspectos tóxicos de uma masculinidade que, em algum momento, podem lhe causar sofrimento. Também pode encontrar sofrimento no processo de enquadramento no referencial por não poder alcançar a estrutura binária cisgênera: homem-masculino-pênis. Ainda assim, também pode rejeitar e ignorar a parte de sua história que explicita aspectos socialmente femininos e escolher viver na passabilidade, na qual se sente seguro e confortável.

A sexualidade da pessoa transmasculina não se diferencia de qualquer outra, é diversa e pode se manifestar em orientações e modos afetivo-sexuais diferentes. Alguns homens trans podem aceitar práticas de penetração em si e exploram o toque das mais diversas partes do seu corpo, enquanto outros não se sentem confortáveis com as práticas que envolvem suas genitálias e seios ou mamilos, sendo que também podem ou não praticar atos sexuais usando cintas com próteses penianas ou outros acessórios sexuais. Não se pode deixar de levar em consideração a especificidade de cada experiência humana particular.

A pessoa transmasculina pode se encontrar vulnerável ao julgamento cisheteronormativo dos outros em relação ao seu corpo objetivo, ao seu gênero e sexualidade, de modo que os relatos das pessoas transmasculinas são extremamente permeados por experiências de opressão social em relação a sua identidade e corpo. Algumas vezes, o impacto da opressão social força a pessoa transmasculina a procurar se enquadrar naquilo que não é: performar um papel feminino na sociedade cisheteronormativa. Isso pode fazer com

que a pessoa venha a se submeter a uma violência extrema e, de certo modo, pode ser uma experiência violenta performar esse papel feminino cisheteronormativo. O olhar do outro sobre a pessoa transmasculina é, ao mesmo tempo, a possibilidade de reconhecimento e a possibilidade de agressão. É o reconhecimento e a referência do outro que possibilitam à pessoa transmasculina ser quem é. Porém, é também o outro que violenta a pessoa transmasculina das mais diversas formas. Esse outro pode ser tanto cisgênero quanto transgênero, pode ser um familiar, amigo, amor ou um profissional. A normativa cisgênera pode provocar a violência das próprias pessoas trans entre si. A pessoa transmasculina ainda pode ser mais violentada se for negra e/ou pobre, ao que se soma à sua experiência o racismo e a discriminação de classe.

As situações sociais, culturais, históricas, políticas, econômicas e espirituais impactam direta e profundamente a percepção da pessoa transmasculina sobre si e as suas condições de vida e possibilidades de existência. Desde o momento em que nasce, a pessoa transmasculina é introduzida ao mundo a partir de uma identidade de gênero que não a representa e que é pautada no corpo biológico. A transgeneridade tem sido colonizada pela noção de cisgeneridade, que a coloca como um desvio ou desordem em relação a uma suposta naturalidade do gênero. Entretanto, as identidades trans evidenciam um horizonte de possibilidades em relação às vivências de gênero e corpo que trazem ao mundo a explicitação de que vagina e seios podem ser sentidos como masculinos, um pênis pode ser sentido como feminino, ou ainda os dois, de modo ambíguo.

5 EXPLICAÇÃO – DISCUSSÃO E ANÁLISE FENOMENOLÓGICA CRÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE SER TRANSHOMEM

5.1 CORPO E ALTERIDADE: A INSTITUIÇÃO DO SENTIDO DE SER TRANSMASCULINO

A despeito de não perpassarem pelas questões de gênero, as reflexões de Merleau-Ponty sobre o corpo são extensamente utilizadas por autoras feministas para a compreensão da experiência vivida por mulheres e pessoas trans (Juliana Missaggia, 2015). Reforçando a importância da noção merleau-pontyana de ambiguidade, Gayle Salamon (2011), filósofa estadunidense, afirma que a noção de carne e corporeidade em Merleau-Ponty pode ter mais proximidade com a compreensão da transgeneridade do que com a normativa binária, uma vez que é “uma identidade que não é assegurada pela especificidade da materialidade do corpo, nem por uma qualidade mental particular, mas é algo que envolve ambos”²⁶ (Salamon, 2011, p. 251, tradução nossa).

Por destoar de uma normativa assentada sobre caracteres biológicos que sustentariam o gênero de uma pessoa, pensar que os contornos do corpo vivido destacam uma realidade que está além da materialidade biológica, sempre posicionada na relação entre o material e o sentido, possibilita que a realidade vivida pelas pessoas trans seja tão “verdadeira” e “potencial” quanto a de pessoas cis. A diferença, segundo Salamon (2011), é que na experiência trans a *transposição* do modo de corporeidade é marcadamente mais intensa do que na experiência cis, como será explicitado mais adiante.

O corpo, para Merleau-Ponty (1945/2006), é o pivô fenomenológico do mundo, o meio pelo qual a existência é possível. O corpo é a abertura perceptiva ao sensível da existência, que revela os sentidos do vivido, e é também o que nos limita à perspectiva de um ponto de vista, espacial e temporal. É corpo objetivo, que pode ser decomposto como o é a exemplo da medicina, mas é, originariamente, corpo próprio, que transcende o conhecimento e é vivido na relação originária do ser-no-mundo. É, portanto, “veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 122).

²⁶ “An identity that is not secured by the specificity of the materiality of the body, nor by a particular mental quality, but is something involving both of these.” (Salamon, 2011, p. 251)

Temporalmente, o corpo é atual e habitual. É corpo atual, pois experiencia instantaneamente o singular de uma situação. É também habitual, revelando-se com aspectos de generalidade em relação à temporalidade do mundo, sempre abertura em situação. É por ser ambíguo que o corpo possui características de ser atual e habitual (Merleau-Ponty, 1945/2006).

Assim, diante da temporalidade e da espacialidade como perspectiva, a intencionalidade do ser aparece como um “eu posso” e não mais como um “eu penso”. E se pode, é em função da motricidade, o movimento perceptivo e motor em relação ao mundo. O esquema corporal aparece como eixo central das expressões do ser-corpo, uma estrutura que permite a comunicação com o sensível da experiência (Merleau-Ponty, 1945/2006).

Retomando a sexualidade ambígua na obra *Fenomenologia da Percepção*, Salamon (2011) observa que Merleau-Ponty (1945/2006) faz reflexões sobre a noção de esquema sexual e a autora as correlaciona com a experiência trans. É importante marcar que a retomada da noção de sexualidade merleau-pontyana não é realizada de modo a confundir *orientação sexual* com as *identidades de gênero*. Essa retomada é realizada de modo a explicitar como a corporeidade é caracterizada e possibilita experiências diversas de gênero que são, em si mesmas, verdades fenomenológicas.

O esquema sexual é envolto de temporalidade, assim como o esquema corporal, que aponta tanto para um passado quanto para um futuro em sua atualidade. Isso quer dizer que as sensações que animam meu corpo se estendem para um modo futuro por meio do desejo, desejo esse que está permeado e é moldado pela minha história ou, como observa Salamon (2011), “minha história molda meu desejo”²⁷ (p. 234, tradução nossa). É também, portanto, uma temporalidade que se estende ao passado, na medida em que eu a reconheço integralmente e crio uma narrativa para essa história. Desse modo, o esquema sexual se cria temporalmente na fusão de um desejo localizado no futuro com a história sexual passada.

A sexualidade, assim como é o sexo, também é proprioceptiva, pois é sentida no corpo, espalha-se por ele em zonas de erotogenicidade e elicia gestos. Em outras palavras, isso significa dizer que o “esquema sexual fornece ao sujeito uma fisionomia sexual, assim como o esquema corporal lhe proporciona uma morfologia corporal”²⁸ (Salamon, 2011, p. 237, tradução nossa). A autora afirma que se pode entender que ainda antes do esquema corporal, existe o esquema sexual:

²⁷ “...my history shapes my desire.” (Salamon, 2011, p. 234)

Merleau-Ponty começa com um corpo, visível, porém vagamente definido, e então passa a considerar o esquema sexual sob ele somente depois que a fisionomia das regiões sexuais do corpo se torna delineada. É somente após essa delimitação forjada pelo desejo que o gênero aparece, primeiro como um fato corpóreo ("o corpo masculino") e, finalmente, como fato emocional.²⁹ (Salamon, 2011, p. 237, tradução nossa)

Então, por meio do esquema sexual, o gênero se mostra. O trabalho de Merleau-Ponty pode subentender a presença de um esquema sexual que oferece dois diferentes tipos de gênero. Ainda que o autor relate sobre corpos masculinos, Salamon (2011), porém, salienta que essa noção de gênero está alicerçada mais em uma descrição gestual e expressiva do que anatômica “e o propósito da materialidade do corpo é finalmente transitar este gesto incipiente, mas expressivo”³⁰ (p. 237, tradução nossa). O esquema sexual é descrito por Merleau-Ponty de maneira ambígua, de modo que não é possível compreendê-lo como presumivelmente masculino ou feminino, “o esquema sexual é, em vez disso, escreve Merleau-Ponty, *estritamente individual*”³¹ (p. 237, tradução nossa). Ainda que seja um esquema individual, permeado de particularidades, é também dado na relação, e “não pode ser fixado a uma única região da fisicalidade ou mesmo a um único modo de ser”³² (p. 237, tradução nossa).

A insistência de que as experiências fenomenológicas do corpo e do sujeito são individuais e não categoriais situa o sujeito de maneira diferente, temporalmente e socialmente. Em termos de organização social, essa insistência na particularidade, frustra a qualificação categorial; isso significa que nem a corporeidade, nem a situação, nem a expressão sexual, podem ser previstas pela participação em qualquer categoria específica de gênero ou sexo. As implicações dessa desarticulação são mais

²⁸ “...sexual schema delivers to the subject a sexual physiognomy, just as the body schema delivers to her a bodily morphology.” (Salamon, 2011, p. 237)

²⁹ “Merleau-Ponty begins with a body, visible but vaguely defined, and then moves to a consideration of the sexual schema beneath it, only after which the physiognomy of the sexual regions of the body become delineated. It is only after that delineation wrought by desire that gender appears, first as a bodily fact (“the masculine body”) and finally as an emotional one.” (Salamon, 2011, p. 237)

³⁰ “...and very purpose of the body's materiality is finally to transit this inchoate but expressive gesture.” (Salamon, 2011, p. 237)

³¹ “The sexual schema is instead, Merleau-Ponty writes, *strictly individual*.” (Salamon, 2011, p. 237).

³² “...and as such cannot be attached to one singular region of physicality or even one singular mode of being.” (Salamon, 2011, p. 237)

profundas do que a comparativamente clara desassociação da identidade sexual (macho ou fêmea), da identidade de gênero (homem ou mulher, *femme*, *butch*³³ ou *trans*) e da sexualidade (lésbica, gay, bissexual ou heterossexual).³⁴ (Salamon, 2011, p. 238, tradução nossa)

A abordagem de Salamon (2011) apresenta, assim, uma compreensão da sexualidade em Merleau-Ponty como ambígua, distante das concepções identitárias e sexuais normativas. Uma sexualidade que não se fixa em genitais ou regiões específicas do corpo, necessariamente, mas que é impossível de ser mapeada e é imprevisível. Essa sexualidade, que é desejo organizado temporalmente, é vivida e fornece à pessoa história, é tomada por ela como “*a vida em si*”³⁵ (Salamon, 2011, p. 239, tradução nossa). A autora demonstra que a função geral da sexualidade é mais relevante do que sua localização corporal. Essa função é chamada de *transposição*³⁶ por Merleau-Ponty. Segundo Salamon (2011), “o motor da sexualidade é a transposição”³⁷ (p. 240, tradução nossa).

Assim como é a função proprioceptiva para o esquema corporal, a transposição acontece em um nível anterior ao pensamento consciente e atua como um “canal entre a materialidade corporal e a intenção”³⁸ (Salamon, 2011, p. 240, tradução nossa). Porém, enquanto a propriocepção agencia as relações entre as partes do meu corpo e do seu sentido como um todo, a transposição envolve uma substituição de um modo de corporeidade para outro. Não se trata de uma mudança meramente material, muito menos linguística, mas “descreve um tipo de cruzamento quiasmático que transforma tanto o corpo quanto o desejo à medida que cada um chega ao lugar do outro, e com esse deslocamento se confunde com o outro”³⁹ (p. 240, tradução nossa). A autora observa que, a partir da transposição do desejo,

³³ *Femme* e *Butch* são termos que se referem a uma subcultura lésbica onde a identidade de *butch* apresenta características masculinas e a identidade *femme* apresenta características femininas. Aqui, a autora equipara identidade de gêneros com performances ou expressões de gênero. Deixo claro que não concordo com essa equiparação, como argumentado na apresentação deste trabalho.

³⁴ “An insistence that phenomenological experiences of the body and the subject are individual rather than categorical situates the subject differently, temporally and socially. In terms of social organization, this insistence on particularity frustrates categorical summary; it means that neither sexual embodiment, nor situatedness, nor expression, can be predicted by membership in any particular category of gender or sex. The implications of this disarticulation are more profound than the comparatively clearer decoupling of sexed identity (male or female), gendered identity (man or woman, *femme*, *butch* or *trans*) and sexuality (lesbian, gay, bisexual, or heterosexual).” (Salamon, 2011, p. 238)

³⁵ “...*life itself*.” (Salamon, 2011, p. 239)

³⁶ Tradução nossa de *transposition*.

³⁷ “The engine of sexuality is transposition...” (Salamon, 2011, p. 240)

³⁸ “...as conduit between bodily materiality and intention.” (Salamon, 2011, p. 240)

³⁹ “...describes a kind of chiasmic crossing which transforms both body and desire as each comes to stand in the other’s place, and with that displacement becomes confused with its other.” (Salamon, 2011, p. 240)

meu corpo se torna ele mesmo o desejo e “torna-se intencionalidade”⁴⁰ (p. 241, tradução nossa). Essa propulsão intencional direcionada à outra pessoa suplanta meu eu. É como se o eu fosse disperso pelo corpo no desejo sexual, despossuído e entregue à sexualidade.

Mas essa transposição, mesmo que seja a intensificação dos prazeres corporais, também envolve a dissolução do corpo como terreno material, como centro fenomenológico de seu próprio mundo. Esse centro, de repente, é compartilhado. Assim, o eu e o outro juntos compreendem não apenas a união da minha vida afetiva, mas o pivô fenomenológico da apreensão sensorial do mundo.⁴¹ (Salamon, 2011, p. 242, tradução nossa)

A sexualidade é, para Merleau-Ponty, a atmosfera da existência, sua coextensão. Da mesma maneira que acontece para pessoas de gênero normativo, a transposição acontece para a pessoa trans. Esse é o processo pelo qual o corpo se anima e é animado pelas sensações que experimenta. A diferença, aponta Salamon (2011), é que nas pessoas cisgêneras essa transposição é talvez menos marcada que na experiência trans. Diferente da pessoa cisgênera, a transposição do modo de corporeidade na experiência trans é atravessada pela imposição social da normativa de corpos de forma muito mais intensa, uma vez que a transfobia estrutural nega a potencialidade de seu corpo ser trans. Ainda assim, esse modo próprio de corporeidade é uma verdade.

A percepção em Merleau-Ponty não abrange todo o objeto, mas ainda assim não se torna incapaz de entregar sua totalidade e “produz nossas relações com outros objetos e sujeitos, e essas relações são, finalmente, a localização do significado do objeto. A verdade perceptiva do objeto torna-se a criação de seu significado, um significado que é produzido e não encontrado”⁴² (Salamon, 2011, p. 248, tradução nossa). Essa compreensão de verdade perceptiva se torna importante para pensar a variação de gênero, pois sustenta que a “realidade” do sexo não se localiza apenas nos contornos do corpo, “mas existe nessa relação entre o material e o ideal”, a verdade “não é necessariamente o que vemos, e o binário

⁴⁰ “...it becomes purposefulness.” (Salamon, 2011, p. 241)

⁴¹ “But this transposition, even as it is the intensification of bodily pleasures, also involves a dissolution of the body as material ground, as phenomenological center of its own world. That center, suddenly, is shared. So self and other together comprise not only the joined unit of my affective life but the phenomenological pivot of sensory apprehension of the world.” (Salamon, 2011, p. 242)

⁴² “...produces our relations with other objects and subjects, and these relations are, finally, the location of the object’s meaning. The perceptual truth of the object becomes the creation of its meaning, a meaning that is produced rather than found.” (Salamon, 2011, p. 248)

tradicional da diferença sexual pode ter menos apego à "verdade" do corpo do que outras maneiras de apreender sua realidade vivida"⁴³ (p. 248, tradução nossa). O esquema sexual em Merleau-Ponty (1945/2006) é o que nos possibilita nosso envolvimento com o outro e com os sentidos que o outro nos abre. Assim,

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (Merleau-Ponty, 1945/2006, p. 18)

Portanto, somos instituídos como pessoas por essa relação imbricada que é possibilitada por essa sexualidade ambígua e cooptados por esses sentidos abertos nessa relação, não completamente passivos diante desses, mas não completamente ativos. Essa ambiguidade favorece a abertura para a tomada e a instituição de novos sentidos.

Compreendendo que a ambiguidade do corpo e a realidade vivida como abertura intencional e temporal instituem sentidos diversos ao ser, a experiência de gênero transmasculina é uma potencialidade. Tanto é potencialidade que é sentida e vivida pelos colaboradores dessa pesquisa desde *sempre* na sua biografia. Ou seja, o corpo, como centro fenomenológico da experiência, é instituído de sentidos (trans)masculinos ao longo da história do homem trans, ganhando contornos gestuais e um esquema que expressam sua (trans)masculinidade, mesmo em momentos que não pode expressar isso por meio da linguagem, como acontece durante a infância. A exemplo, Oxalá se reconhece como uma criança trans, mesmo que na época não tivesse uma palavra para expressar sua identificação.

Merleau-Ponty (1945/2006) observou que “a identidade do ser e do aparecer não podem ser postos, mas apenas vividos aquém de qualquer afirmação” (p. 397). Assim, o corpo é vivido como (trans)masculino em um nível anterior ao material e na relação quiasmática do ser no mundo, a despeito de estar sujeito à imposição social e normativa que determina que seu corpo é de “mulher”. Neste nível sensível, o ser é tomado de afetos que são instituídos e se instituem no seu devir como (trans)masculinos. Antes da aquisição da linguagem, a

⁴³ “is not necessarily what we see, and the traditional binary of sexual difference might have less purchase on the body's "truth" than other ways of apprehending its lived reality.” (Salamon, 2011, p. 248)

experiência de ser já é vivida como (trans)masculina. Os sentidos despertados pela experiência do corpo próprio estão entrelaçados no conjunto de relações socioculturais que pintam significações masculinas no desenvolvimento do homem trans. O reflexo dessas significações em relação com o sensível da experiência particular do ser instituem uma identidade (trans)masculina. A instituição da identidade transmasculina é uma relação entre passividade e atividade do ser diante da existência encarnada e inundada pelo mundo e pelo conjunto de significações e sentidos instituídos pela história. Sua experiência de gênero é uma potência que o toma, como modalidade existencial, algo que é potencial ontológico de todo ser, e que se institui também em relação imbricada com o mundo, portanto, situado espacial e historicamente.

Essa relação quiasmática do ser no mundo possibilita o movimento instituinte de sentidos e significações ligadas ao seu corpo e sua identidade. Por ser este corpo estar marcado com significações instituídas historicamente como femininas, o homem trans pode vir a sentir um conflito em relação a partes desse corpo que não expressam sua (trans)masculinidade e o expõe a afirmações sociais taxativas de feminilidade, o que não corresponde com o sentido que o institui como pessoa (trans)masculina.

A factualidade do corpo como matéria insurge principalmente na puberdade, explicitando características que podem provocar uma sensação de deslocamento intensa e que contrasta com o esquema corporal (trans)masculino vivido, provocando sensações de *estranhamento* e mesmo *inadequação*. Isso também decorre de um entrelaçamento de um sentido masculino baseado nos caracteres não só comportamentais, mas físicos do corpo cis, revelando o quiasma ser-mundo.

Este *estranhamento* e *desconforto* profundo em relação ao corpo próprio podem gerar intenso sofrimento à pessoa transmasculina. O corpo habitualmente vivido na infância como (trans)masculino explicita aspectos tradicionalmente significados como femininos na atualidade da puberdade que, assim, produzem conflitos em relação ao que a pessoa transmasculina vive e o que o corpo a provoca e como é apontado pelos outros como feminino.

Como observado nas declarações da experiência dos participantes da entrevista, um dos aspectos corporais mais significativos para o sofrimento é a presença dos seios. Historicamente, no modelo de gênero assentado em caracteres sexuais, os seios são a representação evidente da feminilidade. E evidente por se destacar, literalmente, no corpo da pessoa. Em muitos casos, os seios formam curvas que são visíveis e que expõem um aspecto desse corpo que é habitado pelo homem trans e que não corresponde com sua

(trans)masculinidade, não fazendo parte do seu sentido integral de ser (trans)masculino. Esse fato do corpo é apontado pelo outro, que denuncia e que desmente essa identidade, o que agrava de modo exponencial o sofrimento. Isso leva à utilização de faixas de compressão como meio para esconder os seios, como relatado pelos entrevistados.

Assim, a cirurgia de mastectomia masculinizadora é comum desejo entre todos os colaboradores desta pesquisa, por possibilitar que adeque seu corpo objetivo ao seu corpo vivido, orientado por um esquema corporal masculino. Desse modo, aquele aspecto que evidencia a factualidade do seu corpo é apagado, para que seu corpo objetivo se aproxime do sentido (trans)masculino de ser em relação ao corpo, com um peitoral masculinizado e que não destaque mais aquilo que é historicamente lido como feminino. Cabe salientar que nem todas as pessoas transmasculinas, compreendendo que o espectro das transmasculinidades é variado, possuem um incômodo com a presença dos seios.

A cirurgia da neofaloplastia não é desejada por todos os entrevistados. É observável que este não é um ponto comum a todos os homens trans e que existe ainda uma importante questão econômica e tecnológica em torno dessa intervenção. Esse procedimento é de um preço elevado (em média 20 mil dólares), o que dificulta a grande maioria da população transmasculina em ter acesso a essa possibilidade. Além disso, é um processo de extrema complexidade médica e que ainda demanda evolução nos seus resultados. Um dos receios em torno dessa cirurgia é referente ao sofrimento físico e o risco de complicações devido ao procedimento. Porém, é notável que os homens trans que sentem a necessidade dessa cirurgia sofram de profunda *angústia*, o que pode resultar na dificuldade de manter relações sexuais prazerosas para eles, bem como existe o sofrimento em relação à percepção de *incompletude*, como relatam Oxalá e Ogum. Mesmo que alguns critiquem racionalmente a ideia de que para ser homem se deve ter um pênis, o afeto que os toma é de que estariam completos apenas com a transgenitalização realizada.

A hormonização é também uma intervenção essencial para a maioria dos homens trans, a despeito daqueles que não podem realizá-las por complicações fisiológicas. As mudanças corporais possibilitadas pela hormonização favorecem o bem-estar da pessoa transmasculina em relação ao seu corpo. Almeja-se um corpo com aspectos masculinizados, como a voz grave, os pelos no corpo e no rosto, mudanças na distribuição de gordura corporal e estrutura muscular, entre outros. Todos os colaboradores desta pesquisa passaram pela hormonização e destacam o progressivo bem-estar proporcionado pelas transformações físicas nesse processo.

O redescobrimiento desse corpo durante a *transição* física também é apontado por alguns como uma *nova adolescência*. Redescobrem-se os limites e as potencialidades desse corpo em constante transformação, desde aspectos sensíveis, estruturais a motores. São transformações que favorecem o conforto em relação ao corpo, que aproximam o corpo vivido de um afeto de bem-estar em relação a si mesmo. Assim, os ganhos emocionais em relação ao corpo próprio são muitos e possibilitam uma reconexão da pessoa consigo mesma nesse processo. Como, por exemplo, de Ogum poder se olhar com satisfação no *espelho* ou de Xangô descobrir prazer em seu mamilo.

É claro que a busca por um ideal de corpo cisgênero influencia também nesse processo. As expectativas em torno da hormonização e cirurgias podem ser altas, o que pode potencializar frustrações durante essa *transição*, uma vez que os corpos possuem suas particularidades fisiológicas e genéticas e nem sempre correspondem aos desejos estéticos masculinos da pessoa. Oxóssi aborda o *sofrimento* gerado pela busca de um padrão cisgênero de corpo e de masculinidade e também relata que compreender que *algumas coisas seriam diferentes* para ele o ajudaram a se sentir mais confortável consigo mesmo. Assim, o cuidado em relação a esses ideais e expectativas deve ser mantido durante esse processo, evitando frustrações e angústias ainda mais intensas em relação ao corpo.

5.2 IMPLICAÇÕES DA SITUAÇÃO ATUAL DO MUNDO SOBRE A EXPERIÊNCIA TRANSMASCULINA

5.2.1 Invisibilidade x Visibilidade: Entre o preconceito e o reconhecimento

Ser-trans, como em todas as existências, é ser-com-outros-no-mundo, o que implica que uma pessoa nunca é sem outras, sempre estando em relação imbricada com essas e com os horizontes culturais, sociais e históricos em que se encontra situada. Portanto, uma identidade nunca é instituída solitariamente, mas sempre influenciada pela alteridade e pela situação no mundo. Segundo Merleau-Ponty (1945/2006), “a subjetividade não é a identidade imóvel consigo: para ser subjetividade, é-lhe essencial, assim como ao tempo, abrir-se a um Outro e sair de si” (p. 571).

Levando em consideração esse fato da existência, ser-trans é ser também influenciado pela presença, pelos sentidos e afetos de outrem. Se me instituo como pessoa também por meio das relações e por estar imerso em um mundo cultural, social e histórico, esses me afetam diretamente ou indiretamente de diversos modos. Assim, aquilo que dizem

sobre quem sou e como devo me portar impacta a minha relação comigo mesmo. Daí advém que o outro, e o mundo, podem tanto facilitar minha instituição (trans)masculina quanto restringi-la e violentá-la de diversas formas. As condições históricas, culturais e sociais são vetor de reconhecimento ou de violência.

Em um país como o nosso, para ser especificamente localizado, ser-trans é ainda motivo de ódio e de patologização. Não à toa o Brasil é considerado o país que mais mata pessoas trans no mundo (Antra, 2018). Atualmente, o avanço do tradicional patriarcado machista reage violentamente contra os direitos que a população trans vem conquistando nos últimos anos com muito sangue. É o retrato de tempos incertos, política, econômica e socialmente.

Ademais, não são apenas os macrossistemas políticos e culturais que impactam a vida de uma pessoa trans ou a possibilidade de sua existência. Os microssistemas são os primeiros a afetar o seu desenvolvimento identitário e pessoal. São os pais, os amigos, os conhecidos, os colegas de trabalho e os profissionais que devem auxiliar a pessoa trans. São esses que estão de modo primário atuando, cotidianamente, de modo a favorecer ou restringir sua existência. Tanto as relações com os macrossistemas quanto as relações dos microssistemas impactaram profundamente a experiência de cada participante desta pesquisa.

É comum que as famílias sejam chocadas pela emergência de um membro trans. Afinal, na cultura em que vivemos, o ser-trans não é reconhecido como uma potencialidade de ser. Portanto, ninguém espera que seja. A surpresa pode favorecer reações de rejeição, de patologização e de intervenções violentas em busca da “cura”. São terapias forçadas, desvalorização da identidade e dos desejos da pessoa trans ou cerceamento de suas possibilidades de subsistência. No meio desse caos, a pessoa trans nem sempre resiste. Não por menos os números de suicídios em pessoas transmasculinas são tão altos⁴⁴.

Por todo ser necessitar, como vimos, de uma alteridade na instituição do que se é, a narrativa do outro pesa sobre como a pessoa trans se percebe e sobre como atua e suas possibilidades de viver. Claramente, algumas histórias aqui relatadas demonstram isso. Dos pais que forçam terapias compulsivas a uma criança, como no caso de Oxalá, aos profissionais de saúde, incluindo psicólogos, que desmerecem ou julgam a identidade ser-trans, como relatou Xangô. Tudo em nome da intocada cisheteronormatividade, que é a normativa a que todos devem se submeter para que sejam reconhecidos como pessoa.

⁴⁴ Referência encontrada em <https://antrabrasil.org/2018/06/29/precisamos-falar-sobre-o-suicidio-das-pessoas-trans/>

Esses olhares podem conduzir, inclusive, a pessoa trans a se afastar de sua identidade e da possibilidade de *transição* para que busque seu conforto consigo mesma. A desestimulação e o *medo* de julgamento podem fazer com que o homem trans deixe de dar atenção às suas necessidades como pessoa trans. Isto é, deixe de dar início aos procedimentos que deseja para viver integralmente e socialmente sua identidade.

Ao mesmo tempo, o outro é um fator importante para possibilitar sua realização como pessoa trans. O apoio e o *aval* para ser quem se é são essenciais e favorecem que a *transição* seja realizada com segurança, seja por familiares, por amigos, por referências de outras pessoas trans ou de profissionais que deem o suporte para o homem trans em momentos importantes de compreensão de si mesmo e início das intervenções que deseja realizar. Para ser quem se é, é preciso se reconhecer também pelo outro. Assim, o modo como as pessoas se dirigem ao homem trans pode contribuir para que se sinta confortável e seguro no seu processo pessoal de redescobrimento e essas relações positivas são também relatadas pelos colaboradores.

A interação com pares, ou seja, outras pessoas trans, cria pontos de referência e reconhecimento que possibilitam a identificação da pessoa, com sua história e identidade, favorecendo que compreenda a si e que se abra a viver integralmente sua existência trans. Ver outras pessoas trans torna real e possível existir e dar um passo adiante na sua própria *transição*. É como relatou Oxóssi a experiência de sua identificação ao assistir uma palestra de outra pessoa trans, ou como Ogum, que se identificou com os relatos gravados em vídeo por outros homens trans. Assim, é fundamental que a pessoa compartilhe de outras histórias parecidas com a sua, tanto para sua autoidentificação quanto no sentido de fortalecimento da própria comunidade trans.

Levando em consideração as vulnerabilidades de ser-trans atualmente no Brasil, o lugar de *passabilidade* é muitas vezes desejado e se torna um *divisor de águas* na experiência do homem trans. Ser reconhecido como homem é socialmente ocupar um lugar de poder masculino e, assim, estar muitas vezes em privilégio em relação a outras identidades de gênero, na medida em que não se declare pessoa transmasculina publicamente. Esse é um lugar de conforto e segurança, o que é compreensível diante de um mundo que tende a violentar a pessoa trans em todos os sentidos. Além disso, para alguns, possibilita a afirmação social de uma *transição* bem-sucedida, por não serem identificados na sua existência trans por outras pessoas. Porém, pode por outro lado, reafirmar um lugar de comparação com os homens cisgêneros e a desvalorização da transmasculinidade em relação à cismasculinidade, o

que é um incômodo para alguns homens trans, que optam por afirmar politicamente sua identidade. O fato é que esses privilégios da pessoa transmasculina são questionáveis.

Esse lugar político e de visibilidade expõe as pessoas transmasculinas ao público, tanto cis quanto transgênero. Essa visibilidade é um processo histórico e recente em relação à população transfeminina e travesti. A conquista desse espaço de existência e identificação no macrossistema é nova e, portanto, trata-se de uma identidade ainda muito desconhecida pela grande massa, o que se reflete na escassez de trabalhos científicos em torno do tema. Ademais, é comum que a *passabilidade* favoreça mais a população transmasculina, desde aspectos físicos até sociais, embora não seja completamente segura.

Viver entre a invisibilidade e a visibilidade pode ser conflituoso. Esse conflito é observável nos relatos de Oxóssi e Oxalá. Ser invisível é não ser reconhecido socialmente, não ser incluído nas pautas pelos direitos, é ser comparado e misturado junto aos homens cisgêneros, é não possuir lugar próprio e válido como potência. Ser visível é expor suas potências e conquistar reconhecimento e voz. Mas é também expor suas vulnerabilidades, estar despido de privilégios cisgêneros e ser questionado e violentado por ser quem se é. Assim, a *passabilidade* pode significar segurança, mas invisibilidade identitária. Pode ser alívio e angústia, para a pessoa e para a comunidade.

5.2.2 Transmasculinidade, raça e classe

A interseccionalidade entre gênero, raça e classe deve estar sempre no ponto central das discussões sobre as diversas experiências de gênero. Como salientou a pesquisadora feminista negra Djamila Ribeiro (2016), “pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras... É pensar que raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável” (p. 101). Portanto, discutir as vivências transmasculinas deve incluir as reflexões interseccionais sobre raça e classe.

Embora não seja um conceito estático, raça “se trata de um conceito *relacional* e *histórico*” (Almeida, 2018, p. 19). Esse termo foi utilizado a partir do século XIX com viés biologicista para classificar as diferenças dos seres humanos, geográficas, étnicas-culturais e biológicas, e caracterizar não somente seus corpos, mas suas potencialidades e capacidades morais e psicológicas (Almeida, 2018). Como objeto científico, essa conceituação marcou a inferiorização das peles não-brancas e povos colonizados.

Foi a partir dos estudos antropológicos do século XX que se iniciou o esforço de demonstrar “a autonomia das culturas e a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos” (Almeida, 2018 p. 24). Os genocídios da Segunda Guerra Mundial evidenciaram a essência política e social do conceito de raça. De todo modo, as discriminações continuam perpetrando no cotidiano das pessoas de pele não-branca.

O racismo, para além das ações individuais, aparece como uma estrutura que normaliza as discriminações em relação a raça. Atua não só fragilizando os indivíduos, mas estabelecendo mecanismos sistemáticos que o tornam regra na estrutura social: “*racismo é regra e não exceção*” (Almeida, 2018, p. 38). Dentro dessa estrutura que dita e normaliza as discriminações, ser negro e ser branco resultam de mecanismos históricos e políticos diferentes.

Mesmo dentro do movimento negro no Brasil, pessoas trans e travestis encontram dificuldades e exclusão. Essa crítica é tecida pela Dra. Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) em seu artigo intitulado “Por que você não me abraça?”. O que a autora observa é que o movimento social se “constitui a partir da cis heterossexualidade e ignora outras possibilidades de expressão da negritude” (p. 168). Tratando especificamente da experiência das mulheres trans e travestis, “o racismo se apresenta como um obstáculo que potencializa a exclusão de travestis e mulheres transexuais” (Oliveira, 2018, p. 174). Certamente, o obstáculo do racismo e da discriminação de classe se apresenta também na experiência transmasculina.

Por que os homens trans negros não foram encontrados nos mesmos lugares que os brancos durante o recrutamento dos participante para essa pesquisa? A branquitude estrutural permeou o processo de recrutamento por conveniência. A “conveniência” de ser pesquisador branco e de classe média me afastou do contato direto e fácil com Xangô. Esse foi um ponto invisível durante o processo de recrutamento e que veio a ser destacado na defesa dessa pesquisa. A branquitude é também uma operação estrutural que opera invisibilizando a raça da pessoa branca e o seu lugar no grupo hegemônico de privilégios. Segundo Cardoso (2010), “a branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo” (p. 611).

Um homem trans branco e de classe média ou alta está situado diante de uma sociedade e cultura que o privilegia em detrimento das pessoas negras e pobres. Isso significa estar livre de sofrer racismo e discriminação de classe. Uma pessoa transmasculina e negra é,

pelo menos, duplamente vulnerável às violências sociais, pois além de viver a possibilidade de sofrer o ódio por ser-trans, ainda é atravessado pelo ódio histórico aos negros e a marginalização de classe social.

Ser trans, negro e de periferia é ser ameaçado constantemente, sem defesas. A branquitude permite ao homem trans branco viver extremamente confortável e seguro, se passável, invisível e de classe favorecida economicamente. Isso é impossível para o homem trans negro e, ainda mais, se for pobre de periferia. Ser negro é estar exposto como alvo de abjeção constante, impossibilitado de se esconder das discriminações históricas. Isso significa estar ainda mais vulnerável às truculências sociais, policiais, judiciais, políticas e econômicas. Significa ter de resistir e lutar duas ou três vezes mais para ter a possibilidade de existir e se manter vivo. É ser considerado objeto de ajeção ou ameaça constante, como é notável na descrição da experiência de Xangô, quando conta da diferença de tratamento da polícia a partir do momento em que realizou sua transição.

6 TRANSFORMAÇÕES PESSOAIS DO PESQUISADOR

Branco e de classe média, optei por viver um bom tempo na passabilidade durante a graduação em Psicologia. Apesar de não sofrer recriminações por minha identidade no ambiente acadêmico, a invisibilidade era um incômodo constante. Sentia-me mentiroso e fraco por não assumir minha posição de ser-trans e por me privilegiar da minha condição masculina e branca. Era um conflito habitual decidir quando me abrir para alguém, calar diante de discussões importantes sobre gênero, se eu faria ou não a diferença pela comunidade trans em algum âmbito e se eu conseguiria lidar com a exposição e com minhas fragilidades diante dos outros. Esse mesmo conflito foi exposto na decisão de adentrar o mestrado em busca da profundidade da minha própria experiência em diálogo com a experiência dos meus pares. Um desafio que não era só acadêmico, mas íntimo meu.

A minha relação profunda com o tema pesquisado foi alvo de sérios questionamentos metodológicos sobre o processo de pesquisa. Como não se misturar? Como suspender a si mesmo no processo? Como não influenciar as entrevistas com os pares? Como não enviesar as discussões e reflexões a serem propostas? Como ultrapassar os limites da minha própria subjetividade e admitir a alteridade nas experiências transmasculinas? Como assumir um lugar político sem sofrer com a exposição? A resposta metodológica parece se aproximar do problema e possibilitar a ampliação dos questionamentos. A preparação para a imersão na pesquisa envolveu um trabalho de decolonização e suspensão dos conhecimentos e saberes adquiridos com a minha própria experiência. Isso também significou rever de forma crítica os trabalhos já existentes sobre a transgeneridade na fenomenologia, o que resultou no trabalho de qualificação.

Ademais, foi essencial encontrar no método fenomenológico heurístico o caminho sensível proposto por Moustakas de admitir e acolher o pesquisador como centro da pesquisa fenomenológica. E, aqui, denoto o que Sandy Sela-Smith (2002) observou sobre um ponto essencial (e muito ignorado pelos pesquisadores) do processo metodológico fenomenológico heurístico: a transformação íntima do pesquisador na imersão no fenômeno. Se a transformação pessoal do pesquisador não acontece, a própria pesquisa é impossibilitada, pois não se alcançou a profundidade do fenômeno ou mesmo do conhecimento tácito aberto pela imersão e vivência desse. Um método que faz um embate com a ciência positivista e evidencia o sensível e o intuitivo do processo científico. O pesquisador deve aparecer na pesquisa. Assim, o conteúdo deve ser o mais honesto possível, incluindo a opacidade, a ambiguidade e a ambivalência dos afetos despertados na experiência do pesquisador.

Por isso, o objetivo, para além do avanço teórico no tema, é sensível, o que justifica dar prioridade ao sensível da experiência, retirando o foco apenas do teórico e fundamentando uma dissertação que vise à transformação daquele que a lê, além da transformação dos participantes e contribuintes da pesquisa. Se essa dissertação possibilitar a sensibilização de outras pessoas, então sinto que atingirá seu objetivo. Ainda mais se a minha transformação por meio desse processo significar a transformação de tantas outras vidas. Sejam elas trans ou não, do meio da Psicologia ou de fora dele.

Pesquisar é abrir as entranhas da minha própria vida, da minha história e da instituição da minha identidade transmasculina. É revisitar as dinâmicas dos afetos, dos sentidos, das relações e do meu modo de ser. É estar vulnerável diante de mim e daqueles que me acompanharam de perto. É ser tomado por minhas fragilidades, ter de reconhecê-las e acolhê-las para conseguir avançar com este projeto. Pesquisar significou rever sentidos, desconstruir muitos deles, desvelar novos e me possibilitar um espaço de redescobrimento e renovação de ser. É mais um processo que se abre por esse mestrado do que se fecha ao fim dele. É mais do que um produto (a dissertação em si), mas uma vida se instituindo.

8 CONCLUSÕES

A transmasculinidade é uma potência de ser em relação ao gênero ainda pouco discutida no meio acadêmico e, principalmente, no campo fenomenológico. Esta pesquisa teve como delimitação a transmasculinidade binária, com o objetivo de compreender a experiência de ser transhomem, da relação da pessoa transmasculina com seu corpo e sua situação no mundo contemporâneo. Ainda assim, é importante lembrar que existem diversas vivências identificadas como não-binárias nas transmasculinidades. Portanto, este trabalho não alcançou a descrição e discussão dessas, limitando-se às identificações binárias.

Por ter sido orientado pelo método fenomenológico heurístico, o processo dessa pesquisa buscou priorizar o sensível da imersão na experiência de ser transhomem, sendo a vivência do pesquisador um ponto central para o trabalho. A implicação de ser transhomem e pesquisador me colocou diante de desafios em relação à suspensão da minha própria história e identificação e do diálogo da minha experiência com a dos participantes desta pesquisa. Rigor e atenção na orientação do trabalho e suporte psicoterapêutico foram indispensáveis para que o processo pudesse ser realizado. Ainda, como branco e de classe média, possuo limitações na apreensão do que é a experiência de uma pessoa transmasculina negra e pobre.

Levando em consideração as implicações de ser trans como pesquisador, os resultados só puderam ser obtidos por eu ter acesso a pares, em sua maioria pessoas por mim já conhecidas, que se dispuseram a abrir sua intimidade para que a pesquisa fosse realizada. A imersão possibilitou, assim, a descrição individual de cinco vivências. Todas essas pessoas se autoidentificaram como transmasculinas binárias e uma se identificou como negra. A partir dos temas principais que perpassaram cada entrevista, foi possível realizar uma descrição composta da vivência de ser transhomem, com o diálogo dos temas comuns e particulares entre todas as experiências individuais.

Ser transhomem é sentir e ser (trans)masculino desde a tenra infância. A expressão dessa (trans)masculinidade aparecia quando crianças, pois se sentiam como menino e agiam como um, seguindo as influências das normas de gênero. Nesse caso, preferiam brincar de carrinho, jogar futebol, ter o cabelo curto e vestir-se masculinamente, entre outros. Sentiam-se deslocados entre as meninas e, sempre que podiam, estavam entre os meninos. Quando eram reconhecidos como um menino, sentiam-se bem. Quando eram alvo de “correções” de postura e comportamento para que fossem femininos, sentiam-se mal.

Grande parte pôde vivenciar sua (trans)masculinidade na infância com maior liberdade. Porém, a adolescência é um período de transtornos e conflitos intensos em relação

às normas sociais e ao próprio desenvolvimento corporal. As mudanças do corpo com a chegada da puberdade evidenciam um corpo sexuado que menstrua, desenvolve seios e curvas e é apontado pelos outros como feminino. O estranhamento com relação a esse corpo é evidenciado. Esse corpo objetivo parece não refletir aquilo que é vivido: o sentido de ser (trans)masculino. Além da angústia gerada pelo deslocamento em relação ao próprio corpo, as cobranças sociais em torno desse são intensificadas.

Por ser a transmasculinidade invisibilizada e pouco conhecida, muitos transhomens passam por um período em que tentam se enquadrar socialmente como mulher lésbica. Porém, esse não é o sentido que os identifica e a angústia continua. Quando lhes é possibilitado o conhecimento da experiência transmasculina, encontram-se identificados e se reconhecem como transmasculinos. Alcançado esse sentido de si, compreendem mais da sua história, dos sentidos e afetos que *sempre* estiveram presentes e podem buscar as intervenções sociais e corporais para se realizarem como pessoa transmasculina. Entre as intervenções consideradas essenciais nessa experiência, estão a mastectomia masculinizadora e a retificação do prenome e gênero nos documentos de identificação. Essas intervenções possibilitam ao transhomem a liberdade de ser quem é, de se sentir mais confortável com seu próprio corpo e de poder alcançar seus direitos básicos como cidadão sem ser questionado por sua identidade.

Das particularidades dessa experiência, deve-se atentar que nem todos os transhomem são de orientação heterossexual, têm angústia e desconforto em relação ao genital ou seios ou desconforto em relação a expressões consideradas socialmente femininas. Além disso, as situações raciais e de classe fazem peso às restrições e preconceitos vividos pelas pessoas transmasculinas. Essas, entre outras, são particularidades que devem ser levadas em consideração em cada experiência.

No decorrer desta pesquisa, enfrentei dúvidas e levantei questões a respeito dos conceitos de gênero existentes. Por não encontrar uma compreensão que satisfizesse o que eu vinha refletindo sobre a questão dentro da fenomenologia, propus um pensar sobre gênero como modalidade existencial. Em forma de artigo, essas reflexões foram submetidas à *Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies*. “Modalidade existencial” aparece em alguns pontos da obra de Merleau-Ponty (1945/2006) e se destacou nas repetidas leituras que eu realizava. Embora o autor não explique o que compreende por esse conceito, correlaciona-o a conceitos como sexualidade e corporeidade. Na necessidade de aprofundamento teórico para a reflexão sobre gênero, foi necessário um retorno à Heidegger em busca dessa compreensão.

Assim, gênero, como modalidade existencial, descreve uma diversidade de possibilidades de identificação e de relações do ser no mundo. Como o corpo espectral da luz, então, é todas as possibilidades unidas em uma só e ao mesmo tempo nenhuma, pois irradia/reflete todas essas. Essa experiência de gênero é, assim, espectral e possui as mais diversas configurações de identidade-gênero-sexo. Entre as infinitas possibilidades/potências de ser, refratadas na experiência humana subjetiva e intersubjetiva, temos: mulher-feminino-vagina; homem-masculino-pênis (conhecidos e apontados anteriormente como cisgênero e de acordo com Bento, 2008); transhomem-masculino-vagina; transmulher-feminino-pênis; homem-masculino-intersexo; mulher-feminino-intersexo; *queer-genderfluid*-vagina; travesti-feminino-pênis; entre outras possibilidades. Todas essas expressões generificadas do ser são potências/possibilidades da modalidade existencial gênero. Como um estilo expressivo próprio, são a expressão intencional particular da identidade do ser no mundo. Sendo assim, ser-trans é um dos espectros possíveis presentes na modalidade existencial gênero.

A experiência humana não é redutível apenas a um dos sentidos em que se desenvolve no mundo, em que se desvela diante de possibilidades que estão no mundo e no horizonte específico onde o ser se encontra. A atitude necessária para apreender essa profundidade é entender e compreender que ser-trans é ser uma possibilidade de corpo, um corpo que se projeta no mundo, um corpo que sente, que vive relações que são de ordem afetiva, sexual, social, política e cultural, que é um corpo que se encontra em determinado horizonte espacial e temporal específico, que delimita suas formas de se expressar e de existir. Ou seja, ser-trans é uma possibilidade integral da experiência humana.

A compreensão de corporeidade em Merleau-Ponty (1945/2006) aponta para a integralidade da relação ser-corpo no mundo, colocando o corpo em evidência, como ponto essencial da existência, uma vez que “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles” (p. 122). Se o corpo que sou é abertura para o mundo, é intencionalidade e projeção contínua, então é possibilidade estar, sentir e ser este corpo como sujeito trans. Esse corpo-trans é aberto e se projeta ao mundo. Então, a transgeneridade é uma potência de ser. Assim, dentro das possibilidades do gênero como modalidade existencial, ser-trans circunscreve uma potencial experiência humana que é diversa e particular.

As especificidades de cada um desses aspectos podem ser observadas com o estudo aprofundado da vivência relatada pelas pessoas trans. É relevante destacar que necessitamos ainda dessa visibilidade e desse aprofundamento, além do asseguramento de direitos. Infelizmente, em termos atuais sociais, políticos, econômicos, históricos e culturais, as

peças trans continuam sendo marginalizadas, extremamente violentadas e destituídas de suas possibilidades em todos os sentidos. Essa é uma experiência que ainda sofre o olhar julgador, ainda é exposta no lugar do bizarro e do transgressor, o que pode vir a facilitar o aumento da violência contra essas pessoas.

A fenomenologia merleau-pontyana é um campo teórico que possibilita reflexões importantes a respeito da experiência de ser-trans. Com essa orientação, a transmasculinidade pode aparecer como potência de ser e se desvelar na existência do transhomem. A partir dessas apreensões, os profissionais de Psicologia podem repensar suas práticas em relação à população transmasculina. Como vimos nas descrições da experiência dos colaboradores, os psicólogos podem ser acolhedores e compreensivos, reconhecendo e estimulando a potência da identificação transmasculina da pessoa, ou podem ser motivo de sofrimento e angústia na experiência de um transhomem.

Este trabalho pode ser fruto de pesquisas futuras que permitam a continuidade de aprofundamento dos conteúdos encontrados na imersão no fenômeno. Os eixos temáticos aqui encontrados podem continuar a serem apreendidos e refletidos, bem como questões específicas e interseccionais às transmasculinidades devem ser aprofundadas, como é o caso da questão racial e econômica. Há também a necessidade de pesquisas sobre o fenômeno das transmasculinidades não-binárias, uma vez que esse estudo se limitou à descrição e compreensão de experiências binárias. Além disso, outro tema de estudo urgente é a infância das pessoas trans.

REFERÊNCIAS

- Almeida, G. S. (2012). “Homens trans”: novos matizes na aquarela das masculinidades?. *Revista Estudos Feministas*, 20(2), 513-523. doi: 10.1590/S0104-026X2012000200012.
- Almeida, S. L. (2018). *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento.
- Antra - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. (2018). *Mapa dos assassinatos de travestis e transexuais no Brasil em 2017* [Blog]. Recuperado de <https://antrabrasil.org/>
- Ávila, S. N. (2014). *FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo*. (Tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Beauvoir, S. (1970a). *O segundo sexo: Fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. (Obra original publicada em 1949).
- Beauvoir, S. (1970b). *O segundo sexo: A experiência vivida*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. (Obra original publicada em 1949).
- Bento, B. A. M. (2008). *O que é transexualidade?*. São Paulo: Brasiliense.
- Blackwood, E. (2011). (Trans)gender: tomboi embodiment. In: Blackwood, E. (2011). *A companion to the anthropology of the body and embodiment*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 207-222.
- Brisola, E. B. V., & Cury, V. E. (2016, janeiro-março). Researcher experience as na instrument of investigation of a phenomenon: An example of heuristic research. *Estudos de Psicologia*, 33(1), p. 95-105. doi: 10.1590/1982-027520160001000010
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990)
- Butler, J. (2018). Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *Caderno de Leituras*, 78, 1-16. (Obra original publicada em 1988). Recuperado de https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf
- Cardoso, L. (2010). Branquitude acrílica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 8(1), 607-630. Recuperado de http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1692-715X2010000100028&script=sci_abstract&tlng=pt
- Davis, A. Y. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo. (Obra original publicada em 1981).

- Ferraz, M. S. A. (2006). *O transcendental e o existente em Merleau-Ponty*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Fapesp.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo* (15ª ed.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1927).
- Heinämaa, S. (2012). Sex, gender and embodiment. In Zahavi, D. (2012). *The Oxford Handbook of Contemporary Phenomenology*, 216-242. doi:10.1093/oxfordhb/9780199594900.013.0012
- Holanda, A. F. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 24, 363–372. doi: 10.14417/ap.176
- Jesus, J. G. (2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos (2a ed). Recuperado de <http://www.diversidadessexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>
- Lau, J. R. (2018). Transition as decreation: a transfeminist phenomenology of mixed/queer orientation. *Graduate Journal of Social Science*, 14(2), 24-43. Recuperado de <http://gjss.org/sites/default/files/issues/chapters/papers/GJSS%20Vol%2014-2%202%20Lau.pdf>
- Mann, B. (2018). The difference of feminist phenomenology: the case of shame. *Puncta Journal of Critical Phenomenology*, 1(1), 41-73. doi: 10.31608/PJCP.v1i1.4
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção* (3a ed.) São Paulo: Fontes. (Obra original publicada em 1945).
- Missaggia, J. (2015). Fenomenologia e feminismo: introdução e defesa de um diálogo fecundo. In Pacheco, J. (Org.). (2015). *Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico*. Porto Alegre: Editora Fi, 157-179. Recuperado de <http://historias.interativas.nom.br/aulas/wp-content/uploads/2017/03/mulherefilosofia.pdf>
- Modesto, E. (2013, dezembro). Transgeneridade: Um complexo desafio. *Via Atlântica*, 24, 49-65. doi: 10.11606/va.v0i24.57215
- Moreira, V. (2004). O método fenomenológico de Merleau-Ponty como ferramenta crítica na pesquisa em psicopatologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 447-456. doi: 10.1590/S0102-79722004000300016
- Moustakas, C. (1990). *Heuristic Research: Design, methodology and applications*. California: SAGE Publications.
- Moustakas, C. (1994). *Phenomenological research methods*. California: SAGE Publications.
- Oksala, J. (2006). A phenomenology of gender. *Continental Philosophy Review*, 39(3), 229-244. doi: 10.1007/s11007-006-9025-2.

- Oliveira, M. R. G. (2018). Por que você não me abraça?. *Sur*, 25(28), 167-179. Recuperado de <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2019/05/sur-28-portugues-megg-rayara-gomes-de-oliveira.pdf>
- Reis, R. R. (2000). Modalidade existencial e indicação formal: elementos para um conceito existencial de moral. *Natureza Humana*, 2(2), 273-300. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000200002
- Reis, R. R. (2011). Modalidades existenciais e negação. *O que nos faz pensar*, 20(30), 273-288. Recuperado de <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/354>
- Ribeiro, D. (2016). Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Sur*, 13(24), 99-104. Recuperado de <https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>
- Ribeiro, E. C. (2000). *Existência humana e responsabilidade: Definindo uma ética heideggeriana a partir de Ser e Tempo*. (Dissertação de mestrado). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Rosa, E. B. P. R. (2019). *Cis-hetero-normatividade como instituição total*. (Monografia de graduação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Salamon, G. (2011). The Sexual Schema: Transposition and Transgenderism. In Butler, J. Weed, E. (2011). *The question of gender: Joan W. Scott's critical feminism* (v. 4), 233-254.
- Sales, A., Lopes, H. P., & Peres, W. S. (2016, maio-outubro). Despatologizando as travestilidades e transexualidades: Saúde mental e direitos. *Periódicus*, 1(5), p. 56-72. doi: 10.9771/peri.v1i5.17176
- Santos, G. A. O. (2017). Psicologia fenomenológico-existencial e pensamento decolonial: Um diálogo necessário. *Revista NUFEN*, 9(3), 93-109. doi: 10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03artigo16
- Scott, J. (1995, julho-dezembro). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, 20(2), 71-99. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>
- Sela-Smith, S. (2002). Heuristic research: a review and critique of Moustakas's Method. *Journal of Humanistic Psychology*, 42(3), 53-88. doi: 10.1177/0022167802423004
- Serano, J. (2007). *Whipping girl: a transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity*. Berkeley: Seal Press.
- Silva, F. F. (2017). Errância corporal, gênero em trânsito. In *Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress*. Florianópolis, SC/Brasil. Recuperado de

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1497923193_ARQUIVO_TrabalhocompletoFG2017.pdf

- Stellman, R. (2007). *A masculinidade na clínica* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Recuperado de https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9704/9704_3.PDF
- Vergueiro, V. (2012). Pela descolonização das identidades trans. In *VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH*. Salvador, BA/Brasil. Recuperado de https://www.academia.edu/2562141/Pela_descoloniza%C3%A7%C3%A3o_das_identidades_trans_pr%C3%A9-projeto_para_a_disserta%C3%A7%C3%A3o_Por_inflex%C3%B5es_decoloniais_de_corpos_e_identidades_de_g%C3%AAnero_inconformes_
- Young, I. M. (1980). Throwing like a girl: a phenomenology of feminine body comportment motility and spatiality. *Human Studies*, 3(1), 137-156. doi: 10.1007/bf02331805

ANEXO I: TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA I: OXÓSSI

()

E aí Oxóssi como que é pra você ser trans? Como é essa sua vivência/experiência de ser trans?

Eu não sei se eu tenho como te definir ainda como é ser trans, porque:: pra mim é um processo de construção... Então, não é algo acabado, né? Definir isso, como é ser trans ou o que é ser trans pra mim particularmente é um pouquinho:: não diria difícil, mas eu acho até:: incômodo pra mim fechar essa questão, porque:: ele é um processo:: ass/assim como todo ser humano vai ser prod/produto de um:: de uma cultura, de um meio, acredito que pra gente é mei/mais ou menos nesse mesmo caminho assim. Um processo de descoberta, de construção éh:: ainda mais falando de t/transmasculinidade, né? Quando eu penso em masculinidade, éh::, a masculinidade cis já é uma masculinidade construída. A nossa também. E aí eu acho que é um pouquinho mais adiante, porque a gente vem de uma:: vivência feminina, a gente sabe como é esse papel, como é desempenhar esse papel na sociedade, e aí::... cê passa a desempenhar um papel social que é um papel social de homem, cê é reconhecido como tal. Então::, pra mim é difícil fechar essa questão, como é ser trans. É um processo de construção.

Uhum... Como tem sido essa construção aí em termos mais pessoais, assim, da sua experiência?

Pessoalmente ou na sociedade? Em todo... [[Tá

Na sua experiência, [[Como você vivencia essa construção...

((pigarro)) Para mim, o que n/ o que::... não diria dificuldade, mas o que eu mais tenho::... embate ou até um certo enfrentamento é justamente com essa questão de como eu vivencio a masculinidade... porque não é uma masculinidade que as pessoas estão habituadas a ver... né? E eu sou mais éh:: esse traço feminino a gente carrega (muito isso) você é u/ as pessoas estranham, porque você é um homem mais delicado, você é um homem mais educado, de repente cê é um pouco mais preocupado com algumas questões, éh:: sensível né? Com algumas questões. Eu que tô dentro de sala eu vejo muito isso assim, as pessoas normalmente acham, por exemplo, vinculam muito a questão à sexualidade, né? Sempre acham que eu sou gay... porque é/supõe que um homem gay vai ser um pouquinho mais preocupado, nãñã, enfim... e aí:: eu acabo vivenciando isso dentro: do ambiente profissional, até no nos círculos sociais, as pessoas costumam achar muito isso, justamente por:: trazer traços que

normalmente as pessoas acham que são femininos... Então:... me incomoda ter que ficar afirmando o tempo inteiro, “não não não, olha, a minha sexualidade é uma coisa, né? Gênero é outra” e cê entra n/numa explicação, muitas vezes eu deixo de explicar, porque eu não tenho paciência assim, só quando eu acho necessário, quando é alguém que eu gostaria que soubesse de verdade, “olha não é assim::”, quando eu vejo que vale a pena.. Éh::.. no meu ambiente familiar, eu vejo muito::: a tentativa da/da minha família de me tratar como homem, mas esse homem éh:: heteronormativo, assim.. não um homem trans... né? De certa forma eu compreendo... a minha família, enfim, compreendo... é/a sociedade em geral, assim, porque as pessoas estão habituadas com um estereótipo de homem. Quando elas se deparam com um homem que:: não atEnde determinados requisitos, é natural que haja u/ “tá mas aonde que a gente vai encaixar você então? Se você, acho que você é gay, não não, mas se você não é gay, o que que você é então?”... né? Então acho que essa vivência de:::... e/e é uma construção, no entendimento d/d/de que é ser homem, que homem eu quero ser... né? Será que eu preciso mesmo responder? Será que eu preciso corresponder as expectativas das pessoas, né? Então:::... no meu entendimento, enquanto:: homem trans, ele é rel/relativamente éh:::... nãonão pequena éh:::...((estalar de dedos)) como é que fala quando éh:: faz pouco tempo, faz pouco tempo que eu me entendo enquanto homem trans, tem cerca de dois anos, dois anos e meio, né? Que eu ff/realmente falei “não, eu sou uma pessoa trans”... e buscava entendimento em outras coisas, não acho que de repente uma lésbica, mais eu gosto de/de/de vestir um pouco mais... masculino, enfim.. e aí eu fui vendo que não era aquilo, até chegar mesmo nesse entendimento de que sou homem trans demorou um pouco... né? Então tem um ano que eu me hormonizo, um ano antes de me hormonizar que eu me entendi, enquanto trans. Então é recente, né? É um processo recente, por isso que eu falo que é um processo de construção... E acredito que nunca vai se fechar, o que::: é até interessante que a gente sempre vá::: se mudando, enfim.. né?

Cê me descreveu um pouco de:: até uma questão meio gestual, né?

Uhum...

Esses hábitos masculinos heteronormativos que você falou, e:: assim... fora essas questões sociais amplas que a gente conhece né? Como que você expressa essa masculinidade? Como que você sente essa masculinidade?

Olha... éh:: em determinados momEntos eu até achei que eu deveria me enquadrar nisso, né?... porque era o que as pessoas:: esperavam de mim, então eu deveria me enquadrar. E antes até de começar éh:: a hormonização... éh:: como eu sempre go/quis que as pessoas me reconhecessem como homem, mesmo antes da transição, hã::: então eu buscava::: forçAr até

alguns gestos ou determinadas ações que cê fala não se eu fizer isso as pessoas não vão me reconhecer como homem, então eu tenho que fazer tal coisa. Éh::: então::: sei lá, desde comprar uma roupa... ah eu gostei dessa camiseta, mas eu não vou levar, porque essa camiseta não vai me deixar masculino suficiente. Com essa camiseta as pessoas não vão me reconhecer como homem... éh::: ou... d/tentar deixar a voz um pouco mais grave, forçAr a voz mesmo, né?

Uhum...

Éh:::.... e isso foi/agora eu tenho lidado um pouco melhor, mas por exemplo, no início da transição, minha voz não mudou muito... não teve uma:/uma modificação muito grande

Uhum...

Então isso me incomodou muito no início... Cara, como que as pessoas vão me reconhecer como homem com uma voz dessa, né? Éh::: E aí eu tentava forçar um pouco mais. Com muita terapia a gente foi... vendo de outra forma. Mas era uma coisa, por exemplo, que eu:: m/me colocava como::.. e/era algo que eu me incomodava e eu tentava me enquadrar naquilo... Éh::: no próprio relacionamento mesmo, eu tenho um relacionamento longo já, tem 6 anos... éh:, mas dentro dele eu sempre procurei ter uma posição mais dominAnte... porque eu achava que, né? Éh:::.... dever/e eu gostaria de ser reconhecido e esse papel normalmente ele é exercido por homem... ah:::.. então eu sempre buscava, assim, tanto na/na relação afetiva quanto éh:::.... no/no/nos hábitos... cotidianos... né? Ah, vai abrir um pote, “não, deixa que eu abro”... “Na/não deixa que eu carregue isso aí, é muito pesado pra você”... né? Então:: e/e são coisas que:: a princípio eu não me percebia fazendo isso... né? mas é justamente na tentatIva de ser reconhecido enquanto homem que voc/ que eu particularmente f/fazia éh:::.... é:: é essas coisas pra... bom já que eu preciso de alguma forma me sentir esse homem que a sociedade espera que eu seja...

Uhum...

Então nessas pequenas ações... é o que eu me recordo agora, mas certamente tem mais.

Uhum... exercendo esse papel que a gente conhece como padrão né?

Isso.

Do homem... uhum.

Nessa/nessa tentativa de... bom, o que é ser homem? Homem é isso, o que a gente conhece, qual a referência que a gente tem de homem né?

Uhum.

É essa, então é essa que eu tenho que ser...

E como é que você tá com essa referência de masculinidade?

A referência cis, cê diz? Ou a...

É essa/essa sua referência né? Cê tá falando de uma própria aí...

É, eu falan/ e/e hoje eu já me sinto um pouco mais confortável, não é um:::... eu diria que eu já me::: entendo::: integralmente... éh::: como homem e aceito esse/o papel de homem trans, né? Porque aí é uma outra... é uma outra figura...

Não entendi bem, volta...

Porque eu/eu vejo essa:: ma/masculinidade, trAnsmasculinidade... diferente da masculinidade cis... então:::... eu sempre penso que uma:::... hã:::... um cara::: por mais que um cara trans tente se enquadrAr nisso ele nunca vai ser um homem cis. Ele pode se aproximar muito, fisicamente:: né?:: socialmente, mas ele nunca vai ser um homem cis, né? E eu acho que tentar buscar isso éh::: sofrimEnto. Acho que o primeiro passo pra/que eu busquei pra me sentir confortável é entender que eu nunca ia ser um homem cis... Então, éh::: a partir do momento q/que eu coloquei isso na minha cabeça, que eu entendI e passei a ficar confortável com a ideia de que eu nunca seria um homem cis mas sim eu sou um homem traAns e que, sim, algumas coisas seriam diferentes, né?... pro resto da vida... isso me deixou um pouco mais confortável. Então:::... cê perguntou como eu lido né? Com isso...

Éh:::

Dessa forma assim, é/é pensando nesse sentido de que eu nunca vou ser um homem cis, que eu sou um homem trans e que, sim, algumas coisas vão ser bem diferentes...

O que que é diferente pra você?... Enquanto homem trans...

É, me comparando a um homem cis?

Não, na sua masculinidade...

Eu me vejo como um::/um cara muito mais sensível... né? E isso é... dá pra ver com a convivência com as pessoas assim, principalmente que::m me conheceu depois da transição. As pessoas que me conhecem já sabem né? Ah, é a mesma pessoa, ok... Mas as pessoas que conhecem o Oxóssi depois da transição... é/é/éh comum ouvir isso e as pessoas/as pessoas dão esse retorno de que nossa é difícil achar um homem sensível, é difícil achar um homem preocupado, né? É/é nesse papel de professor, como eu trabalho com educação infantil, então eu tenho muito contato com a família da criança... então nossa um professor, nossa mas um professor tão dedicado, um professor tão... presente, tão atencioso, né? Não se espera isso... e aí quando você se apresenta... éh::: com algumas características que normalmente... éh::: deveriam ser... éh: deveriam ser éh::: inerentes... sei lá, a todo profissional da educação e não são... isso choca um pouco as pessoas, né?... Então:::... Talvez eu tenha notado essas diferenças muito p/por esse retorno que as pessoas dão... porque:::... enquanto pessOA... hã:::

a transmasculinida/a... a transição:: com hormonização não me mudou... né? Eu passei a entender algumas outras coisas por exercer esse papel social... de homem trAns, ele te traz uma::/uma bagagem, te traz outras experiências e cê muda a perspectiva com relação a algumas coisas, principalmente com relação a nossa masculinidade mas essa construção... interna, do que eu sou, éh::: elas vem de lá de cedinho... enfim, eu não vejo que isso.. que a:::... que a hormonização tenha mudado com relação a isso... me mudado...

Você não vê diferença na questão do tratamento hormonal, e essas/essas mudanças mais físicas ()

Éh:: tirando essas mudanças físicas e hormonais, éh:::... o meu íntimo, o me/claro eu me sinto muito mais confortável comigo, né? Nesse sentido de::: ter um corpo:::... mais próximo daquilo que eu gostaria de ter, éh::: essa questão de exercer o papel de homem era muito mais forte Antes de começar a transição. Depois que eu comecei e vi o que era isso... não, mas não é isso que eu quero, né? Eu não quero ser tratado como um cara cis, um/ as pessoas/enfim... éh::: tem até situações engraçadas com::, principalmente com mulher... de você chegar:: eu pego o ônibus muito cedo, então 5 horas da manhã, tá escuro, de você chegar no ponto e só ter mulher, você falar bom dia e ninguém te responder e você perceber que não/não te responde por receio... né? Éh::: aconteceu uma situação... de eu ir passar o cartÃO... e o cartão não/não funcionar... e aí a mulher não quis me emprestar... porq/ela falou n/não.. e eu senti que ela ficou com medo por se tratar de um menino, porque cert/ eu penso porque, certamente, naquela situação ela teria emprestado n.. tudo certo, eu passo aqui, entendeu? E:::... ou andar na rua e/so/e a mulher... se acuar prum lado da calçada, essas coisas assim... e aí nesse sentido eu falei cara, eu não quero ser assim, não quero ser esse tipo de homem que as/as pessoas sentem medo:: ou que tem que se impor de/de maneira mal educada, enfim, enérgica demais... essas questões ((riso))

Você falou que hoje se sente mais confortável com o seu corpo, né? Como que você se relaciona com o seu corpo?

Eu ainda tenho algumas questões, éh:::... a serem lidadas... hã::... comparando com o que:: a forma como eu me sen/ a forma com que eu me relacionava com meu corpo antes e agora, é mais confortável, mas eu ainda tenho algumas disforias... éh::: uma delas é com::/com o peito, é eu ainda não fiz a mastectomia... e em determinados momentos isso me gera um certo sofrimento, assim... porque::.. eu evito fazer algumas coisas, evito roupa principalmente, nã/não uso qualquer tipo de roupa... éh::: não vou à piscina:: não vo::u à praia, vOu, mas assim, não entro na água, não::: vou brincar. Sinto a vontade, mas me privo disso, porque é uma questão ainda que:::... eu não::: me sinto confortável pra::, não tudo bem:::, porque aí

vem aquela questão eu sou homem trans, nunca vou ser homem cis, então oK, eu sou um homem com peitos... mas ainda me pega muito essa questão do que:: o outro vai achar, do as pessoas vão achar, e::: será que eu vou conseguir lidar com isso, né? Então essa questão do CORpo pra mim ela ainda é be::m éh:::... complicada de lidar.. éh:: e acho que o que mais escancara isso é justamente quando eu me privo de coisas... com medo do que as pessoas vão falar... ou de repente de uma reação até... éh:: que não seja apenas verbalizada, mas que se materialize em violência, né?... Não que violência não exista violência verbal, mas assim, que mais, que eu acho que ainda até pode ser o m/m/meu caso, o caso de pessoas trans pode ser ainda mais::.. ((diminuiu o volume da voz)) doloroso e complicado de se levar adiante, né? Que é a violência psicológica.. Então:::... éh:: eu acho que é a principal questão que eu tenho hoje com certeza éh::: são os peitos. Eu não tenho disforia com genitália... não ve/ não/não penso em fazer cirurgia, a região... mas no peito:: e isso é um desconforto assim desde sempre... e aí, éh::: naturalmente depois com/do hormonização o peito ele tem uma:::... ele sofre uma modificação né?... que te traz um pouqui::nho de conforto, porque ele fica um pouco menor, enfim... éh:: de ficar mais pele, diminui o volume, tal. Mas ainda assim é um desconforto... né? E é algo que eu sempre penso assim... éh:::... como eu vou paga:r, de que forma eu vou faze:r... e aí recentemente eu tenho::: feito consultas com... com profissionais da área e assim é altíssimo o valor, eu não tenho condições de pagar... e aí fui pro plano de saúde, o plano de saúde já falou que não vai cobra:r... e aí eu tenho uma amiga que é advogada e ela falou “cara, cê vai ter que apresentar... a documentação solicitando a cirurgia, o plano vai negar e aí a gente entra com::: uma ação judicial, é o único maneira”, quer dizer, me deixa um pouco chateado, porque é um desgaste... né? Cê vai ter que correr atrás, cê vai ter que apresentar documentação, cê vai ter que provAr que você precisa daquilo, que aquilo te gera um desconforto, te gera um sofrimento.. e aí gera uma angústia também, né? Porque “AH já não basta ter que conviver com isso, aí você vai ter que correr atrás”, então nesse/nessa/nessa relação com o corpo ainda ela é... o que eu acho perfeitamente normal... não vejo como/não fico me:::... me judiando assim, sabe? “Não, cê não pode pensar assim, tatatata”... Não cara, okay, beleza. Estou pensando assim, não gosto.. e vida que segue, fazer o que ((riso))

Então você falou que o que mais incomoda são, a questão dos seios assim...

Sim...

Você falou um pouco antes da voz, mas isso já tá mais...

É, hoje já não/não, me incomodou muito no início. Agora já.. nem tanto

Quando cê fala de disforia, assim, como que você sente essa disforia?

((pigarro)) eu acho que muito nisso, nessa questão de:::... de angústia:: de sentir esse desconforto psicológico... de, não só psicológico, né? Porque pra usar binder, que fica comprimindo... e/e/e no final do dia, depois de um dia de trabalho, 8 horas de trabalho mais 4 horas de trânsito, cê chega em casa... cê sente isso no teu corpo, né? É algo físico também... Éh:: a primeira coisa que eu faço é chegar em casa e tirar o binder... ((riso)) porque::, né? Éh: fazer atividade física com o binder também incomoda muito, porque já é/já prende tua respiração, então cê vai fazendo atividade, e/e aí eu penso três quatro vezes “putz, será que eu vou correr?” Será::: éh:: por exemplo, gostaria de ter entrado em academia, não entrei até agora... porque eu acho que eu vou sentir muito desconforto com o binder... Eu faço atividade física na rua, mas na academia como são exercícios de repente pode pesar um pouco mais, eu fiz há alguns anos atrás... que eles... te pedem uma... determinados movimentos que o binder atrapalha, enfim...e aí pra não ficar desconfortável eu não vou ((risada)) mas gostaria. Então é algo que cê tem que tar o tempo todo mediando com você mesmo, né? E se não tem, eu faço terapia... te digo com toda certeza, se eu não tivesse acompanhamento terapêutico... certamente eu estaria... essa angústia, esse sofrimento que/que eu tenho, em virtude da relação com o corpo, certamente seria muito maior... né? Eu consigo lidar com isso, com mais tranquilidade, porque eu tenho acompanhamento. Caso contrário... e/e isso ia reverberar pra todas as áreas da minha vida... na relação familiar, na relação profissional, social, enfim... né? Se se com/com todo um aparato profissional eu já enfrento algumas situações... que eu não, não que eu não consiga lidar sozinho... mas que com um profissional é muito mais fácil de chegar num entendimento... e/e de ver as coisas de uma outra perspectiva... né? De outra forma, com certeza... ia gerar um sofrimento muito maior... e aí chega um momento que cê não sabe lidar com a situação sozinho, não/É? E aí que que cê faz? Pode acontecer de tudo, né?, no meio do caminho...

Então hoje é um pouco mais confortável, você tem, digamos, esse apoio né?

Sim

Psicoterapêutico

Sim

Mas já foi um pouco mais difícil de lidar com isso

Já, já, certamente...

No começo você falou que, né, você tá, é, essa construção constante de identidade transmasculina... e que isso ainda tem um, gera um incomodo pra você. Como que é esse incomodo?

((pigarro)) eu acho que muito essa/essa comparação que as pessoas fAze:m... éh.. éh/é difícil pras pessoas entender o que é ser transexual e aí:: a as mulheres trans elas são muito mais visadas, né, na sociedade. Foi, eu vi questões por exemplo quando:: eu tava no início da transição, “nOssa eu nem sabia que existia homem trans”... né? E e já escutei de outros amigos também... “nossa, já falaram isso pra mim também, que não sabia que existia homem trans”... éh:: agora a mídia deu uma certa visibilidade recentemEnte, então cresceu um pouco essa questão de/essa abertura... de:: de masculinidade... mas, me me incomoda quando as pessoas, éh:: equiparam:: a/a masculinidade cis e a masculinidade trans. Éh:: numa discussão, vou te dar alguns exemplos que eu me senti incomodado, por exemplo, hã:: numa discussão sobre feminismo... com colegas de/de trabalho e aí de repente alguém vira e fala “opa, você não pode mais falar sobre isso”... “Como assim não posso mais falar sobre feminismo?” “Não, porque agora você exerce um papel de homem, então você não vai mais poder falar disso”... Naquele momento eu achei mesmo que eu não podia falar. “Putz, agora eu sou um homem, não posso mais falar”... depois voltei pra casa e fiquei matutando aquilo, falei claro que eu posso falar, comé que eu escOndo... 24 anos da minha vida como mulher, exercendo esse papEl, mesmo que não me reconhecendo como mulher eu exerci esse papEl, né? Como eu não posso falar sobre feminismo?... né? Me incomodou... outro momento num grupo de amigos... falaram que::... é ah agora você tem privilégios de homem... e aí eu fiquei me perguntando, quais são os privilégios de ser um homem trans?... Será que existe algum privilégio de ser homem trans?... né? Pode existir privilégio enquanto homEm cis...falando d/.. uma questão mais global, né? Mas não existe privilégio nenhum em ser homem trans, pelo contrário, né? A gente::... tem mui/muita/muito direito negligenciado... né? Éh:: clAro que algumas situações vai acontecer, de repente cê vai num bar, a pessoa vai te tratar, isso aconteceu comIgo... éh:: eu sempre frequentava um::/um restaurante, agora não frequento mais, mas frequentei um restaurante... e quando eu ia com a minha namorAda as pea/os: garçons não atendiam a gente bem, “ah, são duas mulheres, tal tal tal”... quando eu passei a frequentar o mesmo restaurante já com uma aparência mais masculina, ah/a/a diferença do tratamento foi gritante... por que? Porque viam um homem e uma mulher, viam um casal, em tEse, hétero, né? Então okay, vamos tratar vocês bem... Então essas questões me incomodam, né? Do por quê que tem que ser tratado... e aí entra numa questão maior ainda que é a questão de gênero, entre homem e mulher, enfim... então:: nesse sentido, que há um/um incômodo.

Então é um incômodo que é mais, me corrija, né? social, é isso?

Social, é, é um::... é algo que::... que parte da::/de fora pra dentro, não de dentro pra fora...

E de dentro pra fora, teria alguma coisa...

P/Por hora n/não assim, acho que tirando essas questões bEm pessoais de relação com o cOrpo, de questões que eu percebia que eu fazia antes pra tentAr enquadrar ou tentAr me sentir esse homem... éh::... que exist/que buscava como referência o homem cis, né?

Uhum

Tirando isso, não... não... é muito mais como as pessoas veem isso... e aí eu sei da minha vivência né? Das experiÊncias e falo “opa, não é bem assim, calma, não tem privilégio. Não a minha masculinidade não é igual a masculinidade do homem cis”...

Em relação a/a sua experiencia e vivência de corpo, assim, com o seu corpo... cê acha que tem mais alguma coisa que...

Eu me relacionei até uns:... até a sétima série ali, até os doze anos eu não tive problema com meu corpo. Me relacionava bem...((pigarro)) mas aí quando, no início da adolescência que o corpo começa a mudar... eu já::: comecei a me incomodar... hã::: eu lembro::: na oitava série, assim, eu nunca/não usava sutiã, que as meninas começam a usar já na sexta, sétima série já começam a usar... e como eu não queria e também não via a necessidade dIsso eu não usava, minha mãe também.. na/não forçava nada... então::: eu não usava. E aí:::... d/determinado dia na oitava série veio um menino e falou:... q/como::: uma chacota né?... “PORra, todas as guria usam su/sutiã e você não” Daí eu cheguei em casa mal, comentei tal com uma tia minha, e aí ela arrumou um, e aí eu falei que eu não queria usar sutiã... e ela arrumou um top, que aí tem um tecido diferEnte, éh::: enfim. E a partir daquele dia eu só usei top... po resto da vida, até::: começar usar binder, eu só usava top. Aqueles tops m/mais esportivo, que daí eles também ajudavam a esconder um pouco, porque o sutiã a impressão que eu tinha é que aumentAva aquilo que eu queria esconder, né?... e aí com::: uns 15 anos eu comecei a frequentar a ginecologIsta e toma anticoncepcional e aí o corpo mudou mAis ainda.. o peito cresceu mais, as curvas do corpo ficaram mais evidentes... e aí::: dos 15 anos pra frente começou a me gerar uma angústia muito grande. Aí eu comecei a colocar roupa ma.. roupas mais largas, tudo o que eu pudesse evitar, pra fazer com que aquilo que eu achava... éh::: que podia me deixar parecido com uma menina, eu evitava... então... foi...m/mas durante a infância até uns 10, 12 anos ali, foi muito tranquilo. Eu me sentia um muleque, e ninguém falava que eu não era.. Dentro da minha família eu era um piÁ, e okay. E: com meu circulo de amigos também, nunca tive problema. Ia brincar de casinha, meus amigos “ah, eu quero ser o pai”, “beleza, você vai ser o pai”... não tinha essa questão... éh::: fui sentir mais do:/da saída do ensino fundamental pro ensino médio... enfim

Mais na adolescência

É

Que começou a aparecer o desconforto, assim, com os seios daí, especificamente

Sim, e aí entrou na vida adulta...

Cê falou dos seios, das curvas que, aparecem

Sim

Por conta dos hormônios ali né? Enfim...

((risada))

Cê acha que tem mais alguma coisa a respeito da sua experiência, assim, com o corpo ou com a própria identidade, essa construção...

Com o corpo, cara... não sei, eu acho que cada experiência é uma experiência muito... muito única, né? É difícil a gente:: falar de experiência::... transmasculina e colocar tudo no mesmo pacote... éh:: eu, como eu te falei, eu não tenho:: é, desconforto com a minha genitália, mas tem meninos que sentem essa necessidade, de:: usar até na.. usar packer, éh:: sente a necessidade que apareça um cer/um volume na calça::.. ou na hora de fazer sexo precisa sentir que... sei lá, que tem um pênis, enfim... eu já não sinto isso, não me incomoda, éh:: essas questões... não sei te dizer por quê também... com relação a genitália, porque que não me incomoda... a questão do peito eu acho que foi muito essa construção na adolescência assim, de apontarem, sabe?.. “O::lha” E aí, depois eu comecei a tomar... ((estala o dedo)) anticoncepcional

Aham

O peito ele cresceu muito. Então era muito comum:: amigos falarem “nossa, você tem um peitão”, e a/a/ou meninas né, a/amigas. Mas no sentido de falar “nossa amiga, você tem um peitão, uau” e aquilo me incomodava demA::is, eu ficava “não, eu não quero que veja”. Então as pessoas reforçavam... um aspecto do meu corpo que eu não queria que reforçassem, então cada vez mais eu fazia com que isso desaparecesse de mim... éh:: até hoje, eu ando até meio curvado por/por conta disso... porque eu não me sinto completamente seguro nem de bnder... né? As vezes eu tô na rua, ou, e aí minha namorada “senta direito, cara, por que que cê tá... não tá aparecendo nada”, “não/não, tá sim, tá sim”.. então é uma insegurança muito grande com o que as pessoas vão achar ((risadas))...e:: é um desconforto::.. é, grande assim, mas a gente vai, lidando, com algumas questões. Acho que com o corpo é isso assim, muito difícil fala::r... n/no sentido totalitÁrio, assim... é muito, muito único e é... muito processo de construção, né?

Uhum

Eu não tive apOio da minha família pra iniciar a/a hormonização. Mas eu também, não me negaram o espaço dentro da família... ainda há uma dificuldade em me tratar no masculino,

de tratar no nome hã masculino... mas eu vejo um certo esforço, né? As vezes dão uma resvalada “ai.. (nome no fem.)... hey... filho... neto”, né? Mas eu também não vejo como::, porque também é um/uma construção pra eles, também é um processo de entendimento.. então eu não vejo isso de forma negativa...e por não ver de forma negativa não me impacta negativamente.. entendo que é um processo... éh::: mas se você pega um trans que não teve::, que foi: expulso de casa::.. de repente sofreu violência, é um outro processo com o corpo, é outro processo socialmente falando... né? Então::: é muito.. enfim... específico, né?

Como que foi esse momento em que você se entendeu “nossa eu sou homem trans”

Olha que interessante ((risada)) eu tava::: sempre houve essa/essa::... na infância eu sempre me entendi enquanto menino e eu fui entender que eu não era um menino na adolescência... que aí as/as/as diferenças entre menino e menina começam a ficar mais evidentes fisicamente... e: as/e os gupos começam a se formar, né, os meninos fazem isso, as meninas fazem aquilo.. éh::: você nã/menina não pode andar assim, não pode jogar futebol, não pode jogar videogame, enfim.. e aí eu me percebi, eu falei “putz... e agora?”... e aí::: naquele primeiro momento falei “eu preciso me encaixar, então se eu sou uma menina tenho que.. me comportar como menina”. E lá fui eu me vesti como menina, tenta me enquadrar dentro daquele padrão... e aí fui até os: 16 anos. Dos 14 aos 16 eu tentei::.. e aí chegou o momento que eu falei “cara, não é isso”... e aí, fui pro/prá sexualidade e falei “acho que eu gosto de meninas”, né?.. e aí achei que o problema era só a sexualidade...ai ((suspiro)) tal, e.. e aí com:::.. dos 16 aos 20 eu achava “okay, sou lésbica”... Mas chegou uma hora que aquele/me relacionar com meninas.. eu percebi que não era só aquilo.. que existia alguma coisa além daquilo.. um incomodo maior.. e aí eu comecei a pesquisar. Internet, ta:::l, o que que é: e tal. E jogava dessa forma assim, jogava::: na pesquisa: “incômodo com peitos, incômodo com não sei o quê” e aí começou, vinha notícia, vinha blog, e aí eu comecei a ler.. mas ainda assim eu tinha dúvidas “putz, será mesmo o que eu quero, ter bArba... enfim, tudo bem eu já uso roupa masculina, mas será que eu quero isso”... e aí eu vim numa palestra com a M.... e a M. falava dessa experiência dela enquanto pessoa transexual, trazia muito isso e enquaNto el/a M. ia fazendo a fala dela, eu ia me reconhecendo... “cara, é isso... nossa verdade isso que ela tá falando, é/é o mesmo sentimento que eu tenho”... e aí eu compartilhei, aquilo que ela tava falando era os mesmos sentimentos que eu compartilhava, eu só não sabia d/denominar isso, coloca um nome pra isso e nem/e nem como.. como iniciar, como me assumir, enfim... depois dessa palestra com a M... ((pigarro)) aí eu fui pesquisar a fundo, porque até então eu pesquisava assim vagamente... e::: não passava de pesquisa.. e aí depois eu falei “cara, é isso”. Eu saí daquela palestra e falei “eu sou transexual”... não tem... esse incômodo que eu sinto é:::

exatamente isso, e aí parece que eu me encontrei naquilo... depois da palestra eu fui pesquisar mais a fundo, fui fazer pesquisas mais detalhadas e já fui pe/éh::: ver qual que era o procedimento, o que que eu precisava fazer pra começar, pra me harmonizar... entre esse processo da palestra... até o início da hormonização foi em torno de um ano, não chegou a dar um ano...mas, em média,

Quantos anos cê tava?

Quando eu comecei? Tava com 24... éh::: que eu me entendi como trans e iniciei a hormonização com 25... então:::.... foi mais ou menos esse processo.. daí: fui pesquisando, fui:: é angariando profissionais, o que é muito difícil também, né?... éh::: e aí depois de achar.. profissionais, de saber o que eu tinha que fazer, eu iniciei o processo... éh::: e aí eu já tava decidido, e aí eu já não tinha mais dúvida, “aí será que eu sou trans” não... é isso que eu sou. E assim que eu acho que eu vou ficar mais confortável... né? E aí, dei início... ((riso))

Tem mais alguma coisa da sua experiencia que você acha importante?

Importante...

De vivência, de experiência que você teve, pessoal, assim?

Eu pego muito n/na infância assim, eu lembro:: de/de... de situações né... éh::: eu sempre tive uma amizade muito mais:... é, próxima com meninos.. e tem um::/um amigo meu, que a gente é amigo até hoje, éh::: e a gente cresceu junto assim, a gente tem dois meses de diferença.. de idade. E as nossas famílias sempre foram muito próximas, então a gente cresceu praticamente no mesmo ambiente familiar... e as vezes a gente saía assim final de semana e eu saía com a família dele... e sempre me confundiam “aí quem que é esse seu amiguinho?”... e eu achava aquilo fantástico, sabe, porque dentro da, dentro da família eu era menininha, “aí menina, a filha, a neta”, e fora daquilo eu podia ser aquilo que eu queria ser mesmo... então, eu achava fantástico. Ou/ou até mesmo... éh::: na vida adulta já, as vezes, sei lá.. hã::: ajudava alguém... oferecia um banco pra um senhora no ônibus, “obrigada, querido”, me tratava no masculino, “aí, que bom”, era quase assim, é, não perceberam que eu sou uma menina, né? (então assim, uau) então, acho que é isso, e: até quando eu sentia esse bem estar em ser reconhecido como menino.. foi o que me ajudou a entender que eu era trans... porque assim... pô, te tratam como menino e você se sente bem, né, o que que é isso? O que é isso?... então essas situações assim de me sentir confortável quando/quando::: me tratavam no masculino, falavam menino e tal.. me f/me trazia um bem estar, me deixava confortá:vel.. e isso desde infância assim, é um sentimento que eu trouxe até a vida adulta. Toda vez/eu não ligava que me confundissem com menino, eu achava até:: legal ((risada)) e isso foi um dos fatores que me fez me vestir cada vez mais... como:: como/com uma aparência mais masculina, assim. Buscar cada vez mais...

eh, não tinha:: na infância eu tinha cabelo longo... tive cabelo longo até a oitava série... depois eu::... deixei ele no ombro, só pra dizer assim, né? a gente vai começando aos poucos. Só pra dizer “ai, vou deixar mais curto”.. aí foi... acho que com uns 20 e::... 22 anos, daí eu cortei:: bEm curto mesmo.. daí:: esse processo das pessoas me acharem “ah é o (homem ou)?”, foi muito mais, não vinha muito...enfim... acho que é mais ess/mais isso assim... que eu lembro, pra te falar agora é isso... a/as crianças né?... eu trabalho há 5 anos, então::... éh:::, eles/eles... me viram com o cabelo curto, então qual que é a referência que a criança tem de homem né? Cabelo curto.. uma das/das referências principalmente físicas, porque criança não vai perceber as diferenças psicológicas, enfim... e aí:: a aparência mais masculina, roupa mais masculina, cabelo curto, brinca igual muleque, é muleque! Então, “professor”.. né?.. e aí as vezes até um pai, uma vez até aconteceu de uma mãe chegar e falar assi::m... me chamar e falar “ai eu queria falar com você, cê tem um tempo?”, “ah, okay”, aí fui falar, “é:::, escuta, éh::: meu filho chega em casa e ele fala, quando ele vai se referir a você, ele só fala professor, então ele falava”, éh::: as crianças me chamavam de (nome no fem.), então assim, O professor (nome no fem.)... “e eu queria te perguntar se você quer ser chamado no masculino, porque quando eu falo pra ele, não é A professora, ele rebate comigo que não, é O professor... cê fala isso dentro de sala? Cê pede pras crianças te ch/te tratem no masculino?”. E aí a minha resposta foi “não, eu não peço. Mas se as crianças me chamam no masculino eu não corrijo... quer chamar de professor, quer chamar de tio, vai chamar, eu não vou corrigir”, e aí ela vem e pergunta “você quer que trate no masculino?” e aí eu falei pra ela “se você sentir confortável de me chamar no masculino, por mim tudo bem. Não vejo problema”... então:, foi/o que é difícil porque normalmente as famílias vão ficar corrigindo, “não, é a professora, é a professora, é a professora”...

Um caso a parte...

Foi uma/uma família super sensível, ela falou “olha, se você quiser ser chamado no masculino, a gente vai te chamar no masculino”... mas, okay

Só pra eu entender o contexto, isso ainda antes de você assumir a identidade...

Antes da hormonização... antes de/de/de falar que/prá qualquer pessoa que eu era trans

Entendi

Eu ainda me colocava enquanto professOra, enquanto, né? enfim.. éh::: então::: foi nesse... foi no processo... então é interessante isso também, porque quando os pr/as crianças me chamavam até as outras professoras, que as vezes tinha alguma outra professora em sala.. é, eu via falando baixinho “não é professora, é professor” ((risadas)) e eu achava engraçado, não ia ficar corrigindo todo mundo, enfim... ma:s, também não ligava, achava confortável, “ai, que

bom que tão me reconhecendo, ai, que bom que a criança são assim”. Criança é um filtro, criança é muito sensível a algumas questões... éh::: então pra mim isso é até um feedback bem positivo, assim.. “ah, que bacana que me entende como professor”, né? Então::: eu me senti confortável, enfim... são essas questões que eu consigo lembrar pra te trazer agora ((riso))

Tá ótimo ((risos)) tá ótimo

Não lembro muito mais ((fala baixo))

Acho que então a gente pode encerrar, né?

Podemos

Só antes de eu terminar, eu esqueci de fazer umas perguntinhas bem básicas ((riso))

Tá

Qual que é a sua idade?

Idade 26 anos

Qual que é a sua raça?

Branca

Gênero?

Masculino

E a sua formação?

Eu tenho ensino superior completo e tô terminando a pós-graduação, tá em andamento

Tá ótimo, é isso ((risos))

ENTREVISTA II: EXU

E aí Exu me fale um pouco sobre:: como é ser trans pra você?

Pra mim... o termo trans chegou muito.... muito depois... na verdade... eu nem sabia que eu era trans... na minha cabeça eu sempre fui::.... um menino... na minha cabeça sempre fui um, um menino, um menino, um garoto, uma criança menino, depois um adolescente menino, depois, um/aí na adolescência começaram as barreiras... que daí o corpo mudou.... e você não se identifica mais com o corpo que você ocupa... Mas o termo trans chegou depois. Hoje eu sou consciente que eu sou um homem trans, antigamente não... na minha cabeça eu sempre fui um menino.... nunca me vi como menina, muito menos como mulher.

Como que é isso::, assim, de se sentir menino... desde a infância? Como q/você sente isso?

Pra mim foi normal, porque eu veio de uma família de/de quatro irmãos.... três irmãos homens, quatro comigo né?... São três homens... minha mãe criou sozinha a turma... eu sou: o caçula.... e uma das maiores barreiras foi exatamente isso, por eu ser o caçula, ela aguardava um menino ... e fez promes/uma menina, e fez promessas pra ter uma menina.... e quando chegou eu, foi uma barreira muito grande, h/na/hoje eu tenho consciência que uma das maiores barreiras foi romper esse desejo:: particular da minha mãe... em::: se realizar pessoalmente em ter uma filha mulher, porque:: eu lembro:: muito bem que até os dezessete eu me sentia com vergonha de não ser a menina que ela tanto sonhou... mas::: chega um momento que você olha no espelho e não dá mais.... e isso pode acontecer com/com dez, com vinte, com trinta, até com cinquenta anos. Chega um momento da tua vida que você quer viver a TUA vida, não quer viver o que os outros querem o que você faça... e o meu momento chegou com dezessete anos... que eu cheguei nela e falei: “eu sou assim... vai ser difícil viver, porque eu estou descobrindo, tô vendo o quanto o mundo é cruel, e eu cheguei.... por eu ser um cara extremamente reto, cheguei nela e falei ou a senhora me ajuda e tá comigo nessa, ou vai ser mais difícil ainda, consegui vencer tantas barreira sem o teu apoio”.

Como que foi esse momento aí? Essa idade que você se entendeu como um homem trans, ou homem né, até então você não utilizava a palavra trans

Não, a gente não sabia disso né? Isso é muito recente no Brasil...

Como que foi esse momento então? Você chegar e entender que era diferente, que tava sofrendo?

Então... eu/eu sempre fui muito de de me/me me romper sozinho, sabe? Eu não sei se esse é o termo... então com treze anos de idade a minha sexualidade chegou... e eu me vi apaixONA do

por uma:: mulher... de... vinte e oito anos de idade, por ela conviver muito comigo... foi meu primeiro amor... e nisso veio a primeira paixão e os primeiros desejos... sexuais... então me lembro que:: com quatorze anos aconteceu da gente ficar junto... e:: inclusive ela foi uma das primeiras pessoas que me falou... éh::: “eu olho pra você e vejo um menino”... eu não sei... eu não sei o que/o que que tá acontecendo, “eu olho pra você... e::: me sinto atraída por você porque vejo um menino, e um menino lindo”, daí::: aconteceu que com quatorze anos a gente, eu tive a minha primeira relação sexual com uma mulher... e com 14 anos eu também eu me decidi SO-zi-nho ir até o final... na situação de me envolver com um::: menino, com um garoto, com um homem, eu falei assim “eu preciso ir até o final pra eu dizer que eu não quero isso pra mim”... foi uma decisão pessoal minha, fiz sozinho... então tinha um amigo no bairro que me/que ele era o sonho de todas as meninas, e ele era meu amigo pessoal... e eu cheguei nele e falei assim: “eu quero ir pra cama com um homem”, aí ele falou assim: “ah::! não acredito”, e tal pa pa pa, aquela coisa de amizade, aí eu falei: “não, eu quero, eu preciso, e você vai me ajudar nisso”, e ele falou: “capaz que eu vou fazer isso com você, na/não rola a gente é muito amigo”, eu falei: “nÃo, se for pra ser com alguém, vai ser com você”, ele tinha uns... vinte e cinco anos, eu tinha quatorze.. e ele era meu amigo, meu/meu vizinho de bairro, e a gen..., e ele conversava sobre a vida pessoal dele e eu/eu tentando me descobrir nessa loucura... e daí aconteceu que eu fui com ele... uma, duas... duas vezes, e daí ele::: falou: “o que que você achou?” Eu falei: “cara, eu não gosto disso, não é isso que eu gosto”.... Agora, quando aconteceu com a menina... é disso que eu gosto... tipo assim, foi uma coisa assim:::, a primeira vez eu me senti bem mal, porque até o cheiro do homem me incomoda... quando o cara tá transpirando em cima de você, até o cheiro parece uma:::, na minha cabeça assim eu não tenho trauma, mas na minha cabeça parecia até uma violência sexual... nÃo tenho traumas mesmo, ao contrário, tenho muito carinho por ele até hoje... se eu encontrasse com ele a gente ia se abraçar, ia se cumprimentar normal, hoje ele é casado tem filhos... vi ele... há uns::: acho que 6 anos atrás, e foi normal, a gente deu risada da situação, mas assim, a primeira vez parecia uma literalmente violÊncia sexual, de tão desagradável que é... você ter alguém, éh::: ali se envolvendo dessa maneira contigo na cama, entendeu? Daí eu descobri, não, eu realmente gosto de mulher, então... o/o trans, eu não sabia que existia o termo trans, pra mim eu gostava de mulher e me sentiA naquela... época, se você coloca:::r quinze, vinte anos atrás era::: as meninas sapatão... não/é? Que todo mundo falava... que::: éh::: horrível esse termo, éh:::, ah: é lésbica, mas eu não me via nem como sapatão nem como lésbica, eu era um menino, eu me achava e me sentia e dominava a minha mente a situação de eu ser um menino, daí eu... foi minha primeira namorada e nós ficamos dois anos juntos... e/tanto que

ficou tãO sério, que ela falou pra mim assim:: “eu não consigo me ver ca-SA-da com você... porque eu vou ter que aceitar isso, que eu vou me casar com uma menina”... E ela era hÉtero.

Uhum:

E daí:: as discussões pro relacionamento ficar tão sério em dois Anos... as discussões eram como a gente iria dar o próximo pAsso... que ela não conseguia: se ver casada comigo, um exemplo, e eu não queria casar, ela tava falando de casamento, mas na cabeça dela sim, pela idade dela...

Uhum:

E daí a gente acabou que::, acabou se separando, natural, assim, eu falei “ah: você vai pro teu lado, eu vou pro meu , eu preciso de alguém... que não tenha vergonha de mim, entendeu? Que não tenha vergonha de andar de mão dada comigo na rua”... foi minha primeira namorada e de lá pra cá foi uma atrás da outra. Quando eu me via solteiro eu falava: “vou ficar solteiro, vou apavorar, vou curtir, vou zoar”, já tava de aliança na mão... sempre foi assim, eu achava que eu ia dominar o mundo, que eu ia putiar um monte, já tava de aliança na mão com um mês...

Uhum

Eu sempre fui muito intenso, sempre me apaixonei:: e:: mergulhei de cabeça (sem olhar pra trás), eu acho q a vida é isso, você viver de verDAde, não adianta você viver meio termo... você tem que se olhar, tem que gostar de você, tem que gostar da sua vida e tem que ir embora... hoje eu sei... que você tem que ir embora sem olhar pra trás... mas é difícil no começo... principalmente você conseguir... olhAr no espelho... que até hoje qualquer trans que você sentar ali pra conversar, vocês vão.... por mais que o cara passe, a menina passe por três, quatro psicólogos, dez psicólogos... sempre vai ter o momento da crise que a gente brinca que é o momento do espelho, esse é o piOr momento, é o espelho... pra mim, pra muitos amigos que eu converso, o pior momento é o espelho, porque a gente não problema muitas vezes com o mundo ou com as pessoas em volta da gente, porque quem tá em volta da gente... aprendeu a:: amar a gente e respeitar de alguma maneira... mas quando assim você tá em um momento ruim, que você se olha no espelho, e você não vê o que você gostaria de ver... complicado.

Você tava me contando né, desse momento que a sexualidade era mais intensa e você não tinha um nome ainda... pra essa experiência, né? Éh:: Até então o pessoal chamava de lésbica, né? Mas você sempre se sentiu um menino e não se encaixava nesse padrão, e você falou desse momento do espelho. Como que é esse momento do espelho pra você, Exu?

Pra mim cara foi horrível, porque... como.... eu falei da parte da adolescência até a infância, eu fui extremamente feliz, eu fui um, eu fui um menino pleno... feliz, eu jogava bOla eu brincava na rua, tipo eu/eu/, nunca fui d/de boneca, eu sempre gostei do/da coleção do carrinhos, sempre gostei da camiseta, da bermuda, do boné, então... era/era tão, era tão fácil viver dessa maneira, aí quando entrou na adolescência começa aqueles comentários que:... pro menino trans é muito ruim... tipo... “você não pode ficar aí porque você não é homem, não fique no meio dos meninos”, “você não pode brincar de:: esconde-esconde no mato porque você não é homem”... e: o:: a/a/a criança que tá entrando na adolescência, ela fica “por quê?”... Aí a mãe olha pra você, o pai, o tio: “não porque você não é ho::mem, você não pode ficar no meio dos meninos no mato”.... e a criança não sabe disso, o adolescente que tá entrando na adolescência não sabe disso, porque que ela não pode ficar no meio do mato com os meninos... Éh:::, tipo:::, a formação do seio que começou a sair, e você tem que se esconder, começar a esconder isso de todo mundo, por/porque você não gosta de ver ne/nem teu corpo se formando, entendeu? Éh:::os teus amiguinhos mudando da maneira correta pro masculino, a barba saindo, os pelos saindo... eu lembro que eu olhava o meu irmão que é três anos mais velhos que eu.... cin/trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, três anos mais velho que eu e o corpo dele mudANDo.... e que queria que meu corpo ficasse.... que meu corpo fizesse igual o dele fazia, entendeu? E o meu corpo não fazia.... então... era hOrrível olhar no espelho...

E como que tá hoje isso pra você, como que é a relação com seu corpo hoje?

Hoje é bem melhor.... podia tá.... melhor ainda, pq eu não fiz a mama ainda.... que é o que mais me incomoda, mas:::.. hoje/hoje tá bem melhor, hoje eu consigo me olhar no espelho.... vestido pelo menos.

Vestido?

É:... Quando eu.... quando eu me arrumo pra sair eu me sinto bem... quando eu tô em casa... se eu precisa:::r, éh::: eu não consigo ficar nem na minha casa sem camisa, entende?... Eu não fico nem na minha casa sem camisa.... eu tenho que tá pelo menos de regata.... pra eu me sentir menos pior.

Então, é mais a questão dos seios né?

Sim, o que eu me incomodo, sim..... gostaria de::: já ter tido o dinheiro pra fazer a minha cirurgia.... porque eu acho um absurdo, até:: tipo::, u/um país tão rico, tão rico mesmo, em/em... berço de natureza, de águas, de rios, de mata, de plantas, disso, daquilo outro, tantas faculdades e faculdades por aí a fora no país, o governo não faz um/uma parceria nem com as

faculdades... nem com os estudantes de medicina pra ajudar a comunidade trans, nessa/nesse tipo de cirurgia. Quantas cirurgias poderiam ter sido/ poderia ser feito de graça?... Ou que não:: fosse de graça a pessoa pagasse, sei lá:: 50% do valor, já era:... nOssa um passo enorme pra quem precisa passar por uma cirurgia dessa. Porque:: pra maioria das pessoas o/a barreira é o valor, ninguém tem esse... dez, doze mil pra dar, quinze mil, pra dar... ninguÉm tEm.... olha o país que a gente vive. NinguÉm tem esse valor pra chegar lá e pagar.... então... é eu acho que é uma vergonha pro/pro governo e pro país, não/não ter essa ajuda pra comunidade trans, porque:: eu acho que:: não é uma situação de doença... não é que seja uma doença, mas em alguns cAsos mais grAves... tanto que:: os psicólogos pode:m... atestar isso, que em alguns casos mais graves isso pode gerar uma doença mental, né? É uma depressão enorme, é um/um eu lá dentro que tá sufocado, né? da pessoa, que muitas vezes não deixa a pessoa viver.... hoje muito/eu conheço trans que não consegue trabalhar... recentemente, eu ajudei uma moça que não conseguia trabalhar, por causa do nome dela, porque era uma mulhEr utilizando nome masculino... uma moça linda que não conseguia passar no mÉdico... porque ela chegava no posto de saúde e o pessoal mandava ela pra cAsa... isso é:: isso é:: ridÍculo.

Como que::... é pra você::... essa questão social, assim, como que você lida com essa, essas questões mais amplas socialmente, assim, essa... violência né? de direitos e tal, como que tá hoje pra você isso?

Olha Matheo, eu não posso reclamar.... eu Exu não posso reclamar porque, éh::.... não sei se é o meu jeito, não sei se foi sorte, não sei se foi Deus, não sei se foi o santo, sei lá o quE... mas eu sempre:: tive... sempre tive, meio que:: um passo à frente do que tá acontecendo... eu nunca sofri um preconceito de verdade.... éh::, ninguém nunca me deu um tapa na cara.. entendeu? Ninguém/na minha frente ninguém falou... comentários acontecem? Com certeza acontecem, mas na minha frente ninguém tem coragem de falar, ninguém nunca meteu um soco, um tapa na cara, eu nunca fui agredido na rua.... entende? mas éh::, eu conheço os am/... eu conheço amigos que foram.... isso é horrÍvel.... é horrível... você:: imagina a situação de você viver com medo?... E a cada vez mais fica pior né? porque:: o governo só vai de mal a pior.... então cada vez mais fica pior.... então eu ss/queria/queria realmente poder.... fazer mais.... ma:::/mas:: sim, acho que a vida vai te direcionando pra outros caminhos, então, hoje eu tento fazer mais no religioso. Hoje eu tento receber bem o trans que chega na minha casa, hoje/hoje eu sento na mesa de uma roda de sacerdotes... e tento mostrar pra eles que a espiritualidade do trans, tá no coração dele, tá na mente dele, nas atitudes dele, não na roupa que ele usa, acho que vale mais a maneira que o filho e a filha se comporta

dentro da casa do que a roupa que ele veste... Então, hoje eu tento fazer a minha diferença no/no meio religioso, já que eu não posso fazer: r sei lá, na comunidade, ou na política, ou na: faculdade, que nem faculdade eu tenho, nem fiz... éh:::, e provavelmente não vou fazer.... Porque se eu tiver dinheiro eu vou fazer minha cirurgia... então eu tento fazer a diferença no meio que eu vivo... na minha família, no/nos amigos que são hétero, eu tento mostrar que o trans não é drogado, não é bandido, não é viciado, não é::: assassino, não é::: doente mental... então eu tento fazer a diferença no meio que eu vivo né?

Como que é::: você falou que sempre se entendeu enquanto menino, né? Como que você expressa essa masculinidade?

Olha, eu costumo dizer exatamente pela questão religiosa que eu te falei, costumo dizer que o homem ele não é homem pela roupa que ele usa.... eu falo isso pros filhos lá em casa.... tanto que eu tenho um filho trans dentro da minha casa, um TRANS homem dentro da minha casa, e eu falo: “filho, o mais importante é você decidir o teu caminho, o mais importante é você assumir a sua identidade, porque quando você se assume::: pro mundo, o mundo te respeita, quando você fica em cima do muro você vai receber comentários dos dois lados”, “ó eu vou te dar uma camisa do Corinthians, vou te dar uma camisa do palmeiras, porque você tá com uma camiseta neutra”.... então as duas torcidas vão querer puxar você... tanto o/o/o meio hétero que é bem... machista... quanto o meio trans.... vem pro meu lado que no meu lado você vai ser feliz. “eu acho que você É trans... não, eu acho que você, se você”.... éh::: éh:::. Como que eles falam? Os héteros falam que se você é trans, é porque você não conheceu um homem.... de verdade, se você conhecer um homem de verdade você vai virar mulher. Então, enquanto o trans não se assumir.... enquanto ele fica em cima do muro, da arquibancada, mais difícil fica.... então eu acho que o/a masculinidade tá em você se assumir, você olhar e você dizer: “eu sou um HOMem”.... Eu quero comprar um tênis masculino, quero usar uma calça masculina, quero usar uma camisa bonita, eu quero fazer a minha transição, eu quero:... tomar meus hormônios, eu quero fazer minha barba, eu quero me sentir bonito na rua... Então, eu acho que tá muito mais em ser, em como você se sente, em como você se vê, pra daí o mundo te responder.... na minha cabeça foi isso.... tanto que na minha primeira entrevista com a psicóloga eu fui fazer uma experiência, uma consulta gratuita e ela/ela me fez a mesma pergunta: “o que você quer aqui?”, eu disse: “eu quero que as pessoas vejam o Exu”, na minha primeira consulta eu disse isso, “eu quero que as pessoas que convivem comigo vejam o.... Exu, respeitem o Exu”, ela falou assim: faz uma hora final da consulta, ela falou: “Exu, faz quase uma hora que eu estou conversando com o Exu”.... E/e essa frase ficou marcada na minha vida.... uma pessoa que não me conhecia, uma pessoa que não sabia nada

da minha vida.... uma pessoa que eu fui ali tentar contar um pouquinho da minha história.... e eu querendo que as pessoas vissem o Exu... e ela falou: “O Exu existe!... Ele só tem que ser colocado pra fora”, e é verdade, o trans ele tem que ter consciência que ele tem que se posicionar, ele tem que se colocar pra fora... Éh::: as meninas trans gostam muito da:::, N/não sei a palavra que usam, vocês que estudam devem saber, acho que é a metamorfose borboleta né?... que ela vai se transformando ali, até sair à borboleta pra fora, eu acho que o trans é isso, é a melhor definição... é a borboleta realmente.

Esse processo de...

O processo... você tem que::: sair pra fora do casulo... é a única maneira de você.... voar, ser feliz, alcançar novos vãos, conhecer novas pessoas, éh::: ter mais atitude na tua vida pra viver bEm, pra morar bEm, pra comer bEm, pra se relacionar bEm, pra ter um relacionamento familiar bOm, pra ter um relacionamento amoroso bOm, pra se olhar n/no espelho se sentir melhor, cê tem que sair do casulo.... o gay não tem que sair do armário? Então, o trans tem que sair do casulo. É a única maneira de você viver.

Como que foi esse momento que você:: se entendeu como homem trans né? E buscou isso, buscou esse reconhecimento, buscou sair desse casulo?

Então, o momento trans chegou pra mim com:::, mais ou menos acho que vinte e cinco ou vinte e seis anos de idade, hoje eu tô com trinta e quatro... então, tem quase/quase dez anos aí. Eu estava casado com a minha atual esposa... e::: teve o momento da paixão, teve, claro, sou apaixonado por ela até hoje, só que.... de/a gente casado, casado legalmente.... ela era uma mulher hétero que se envolveu comigo, e ela falou: “tive que adquirir consciência que eu tava apaixonada por uma menina, e depois da tua transição tive que mudar tudinho pra me ver apaixonada por um homem trans”. Então, a minha esposa, acho que é uma guerreira né? porque ela fez dois processos.... se aceitar uma mulher hétero apaixonada por uma mulher, e depois se aceitar uma mulher hétero apaixonada por um hOmem trans.... e sempre ao meu lado, sempre me apoiando.... aí depois que passou a fase da paixão.... ficou só o amor. E o amor esfria o relacionamento, e chegou à crise pessoal minha, do espelho... e eu... fui me fechando no casulo de volta..... e até::: a sexualidAde... caiu né? E chegou o momento que::: eu/ela achou que eu não queria mais ela. Éh:::, “q/acho q vc está procurando uma maneira da gente terminar”, porque eu estava me distanciando dela... ai::: ela:::.. naquela::: conversa sempre voltando no mesmo assunto, “Por que que você tá longe?” Por que que você tá longe de mim?”, Passava mais um tempo ela “mas por que que você tá longe de mim?” E apaixonada, desesperada, querendo me ajudar, achando que eu tava apaixonado por outra, ou que eu tava desapaixonado por ela.... aí no momento... no momento que::: que a gente tava

na cama sozinho relaxado, depois de.../de:: ter a/o sexo.... É:: eu comecei a chorar, compulsivamente.... mas compulsivamente mesmo, sem conseguir parar, E ela falou assim: “O que que você tem? o que que que te fez? O que que tá fazendo tão mal pra você?”“. E eu consegui soltar isso pra ela, e eu falei eu preciso dizer uma coisa pra você que eu não disse pra ninguém, só quem sabe disso na minha vida é minha mãe.... aí contei toda a história pra ela, que eu me sentia um menino, e quando eu olhava no espelho eu não via o que eu queria.... por ela ser da área da saúde, ela falou assim, minha esposa é instrumentadora cirúrgica, ela falou assim: “eu vou procurar ajuda.... tem que ter uma ajuda, eu não sei se algum médico, psiquiatra, psicológico, eu acho que você tem que fazer um acompanhamento, tem que ter uma ajuda, você tem que se sentir bem com você mesmo... agora eu entendo porque você tá se afastando de mim”, eu falei: “eu não tô me afastando de você, é/é/o problema é comigo, EU não tô bem, eu não consigo nem”, tipo, chega uns momentos da vida do trans que ele não consegue nem fazer sexo.... entende? Daí eu não consigo ter desejo, “não que eu não tenha desejo por você... éh::: quando eu lembro do sexo, eu/me lembro de tudo, entendeu? Do meu corpo”.... E daí ela foi atrás, eu sou de São Paulo... éh::: ela foi a:::.... minha esposa é daqui de Curitiba, ela foi atrás de uma psicóloga, pra conversar com a menina que fosse.... que gostasse de menina tal... e daí::: procurando, procurando, procurando e procurando, quem trouxe o termo transsexual pra mim foi minha esposa.... Eu lembro que ela me mandou um texto, eu tava trabalhando, ela me mandou um texto da internet e falou assim: “você já sentiu isso?” E ela mandou todo o texto de um trans pra mim, e na hora que eu li foi o/a primeira... primeiro tapa na cara que eu recebi.... eu falei: “sou EU”.... toda história que esse menino tá contando... sou EU, tudo que ele passa... sou EU.... Cara, eu sou Isso, eu não sou uma menina que gosta de menina, eu sou um menino trans, eu sou Isso, como que eu faço pra resolver essa questão?” E ela me mandou pra uma psicóloga aqui de Curitiba que é referência no trans, Dr. K. S. que eu hoje eu digo que: ela é/foi meu anjo da guarda, que Deus... os orixás me enviaram na minha vida, pra eu poder descobrir quem eu era.... entende? Porque dentro do:/da minha espiritualidade, Matheo... a entidade fala assim “eu vou buscar ajuda pra você”... quando você leva um problema pra entidade, ela sempre/algumas entidades mais sérias, sempre respondem dessa maneira, eu vou buscar ajuda a você moço, “eu vou buscar alguém que possa lhe ajudar, eu vou atrás disso pra você” e/e muitas vezes a entidade diz: “eu não sei tudo”, a entidade séria, “eu vou descobrir junto com você, o que você tá passando”... a entidade tinha falado isso pra mim, “eu vou buscar ajuda pra você, eu vou buscar quem possa te ajudar”... e a K. foi Isso... eu tenho certeza que foi algum mentor de/de luz muito grande que trouxe a K. pra minha vida. Porque foi buscado essa ajuda e ela chegou,

e ela me explicou o que era trans, quem trouxe o trans foi minha esposa, quem me explicou o que era foi a K. Quando ela começou a me explicar sobre isso pode chegar com/com dez aninhos de idade, com vinte, com trinta, com cinquenta, chega o momento do boOm que você precisa se assumir e viver... e é verdade.... tanto que se hoje alguém me pede uma ajuda eu falo “cara, vamos lá na K. que ela sabe o que ela tá fazendo”..... Eu levei meu filho trans na K., eu levei meu filho trans no (Centro de referência em atendimento a pessoas trans).... entende? Você tem que viver a sua vida sem olhar pra trás e de cabeça erguida.... minha mãe me ajudou muito na fase dos dezessete anos, que eu contei pra ela que eu gostava de menIna... eu não sabia que era trans, e ela falou pra mim, “então você vai trabalhar, vai pagar suas contas, você vai viver bem... pra quê? pra que ninguém possa falar um A sobre a sua vida.... então você vai trabalhar e pagar suas contas pra vi-vEr de cabeça erguida”... minha mãe me ajudou muito, se eu ficasse ali embaixo da saia.... eu nunca ia poder viver minha vida. Tem muito trans, tem muito homossexual que não consegue se libertar por quê? Porque tá ali embaixo da saia dos pais.... meu pai paga minha/minha faculdade, meu pai e minha mãe paga minha roupa, minha comida, minha moradia, então..., enquanto... não é o que os pais fala? “A casa é minha, as regras são minhas”..... então, enquanto eu tô na casa da minha mãe do meu pai as regras são dele.... eu faço o que ele manda, eu tenho que obedecer... Minha mãe não, minha mãe apesar da fALta de estudo, apesar da fALta de conhecimento, uma empregada doméstica que criou filhos sozinha... Ela é uma vencedora.... ela escolheu uma estratégia extremamente positiva, “você vai viver, vai ter teu trabalho, vai honrar teus compromissos, vai pagar suas contas pra poder viver de cabeça erguida”.... então, o que que eu posso fazer com a minha mãe? Bater palma pra Ela...

É:... como que tá essa relação com a família hoje?

Cara.... da minha parte.... n/não tem melhor fase.... melhor fase.... foi uma dificuldade pra ela começar a me chamar de Exu ela começou a chamar de filho.... até ela acostumar a chamar de Exu ... hoje ela me chama de Exu O meu irmão, quando eu contei pra ele, o mais chegado a mim, falou... éh::, “nÃo cara... é o que você quEr? Vai fazer bem pra vocÊ? Então belEza”.... eu falei: “belezA?”, ele falou: “não, belEza, se vai fazer feliz pra você, se você vai ser feliz, cê vai ser o Exu? então tá bom, vou te chamar de Exu só tenho que acostumar”.... Que, que eu posso fazer/falar, de uma família dessa?.... Minha esposa não tem nem o que falar né? só falta.... o:::: só falta o:::: o, como que eu vou falar? O presente dos deuses... pra coroar a nossa relação que é::... a nossa adoção, que já tá lá, a documentação todinha encaminhada... já tivemos a primeira entrevista, lá da... a primeira::.. visita da

assistência social, então a gente tá grávidos do coração... só falta chegar o príncipe ou a princesa pra coroar a tamanha felicidade de um:: relacionamento que deu certo.

Como que é isso de ser pai?

É um sonho... é um sonho que e/eu não vejo à hora de ser realizado... o que vai vim eu não sei, tá na mão deles... mas que vai vir alguma coisa vai vim... na hora certa, a gente sabe que é na hora certa, a gente que::... é de religião sabe que tudo tem uma hora pra acontecer, então na hora certa com certeza vai vir, então eles vão escolher alguém, que vai... algum espírito que vai voltar pra nossa mão, algum ancestral da minha família/dela, que vai voltar pra nossa família pra ser muito amado... Amor ele vai ter... espero que no dia não/o que eu falo pra ela, ele vai ter muito amor, vai ter muito carinho, vai ter muita educação, espero que um dia ele não tenha vergonha de ter um pai trans... eu acho que esse é o meu maior medo... que um dia o meu filho não sinta orgulho de mim... mas acho que se a gente conduzir da maneira correta não vai ter esse problema né? assim eu espero, espero que a gente tenha, éh:::, receba um espírito que venha evoluir, não que veio/que seja mais um ogro no mundo... porque de ogro, de monstro... monstros, o mundo tá cheio.

Você acha que tem mais alguma coisa importante da sua experiência que é/prá falar, assim?

Cara.... eu acho que é isso Matheo.... eu acho que o mais importante que::: se eu puder ajudar o trans com a minha entrevista,...o mais importante éh::: falar assim: “amigo, se olha no espelho..... se olha..... fala q/alguma coisa que você gosta.... deve ter alguma coisa no teu corpo que você gosta muito”... éh:::, se você não fez a transição ainda, olhe pro teus olhos... olhe pra tua boca... coloque uma:: camiseta que você gosta... uma camisa que você goste, coloque um boné que você goste e se olhe no espelho.... se Ame, se goste, se perceba... se você ta::: fazendo transição, veja tu/tua perna... olhe teu/tua barriga, olhe teus braços.... olhe tuas costas, olhe a barba saindo.... tEm que ter alguma coisa que você gosta. “Ah, mas eu não gosto de tal coisa”, então não olha... desfoca daquilo, porque isso foi o que me ajudou muito, assim, quando eu escutei isso da minha psicóloga... me ajudou muito é olhar o que você gosta.... tudo na vida tem o que a gente não gosta, Matheo, tUdo. Você tá fazendo faculdade, porra, tem aquela matéria que você odeia, tem aquele professor que você deve odiar, não quer ver na tua frente. Você ama a sua namorada de paixão, beleza, mas tem um momento dela que você quer mandar pra puta que pariu... você ama teu pai e tua mãe, mas tem os momentos deles, que eles fazem que você não gosta, ai eu amo minha casa, mas porra tem alguma coisa na tua casa que você não gosta... então como/com o trans é a mesma coisa.... tem um monte de coisa que eu não gosto, tem um monte de coisa que meu amigo trans não gosta, mas tem

alguma coisa que ele gosta. Então, foque no que você gosta.... se percebeba... perceba teu corpo mudando, perceba tua voz mudando... Tipo, vai ter aquela manhã que você vai acordar... parecendo um menino de... quinze anos de idade falando fino e no meio da tarde falando grosso.... perceba a transição como uma adolescência.... não importa se você tá com trinta e começou a transição.. vinte, trinta, quarenta, não importa, começou a transição se sinta um adolescente.... nossa, minha adolescência chegou... O pelo da perna... o primeiro pelo da barriga, o primeiro fio de barba, almoço com cabelo caindo, outros não.. chegou à adolescência, minha mão tá ficando, meu... éh:: dá uma fome do caralho... éh::... eu vou pegar uma vassoura pra passar na casa, eu quebro a vassoura, você tá descobrindo a força de novo.... você vai fechar a torneira, você estoura a torneira.... vai se descobrindo, viva a transição como uma adolescência... e se perceba e comece a gostar do que você tá vendo.... você tem que gostar... você tem que se gostar, é a única coisa que resta.... tipo, um/uma barreira muito grande que eu vivi, foi à questão da religiosidade,....foi pensar assim, porquê que o senhor me colocou aqui? dessa maneira?.... O primeiro passo é você aceitar que você veio dessa maneira. ... éh:: Não tem aquela frase famosíssima?.... Senhor me dê a serenidade pra aceitar o que eu não posso mudar..... e coragem..... pra mudar as que eu posso. Então, essa é a melhor frase do trans, pelo menos pra mim, que sou religioso, que sou umbandista, candomblecista.... éh::... toda vez que eu orava, porque por mais que as igrejas achem que a gente é do demônio, a gente reza, toda vez que orava eu colocava meu joelho no chão e falava: “meu deus, me dê a serenidade pra me aceitar do jeito que eu sou, e coragem pra que eu possa mudar o que eu quero e o que eu sei que dá pra mudar”.... O meu corpo da pra mudar, eu mudei.... o meu nome do RG, CPF, carteira de trabalho, carteira de motorista eu mudei, eu me chamava (nome completo antes da retificação).... o nome que eu coloquei no meu RG é (nome retificado)..... é o meu nome que eu escolhi com o nome da minha mãe e o nome do meu pai.... então tá lá, eu mudei meu nome mudou quando entrou o nome do meu pai e mudou quando eu fiz minha transição... Hoje/hoje eu chego em qualquer médico, qualquer lugar, banco, trabalho, apresento minha carteira de motorista, minha carteira, carteira de trabalho, um RG e sinto orgulho do/do/do cara que tá ali... hoje as pessoas me olham na rua e não sabem de mim.... hoje o que eu mais escuto, pra você ter uma noção da minha transição acho/é a gente não vê isso né, mas as pessoas, os amigos::: falam né? As pessoas que estão em volta de mim falam: “a tua transição é perfeita”, a gente não sabe disso, a gente não imagina isso... hoje/hoje/hoje o que eu ouço é que eu sou um gay recuperado.... que eu sou um:: menino criado em uma família de mulheres... essa foi a última situação engraçada que eu vivi. um amigo meu me disse: “nossa cara, eu achei que você era um menino criado

por mulheres"... eu falei: "como assim?" Ele falou: "ah aquela família de mulherada que chega o/o príncipe, e só que daí elas educam o menino do jeito delas e o menino fica muito educado, fica muito refinado, fica muito bonito, fica muito chique, e o homem é grosso, o homem é mal educado". Olha a cultura masculina como que é... a cultura masculina é que o homem de trinta de quarenta anos é grosso, é grosso, é mal educado... você tem que falar palavrão pra ser homem, você tem que coçar o saco pra ser homem, você tem que.. éh:: ser mal educado pra ser homem, é assim que o/o homem hétero vê os amigos, e esse homem hétero me disse isso, "eu achei que você era um homem criado por mulheres".... (...) que é o meu pai Ogan, que cuida da minha religiosidade, que eu precisei compartilhar pra ele que eu sou um homem trans, até pra ele poder conduzir.... a minha relig/reli/religiosidade melhor.. éh::: no caso do canto, do toque, da música, que é com ele que eu aprendo isso e ele falou: "eu achei que você era um homem criado por mulheres, por isso que você ficou meio educadinho assim".... Então hoje em dia com o que eu lido? Eu não lido com o preconceito do trans, eu lido com o preconceito do hétero que acha que eu sou um gay recuperado... eu já ouvi que eu era/era um gay... como que é? "eu achei que vc era um gay que se apaixonou pela tua esposa", eu já ouvi Isso.... Porque um homem hétero acha que pra ser homem você tem que ser cavalo... tanto que hoje em dia as mu/mulheres, os homens não sabem porque que a mulherada casa com trans... tem muito homem que não aceita que uma mulher extremamente linda, extremamente forte, extremamente, éh...como que chama quando a pessoa vive a vida dela sem depender de ninguém? Independente... extremamente independente, quando o cara/quando o homem hétero vê uma mulher dessa casada com um homem trans... ele fala: "meu deus, o que que tá acontecendo?"... Mas por que será?... Porque a mulher vê no trans o homem educado... refinado... elegante.... que sabe tratar uma mulher com respeito, que sabe tratar uma mulher com carinho, que na hora do sexo coloca a mulher dele em primeiro lugar... e o hétero quer entrar, gozar e acabar.... diga-se a realidade é essa. (...) o homem hétero acha que sexo é ficar, éh..., ele ter ereção, penetrar na mulher, gozar lá dentro e virar e dormir.... eu sei disso porque eu já ouvi de muitas mulheres.... agora, a mulher que se relaciona com o trans ela se sente viva, amada e respeitada e casa e é feliz.... pelo menos a minha diz que éh::: "viúva sim, separada nunca", então:::... s/vamos, isso é outra coisa que o mundo podia fazer, criar os meninos de outra maneira... do mesmo jeito que a mulher pode aprender a lavar roupa, lavar louça, limpar a casa, cozinhar, o homem também pode.... pra quê? Pra no dia que ele esteja casado com a mulher dele, quando os dois chegarem do trabalho os dois cuidarem da casa juntos, quando/quando, o cara sentar pra ver o jornal nacional porque ele chegou do trabalho e tá cansado.... e a mulher, não? A mulher tem que

chegar do trabalho e cuidar da casa, fazer a janta e cuidar dos filhos e o cara chega do trabalho, senta no sofá pra ver o jornal nacional porque ele trabalhou o dia inteiro e tá cansado... ele possa virar pra esposa dele e falar: “não, vamos fazer a janta, vamos cuidar da casa e das crianças, aá a gente vai deitar junto e descansar junto”.... Quando homem entender que casamento é isso.... vai ter muitos casamentos feliz.... porque do mesmo jeito que a mulher tem que ir lá pra fora e colocar dinheiro dentro de casa hoje em dia, o homem pode se/na hora de se recolher dentro de casa ele também ajudar em casa, também ser um bom marido, que é o que eu falo lá no meu terreiro: “um bom filho será um bom pai”, então no caso amoroso, um bom filho será um bom marido.... é sÍmples... então, todos os lados do mundo podem se melhorar um pouquinho.

Uhuum

Tudo... eu vou ter um filho, meu filho vai ser hétero, vai ser gay, vai ser bi, vai ser/vai ser branco vai ser preto, (não) o papel da adoção tá lá.... meu filho quando chegar vai ser o que ele quiser, eu vou ensinar pra ele o caminho.... eu vou ensinar pra ele que tem o hétero, que tem o bi, que tem o trans que tem o gay, que ele tem que respeitar, eu vou ensinar pra ele que tem o branco o preto o japonês, vou ensinar pra ele que tem o evangélico, o católico, o budista, o ateu, o/o::: do candomblé, vou ensinar pra ele que ele tem a::: menininha lá.. que ele pode se apaixonar e que ele tem que respeitar ela se for namorado, que ele tem que respeitar o namorado dele.... vou ensinar ele a cuidar da casa, tipo, “ah, você vai aprender a:/a::: pintar uma casa?” Vai, mas também vai aprender a fazer um arroz, “vai aprender a trocar um chuveiro?” vai, mas você também tem que sabe passar uma camisa..... então... Eu acho que essa galera de vinte, trinta, quarenta é a gente que vai fazer o futuro.... e as crianças que estão chegando somos nÓs que vamos educar... então a gente tem que educar pra que daqui a... trinta anos a gente não tenha um louco... no governo... (porque vai ser o filho de alguém que vai ser presidente, então, vamos pensar assim, daqui a cinquenta anos o filho de alguém vai ser presidEnte.... e qual que é a cabeça desse presidente que vai estar lá daqui a cinquenta anos? Esse presidente que vai tá lá daqui a cinquenta anos ele vai saber respeitar todo esse povo que eu citei agora?.... Ele vai saber preservAr todos os direitos de toda essa galera que eu acabei de falar agora?.... Então, desde que esse doido assumiu lá, eu penso nisso.... vai ser o fllho de alguém que vai ser presidente.... /ee quem vai tá lá vai ter que fazer diferença, quem vai tá lá vai ter que fazer diferença... ou no mínimo se preservAr o que foi conquistADO... que isso é o mÍnimo.... mas se for acreditar em política a entrevista vai pra semana que vem. ((Risos))

((Risos)) É daí não dá, eu tenho que fechar agora, por causa do horário... Só pra finalizar eu tenho que fazer umas perguntas bem básicas pra você. Sua idade?

34

Gênero?

Gênero?

Gênero...

Como assim?

Qual que é sua identidade de gênero?

Sou trAns...

Trans?

Transexual... não é trans? Transgênero?

Masculino?

Masculino.

Ok, transgênero masculino.

Isso, transgênero masculino.

É::: qual que é sua formação?

Segundo grau completo.

E a raça?

Branca.

Fechou, obrigado.

ENTREVISTA III: OGUM

Antes de, é::, falar mais sobre a sua experiência, né? Eu vou fazer aquelas perguntas bem básicas, sociodemo/gráficas, assim. Quero saber qual que é a tua idade

25

Teu gênero?

Meu gênero, masculino

Raça?

A raça?... Não sei ((risos))

Não sabe?

Não::

Como que é isso de não sei?

É... branco?

É que... cara nosso país é muito misturado né? Então, não:... de verdade, eu não: sei, assim, identificar qual que é a minha raça... né? De verdade

Você sente alguma identificação, assim?

Não... uhn uhn... Nenhuma ((risos)) uma pessoa ((risos))

E a sua formação?

Éh:: Médio completo

Ogum me conta um pouco como é pra você ser trans homem?

Como é.... éh::... por um lado é bom, muito bom... porque:: eu finalmente::... me aceitei do jeito que eu sou... não tento mais... éh:: viver um padrão ou agradar tipo família, sociedade... igreja... e tudo né? Tipo, eu penso/em eu ser feliz .. e pronto, né?... Éh::: por outro lado éh::... é ruim, porque é uma luta diária... a gente tem que ficar o tempo todo... se impondo e se justificando pra que as pessoas entendam, ou::... mas é... preciso ir no médico, toda a vez tenho que eu falar que eu sou trans... porque: dependendo do exame que vai fazer tem que ficar nu, ou alguma coisa tipo, é muito constrangedor, né? Éh::... também por causa da::/do preconceito, muito preconceito ainda... muito preconceito mesmo... por mais que a gente tenta se:: camuflar ali, no meio... se/se alguém descobre, tipo, já vem umas pergunta muito idiota, né? Éh::... é isso assim, mais.

Tem aspectos bons, o bom disso é que você se aceita

Isso

Então teve uma época que você, não...

Não:: não.. teve um... quando eu::: assumi minha transexualidade eu tinha uns dezenove anos que foi a primeira vez que eu fui pesquisar sobre o assunto... Éh:::... antes disso, até os meus 18 anos assim, eu era da igreja evangélica... éh::: fazia parte do ministério de louvor, então, era uma/uma negação total assim do que eu tinha, né? apesar, que a primeira vez que eu ouvi falar sobre transexualidade foi quando teve aquela trans no BBB. Eu era criança assim, não lembro quantos anos eu tinha, mas foi a primeira vez que eu vi... que::: assim, que existia né? Até então era um assunto que não era falado... e foi daí, o::: Bial mostrou assim::m a foto de um homem, assim, barbado que ele era americano, eu não lembro o nome também, que daí eu vi aquilo e pensei “nossa, então tem a possibilidade de eu ter barba um dia”, mas nunca: aprofundi nada, era sempre uma negação que eu tinha assim... e::: sempre procurando muito agradar minha mãe... muito mesmo, então::: e pelos dezessete dezoito anos eu conheci uma menina na internet, a gente começou a namorar, daí então eu nem morava aqui em Curitiba, eu morava em Goianápolis, Goiás, ainda.. e::: foi daí que::: começou tudo assim, essa questão da minha sexualidade né? Éh::: mas é/era muito estranho, quando ela me chamava assim, “ah você é lésbica ou você é sapatão”, eu não me encaixava, eu me via como um menino::: normal, gostando de uma menina ali... né? Éh::: e foi daí que eu comecei a pesquisar muito mais sobre o assunto assim, ho/hoje com 25, eu tinha 19/quando eu tinha 19 anos, o quê? Uns 7 anos atrás, mais ou menos, 6 anos... então quando eu joguei no/no Google pra ver assim a mudança de sexo, tinha muita pouca coisa, não tinha praticamente nada, na verdade... Foi daí então que eu entrei em contato com um menino de São Paulo, que ele tinha postado um vídeo no Youtube, era o P... e daí ele me passou o contato da K. aqui... foi aí que eu comecei a fazer a/a/a terapia com ela, me entender, e daí::: sim, tipo, e/eu me abrir e vi que realmente eu era::: trans, não era nada daquilo que todo mundo falava, né? e desde criança que eu nasci eu sempre me senti diferente, né:::?. na escola, nas brincadeiras, no modo que eu gostava de me vestir... tipo, sempre foi diferente, mas... por/por querer muito, tipo dar um orgulho pra minha mãe, eu/eu negava isso.

Você falou que era diferente pra você quando era criança, o que/que era diferente?

Como que era?

Éh:::... As brincadeira/é assim, eu nunca me encaixava no lado/no lado feminino da/da coisa assim, éh:::... hoje em dia não é tanto, ah, menino/menina pode brincar de/de/de/de carrinho, pode jogar bola... m/mas quando eu era criança não era assim, era tudo diferente né? mulher fazia uma coisa, homem fazia outra coisa. E::: eu sempre tava junto com meu primo fazendo coisa de menino, digamos assim né? jogando bola e:::/e brincando de salva cadeia e na escola era só eu de/de menina jogando bola com os meninos, né? éh:::... e as meninas sempre...

era/era/era uma sensação muito estranha que tinha, porque eu sempre ficava meio excluído ali... tipo, eu não podia ficar junto com os meninos, porque eu não era menino, mas eu não me achava no/meio das meninas, que era muita/coisa muito frufu e aquelas conversinha/as coisa, e eu não me encaixava naquilo, então eu sempre ficava junto com meu primo e a gente sempre ficava mais: afastado assim... Éh:: em questão das roupas também, em casa eu usava as roupa do meu irmão, né? Meu irm/o B... usava tudo as roupa dele, a minha mãe saia pra trabalhar ficavam nós três sozinhos em casa, então tipo/eu, a/ali nas brincadeiras eu sempre era um menino... quando eu era criança meu nome era Carlos Alexandre. ((riso))

Carlos Alexandre?

Aham, então eu usava tudo as roupa dele, as cueca, as bermuda, tudo, e daí quando eu via que tava no horário da mãe quase chegar do trabalho aí eu ia correndo me trocava e:: vestia as minhas roupas mesmo... então, era isso, assim a/o/o diferente que eu sentia, sabe?...

E::: como que foi esse processo aí que você falou que tinha 17 anos, na adolescência já né?

Uhum

Como que foi esse processo aí de descobrir a sexualidade e... do pessoal te chamando de lésbica, e você falando “cara, era estranho, que que isso”...

É:: foi uma parte bem esquisita ((riso)) éh::... pra::... a minha mãe, ela descobriu assim que, tipo, eu tava namorando uma menina, porque ela se acidentou e eu deixei meu telefone com ela... pra ela entrar em contato com o/com o marido dela na época, assim, que tava/ficou na estrada com a moto, sabe? Estragada... e fui fazer um curso e quando eu cheguei, ela tinha visto todas as minhas mensagens, então tipo, ali/foi ali/tipo eu não cheguei e contei pra ela, ela meio deduziu e daí.. foi uma briga feia, ela me expulsou de casa e foi daí que eu vim pra cá, pra/prá Curitiba.. e daí eu fui e liguei pra/prá P. que era a minha namorada na/na época, ela falou: “Não, vem pra cá, que aqui eu te dou apoio”, eu falei: “então tá bom”, e::: daí minha mãe fez um fêvo assim, “ah, eu vou ligar pro teu pai, vou:/vou contar pra tua vó”, tipo me/me botou medo, sabe? Daí.. como eu não queria que ela contasse do jeito dela, eu mesmo fui e falei com/a minha vó, liguei pro meu pai e contei toda a história.. e falei pra ela assim... é::, meu pai falou que/que sabia, que:: eu sempre fui diferente, e é engraçado, porque assim, quando você conta, todo mundo sabe, menos você né? é uma coisa muito incrível, então a minha tia: “Não, já sabia já, cê/cê tinha uns gosto muito diferente”, e.. como assim né cara? Todo mundo sabia e ninguém me falou nada, aí eu fiquei bem revoltado na época ((risos)) Éh:::... e de verdade era muit/é é engraçado que eu não sei te explicar, assim, como eu me sentia, mas era muito estranho... éh::... quando:::/q/quando o pessoal começava “ah, é um casal

de meninas” e essas coisas... eu/eu achava/eu me sentia estranho.. e é engraçado que eu não sei explicar, assim, exatamente o que eu sentia, sabe? eu só sei que... não era aquilo que eu/que eu pensava... não era como eu me via, n/naquela situação, sabe?... E é isso. ((riso))

Você falou que descobriu:: possibilidades aí com o P. né?

Foi

Isso foi antes ou depois de vir pra Curitiba?

Depois de vir pra cá

Depois

É. Eu vim pra cá em 2012... é... e daí quando eu comecei... pesquisar assim sobre o assunto foi em 2013... que daí eu/o primeiro vídeo que eu vi, foi dum/dum rapaz... que eu até tenho ele no Instagram, que/que o nome que tá lá, é::: é D... tipo é um vídeo que ele tinha de 7 minutos que mostrava um ano dele de transição, assim, primeiro aí ele gravou voz e tudo e como foi mudando o/o corpo, era o único vídeo que tinha, era o dele e o do P... e não tinha mais nada... e daí como o/o D. ele era americano não tinha como eu entrar em contato com ele, eu não falo inglês, né? como que ia conversar. E, daí eu fui pesquisei mais sobre o P. daí eu adicionei ele no/no/no Face e mandei mensAgem... e daí ele não tava mais em São Paulo, tava aqui, e ele falou: “Não, vou passar o contato da minha psicóloga e daí você:: conversa com ela”, até porque tipo, a única coisa que ele pôde me ajudar foi nisso, foi pra um psicólogo né? Porque ele também não sabia muito bem como... e foi falando com a K., foi nossa... era muito engraçado, éh::: as perguntas que ela fazia, eu não sabia responder nada.... Tipo, eu só sabia que eu me identifiquei com os vídeos que eu vi.

E como que foi essa identificação, assim? O que que te identificou ali?

Éh::... quando eu vi o vídeo e daí eu/eu vi a mudança, eu fui e falei/pensei assim... “Cara, é isso”, tipo::... passei aí::: dezenove anos da minha vida perdendo tempo, era uma coisa tão sI:mplex... se eu tivesse acesso, eu já tinha... tipo, era uma::: era uma::: puberdade feminina que eu podia ter evitAdo, né? E::: por falta de/de informação e de conhecimento... éh::: foi uma sensação assim... de::: libertação, na verdade, quando eu descobri e daí começou outras lutas né? É::: me impor, as pessoas começar a me tratar no modo masculIno, não no feminIno... éh::: no trabalho deu bastante... briga assim, porque o pessoal, “ai, te conheci fulana, vai ser fulana” e essas coisas que a gente costuma ouvir, né?.. Éh::... quando eu vi o vídeo e daí eu/teve um ano daí eu vi que a voz tinha mudado, que tinha começado a crescer pelo, tinha ficado musculoso assim, eu falei “não, é isso que eu quero pra minha vida, é isso que eu preciso” e foi daí que eu comecei correr atrás.

Então você se sentiu identificado também com/com as mudanças corporais ali

Isso, uhum

E aí foi exigindo das pessoas que te tratassem no masculino

Isso, uhum

Sentiu que... era isso

Era isso... É foi quando tipo:: tudo clareou assim... na/na minha vida

Ficou claro

Éh:: ficou claro, assim

Você falou, é:: dessa questão corporal, como que você se relaciona com o seu corpo?

Ago:::ra:, assim, hoje depois de ter feito a mastectomia eu me sinto melhor com o meu corpo, éh:: mas... antes/antes eu tinha umas crises assim, muito/não era todo dia sabe? Tinha dias que eu acordava que eu olhava no espelho e falava “Por que que eu não nasci logo homem? Por que que eu tenho que passar por tudo isso?”, né?... éh:: e daí chorava, claro que escondido, né? porque:: a gente tem que ser forte ((riso)) né? tinha que trabalhar, então não dava pra me abatEr, até porque é coisas que ninguém entende se você for explicar, até ca/até com/a minha esposa... a:: minha esposa agora, tipo a gente:... brigamo muito... porque eu falava: “Ah, olha/olha, olha isso, né? por que eu tenho esse corpo, não é o que eu queria” e ela falava ah, mas eu te amo assim:::, pra mim você é perfeito”, mas ela não entendia que era eu comigo mesmo que não me sentia bem... né? éh:: hoje/agora, tem.. 30 dias que eu fiz a mastectomia, t/tô me sentindo bem melhor assim, é uma liberdade muito.. grande, éh:: com a/a minha genital assim... de verdade se eu tivesse condições eu/eu já tinha feito a mudança de sexo ali.. éh:: não é:::.. como que eu explico? pra tipo finalizar, entendeu?... Ah:::.. realmente::: é realmente ser um homem por inteiro, assim, é/é claro que daí entra outra questão de que não precisa de um/um pênis pra você ser homem e tudo mais.. mas de vez em quando eu ainda tenho umas/umas crise assim, pela genital, mas é menos do que eu tinha com:: o/com os seios.. bem menos.

A/a questão que mais incomodava eram os seios

Os seios, aham, até porque era bem/bem grande... e era muito difícil assim de esconder ou/o colete mesmo sendo muito apertado a/a::/as pessoas fala que não, que não dava pra perceber, mas sabe quando você olha assim de cima e via aquele volume? E pensava “tá todo mundo vendo isso daqui”, que na verdade é coisa da cabeça da gente, né?... se/se for parar pra ver... mas me incomodava muito, muito mesmo... principalmente depois que/que a gente, que o neném nasceu, que daí eu ficava pensando meu “quando que eu vou fazer essa cirurgia?”, o meu neném vai crescer, vai ficar vendo, daí vai ver que o meu corpo é igual o da mãe dele, o que que ele vai pensar?.. Isso me preocupava muito, muito mesmo.

E aí com relação à genital tem um incômodo, mas você consegue...

É. eu/isso consigo sim..

Mas é um desejo também, se pudesse fazer você faria?

Se pudesse fazer eu faria.... faria sim.. mas daí tipo, se pensar na dor que a gente sofre e tudo, daí eu penso já umas duas vezes, porque nossa imagina na mastectomia já doeu um monte, pra construir um:: pênis, meu, deve ser muito dolorido... mas se tivesse a/a possibilidade de fazer, sim, eu faria.

Você falou de ser um homem assim, por inteiro com o pênis né?

Uhum

É. Tem uma certa incompletude aí?

... Então::... é como que eu te explico, tem dias que eu sinto isso... não é/ não é sempre... é só quando as vezes bate uma crise assim, sabe? Tipo umas crise de existência ((risos))

Como assim?

Éh:: Quando bate uma bad assim, você pensa “meu, porque eu nasci? Por que eu passo por isso?” ou... É umas/é umas questões que a gente mesmo se pergunta e a gente mesmo tem que responder ... né? Mas... é:: bem raro assim... quand/às vezes, agora não tanto, mas... antes, assim a:: mas a minha esposa quando ela, ela teve um namorado que na verdade ela foi noiva dele cinco anos... então ela sabia muito bem é como que era namorar um/um homem cis né? e era diferente, agora ela tá namorando um homem trans... então, tipo... éh:: me incomodava em pensar que talvez um dia ela pudesse me deixar por eu ser trans... entendeu?... Não era isso assim que, e principalmente quando a gente tava ali.... éh:: na parte de pegação, se amassando e tudo e daí, ai/ela... () aí ela fala, assim, daí eu falo “ah, mor, e/espera aí que eu tenho que ir ali me/me arrumar”, então tipo... é uma questão muito chata, assim, que tipo, ao em vez de você tá ali prOnto... pra fazer alguma coisa, cê tem sempre que tá se preparando, entendeu? Então, essa parte me deixava m.. e as vezes ainda me deixa muito/muito na bad, assim... de ter sempre que:: ir no banheiro e:: colocar a prótese e tudo pra/prá ter uma relação sexual com ela, isso as vezes me incomoda muito.

Tem mais alguma coisa em relação, assim, ao seu corpo que você acha importante falar, da sua experiência?

Tem:: tem sim, quando começou a nascer os primeiros fiozinho de barba ((risos))

Humm, como foi?

éh:: era muito legal assim... Eu fiz um vídeo quando eu ti::nha: mais ou menos uns 10 dias que eu tinha tomado a primeira ampola do/do hormônio.

Aham

É engraçado que hoje em dia eu vejo aquele vídeo e cara eu dou muita risada, como/como o psicológico da gente é::, tipo, ali né? no vídeo já tava crescendo o gogó, já tinha, sim, engrossado uns pelinhos e na/na verdade não tinha acontecido nada ainda, era ansiedade de ter alguma coisa... Éh:: mas, era muito engraçado, porque nasceu uns/uns fios assim, éh:: um pra cada lado né? era um/um no rosto, um no queixo, e deu muito assim... m/minha barba primeiro ela deu no pescoço, e daí eu ficava com muita raiva, “cara, porque eu tenho barba no pescoço e não na cara”, né? éh:: mas foi uma sensação muito legal assim... e daí comecei a passar:: o minoxidil pra ela ir engrossando e daí... a/eu olho assim hoje tá bem cheinho, mas:: é porque eu sempre deixo grande, que se eu tiro ela mostra as falhas que ela ainda tem, sabe? Ah, mas foi muito gostoso e de::... de/de uma vez ligar pra minha vó e falar assim: “Oi, vó!”, e daí ela: “Quem é que tá falando?”, daí eu: “como assim quem é que tá falando? É eu” e ela: “eu quem?”, tipo, ela não conheceu.

Não conheceu mais a voz

É, não conheceu, tipo já tinha mudado né? éh:: e ela se assustou e ficou assim sem reação, daí eu falei “não... vó, sou eu”, daí que ela entendeu... o que que tava acontecendo, daí ela falou “ah, ta, ai que susto” ela disse ((risos)) Éh:: o pelo nas perna, né? me:u, ó, hoje em dia eu me olho no espelho e eu fico me namorando muito assim, eu olho assim, vejo assim as coxas cabeluda, o braço, a barriga, daí eu falo “nossa, mas eu vou ficar muito bonito ainda”, é/é uma coisa muito massa que eu sinto sabe? ((risos))

AhAm

Éh:: é isso assim....

Então apesar de ter um certo incômodo aí, as vezes com a genital, agora não mais com o peito né?

Uhum

Tem uma coisa gostosa também de se olhar, ver a barba crescer, ver a voz mudando

Uhum, tem sim.. cê olha assim e não vê mais aquela cara de, tipo, um molequinho de quatorze anos né? cê vê um homem assim se formando, então é muito massa... muito massa mesmo. Eu/eu tô bem feliz, assim, com a minha transição, já... éh:: outubro faz quatro anos? quatro anos.. que eu tomo/ que eu tomo o::: hormônio, né?... éh::... então ,assim, não vejo mais tanta diferença... éh:: agora que eu fiz a mastectomia vo/vou ver se eu consigo entrar numa academia, malhar pra ver se define mais, né?.. se a preguiça deixar, né? vamos ver, éh::... mas, tô bem assim, tô feliz, bem feliz.... A gente mudou agora o hormônio, foi, começamos a tomar a Nebido e:: e daí ela deu uma mudança boa assim, tipo... engrossou mais a barba,

mais pelo pelo corpo, tudo, então... essa é diferença assim que eu tô sentindo... mas voz e as outras coisas tá normal, acho que não vai mais mudar tanto.

Tá um pouco mais estável nessa altura...

Isso, tá estável, é::

Faz quanto tempo que cê tá nesse processo hormonal?

Hormonal vai fazer: r quatro anos... comecei a tomar com 21 pra 22 anos... éh:: vai fazer 4 anos em outubro, faz.

Bastante tempo já

Uhum

E assim vai estabilizando também

É::: chega um momento que não muda mais já, tudo o que tinha que mudar já mudou né?

Mas você então tá se sentindo mais feliz hoje?

Sim... com certeza, éh::: consegui a retificação de nome... em janeiro agora, desse ano... então pra mim foi... uma liberdade assim de poder apresentar o RG novo, sabe? Não ter aquele olhar estranho das pessoas tipo, olhar/olhar a foto, olha o teu nome, olha pra você, n/não tem mais isso, e na semana passada eu consegui, fui no cartório e registrei meu nenê... então agora ele tem o meu nome, antes tinha só o nome da mãe dele... claro que daí eu omiti a paternidade pra não:::... é que assim ó, pra eu retificar o meu nome eu já sofri muito na justiça.... Eu.. perdi dinheiro, paguei pro/pro advogado, a gente deu entrada e daí... no fim cai numa juíza que, meu ela fazia de tudo pra me prejudicar, parece que ela tava me marcando, não consegui mudar e daí depois saiu a lei do STF que podia ir direto no cartório, então... dei a desistência no/no que eu tinha né? no processo e/e entrei direto no cartório... e::: assim, na minha cabeça, tipo, tava tudo planejado, ia dar tempo da gente/da gente ter o nenê e eu já ter retificado o nome e já registrar ele tranquilo, mas não aconteceu, né? e daí:: se eu falasse que eu não era o pai biológico dele ia ter que abrir outro processo pra enviar como socioafetivo e no fim, e daí eu:: já tinha passado muita raiva na justiça, e daí eu falei, “meu... eu sou o pai dele”, não tem, tipo:: pai biológico... o cara só doou o esperma, e na verdade foi isso que aconteceu, só doou, não tem/a gente não tem contato... então não tem porque o nenê ter o nome dele... né? Éh:::... daí a gente conseguiu... vamos pegar agora a certidão dele no dia 5 de julho... então tipo... éh::: apesar de o ano de 2019 tá sendo um ano de muito rebuliço, pra mim ele tá sendo muito bom... sabe? É:: eu consegui o meu nome, consegui a cirurgia, né?... éh:::... tamo correndo atrás pra conseguir comprar a nossa casa, então, tipo pra mim/prá mim tá sendo um ótimo ano, não tem do que reclamar, sabe? ((risos))

Você falou do/do seu filho né, como que é essa relação com ele, de pai?

Ah:: é muito gostoso... sério, é muito... é:: maravilhoso assim, éh:: claro que... eu queria:: ter tido ele depois de ter retificado o nome e ter feito a cirurgia né? mas assim, a minha esposa ela é mais velha que eu... e daí ela tava naquela fase de vinte e nove pra trinta anos, e ela começou a ficar louca que, tipo, ela tinha que ser mãe, ela tinha que ser mãe, que se ela não fosse mãe até os 30, ela não ia mais ser mãe.... Então, foi daí que, tipo, eu meio que cedi os meus objetivos particulares pra gente::... realizar ali o sonho dela, né? Éh::... o nenê tá com: 1 ano e nove meses, então agora ele já fala as palavrinhas, então, é muito carinhoso, é:::, é papai aqui, papai ali, mamãe... é muito gostoso, de verdade, é muito gostoso, assim eu fiquei com muito medo quando a gente viu que tinha dado certo é:: que ela tava mesmo grávida, tipo, eu/eu falei: “puta merda, e agora, né? Que que eu, que que eu vou fazer agora?” tipo... e:: daí a minha ficha não caiu até a gente fazer a minha primeira ecogra/ecografia e ver ali que tinha u... um coraçãozinho batendo tudo, daí a ficha caiu, nOssa foi bem emocionante assim, eu falei “me::u, caramba agora eu vou ser pai”... o negócio é doido mesmo ((risos))

É de verdade, né?

Aham

Aconteceu e tá aí com 1 ano e 9 meses, né?

É::, mas a nossa relação é bem gostosa assim... claro que quando ele tiver maiorzinho, assim, já entendendo mais as coisas daí a gente vai sentAr e conversAr, eu vou c/contar pra ele... até porque não vai ter como eu ficar me escondendo dele:: a minha vida toda né? aí a vida dele? eu vou contar pra ele, vamos conversar certinho e::: é isso aí.

Como que é ser um trans homem pai?

... Piá, eu não tenho assim do que::/do que reclamar, é/é gostoso. A gente passa uns apertos assim, tipo, quer trocar o nenê vai no banheiro masculino e não te::m.. não tem onde trocar, porque o/o fraldário é sempre nos banheiro feminino, é um saco né isso? Podia te:r ou só o fraldário ou/ou ter nos dois banheiros, é... é::: pra contar pra minha mãe foi/foi de supetão assim, eu falei pra ela “mãe, a R. tá grávida” e:: e/e aí a minha mãe ficou desesperada, porque a gente não contou pra ninguÉM, assim... os planos né? éh::... a gente fez como se fosse um::/um casal cis normal, assim, “ah, minha mulher engravidou e:: e aí, ah, agora eu vou ser pai” e pronto, entendeu? Foi umas coisa meio doida assim que a gente fez., éh::...: mas eu... eu não vejo assim, eu não/não tive nenhum problema.. é::: até porque assim, eu não sei/eu não fico::, eu não me exponho, muito, assim... é claro que eu defENDO né? corro atrás dos nossos direitos, sempre quando alguém manda uma mensagem, éh::: querendo tirar alguma dúvida, alguma coisa, eu ajudo, mas eu fico ali mais na minha, por/por receio de acontecer qualquer coisa, até porque agora que eu tenho um nenê pode acontecer alguma coisa com ele também,

então eu tenho que pensar muito né? Éh::: quando eu fui/quando eu tava com processo pra retificar o meu nome, deu muito/muito trabalho assim, porque a juíza ela entrou no meu Face, ela viu que tinha um nenê, então ela/ela: mandou::.. ela intimou a R. pra uma audiência, porque queria, porque queria saber quem era o pai biológico do nenê, então, fo/... nessa parte a gente passou um apuro, assim be::m/bem ruim, sabe?... A R. teve que ir, e daí a gente teve que omitir, que não éh::: não sei se você sabe, tem um grupo no Face, que os caras ele doam o sêmen, assim... é::: o grupo chama Inseminação caseira, tem no Facebook. E daí ali tem casal de tudo tipo, tem casal... tem casal gay, tem casal hétero que não pode ter filho e eles pega a doação do sêmen, porque se você for fazer na/na clínica é muito caro... né? e ali não, o cara doa, mas, assim, não tem contato, você/ele fala “ó, vou doar, o filho é seu e cê que se vire, eu tô só doando”, então não tinha como a gente expor o cara dessa forma, entendeu? era um combinado nosso... ali, e daí a gente teve que omitir muita coisa, fiquei com muito medo de acontecer deles pega o nenê, da gente, sabe? a gente perder o nenê. Então, foi uma/uma parte assim muito ruim, mas::.. a R. se saiu bem, ela foi lá, se explicou, e falou que não sabia quem era o pai, que não sabia, e que... e daí a gente começou a questionar as pessoas que tavam questionando a gente, “como assim um monte de gente que é registrado sem o pai e não acontece isso, por que isso tá acontecendo comigo?”... entendeu? E foi daí que eles foi cedendo, e::: ela falou que tinha o pai que era eu, que a gente tava esperando sair o meu nome pra gente registrar ele, e foi/e daí deu tudo certo, sabe? Mas::... éh::: é gostoso assim, eu ainda pretendo ter mais um filho... num futuro, assim, mais distante, porque eu quero ainda não pagar a fralda né? ((risos)) eu quero esperar um pouquinho assim, mas eu pretendo ainda ter mais um filho... éh::: gostoso, é muito gostoso. A gente tem medo... porque a gente pensa assim... eu e ela, a gente passava apertado assim éh::... “meu, a gente não consegue nem cuidar da gente, como vamos cuidar duma criança”, né? Eu pensava assim, mas é engraçado como a gente se::/se adapta, assim, e corre atrás das coisas e::/e dá tudo certo, né? é muito massa assim.. cê tem que conhecer meu nenê ((risos))

Sim, verdade () só vejo as fotinhos no facebook lá ()

Éh:::, Não, tem que conhecer... ele/ele é muito carinhoso... e bem inteligente... ele me deixa::: de queixo caído, eu pergunto/eu mando as coisas pra minha mãe ela fala: “ah você também fazia isso”, daí eu falava “cara, eu era tão atentado assim e não sabia?” ((risos))

Agora cê tá sentindo na pele

AhAm, e a minha mãe, ela se, assim, ela tem uma relação com o nenê muito engraçada, porque ela teve, assim.. uma ligação no início... que ela falava, assim: “é, cê fica aí com essa mulher, depois se ela quiser ir embora, ela vai levar o filho dela embora e cê vai ficar aí

sozinho”, tipo, ela falava isso... a minha mãe era muito rude, entendeu?... E eu falo “não isso não vai acontecer, eu sei o pai dele e vai ser dividido normal, se ele quiser ficar comigo ele vai ficar, a mãe dele não pode optar e: m: esconde: r ele e pronto, não é assim”... é:: então, ela mais/mas ela, meu, ela é muito apegada nele, todo dia ela manda mensagem, quer que eu mande foto, as vezes faz chamada de vídeo pra ver ele.. e ele já fala né: “o vovó, o vovó”, tipo é um/um carinho muito grande assim, eu acho que... aí a minha mãe, é engraçado que as vezes o V. faz umas coisas lá, ela diz assim: “cara, se fosse filho de sangue não parecia tanto”, que ela:/ele faz umas coisas que eu fazia quando era criança, ahAm, e daí ela fica de cara de/de ver, assim, ela/tanta semelhança.

Sim, sim

Né? bem engraçado

Legal

((risos))

Outra/outra vida com o neném né?

Nã:o, outra vida, nossa, mudou totalmente, cê não pensa mais “ah, eu vou fazer isso e isso”, igual... antes/antes a gente saía, ia nos barzinhos, tomava uma cerveja, ficava ali até tarde, agora não dá mais, cê tem que ir num lugar que dá pra levar um nenê, como que eu vou num/num bar com música ao vivo? Não, o nenê vai se incomodar, então a gente.. éh::... se::... como que fala? Se reserva mais, né, pensa mais nele. Éh:: Igual eu falei pra R., falei “mor, a gente tem que/que correr atrás, comprar um carrinho, um carro pra gente sair, tudo”, porque.. já é muito ruim ter o nenê, às vezes tá chovendo, cê tá num lugar e cê chamar um Uber, o Uber não pode levar porque não tem cadeirinha, tipo, é uma correria, assim, é::: muda completamente a vida da gente

Muda a organização, a rotina né?

É, muda tudo... cê não dorme mais nos teus horário ali é:: cê fica:: “o nenê”, o nenê chora cê já levanta correndo, vai no quarto vê o que que tá acontecendo... muda completamente assim a rotina... E vai ser pro resto da vida né? porque vai crescer, começa a estudar, começa a sair

Essa é só a primeira etapa

AhAm, bem isso ((risos))

É::: Sobre a sua transmasculinidade, assim, o modo como você expressa a sua masculinidade, o que você pode me contar mais assim?

Olha... eu/eu procuro::... não se:r machista, no começo da minha transição eu/eu era muito machista, assim...éh:: em questão de é:: mulher tem que arrumar a casa ou mulher tem que fazer comida e essas coisa assim, eu era muito... acho que a K./a K. teve trabalho, hein? de

trabalhar isso comigo, mudar assim, de eu entender que, tipo... é:: quem mora na casa é eu e minha mulher e nós dois tem que::/que arrumar a casa, não é ela, a responsabilidade não é dela, né? tem que, éh::... Procuo se::r mais sutil com as pessoas... éh::... em questão às vezes, você ver uma pessoa, mas você não, você olhando, você não identifica.. a/o: gênero dela, como ela gosta que:: né? que cê fale com ela, então... é isso... eu procuro se:r/ser u:m/um homem, mas não ser cuzão, né? desculpa a palavra

Não, sem problemas ((risos))

Porque::... as vezes, eu/eu vou em alguns lugares assim que eu vejo os assunto dos cara e as coisa e eu penso “meu, ainda bE::m” e nessa hora eu penso “cara, ainda bE::m que eu sou trans”.. que eu/eu, as vezes eu paro pra pensar e se eu tivesse nascido... éh:: um homem, biologicamente um homem, como será que seria minha cabeça? Será que eu teria.. essa sensibilidade que eu tenho, acho talvez eu não teria né? quem sabe eu não seria mais um cuzão, né? éh::... então eu tento... eu tento se::r flexível, ser gentil... e:: sensível, não deixar que é::... que no começo a gente tem aquele negócio “não, eu sou homem” e de impor, e de::... as vezes a gente s/acaba sendo vacilão, né? nã/não precisa de a gente.. é:: impor a masculinidade assim... nãO... é só a gente:: viver de boa e sem se estressar, não precisa ficar se impondo... acho que É isso.

No início da transição aí, tinha uma agressividade maior, uma imposição maior dessa masculinidade, isso?

Isso, ahAm.. Não sei se era por/por fato de ainda não... de ainda as pessoas não me vê né? como um homem, ainda ficava naquela dÚvida, me tratavam ainda no feminino... não sEi, o que:: realmente eu não sei, assim.. éh:: mas hoje em dia eu:/eu sou mais tranquillo... não fico me impondo, não sei se você entende o que eu tô querendo falar? Éh::... tipo igual, te:m uma:/umas meninas assim que/que são lésbicas, que... tipo, elas se impõem de uma maneira assim, eu não sei se não é pra.... Se é pra/prá não se sentir ofendida ou pra dar espaço pra alguém agredir né? assim verbalmente, quee eu fico pensando “nossa, por que ser tão:/tão bruta assim?” né? as vezes eu acho, não precisa ser tão... mas, claro, cada pessoa é cada pessoa. Então eu tento, eu tento me::... claro que não sou 100%, né?.. as vezes eu falo alguma coisa e a minha mulher fala “nossa, mas você é muito grosso” ((riso)), mas eu tento:: me moderar referente a isso, não/não ser tão agressivo assim, tâ::o carrasco.

Tem uma certa sensibilidade hoje que no início da transição aí se/se impunha um pouco mais agressivo

Isso...

Tem mais alguma coisa da sua experiência, desse processo né, sei lá de transição, enfim, da sua experiência que você ache importante, que possa falar?

Olha: acho que eu já falei tudo ((risos))

Tá ótimo então, se você acha que já falou tudo

Bom, eu falei, né? De como eu me sentia, como eu me sinto hoje... é particularmente eu me tô muito:::, muito, muito feliz, assim... daí cê sai pulando e gritando:... pra::/pra mostrar o quão feliz eu tô eu:: faria... tô bem tranquilo realmente, tô bem feliz assim... e quero continuar assim por um bom tempo, que a/as vezes quando a gente tá mUito feliz sempre vem alguma coisa, né? pra te abalar de novo.. quero ficar curtindo essa felicidade aí um/um bom tempo... ((riso))

Então, vá curtir a sua vida que agora é de verdade

É:: agora sim...

Que bom

Tá certo... Foi um ano ótimo

Está sendo ótimo

Tá sendo ótimo

Muitas conquistas e:: muitas coisas

Vamo::... até o fim do ano a gente vai se mudar pra Joinville... não vamo ficar aqui.. porque::... a minha mãe mora lá e o meu pai mora lá também, então::... aqui é só eu, a R. e o nenê, então... as vezes é ruim, eu vejo a mãe uma vez no mês só, o meu pai::/o meu pai eu demoro mais tempo ainda pra ver por::... por/eu não tenho tanta... é:: convivência, assim, com ele, sabe? Éh::: ele sempre questiona, “ah, quando vocês vão se mudar pra cá?” e eu quero mudar porque ele cresce mais familiarizado, né? cresce mais perto ali das tias e de tudo... daí eu espero que dê tudo certo pra lá... se não der a gente volta ((risos))

Tá certo, então eu vou fechar a entrevista, mas de qualquer maneira muito obrigado...

ENTREVISTA IV: OXALÁ

Vou começar com umas perguntinhas bem básicas, assim, sociodemográficas. Qual que é a sua idade?

22

Gênero?

Masculino

Raça?

Branca

Formação?

Ensino superior incompleto

((risos))

Ótimo. Éh::: como eu te falei a ideia é uma entrevista mais aberta, assim... então, eu quero saber de você, como que é pra você ser homem trans?

Olha... ((risos)) éh::: hoje em dia acredito que pra mim é uma questão que eu tenho me dado melhor... tipo::: tô na faculdade, tô trabalha:ndo.. né? Então tudo isso já está mais estável na minha vida... mas, sempre foi uma questão de muito:: sofrimento, né?... Porque:: des/desde a escola, desde, desde que eu me descobri trans, ou seja, mesmo que eu não soubesse usar nome, né?... essa questão da transexualidade... sempre foi um processo muito difícil de descobrimento... então:: quando eu contei pros meus pais, né? Teve, quando eu contei né, tipo, quando eu falava que eu era menino, eles sempre achavam que era uma loucura da minha cabeça e tudo mais, por isso que eu passei muito tempo da minha vida fazendo terapia compulsória ((riso))... mas, aá quando eu achei uma terapeuta legal, que no caso foi a K., tipo... as coisas melhoraram... Éh::: mas é, essa coisa de ser homem trans sempre foi muito difícil, até eu sair do ensino médio.... então, sempre passei por muito bullying, muito ((risos)) né? tipo, hoje eu falo com mais leveza assim, mas era bem complicado... éh::: aí em relação a/ao ensino médio também foi bem, bem complexo, até eu conseguir fazer a/a retificação de nome que foi... em 2015, quando eu tava com dezes::sete, né? que levou uns dois anos pra sair, entrei com o processo com quinze pra dezesseis, era bem, bem complicado, se não fosse o Transgrupo, o grupo dos meninos assim... é, né, seria pior, daí, depois que eu fiz a cirurgia também às coisas foram se/se encaminhando...

Você fala que é um processo difícil né? Como que é esse processo?

É... Eu acho que::... antes de eu saber que existia essa possibilidade, tipo era uma coisa muito difícil pra uma criança, sabe? Tipo, entende::r toda a complexidade, tipo, essa/essa, divisão homem e mulher, tipo, na escola ficava muito evidente, que tipo, ai, meninas de um lado, meninos do outro, e eu sempre ficava ali no meio termo, tipo, eu nunca saia, tipo eu sempre queria ir pra fila masculina, mas eu nunca podia ir efetivamente, então eu sempre era obrigado a ir pra/prá a fila das meninas ou ficava no meio emburrado. Éh:::... mas aí quando eu fui descobrir a palavra transexualidade, quando eu tava lá com doze, fui pesquisar na internet, descobri aquele... aquele documentário “Meu eu secreto”, tipo, as coisas foram/foram melhorando, daí eu sempre tinha... tinha vontade de... de parecer, com que eu, com o que/fisicamente, com o que eu imaginava que eu era interiormente, então, daí eu comecei a ver a questão da...da hormonioterapia, das cirurgias possíveis, e tudo mais, aí eu comecei a/a ficar mais tranquilo assim... Ma::s eu acredito que a parte mais difícil, fora a parte de descobrimento, inicialmente, era a questão da:::... das pessoas né? ((riso)) Porque o problema são as pessoas... éh: essa coisa do preconceito mesmo, então::: eu acredito que nesse sentido... éh:: ((pigarro)) pera, me perdi ((risos))

Tudo bem, tranquilo...

Eu acho que as pessoas realmente dão essa atrapalhada, porque:: eu vejo que eu era... eu sofria muito mais quando não tinha passabilidade, então agora que eu tenho essa passabilidade, tipo, ninguém fica olhando torto na rua, ninguém, sabe? Tem a retificação do nome, então::: nunca mais passei constrangimento assim... tanto que hoje em dia se/se falar que a gente é homem trans, quando a gente tem essa/essa passabilidade é uma coisa política né? porque se você quiser, ah beleza, sou um cara cis, vou me esconder... né? então tem muita gente que prefere né? Manter/manter assim... tem muito amigo que eu conheci naquela época que era super politizado ali da/da ONG, hoje em dia fica mais, tipo, quietinho, não fala com ninguém, finge que é cis ((riso)), enfim, mas são escolhas né? enfim... mas eu.. prefiro não me esconder. Por exemplo, no trabalho... éh::: todo mundo sabe, né? Tipo ((riso)) então:, eles são bem mais tranquilos, é um trabalho de humanas né?

Uhum...

Ma::s, é isso né? Na faculdade também, a maioria das pessoas sabem... no começo eu não queria que ninguém soubesse, pra não, pra não ter toda essa, tipo... né? As/as fofocas e tudo mais, mas agora tá/tá mais tranquilo...

Você falou que agora tá mais tranquilo, né, mas você diz que foi um sofrimento, né?

Sim...

Como que é esse sofrimento? Como ele foi?

Ah:: ((suspira sorrindo)) por/era muito complicado né?... principalmente eu acho que:... não sei, com meus pais, acho que a pior coisa eram eles, assim, fora as pessoas em geral... porque:: pra eles era muito difícil entender esse/a perda dessa filha, assim, que meu pai tem mais duas filhas, mas é por parte dele, assim, agora, o meu pai, são/sou só eu. Então:... todo esse processo de descobrimento, até eu falar pra minha mãe primeiro com doze, por meio de uma carta, tipo, eles nunca, tipo, eles falavam “ai, tá bom” né? tinham muitas brigas e tudo mais.. mas eles nunca me ajudaram na/na transição, então:... tudo que eu fiz pra conseguir transicionar eu fiz sozinho, tipo, comprei a/os hormônios na internet, comecei a aplicar por conta, fiz merda, deu abscesso, ma::s então todo esse processo, tipo, foi bem complicado, quando/quando eu tava, tava com três, quatro meses de hormônio... minha mãe, ela/ela, tipo, eles eram divorciados já, pela terceira vez e eu fui visitar ela... Aí ela viu que eu tava/tava/tava um pouco diferente ((riso)) tava com as pernas cabeludas e tudo mais, ela ficou horrorizada, aí ela falou: “Ah, que que você tá fazendo?”, daí eu contei, só que:: aí ela ficou tão puta, que ela tipo, eu morava com o meu pai, ela mudou o conselho tutelar na minha cAsa, e eu sempre tive várias passagens pelo conselho tutelar, porque eu era um filho rebelde, por eu ser trans... mas aí... ela:: ela chamou o conselho, e ela tava dentro da Kombi do Conselho ((riso)) nesse dia, aí me levaram lá na/na sede do conselho tutelar, aí a conselheira falou um monte de barbaridade, éh:: falou que eu nunca ia ser homem porque eu não tenho pênis, coisas assim desse nível, mas... aí tipo ela falou que se e não parasse de tomar hormônio, tipo, ela ia dar um jeito de/de acusar meu pai por negligência e que eu ia pra um abrigo, coisa assim, tipo, só pra/prá assustar sabe? Continuei tomando hormônio ((risos)) nada aconteceu... ma::s meus pais demoraram muito tempo, pra... pra realmente entender... esse filho que eles tinham, então, eu tô com vinte e dois agora.. quando/quando eu fiz a cirurgia ali com/em 2015 ali, no final de 2015, que...que eles realmente começaram a me tratar como A., como A., tipo tratando no masculino assim, antes disso sempre ficavam no/no meio termo.

Uhum...

Sempre foi assim...

Então, você tá falando de um sofrimento me parece... mais com relação às pessoas, é isso? Com o preconceito que elas têm...

Sim, é claro que também tinha o sofrimento do corpo né? desse corpo que não se identifica, né?... Então, pra uma criança é bem difícil entender... o que é esse corpo, o porque que... o porque que as pessoas falam que as meninas têm vagina, os meninos tem o pênis, e você não se enquadra nesse/nesse tipo e você se vê como um menino... então:, mas eu acho que pra mim:: sempre foi esse sofrimento.. éh:: em relação a essa ina/inadequação do corpo, e essa

coisa de que eu ficava vendo tipo, o corpo dos homens, e eu ficava, tipo.... como é que eu vou usar a palavra?, tipo Ah::: usando como espelho eles mesmos né? Tipo... tentando... acho chegar a esse patamar mais masculino assim... né::? então::... eu acho que... ((pigarro)) essa coisa de almejar sempre tipo a cirurgia sempre foi uma coisa muito grande, por exemplo, eu fiz, eu fiz a::: mastectomia, ma::s... ainda não fiz a histerectomia, porque sempre que eu vou fazer, eu não consigo por causa do trabalho. Então quero fazer no ano que vem, porque faz muitos anos que eu tomo hormônio né?

Uhum...

Desde os quinze...

Uhum...

Então::, tá tudo bem por enquanto, mas/mas é uma preocupação... e::: eu também sempre quis fazer a cirurgia da/da faloplastia, só que também sempre me parece uma coisa muito inatingível, por conta, tipo, no SUS não/não tem, tipo tem, acho que só a metoidio se não me engano né? tem mais uma outra... aí sempre é uma coisa caríssima, que nunca... parece que nunca vai chegar sabe?... Aí eu sempre fico me frustrando nesse sentido... tipo parece que eu tô realizado com a mastectomia, mas sempre falta o principal que eu, que pra mim seria a faloplastia, sabe?

Então:: você hoje tá um pouco mais tranquilo com relação ao seu corpo pela mastectomia...

Pela mastectomia, sim...

Mas ainda é uma questão genital, então né?

É, eu acho que o que mais pesa pra mim é::: é a questão genital assim... tô mais bem resolvido hoje em dia, mas ainda:... é a parte que mais me pega, sabe?

Como que você se relaciona hoje com o seu corpo?

Ah::: tipo, perto de antigamente que eu nem olhava, tipo, não to/tomava banho direito sem olhar, assim, tipo, tá, tipo, tô lidando melhor, sabe? Tipo, antes, eu:::, éh::: eu n/não usava só o binder, usava tipo éh Silvertape, usava um monte de coisa, mas a questão genital, hoje em dia assim, tipo::: eu tô mais tranquilo, embora não tenha/esteja fazendo terapia. ((riso)) Tipo, tô/tô lidando, tô entendendo, tipo, que eu tenho que controlar essa ansiedade, que um dia vai chegar sabe? eu tenho/fico estabelecendo meta assim, tipo, até o trinta ((riso)) depois dos trinta. Mas:::... eu acho que... não sei, em relação a antigamente tá melhor assim, lidando assim, mas sempre/às vezes, tipo, sei lá, uma vez por mês, me dá uma crise em relação ao corpo, assim... mas é::: tá mais controlado que antigamente.

Você falou de crise, como que é essa crise?

Ah, eu fico mal ((risos)) fico bem/bem depressivo assim... pensando no/na falta do corpo, né? principalmente... eu acho que às vezes fora essa crise grande que dá, eu acho que... dá aquelas mini crises durante o ato sexual, assim, que cê fica... tipo tá lá tá fazendo, ou cê tá fazendo sem prótese ou às vezes com prótese, mas sempre... parece que você... ou durante ou no final você lembra da cirurgia, assim, por alguma razão, sempre parece um fantasma, assim... daí dá essa mini crise no meio, assim... às vezes, já/já aconteceu acho que umas duas vezes, assim, de depois ficar super mal assim, mas, eu tento abstrair, sabe?... Tinha/tinha, épocas da vida assim, que eu sempre tinha que... me relacionar, tipo, ou alcoolizado ou... é/fumando maconh/qualquer coisa assim, do que não estando sóbrio, hoje em dia tá mais/mais tranquilo, não preciso estar ((riso)) inebriado de alguma forma, sabe?

Uhum, uhum...

Mas... num processo né?... De autoaceitação, assim...

Você fala então dessa crise como um mal estar, é isso?

Isso...

Como que você se sente, assim?

Ah:: acho que eu sinto essa falta sabe? parece que nunca tá completo, tipo o sexo nunca tá completo, sempre/Não digo por causa da pessoa né? Ahn minha namorada nunca reclama, nunca reclamou, mas eu digo minha relação a mim.

Sim, sim..

Daí eu sempre pareço que nu/nunca tô realmente satisfeito, sabe?... Sempre tá uma/uma coisa, uma coisa estranha ((entre riso))

Uma coisa estranha?

É::: tipo, ah:... a gente faz e tudo mais, mas eu sempre.... Sempre é uma coisa comigo, assim, acho que é a coisa que mais me pega hoje em dia... parece que eu nunca tô me entregando completamente, sabe?... Por que essa, não sei se disforia é a palavra, é a palavra que usam, né? Ma::s... esse desconforto, né?

Uhum... Tem mais alguma coisa desse desconforto que.. movimentada você?

É::: eu acho que é mais nessa/nessa parte genital sabe?

Mais o genital mesmo?

Uhum. Hoje em dia sim, claro que eu também fico brabo com a minha altura ((riso))

Com a altura, é?

É, porque::: eu nasci prematuro... eu nasci, tipo, com 1 kg assim, 1,3 kg, nasci com oito meses, porque minha mãe fumava (comigo no quarto), aí... ((risos)) tipo, eu.. éh::: passei a

infância tomando aqueles suplementos pra crescer, e tudo mais, mas nunca deu muito certo... aí quando eu cheguei ali com 10,11, né, que eu tinha:: eu tinha acabado de menstruar ((riso))

Uhum

Minha mãe me levou num médico né? Pra/prá ver a possibilidade de tomar GH e tudo mais. Mas como eu já tinha menstruado, tipo, não tinha mais o que fazer, mas ele até falou, tipo, “ah, né:: se fosse antes podia tê/podia tê/ter éh::... postergado, né? a menstruação”... ma::s aí ele falou que podia tomar GH e tentar, né? aí minha mãe falou que não, porque não sei o quê, ((riso)) e ele falou: “ah, como é menina não precisa crescer mesmo”. Aí, eu sempre fico com essa/com essa pulga, que, tipo, podia ser diferente, mas hoje em dia também, tipo, não é um bicho de sete cabeças a altura, mas às vezes eu fico pensando.

Uhum, uhum... Então essa relação com o seu corpo, então, o que tem te incomodado ainda é a altura?

Éh::: essa coisa a altura um pouquinho assim, que às vezes eu fico bravo. ((risos))

Uhum...

Mas é mais a genital assim...

Mais a genital...

E também porque eu sou muito sedentário, às vezes eu fico mal porque eu tô ((risos)) barrigudinho, eu tô, não/é que eu fumo bastante e fico muito tempo sentado no trabalho, mais sentado na faculdade, daí não faço nada de exercício físico, daí eu quero resolver essa parte também... ma::s...

Como que você expressa a sua masculinidade?

Que difícil né? ((risos)) olha... nunca tinha pensado sobre isso... ah: eu não sei, ((riso)) eu acho que eu expresso sendo eu mesmo, mas, por exemplo, eu já::... eu já percebi que eu... perto de muitos ou/outros meninos trans eu me enquadro junto a essa coisa binária, sabe? Na/no papel hegemônico, por assim dizer, tipo ah, tenho a voz grossa, tenho barba, tipo, eu sou hétero.... Então acredito que nesse sentido, por exemplo, acho que eu sofro muito menos de que um rapaz...é homem trans que seja gay, né? ou que seja não binário, ou n/né?... ((pigarro)) acho que... na masculinidade assim eu... claro, tipo, eu tenho essa/essa questão... né? que eu me enquadro mais nesses padrões... éh::: mas ao mesmo tempo também... sou de humAnas né? ((risos)) então, também tenho essa coisa mais sensível, que dizem/que todo mundo diz que é coisa mais feminina né? tem essa coisa que é mais separada né? que homem tem que ser brusco e tudo mais, eu não/não concordo, né? mas... mas acredito que... masculinidade hoje em dia ela tá be::m... bem construída, assim, sabe? No sentido de que, antigamente eu ficava muito me baseando... no modelo de homem cis, sabe? Tipo, aí, o corpo

que eu quero te:r... o jeito que eu quero ser, sabe? Tipo, hoje em dia eu sei que eu sou eu, ((risos)) que não tem muito o que fazer, assim, sabe? Então... Acho que a minha masculinidade vai nesse sentido... também acredito que não seja no/no padrão da masculinidade tóxica, sabe? acho que tem muito, tem/tem um amigo meu... que ele é homem trans e ele se descobriu bi, faz pouco tempo, ele tá, faz... faz dois anos que ele tá namorando... um/um menino e ao mesmo tempo ele vota no Bolsonaro e ele... ele é cristão, e ele anda com uma cruz gigante no pescoço, e eu não consigo cortar amizade, porque ele é um amigo de/faz muito tempo, a gente ia junto na terapia e ao mesmo eu vejo que a masculinidade dele é construída de um jeito totalmente... fodido. Porque a família dele é cristã, ele vota no Bolsona::ro, tipo, ele.... não sei ((riso)), e aí:: ele/ele não posta foto do namorado, sabe? Tipo, trata como se fosse amigo na frente das pessoas e... não sei... tipo... é uma pessoa que/que me incomoda no sentido da masculinidade, sabe? no sentido de que pega todos esses estereótipos ruins do/do masculino, e: p/pegou pra ela, sabe? E eu vejo que pelo menos a minha masculinidade n/não tá nessa/nesse sentido mais, (mais horroso)... ((riso)) ele é uma pessoa muito boa, ele só, sabe? tipo, toda a estrutura de... fodida, assim.

Uhum

Daí fica nesses...

Você falou né? Eu sou eu, a minha masculinidade, como que é essa masculinidade do A.?

Não sei, se... ((risos))... não sei como a minha masculinidade, se/se põe socialmente né?

Como você se sente?

Não sei... eu sei que ((risos)). Que difícil, né? ((risos))

É difícil falar sobre ou é difícil pra traduzir pra falar?

Acho que é difícil traduzir...

Entendi

Porque::: sempre vi que eu sempre tive uma masculinidade, né?

Uhum

Então.. eu vi que eu/eu não era uma menina, né? Não sei, eu sempre me vi como/como um menino, então acho que essa masculinidade ela foi se criando né? Porque quando eu era... quando eu era criança, sempre, tipo, ai, sempre eu m/entendia o papel masculino, realmente exacerbado, sabe? Tipo, ai, gostava de carrinho, gostava de dinossauro, jogava de futebol...

Uhum

mas hoje em dia, tipo ah, nem assisto mais tanto futebol e, tipo, foram/foram coisas sendo construídas sabe?... s/sou leitor, éh::: ((pigarro)) sei lá... eu acho que.... perto de muitos homens trans que eu vejo no Facebook, por exemplo, que tão lá de boné:: ((risos)) sabe? Que

tem toda essa característica assim de realmente... né? Musculosos e tudo mais, acho que não sei, acho que eu sou um cara ((risos))... não sei... que às vezes fica em uma masculinidade mais tranquila, não sei.... não sou grosseiro... sou:: né? tipo, até no trabalho assim tem essa coisa de que::... tem um menino trans também, e aí o pessoal fica muito horrorizado, porque ele, tipo, ele sempre fala o tempo todo que ele é trans no Facebook, não sei o quê, e eles acham que eu sou mais tranquilo, porque eu não fico todo o tempo postando, tipo, sabe essa coisa mais higienizada, tipo, eu/eu não concordo... que eu seja mais higienizado assim, mas/mas elas falam que sempre tem um jeito mais agressivo de falar.

Que você tem um jeito mais agressivo de falar?

Não, o menino que posta mais coisas no Facebook

Ah, entendi

Daí, tipo, tem sabe quando você vê essa distinção de tratamento, por exemplo? então, porque ele começou a/a tomar hormônio faz um ano e pouco, agora que tão tipo respeitando mais ele sabe? Tipo, eu vejo/eu vejo nesse sentido que... muita gente, por exemplo... éh:: só vai saber que eu sou trans depois, sei lá, me conhece no bar e sabe depOis, daí a pessoa fala “nossa:: nunca ia saber” sabe? Tipo, ou fala, que tipo “ah você pra mim, você é um homem perfeito”, uma coisa assim, tipo, eu acho um absurdo ((risos))... ma::s, eu vejo que, não sei, tipo... não sei mais como responder

Você tava falando aí que era uma masculinidade talvez é sensível, você usou essa palavra sensível...

Uhum

Falou da questão um pouco estética, aí, da barba, as roupas, mas não né, não é um hétero top, né?

Éh:: não sou um hétero top, ((risos)) mas tá, tô de boa, tipo, eu compro minhas roupas na seção infantil... ((risos))

Mas tudo bem...

É...

Então você tem/tava falando de um sentimento de ser um pouco mais, uma pessoa um pouco mais sensível?

A única coisa que me incomoda (), que desde quando eu comecei a tomar hormônio... com quinze lá, eu não/não consigo mais chorar, nunca mais, tipo eu fico/fico emocionado, eu tenho minha sensibilidade ainda... mas nunca mais chorei, tipo nunca mais, tipo no máximo dá uma/uma lacrimejada, assim, e eu percebo que foi por causa do hormônio sabe?, Tipo nunca mais mesmo... tipo, tenho vontade, tipo dá, sabe? Mas nunca/nunca vem choro de verdade

igual vinha antes.. é muito/muito engraçado isso, assim... e eu fico pensando se/se realmente... eu/eu acredito que seja hormônio porque não tem outra explicação... porque antes eu chorava muito tranquilo ((riso))

Uhum

E agora fica... fica essa coisa que não chora... ((riso)) mas ao mesmo tempo, tipo, eu gosto muito de tomar hormônio, ((riso)) então, não sei.... sei lá o que acontece

Você tava falando de um impacto que tem o hormônio aí na sua vida

Uhum

Como que é isso?

Pois é... não sei como é isso... porque::: ao mesmo tempo que o hormônio, que me dá o que eu precisava que era.. que era me sentir bem comigo mesmo, ao mesmo tempo, tipo ele... não me deixa chorar... então, eu tenho que encontrar outros meios de extravasar, tipo, o sentimento, sabe?... Que não seja o choro, que pra mim sempre/sempre foi.... antes da hormonioterapia, sempre foi essa coisa de chorar e aliviar sabe?

Uhum

Mas hoje em dia como não tem mais o choro, tipo, não sou um cara agressivo, então, eu não bato em ninguém, não bato em nada ((riso)) então, tenho que encontrar outros meios de expressar, tipo, os sentimento que às vezes viriam pelo/pelo choro... então geralmente, tipo ah... vou escrever alguma coisa ou... sei lá, vou andar, vou caminhar, sabe? sempre vai nesse/nesse sentido.

Então, parece que a/a hormonioterapia tem uma diferença na relação com os seus sentimentos, assim

Sim

Desde que cê começou então mudou pelo menos essa questão da sensibilidade emocional, né?

Sim, uhum, tipo, eu sempre fui muito sensível, sabe? Mas nesse sentido de/de realmente conseguir me expressar

[Expressar

Por meio do choro eu acho que é... que foi bem uma ruptura sabe?... Tipo nunca mais, parece que foi uma cisão, assim, tipo, uma cachoeira ((risos)), e depois nunca mais, no máximo mesmo uma lacrimçada, assim, muito/muito surreal..

E você atrela essa cisão a hormonioterapia?

Sim... é porque eu fiq/sempe fico pensando, é a única explicação, porque depois nunca mais, sabe? Tipo, nem de felicidade, assim, nunca mais chorei, nem de alegria nem de tristeza, assim... muito estranho

Como que foi o, essa/esse período ali de doze que você falou, que descobriu o que é transexualidade, como que foi esse período aí?

Então, no colégio foi bem estranho... porque, tipo, contei pros meus amigos, eles super entenderam... demoraram um tempo até tratar no masculino e tudo mais, coisa de... uns quatro meses, né? porque criança é mais/mais tranquilo, né? Ma::s com o restante da escola era meio complicado... sempre teve bullying, não somente verbal como físico... éh:: e na oitava série acho que foi a pior coisa, porque::... teve aquela coisa da formatura, e::: aí eu era tesoureiro, e eu que tava cuidando do dinheiro e eu também ia participar da formatura. Só que aí na formatura ou você usava terno ou você usava vestido, e eu não queria usar vestido, lógico, só que eu queria usar terno, só que meus pais não deixavam e a escola também não permitia... aí::, eles falaram pra eu usar uma roupa meio termo.... não sei que roupa seria essa né.... né? Aí:: eu:: eu não fui né? eu já tinha pago, ai eu tirei o dinheiro né? já que eu mesmo era o tesoureiro ((riso)) aí eu, aí eu fui lá, tipo, eu pedi autorização pros meus pais e fui lá e comprei, tipo, muitos livros, era, na época acho que era 300, 400 reais pra participar da formatura, não era um valor tão exorbitante assim, sabe?

Uhum

Aí, comprei um monte de livro.... ((risos)) e aí:, depois eu fui pro ensino médio, né? troquei de escola, porque lá só tinha até a oitava, aí fui pro colégio Acesso, que é uma bosta, porque lá tipo, eu pedi nome social, né? era um cursinho particular e tal, meu pai ajudava a pagar... aí tinha... tinha::: o ensino médio até o terceirão lá, aí não tinha nome social, aí veio a portaria do MEC, levei documentação da ONG, fiz um estardalhaço, e eles não deixavam eu usar nem o nome social e nem o banheiro. Então fui um ano que eu quase reprovei, eu passei por conselho de classe. Aí eu sempre, tipo, morria::... de vontade de fazer xixi, pq nunca consegui ir no banheiro, porque não podia usar o masculino e as vezes eu usava o feminino, porque realmente não aguentava e as meninas ficavam, tipo, horrorizadas, mas eu ainda não tinha começado a tomar hormônio, comecei a tomar hormônio no finalzinho do primeiro ano... mas eu já era super andrógino, assim, usava binder, usava um cabelinho curtinho, e:::... aí eu saí do Acesso... e fui pra/pro Decisivo, que também era particular. Aí lá a diretora aceitava nome social... e, tipo, muito tranquilo, assim, aí quando eu fui fazer a matrícula eu já tava, tipo, com passabilidade, foi muito rápido, comecei a tomar hormônio em agosto de 2012 e já no comecinho das aulas ali já tava bem... passava ((riso)) aí::: pra um adolescente né? não tinha

barba não tinha nada, pra um adolescente eu tava bem. ((riso)) Aí... eu fui... aí sim eu comecei a estudar, sabe? Comecei a criar outras amizades, comecei a::... a estudar, tipo, bem... eu ainda, tipo, tinha muito conflito com o meu corpo, porque eu não tinha feito a cirurgia e tal... éh::: então, tipo eu dormia na aula, às vezes faltava bastante, mas ainda sim era muito melhor que nos outros anos né? Tipo, no ensino fundamental e tudo mais, e no primeiro ano... Aí depois eu comecei/tipo, quando eu fui/ah tem a coisa do ENEM também, eu sempre tentava vestibular da federal e do ENEM... ((pigarro)) mas a federal, tipo, nunca tinha nome social no vestibular, tinha só, no::... pra quem passava, então a pessoa tinha que passar todo o constrangimento de fazer a prova e não ter nome social, aí toda vez ia lá, eu com meu RG, não retificado, aí depois, tipo eles falavam: “ai, você tem que ir lá comprovar que é você”, daí eu ia lá em uma salinha, ali na, foi ali a reitoria as duas vezes que eu fui fazer exame, se eu não me engano, não, uma vez foi na PUC, outra foi na reitoria, aí sempre tinha/tinha que ir numa salinha... tipo, éh::: colocar o dedão e tirar foto, escrever uma cartinha/mini cartinha, assim, explicando que eu era trans, aí nessas duas vezes foi como treineiro... né? sempre voltava transtornado pra fazer a prova

Transtornado?

Transtornado... ((riso)) constrangido né?

Entendi

Porque, né? Todo um constrangimento que eu passava... aí no meu ano oficial de vestibular, que era... deixa eu ver, 2015? 2015, eu não fiz, porque eu não aguentava mais passar por isso...

Uhum

aí::: no ENEM também aconteceu a mesma coisa, só que teve um ano que eu... que eu pedi pra ficar numa salinha de atendimento especial, aí eu fiquei com o pessoal que era... que era deficiente, né? daí foi melhor ((riso)), foi muito melhor, pq pelo menos ninguém te/te tratava mal, e::... mas aí no meu ano oficial eu não tentei.... Eu fui trabalhar no shopping, fui viver a vida um ano assim, aí nesse período que eu tava trabalhando no shopping veio à retificação do nome... veio a::... veio a mastectomia e a retificação do nome, então, foi mais tranquilo assim pra trabalhar... e aí depois esse mesmo ano assim, eu tava no finalzinho do ano trabalhando no shopping.... quando que foi? 2016, final de 2016.... não, tô louco, 2014 era o ano pra entrar na/na/na universidade, 2014 pra entrar em 2015, foi em 2015 que eu fui pro shopping e que eu fiz a cirurgia, aí.... daí eu fiz o processo seletivo de 2015 pra 2016, só pelo ENEM, que a UFPR ainda não tinha nome social, então eu tava brabo ((risos)) aí eu fiz o::... fiz o ENEM

com o nome social... né? Tipo, um pouquinho depois que eu solicitei o nome social saiu à retificação... aí eu entrei na faculdade, com o nome retificado, daí as coisas melhoraram

Processo bem difícil né?

Bem louco ((riso))... e no meu processo de mudança de nome eu ainda era de menor, eu tava com dezessete pra dezoito, aí o meu pai teve que ir comigo, ele ficou quieto o tempo todo assim... aí tinha uma promotora de justiça, tinha a juíza e tinha o professor Leandro daqui que era o meu advogado. Aí, tipo, elas faziam perguntas absurdas, assim, tipo... perguntavam se eu queria constituir uma família, né? coisas assim, tipo, como se/se eu não quisesse constituir família, se eu não fosse hétero, tipo, eu não seria trans, uma coisa bem, bem bizarra... né? perguntaram toda a infância, todo o processo, mas essa coisa da/da família me chamou atenção, tipo, perguntaram se eu queria ter uma profissão... tipo, sabe?

Uhum

Pareciam que tavam testando se eu tinha/se eu queria/tinha/tinha uma perspectiva futura, assim, sabe?... Felizmente eu tinha né? porque se eu não tivesse, eu não tinha mudado de nome... mas foi bem/bem engraçado, assim ((risos))

Engraçado?

É, pra não dizer outra coisa... ((risos)) tinha câmera, tinha microfone gravando, porque eles gravam assim, bem/bem sinistro... uma mesinha assim, umas mesa assim, sabe? que é, acho que é em formato de U assim

Uhum

Bem, bem bizarro

Você falou que na infância você já se sentia um menino, mas não dava um nome pra isso né?

Uhum

Como foi que você descobriu o nome: sou homem trans?

Ah, foi só na internet assim, que eu ficava pesquisando, aí uma vez eu joguei alguma coisa, tipo, não me sinto no próprio corpo, uma coisa assim tipo no Google, aí puxou a palavra transexualidade, tipo era () acho que Yahoo, essas coisas assim

Uhum

Aí quando eu descobri a palavra ai eu pesquisei no Youtube, daí eu comecei a achar os documentários, aí as coisas foram/foram se abrindo

Aí você achou “Meu eu secreto”

Né. Achei “Meu eu secreto”, falei: “Meu Deus::, sou eu” ((risos))

Já se identificou

Sim, acho que foi nes/quando eu vi “Meu eu secreto” falei: “É isso”.... Pra mim já ficou muito claro assim

Você falou também da passabilidade, como que é essa questão passabilidade pra você?

Eu vejo que:.. a questão da passabilidade foi.. um divisor de águas sabe? porque antes eu sofria muito bullying, sofria, tipo, cara, tipo, um monte de constrangimento.... foi só ter voz grossa, ter barba, tipo.... tudo parece que melhorou, tipo, a coisa do nome, da cirurgia, tipo.... eu vejo que eu não sofro igual mulher trans sofre na rua, por exemplo, sabe? Tipo, ninguém fica me chamando de traveco, ninguém fica dirigindo, tipo, ofensas pra mim na rua, eu não sou, nunca, perdi questão de/de/de vaga de emprego, nunca fui, sabe, tipo, recriminado nesse sentido depois da/da transição, sabe? Acho que mu/mudou muit/bastante coisa, eu vejo essa coisa do privilégio mesmo que é a passabilidade sabe? Talvez se eu nã/tivesse a voz mais fina, tives/não sei, se eu tivesse sem barba minha, talvez vida fosse outra sabe?... acho que é nesse sentido assim

Como que você se sente em relação a essa passabilidade?

Ah, eu entendo que é:: que é um privilégio mesmo, sabe? Porque tem muito menino trans que sofre... tem muito menino trans que.... Que é gay, que quer engravidar e que, tipo, a/o tratamento das pessoas com ele é outro.. e comigo hoje eu vejo que as/sabe? tipo, as pessoas tratam super bem, assim, tipo... “Ai, ele é trans, mas ele, tipo ah:: né? tipo é um homem perfeito”, né? nos dizeres das pessoas, tipo... é, claro que sempre tem um filho da puta que sempre pergunta se você já fez cirurgia ou não fez né? porque sempre tem a curiosidade né?

Uhum

Mas acredito que a passabilidade esteja nesse sentido social, sabe?

No sentido social?

É, da/de te tratarem melhor sabe? do que tratariam outros casos

E, e pra você assim, pessoalmente, como que você se sente?

Ah, tô feliz ((risos)).. ah:: pelo menos a minha imagem pra mim é o que eu sempre quis sabe? embora ah, não seja alta, não seja forte, mas pra mim tá tudo bem ((risos))

Não seja alta e forte?

Éh::: que nem eu imaginava quando eu era criança, assim, ficava me espelhando e tal... mas pra mim tá mais tranquilo assim... essa questão.

Tem mais alguma coisa assim, da sua identidade, da sua expressão de masculinidade que você ache importante falar?

Eu acho que em questão de expressão da masculinidade... eu acho que eu tenho pensado muito nessa/nessa coisa de agora eu estar me posicionando como um homem trans que::... das

letras que escreve, sabe? Porque::: eu me incomodo/me incomodo muito com essa coisa de não ter representatividade na literatura, sabe? todos os livros, das artes no geral.... Tipo, todos os livros que eu leio nunca tem representatividade trans, às vezes tem mulher trans e quando tem é mal representada, caracterizada, né? tipo, car/cara/caracterizada, e::: tipo ah:: sempre esse estereótipo muito grande, sabe? Agora que tá mudando com a M. com outras mulheres trans, sabe? Tipo, sei lá, no teatro, na TV, no cinema... mas na literatura, agora eu acho que essa/essa questão da masculinidade do homem trans tem me pegado, sabe? tipo, tem/tem as biografias, tem o João Nery e tudo mais, mas nunca tem a questão da ficção, daí eu acho que a minha... minha expressão de masculinidade no momento tá se concentrando nisso, sabe?... Quero escrever sobre isso sabe? nesse sentido de ter uma representação, porque eu não vejo nunca, tipo, sempre/sempre em biografia, eu acho muito importante, mas eu acho que enquanto a gente não ocupar as artes enquanto personagens de verdade a gente n/não vai ter esse espaço, sabe? Político.

Então, dessa representação na literatura, especificamente?

Isso

Você escrevendo ficção

Sobre homens trans

Sobre homens trans

Sim... acho que é muito importante assim, sabe?... Tipo, a gente sempre fala de, né? de... “ai, gente, é muito importante que a gente esteja ocupando as universidades, finalmente”, né? Porque... né, e/e a gente esteja em todas as profissões, sabe? E eu vejo que na minha área não/não tem ((risos)) e é muito grave isso sabe? É, é complicado

Como é que você se sente hoje sendo um escritor homem trans?

Éh:: ainda tô me habituando ((risos))...

Se habituando?

Porque::: depois que eu ganhei o concurso lá, tipo, tá/tem um monte de gente chamando pra evento, eu falei: “gente, foi só um concurso” ((risos)) daí, tipo... e também, eu tô/eu tava, tava escrevendo um livro sobre homens trans, só de contos, sabe? só que vai demorar ainda.. pra fazer ((risos))

Mas tá escrevendo?

Tô, o problema é os horários pra escrever, né? é, e aí, tipo, agora, eu sempre tive vergonha de falar: “Ah, eu sou escritor”, mas nunca ter publicado nada, porque né se você falar “eu sou escritor”, cê escreveu o que, né? tem isso... daí agora que teve o concurso e teve a publicação, eu me sinto um pouquinho melhor pra falar que eu escrevo, que muita gente fala: “nossa, nem

sabia que você escrevia” porque realmente eu nunca falei ((risos)) não tem como ninguém saber. Mas... ((pigarro)) acho que agora eu tô me sentindo mais à vontade pra me posicionar politicamente, sabe?... Quanto a isso... daí me dá mais vontade de escrever sobre isso, porque daí ... eu tenho como falar: “Óh, vai sair”, sabe? (...) Eu tenho fê ((risos))

Tá construindo, né?

É, tá no processo... mais nesse sentido eu acho... também porque eu acho que... na questão da literatura, tipo, não vou, como não vai ser uma autoficção, eu não vou falar muito sobre a minha vida assim, sabe? Eu tentei apresentar os vários tipos de masculinidades, os vários tipos de transmasculinidades, então não ficaria só na minha/na minha figura hétero, branca, né? ((risos)) Tipo, teria mais outras coisas, né? Das outras vivências, assim, que/que a escrita permite... (...) e também é a questão da representatividade com um homem trans falando sobre vivências trans, né? Esses dias tava eu lá lendo um conto de uma menina cis

Uhum

Escrevendo sobre uma mulher trans, tipo, totalmente, caracteri/tipo, muito estereotipado, né?

Uhum

A mulher trans era altíssima, tipo... ((risos)) aí o que que ela falava? ela era alta, mão grande, umas coisas nesse sentido, sabe? Tipo, sim existe, mas, tipo, você sempre ser representado do mesmo modo chega a ser... uma caricatura né?

Uhum

É.. é foda

Tem mais alguma você acha da sua experiência, da sua vivência assim que é importante falar? Sobre a sua masculinidade, sobre o seu processo pessoal...

Eu acho que o que mais.... não sei se difere, mas eu acho que o que mais pega pra mim na minha questão é que eu sempre fui uma criança trans, sabe?... E meus pais, tipo, eu sempre fico pensando nos Estados Unidos, que lá as crianças trans são respeitadas... e que tipo, tá, tem um tratamento e tem um acompanhamento psicológico desde cedo, tem o bloqueio hormonal e no meu caso eu sempre tipo, eu não sabia o que era a palavra trans, mas desde que eu aprendi a falar eu sempre falei o que eu era, então... talvez, se tives/se tivessem me assistido de uma forma melhor, talvez.. acho que eu talvez tivesse... não sei se a vida seria melhor, mas acho que o sofrimento todo que eu passei de/de descobrimento... de ter que tomar a hormonioterapia por fora, de ter que correr atrás de tudo sozinho, sabe? De... ter que passar por todo esse sofrimento na escola, de, sabe? De toda essa coisa, o nome... talvez tivesse sido de outra maneira, né? Então acho que... essa/essa questão não bem resolvida da infância, acho que me pega bastante, assim, no sentido que talvez se eu não fosse brasileiro ou talvez se

meus pais... tivessem mais conhecimento sobre isso, talvez as coisas tivessem sido menos sofridas, eu acho

Uhum

Mas tudo bem, o importante é ((risos)) que a gente tá vivo

Você fala de um sofrimento na sua infância, como que foi ter sido essa criança trans?

É::: foi, foi muito... conturbado, né?

Conturbado?

Sempre falar que eu era menino, mas nunca saber a palavra e, e querer sempre estar no grupo dos meninos, mas tipo... eu não... eu demorei pra descobrir que/que eu não refletia aquele corpo que eu imaginava que eu era por dentro, assim... sabe? Tipo, aí... eu era... n/nos olhos dos outros eu era uma menina né? Minha mãe ela sempre me enfeitou muito, sempre tava de rosa, ((riso)) sempre tava com brinco, desde que eu nasci eu tinha brinco, tipo, tava de rosa, assim... então, sempre usei vestido... éh::: teve esse, éh::: teve muita cena de crise infantil, tipo rasgando o vestido, coisa assim, sabe?

Uhum

E eu acho que se meus pais tivessem tido uma compreensão maior... não teria passado tanto constrangimento de ficar berrando que eu era menino ((risos)) de ficar tipo, tendo luta sabe? Do corpo, de.... teve até uma vez que eu cortei meus cabelos... teve toda essa coisa mais clichê da transição, teve, teve bastante...

Você falou de uma luta do corpo né?

Uhum

Como que, como que é isso?

Acho que é essa coisa do corpo que não:: não se encaixa né? tipo, de/de eu achar que ser homem é/é estar com/com as vestes masculinas, né? É tipo, toda essa coisa, sabe? de um grupo de meninos. É, jogar bola, e quando eu fui jogar bola, eu tava no/na segunda série, tipo, eu chorei, esperneei, pra conseguir jogar, por que antes eu fazia balé, e eu odiava... a:::í, tipo, eu sempre era A menina que jogava, eu nunca era igual os outros meninos, então... era sempre essa/essa questão mesmo, sabe? Tipo, nunca era exatamente o menino que eu achava que eu/que eu era por dentro,

Uhum

Então essa coisa sempre foi muito difícil assim de/de lidar, assim, com essa não conformidade do que eu sentia... do que eu realmente aparentava, né? do corpo... mais nesse sentido

Então, um conflito com esse, até com essa repressão social, né? É isso?

É. Tipo, eu, eu sabia o que eu era por dentro, mas parecia que as pessoas nunca me enxergavam, sabe?... acho que era ne/nesse sentido

Uhum, no sentido, você se sentia um menino, mas, todo mundo...

É, não transparecer no/no corpo assim... acho que é... é isso, assim... nem no espelho, nem pros outros

E hoje tá ()?

Ah:: hoje tô bem ((riso)) a cirurgia tá, ahh, eventualmente um dia, mas... acho que em relação ao resto tá tudo bem, assim... mais tranquilo

Mais alguma que você acha importante?

Acho que não::... que eu lembre.. ah, a questão... deixa eu ver... a questão de relacionamento talvez... acho que é legal falar... que::... tive poucos relacionamentos assim, tipo, relacionamentos de namoro, tipo, sempre/como é que eu vou explicar?... Quando eu tava na quinta série eu tentei beijar dois meninos pra ver se eu me transformava em/em cishetero ((risos)) mas/mas nunca deu muito certo, mas... né? eu sempre/sempre fui heterossexual, sempre gostei de meninas, e aí... a minha primeira namorada oficial foi uma mulher trans... quando eu tava com 15, ela estava com 24, a S... E aí... mas foi um relacionamento de dois meses.. ((risos)) a gente continua amigo até hoje, mas... eu sempre achava que s/somente mulheres trans iriam gostar de mim, porque eu achava que sempre uma pessoa trans ia gostar de mim.. né? sempre, hoje em dia eu não vejo mais dessa forma, mas sempre::, como eu... achava que tipo, eu sempre tive muita... como é que eu vou dizer?.. Muita recusa por parte das meninas cis, elas sempre falavam, ai, tipo, desde/desde pequeno, assim, tipo, desde que a gente tentava essa coisa mais afetiva da criança mesmo até:/até a adolescência... ai depois que eu fui me, fui entender, não, não importa se a pessoa é trans ou é cis, o importante.. é a pessoa né? a pessoa com quem eu me relaciono, tipo, seja ela trans ou cis, pouco importa... então, depois eu tive mais um relacionamento com uma menina trans... ((pigarro)) e agora estou namorando uma/uma meninas cis, já faz quase dois anos, hoje a gente tá morando junto.. e::, mas eu vejo que foi todo um processo assim, que... de realmente ver que... o modo como a pessoa olha pra você, sabe? Porque eu sempre, sempre, na adolescência eu era bastante pegador, tipo, ficava com bastante meninas, assim, cis, trans, em geral, mas eu sempre percebi que muita gente tinha a questão do fetiche, sabe? Tipo, ai, teve/teve uma menina, na faculdade, foi antes de eu/de eu namorar, foi no primeiro ano

Uhum

Ela/ela é bi, ela chegou e falou: “Ah, você tem as duas coisas que eu preciso”, daí eu falei: “Pô”... né, coisas nesse sentido, assim

Uhum

Daí eu comecei a entender mais essa questão do como a pessoa te enxerga, eu sempre ficava preocupado, tipo, se a pessoa realmente tava me vendo enquanto homem... né? Então:... quando/quando eu comecei a namorar a D., tipo, foi todo um... tipo, ela sempre soube que eu era trans, assim, até porque a gente se conhecia desde os/quando eu tinha 15... mas ela era mais velha, ela ta/ta com 35. E, eu conheci ela do teatro, que ela é do teatro, daí eu sempre assistia peça dela, mas né? eu era muito novo, daí eu, né, não tinha como, ma::s ai a gente trabalha junto, não no mesmo lugar, mas na mesma empresa, daí a gente se reencontrou, fazia muito tempo que eu não via ela... aí::: aí com ela realmente tem essa coisa de não importa se eu era trans, ela/ela é uma pessoa muito, muito tranquila.. né? tipo, muita gente ficava tipo, “ai, mas... você nunca gostou de menina”, tipo, chegaram pra ela assim, ela sempre foi hétero, ela falou “não, eu vejo ele como um/como um cara”, tipo, não importa essa questão, sabe?... E tanto que hoje em dia ela é uma pessoa muito politizada nessa/nesse sentido, ela sempre... tipo, sei lá, uma vez a gente foi no Dignidade, teve encontro dos meninos trans, ela foi, tipo, ela é muito tranquila, sabe? Então, hoje em dia tá mais resolvida essa questão do, do relacionamento, assim

Você falou que já sentiu muitas vezes essa feti/fetic/hização ((risos))

Fetichização, sim, sim

Isso

Sim, parecia que tinha uma curiosidade, né? tipo, quando não tem a negação, “ah, você é trans, eu não quero”, tipo, te/tem esse lado, né? Então.. às vezes é difícil você encontrar uma coisa que seja natural, tipo, uma atração que não seja pela via do/do fetiche, né? Entende?

Como que é isso pra você? Ser fetichizado?

Uma bosta, ficava muito bravo, falava “cara, ou você me vê como uma pessoa, né? você tem desejo pela pessoa ou você tem desejo pela questão de eu ser trans e ter um genital diferente” né? tipo... então sempre me incomodou muito, tanto que essa menina eu nunca/nunca fiquei com ela, tipo, eu falei ela “Não, não quero” porque... tem gente que/que você vê que não fala de/de verdade que é fetiche, mas a pessoa fala... já vi sempre no facebook isso, nos inbox, “ai, sempre/sempre tive curiosidade, sempre quis experimentar”, tipo, “não, pare!” Sabe? tipo, mas isso faz tempo já, mas... nesse sentido assim, sabe?... (...) Mas é essa coisa de você se impor, e não... não, né? Tem gente que gosta de ser fetichizado, né? Por que não? Mas eu, eu não... não curto, não ((risos))

()

Mais alguma coisa?

Que eu lembre de imediato não ((riso))

Acho que tá ótimo já

É?... Se quiser perguntar mais alguma coisa eu posso responder por whatsapp ((riso))

É, não, mas, acho que você já falou bastante da sua experiência e::: esse é intuito.

Obrigado!

ENTREVISTA V: XANGÔ

Começar com aqueles dados sociodemográficos básicos

Né? Normal ((risos))

Quantos anos você tem Xangô?

Tenho vinte e cinco, recém completados, aliás, faz/faz uma semana exatamente.

Uma semana?

Verdade

Olha só. () Éh:: Parabéns, né? feliz aniversário atrasado.

Obrigado... Obrigado ((risos))

A sua formação?

Eu::... eu s/originalmente, normalmente, tá ligado? ((riso)) Eu fiz ensino médio completo e não terminei a faculdade, tá ligado? eu comecei a faculdade, mas não terminei.

Você chegou a começar, mas não terminou?

Isso. Faltou um ano só.

Acontece ((risos))

Não, mas, assim, eu não tava curtindo mesmo.. tá tudo bem, não::... não tem problemas, foi uma ótima experiência ((risos))

E gênero?

Eu:: me considero homem, né? Ma::s eu gosto de/de trazer essa::... essa coisa do trans comigo, pra me lembrar que:: eu não preciso disso, tá ligado? Não precisa, tipo.. ter uma definição, tá ligado? Pra isso tudo.. Eu posso ser o que eu quiser ser.

[Então

[Éh, isso é mais uma lembrança, porque é difícil entrar nisso, tá ligado? Tipo...

Homem?

Homem trans.

Homem trans, ok.**Ah::: sua raça?**

Negro.

Ótimo. Xangô, eu quero saber de você, como que é ser trans homem pra você?

((suspiro)) Então vamo lá... cara é/é mui/desde que eu comecei a transição, na verdade, eu tenho uma/uma coisa que: eu sinto que eu... eu aprendi m/mAis sobre a minha feminilidade, tá ligado?.. Porque eu/eu descobri nesse tempo todo assim ó, que eu tinha muito medo dela, tá ligado? Tinha um medo assim ó, extremo, e talvez por causa di/por causa de/desse medo

extremo, eu/eu fui me fechando pra várias coisas, eu sou bem chorão, tá? ((voz embargada e olhos marejados)) ((risos)) enfim, eu fui me fechando pra várias coisas, então, eu me fechei pra/pra mi/pra mim, pro meu corpo, pro meu cabelo, éh:: pras coisas que eu queria viver, pras coisas que eu queria fazer, até mesmo, tipo:.. brincadeiras de menina, eu tinha medo de fazer, porque eu não queria tra/trazer isso pra mim, não queria tá ligado? E:: depois da transiçãO, eu comecei a amar tudo isso, a amar t/toda essa, sabe? tipo, femini/lidade, só que ao mesmo tempo que eu comecei a amar tudo isso.. começou a ss/a ser uma:.. uma/uma briga, sabe? De tipo:: eu vivo em periferia, então tipo:: a maior parte da/da galera, dos/dos caras, tá ligado?... PÁh, tem que ser muito machãO:, tá ligado?.. E::... E foi uma luta muita grande, assim ó, no processo de transição, por medo disso/disso, por medo de eu começar a transição e:/e não conseguir ser aquele cara machão, tá ligado? “E daí.. e se eu não for aquele cara machão, será que é isso mesmo que eu devia fazer?”... até que eu comecei a:/:a fazer terapia, aí quando eu comecei a fazer a terapia, aí que eu comecei a entender tudo isso, tá ligado? Entender que eu não.. nã/não existe uma obrigação, né? a obrigação é as pessoas que vão colocando em você, e::... e essa/e: acho que esse momento, foi um momento muito libertador, assim, pra mim, porque:: foi aí que eu comecei a aceitar tudo isso, aceitei chorar, eu aceitei, entendeu? Tipo, hoje, assim ó, pra qualquer coisa, qualquer coisa, mano, eu tô respirando eu já tô chorando, tá ligado? ((risos)) eu amo:: tá ligado? Tipo::... porque é, porque é o que eu queria fazEr, tá ligado? eu queria, eu precisava disso, e: eu não tenho mais medo de/de como eu/eu sou visto pelas pessoas, então, tipo, se eu quero falar de um jeito mais afeminado eu falo mEsmo, entendeu? ((riso)) tipo... porque eu não quero mais me preocupar com isso, entendeu? Tipo, eu não quero mEsmo, assim, e como eu trabalho dentro de um estúdio, dentro de uma periferia, então, tipo, mano, chega uns caras assim ó, absurdo, tá ligado? lá dentro ((riso)) e eu fico: “ai, meu Deus do céu, tá ligado? Eu vou ter que agora fazer pose”, e daí chega um momento que eu não consigo mais fazer pose, porque não tEm porque fazer essa pose entendeu? Porque eu/eu tenho que ser eu, e aí eu tento ser eu o mÁximo possível, e:: eu acho que:: por isso que a transição, que ser homem trans hoje pra mim é, tá ligado? É eu poder eu ser quem eu quero ser, tá ligado? É eu respirar de novo, tá ligado? Tipo, respirar pra fora, tá ligado? Não ficar segurando mais... basicamente é isso.

Então, éh::, nesse processo, né? De/de se entender trans, você se viu tendo que é: buscar essa masculinidade exacerbada né?

Isso.

Tinha aquela, aquele incômodo com a feminilidade.. e aí nesse processo da transição mesmo que você entendeu que essa feminilidade faz parte da sua vida

Sim.

De você, de quem você é... Como/como é: s/ser homem trans e/e trazer essa feminilidade pra sua vida?

Difícil, viu? ((riso)) eu vou falar pra você que é difícil, mano.. hoje é bem mais, ho/hoje em dia, assim ó, eu consigo lidar muito melhor com isso, assim ó, de uma forma muito mais suave assim... eu tenho um irmão que ele também é trans, mas e/é que ele não é meu irmão de sangue, entendeu? A gente só cresceu junto, mas eu considero muito ele meu irmão, e ele também é homem/ele é homem trans, mas ele é aquele padrinho de homenzinho trans, tá ligado? pá pá pá, tá ligado? Fortão, tá ligado? Tipo, padrinho mesmo.. e:: ele é até cabeludo e pá, tipo, sabe? Cara de rockeiro

Uhum

E:: e ele sempre foi o meu padrão de/de homem, entendeu? De cara masculino, assim ó.. e:: a gente ficou um/um tempão longe, é/éh: sem se ver, porque ele tava fazendo faculdade, eu também, então a gente não conseguia se ver por muito tempo, quando a gente voltou a se ver e ele já estava tomando hormônio, Antes de a gente parar de se ver eu já/já estava também, então ele já estava se acostumado com a minha transição e eu comecei a tentar me acostumar com a dele... E nesse: tentar me acostumar com a dele que eu comecei a/a me, sabe, tipo, a/come/comecei a não me ver... naquilo que eu queria, eu tinha medo de/de não conseguir ser que nem ele, entendeu? E:: e daí conversando com ele, a gente, tipo, n/nessas conversas, assim, de sentar e “pô cara, tá acontecendo isso, isso e isso e aquilo” e a gente falando sobre coisas da mente mesmo

Uhum

E/e:: aí ele falou: “cara, eu/eu/eu te v/eu sempre te vi olhei como um padrão pra mim.. de homem” e daí eu fiquei “caralho mano, que massa isso”, porque tipo:: nã/não tem a ver com/com nada disso, não tem a ver com/com o feminino, com o masculino, só tem a ver com as coisas que a gente vai podando né?

Uhum

E:: e/e pra mim, ali, tá ligado? Foi quando eu de/e/eu entendi que, mano, e/essa feminilidade, eu mereço ela, é/é minha, é só minha, tá ligado? Não/sabe, tipo/não, que se foda, tá ligado? Eu adoro ela, eu adoro, entendeu? E me/me faz sentir que eu não precisei passar por... por um luto de quem eu era, me faz sentir que eu/eu só... eu sou quem eu sou... eu só agora consigo me olhar no espelho e me ver do jeito que eu sempre me vi, tá ligado? Tipo, meio que é isso, e:: é/e foi isso que a femini/que essa/desse rolê de ser um homem trans feminino trouxe pra mim, tá ligado? Foi tipo.. eu.. e/eu me olho como eu quero, eu sempre

me vi assim, eu sempre me olhei no espelho e me vi assim, feminino e::, sabe? Mesmo odiando isso... só agora eu amo isso, entendeu? ((riso)) basicamente é isso.

Então você é fala que é um homem trans que tem essa feminilidade, que expressa ela. Você pode me explicar como que ela se expressa assim? Como que é esse feminino que você tá falando?

Interessante isso aí, porque::... eu/eu/eu sempre, eu não gosto de colocar nome nas coisas por causa disso, porque daí a gente tem que exigir um padrão, né? ((riso)) O que que é um padrão feminino? O que que é um padrão masculino, né?

Talvez seja a primeira coisa que a gente pensa, né? ((riso))

É::: mas tipo::... eu/eu acho que e/esse m/meu jeito de ser mesmo, assim, de... de sabe? N/Não me importar com/com gesticular, e sabe? Até o jeito assim ó, sabe? A/a/a minha voz ser mais fina, entendeu? Eu/Eu gosto disso, eu não tenho problema com isso.. entende? De falar com as pessoas, do jeito que eu converso com as pessoas... Inclusive atração por outros caras, entendeu.. então, tipo::... eu/eu atribuo essa.. essa, né? esse jeito mai::s... sabe? ((riso)) Mais molinho assim ((risos))

Molino ((risos))

Aham... Entendeu? Tipo, “ai, ai” ((gesticula e movimenta o corpo))

Então são os gestos, assim, corporais mesmo?

Isso, diria que é um::/u/uma coisa assim, os gestos corporais mesmo...

Bom, você tá falando dos gestos que são um pouco mais femininos.

[Isso

Na sua concepção né? e a masculinidade em você, como é que ela se expressa?

C/cara, eu acho que também/também tem a ver com/com essa coisa do/d/dos gestos também

Uhum

Bastante assim ó, porque:: têm momentos que eu/eu/eu sou m/muito mai::s, eu quero sss/né? é uma coisa de mais querer, né?... tem um dos momentos que eu tô mais::, sabe? Fechado, mais brabo, assim ó, mais::, eu/eu me sinto mais, sabe, tipo.. eu não quero.. não quero mostrar nada de mim, sabe? Parece assim ó, é assim que eu sinto... eu sinto que eu não quero mostrar nada de mim... desde corporal, tá ligado? ((cruza os braços, demonstrando)) A:: a qualquer outra coisa, então tipo, eu me fecho total assim... acho que é isso.

Então é uma/uma questão que também que é mais corporal.

[Isso, mais isso, mais corporal

Mais ligada à expressão, um pouco mais fechada.

[Isso, tipo, uma coisa mais assim

Enquanto o feminino parece uma coisa mais aberta.

[Isso

Gesticulada...

Na minha visão, na realidade, tipo, né? Na minha, é: ((risos))

[Não, mas é isso mesmo, é isso mesmo, na sua/na sua experiência

[Na minha linha de padrão de vida, exatamen/ ((risos))

[Na sua experiência, na sua () Como foi esse processo de você é:: se entender de repente enquanto homem trans, como é que foi isso?

Eu sempre/e/eu sempre quis não ter o/o/a visão que eu tinha no espelho... do meu corpo tá ligado? De como as pessoas falavam comigo, tipo, eu sempre andei na rua e me sentindo como um homem, sabe? Tipo é/é esquisito dizer por que não tem um/um padrão, uma coisa que me fez achar que eu era homem. Eu só sempre me senti assim, desse jeitinho aqui, tá ligado?

Uhum

Tipo:... E::/e eu andava na rua e de repente as pessoas me tratavam de uma forma que eu achava estranho, não me cabia, não, sabe? e/e daí fui nesse/nesse rolê de tentar me encaixar em alguma coisa, tentar me encaixar, numa, né? Num... em alguma/algum quadradinho que a sociedade vai te impOndo né? que eu entrei no rolê de “não, agora eu sou uma mulher lésbica”, e daí de ser uma mulher lésbica eu/eu passei por isso e daí:: eu entrei na igreja, e daí eu, daí depois que eu saí da igreja eu já não estava me sentindo mais confortável com nAda mEsmo, tá ligado? Nem com a minha sexualidade, tipo, como m/mulher lésbica e nem como tipo, u/uma mulher no mundo, entendeu? Então, tipo, eu comecei, ali eu comecei já a não, sabe? tipo, nada tava bom assim ó, nada tava bom pra mim, assim ó, nada, tipo, não, as/os meus relacionamentos nenhuns/eram/pareciam bons, eu não sentia vontade de ficar com outros caras, eu não sentia vontade de nada e daí quando eu entrei na faculdade, que daí eu comecei a descobrIr que existia essa coisa d/da transexualidade, mas eu lembro que Antes de/de saber eu já falava pros meus amigos sobre talvez eu querer mudar de sexo, mas eu não sabia se isso pod/poderia acontecer, se existia, uma né? Uma possibilidade pra isso

Uhum.

Mas eu já falava pra alguns dos meus amigos, e sempre a resposta era tipo “meu, cala a boca, mano, isso é coisa de quem quer chamar atenção”, tá ligado? ((riso))

Uhum.

E daí depois disso:: eu/eu ia “ah, então deixa pra lá”, daí a/con/conhecia outra pessoa e de repente m/sentia uma afinidade, sentia vontade de falar sobre isso e daí eu falava e a pessoa

falava a mesma coisa e eu cessava de novo, e assim ia, tá ligado? até que um dia eu achei alguém que m/me ouviu, tá ligado? ((riso))

Te escutou?

AhAm. Eu trabalhava no shopping e daí essa menina fazia produção cênica, que eu/eu fiz produção cênica, né?

Uhum.

E essa menina lá fazia produção cênica e::: e ela tava estudando sobre isso, sobre::: éh:::, como é que era o nome?... Putz, eu esqueci o nome da matéria que/que tinha, mas a/mas a gente falava sobre isso c/sobre os/os corpos é: híbridos, né? sobre as pessoas, sabe? que são/que/que a teoria queer, tá ligado? sobre essa coisa das pessoas não se sentire:m parte desse padrão todo, e::: e daí ela, né? Ia/ela ia estudando o () e a gente ia conversando e ela foi perguntando várias coisas, e daí ela me questionou, ela falou: “o que que você se considera?”, tá ligado? daí ela foi falando, assim ó, né? mas acho que ela falou só por tipo, “estou estudando”, tá ligado? Vamo:, e daí eu fiquei, tipo “não sEI” tá ligado? tipo “Como assim?”, tá ligado? daí ela, não, daí ela me explicou o que que era andrógono, né? o que que era um homem trans, uma mulher trans, um trans binário, um trans não binário, tá ligado? Uma pessoa binária, uma pessoa. E daí eu fiquei: “meu Deus do céu, calma”, tá ligado? Ahh ((gesto com mãos na cabeça e risos)) Não sei lidar, tá ligado? E daí: “ ah, não sei” tá ligado? “Tipo cê tem que::, analisa aí meu, vê o que que cê pode dizer”, né? E daí eu/a gente cessou o assunto, ah a gente nunca mais falou sobre isso, até que tipo:, a gente parou de se ver tudo mais, aí eu encontrei ela, que eu fiz federal, fiz o:/o vestibular, fui pra federal, aí eu.. comecei a fazer produção cênica... e daí um dí/e daí a gente começou a namorar e daí um dia a gente conversando tipo, do nAda assim ó, ela falou, tá ligado? ela perguntou: “Você acha que você é um homem trans?” daí eu desandEi a chorar, assim ó, no banho, assim ó, e Ahssa eu tava no banho e daí eu desandEi a chorar assim ó, um mOnte.. e daí ela falou: “por que que você tá chorando”, “eu não sEi também”, ((risos)) mas da/daí que eu entendi que eu só tava chorando porque eu tava esperando que alguém, sabe? tipo, me desse um aval, me desse uma, sabe? Tipo, um::: vamo lÁ, vamos conversar sobre isso, tá ligado? ((risos))

Aham

E daí::: ela/ela que fez tudo, assim, ela que começou tudo pra mim, tá ligado? Porque eu tava mui/muito assi:::m.. com mEdo, sabe? Eu tinha um medo muito grande do que eu tava fazendo, do que eu podia tá fazend.., daí ela: “não, vamos achar uma terapeuta, vamos conversar com alguém”, até que ela, né? a/a/encontrou a K. tá ligado? E daí e/foi/foi pra lá que eu fui primeiro, e daí nessa/nesse rolê todo de terapia que a gente foi conversando e:::/e

daí tudo foi se esclarecendo, sabe? tipo, de uma forma muito mais leve, muito mais tranquila.. E::: a/só que daí chegou o momento que eu n/não estava mais trabalhando e tudo mais, não consegui mais pagar, e daí eu larguei dela, só que até então eu não/não tinha começado a transição, eu só tava nesse rolê de terapia, de tentar entender se eu queria ou não fazer isso,

Uhum.

Então eu saí da K. sem/sem ter fechado o::, né? o/o rolê todo, e::: e daí, depois disso tudo daí eu:: é/eu fiquei nessa dúvida de “ah, mas o que que minha mãe vai pensar? O que que meu pai vai pensar?”, tá ligado? então esses eram meus maiores medos antes da transição assim, né? Era os me/sabe? tipo, era a coisa que eu mais tinha medo, e/e dos meus amigos, o que que eles iam, tá ligado? Como/como eu ia explicar pra eles? Como eu ia fazer eles me tratarem como eu queria ser tratado, tá ligado? E:: esse era o meu maior medo... aí eu::.. aí eu, sabe? fui tentando lidar com esses medos e conversar comigo mesmo, e te/tentar, às vezes eu tentava uma terapeuta ou outra, uma vez eu tentei uma/uma psiquiatra, ela me tratou que nem louco, foi super sarro, assim ó, foi horrível, tipo, eu/eu sentei, aí eu tipo, tentei achar as melhores palavras já pra falar com ela, tá ligado? Então eu falei pra ela que/que eu achava que tinha, uma/um tipo de disforia de gênero, tudo mais, né? Que eu não me sentia né, no meu corpo, tudo mais, e tal, aí ela: “Não, não, você tem psoríase” ((risos)) foi/foi tipo isso

Nossa

Aí eu fiquei::: “como assim? Tá ligado? o que que é isso?”, aí ela: “ não, não, eu notei que você::/cê gesticula demais, você se coça toda hora”, não sei o que, daí ela me passou uns vinte remédios, tipo uns vinte remédios assim, aí eu: “ah não, não, não sou obrigado”, tá ligado? ((riso)) daí eu larguei mão mesmo, assim ó, de terapia.. daí::: que/daí eu comecei a::/a::/a ir atrás de pessoas que eu conhecesse que eram trans e que pudessem me dar alguma.. algum rolê, tá ligado? E daí eu conheci o menino D. que ele faz packer, não sei cê conhece?

Uhum.

Então, eu conheci ele na verdade faz muitos anos, tipo, eu tinha uns 12 anos quando eu conheci ele... e::: e depois, tipo, de conhecer ele e ter todo um rolezão com ele, uma amizade massa assim ó, depois de uns 5 anos ele chega pra mim e fala: “meu, preciso te contar um negócio”, aí eu falei “o que?”, “eu sou mulher”, eu: “como assim?”, ele: “não... eu não sou mulher, eu nasci mulher, mas:: eu::/eu/eu me considero um homem”... “tudo bem”, tipo, tá ligado? ((risos)) Foi tipo assim, e daí:: eu lembrei dele, daí, quando né?, depois passou todos esses anos daí eu lembrei dele, e daí eu falei: “caralho, mano, o D., vou falar com ele” aí ele falou “ó, tem um rolê de/de:: um ambulatório que cuida da galera trans, travesti de Curitiba,

se quiser ir lá, vai lá mano, o rolê é massa, a galera conversa” e daí eu fui pra lá... E daí também foi horrível ((risos)) eu cheguei lá e::/e me obrigaram a ter um nome, eles me obrigaram assim ó, “cOmo assIm você não tem um nome? Que tipo de hOmem não tem um nOme?” tá ligado? BE::m assi::m.

Nossa.

Aí:: piorou tudo, porque daí eu não sabia, porque eu/eu nã/eu não tAva ali ainda, eu não tava preparado pra ter um/um nome, de repente, tá ligado? Assim, páh:, e daí eu achei que por não tá preparado, por não ter um nome, eu já:: “nossa, olha só, tô fazendo tudo errado, não sou um homem trans, vou largar mão, não, vou largar isso aqui, deixa pra lá”, aí eu passei mais uns dois anos se:m querer falar sobre isso

Uhum.

Não falei sobre o assunto.. aí de nOvo essa minha e/ex namorada falou pra mim: “ó cara, eu acho que você tinha, de verdade, que fazer um::, cê tá ligado? Pelo menos uma psicóloga lá, tudo mais”, aí eu fui fazer, também foi horrível de novo, tá ligado? ((risos)) porque daí a psicóloga ela fazia umas perguntas, assim ó, que m/me deixara:m... assim ó, eu/eu fiquei, sabe, tipo, quando você não.. “o que que eu vou respondEr?”, tá ligado? “O que que eu vou responder?”, tá ligado? Eu ficava assIm, porque a primeira coisa que ela perguntou foi tipo::, “por/por quE que você quer fazer isso? Por que que você quer fazer uma transição? O que que te interEssa na transição?”... “não né? acho que:: a/a/nesse momEnto, o que me interessa é/é com certeza é me olhar o espelho e me ver da forma que eu espero me ver né?”, “tá, mas e por que que você acredita que se ver como homem vai ser melhor pra você?”... aí eu fiquei... tá ligado? Não sabia mesmo, eu fiquei sabe? tipo... não sei, tá ligado? Por que né?.. eu não sabia nada da transição, não sabia de nada, né? e aí?... E daí:: e daí eu desisti de novo, desisti mEsmo, e daí chegou o momento que eu falei: “mano, eu não vou lá”, porque eu tava morrendo de vergonha de ir lá, porque eu não sabia o que falar sobre isso.

Uhum.

E daí como é que eu vou falar pro psicólogo alguma coisa, que vergOnha, tá ligado? ((risos)) Não saber nAdA d/do que eu quero, AI meu Deus do céu, e daí eu decidi que ia tomar hormônio sozinho, só que eu sou muito cagão com as coisas e, tipo, e daí eu conheci um/um vídeo no/no/no Youtube, um menino no youtube, que ele falou que ele só chegou no rolê e falou: “não, eu quero tomar e eu vou tomar” e daí começou a tomar, sem psicólogo sem nAda, né? Daí eu falei “eu vou fazer isso.. vou chegar lá e falar que eu quero tomAr”, e daí eu cheguei lá e pedi uma::/u:m/um negócio com/com/co::, como é que é o nome dele? Esqueci o nome dele, ((riso)) o do médico lá.

O médico do (Centro de referência em atendimento a pessoas trans)?

Isso, o médico do (Centro de referência em atendimento a pessoas trans), daí eu falei: “ah, quero começar a tomar”, tá ligado? daí ele falou: “meu, ó, belEza, só que eu vou te passAr, tá ligado? tudo o que pode acontecer e tudo mais”, ele me passou, tudo, tá ligado? Todo o rolê, e pá, então.. é isso aí, então cê já pode tomar sua (testosterona), então, aí foi isso, aí eu comecei a tomar, tá ligado?... Aí:: eu/aí eu comecei a::, da/quando eu comecei a tomAr, daí eu falei: “não mano, agora definitivamente preciso começar uma::/uma psicóloga, porque se não, pode ser que né? não sei, né?” ((risos)) vai que eu fico louco né? sei lá, e daí eu comecei a fazer algumas sessões de psicóloga e duraram muito pouco tempo, porque daí a minha mãe, ela::/ela entrou numa vibe, assim ó::, budista assim ó, de paz mundial ((risos)) e daí a gente começou a ter tipo umas:/umas sessões de terapia mãe e filho, tá ligado? ((riso)) Todo dia de manhã, tipo tomando um café, tipo:: eu/eu pra ajudar ela e ela pra me ajudar... e daí começou/isso começou a ajudar muito a gente, tipo, no rolê de ansiedade, de:, né? De: depressão e tudo mais, então, tipo, a gente começou a conversar muito abertamente, e daí foi muito mais, sabe? tipo, muito mais livre tudo isso, aí hoje é muito mais tranquilo né? agora já faz dois anos que eu tô... em transição e::: eu me sinto muito mais::/muito mais melhor do que antes, tá ligado? ((riso)) Nossa, é que nem eu ouvi um cara falando uma vez, tipo::, era/éh::, não é que é::/não é ruim começar a transição, ruim é não começar, tá ligado? () ((riso))

Então, faz dois anos que você começou a transição no sentido de tomar hormônio?

Tomar hormônio, isso.

Tá, mas antes disso, então, teve um processo aí ainda

[De dúvida. Éh

[Desse vai, volta... vai na psicóloga ouve merda, volta

Isso, tipo isso éh:: ((riso))

Tipo isso, né?

Triste..

E você falou dessa coisa do, que bom que cê tá/tá melhor hoje e tá.. se encontrou, você falou um pouco dessa coisa do corpo, você falou que:: disse que se olhava no espelho e não... sentia aquele incômodo né?

Uhum.

Como que/que era a relação com o seu corpo, como tá hoje, como é isso?

Antes:: eu/eu sempre tive uma coisa de/de esconder o peito, e tudo mais. Desde/desde mais novo assim, mas eu sempre:, eu/eu/eu achava quando eu era mais/mais adolescente que isso tudo era porque eu era gordinho, tá ligado? porque eu tinha vergonha de ser gordinho e tal, tá

ligado? eu achava que era isso, até que eu resolvi fazer uma dietona, assim, eu emagreci, tá ligado? pra caralho, tipo, quarenta quilos assim... brabão assim... e: não funcionou, tá ligado? não funcionou, n/não foi, não me deixou feliz ainda ((riso))

Uhum.

E::: até que a minha mãe me lembrou disso, eu nem lembrava, esses tempos, a gente tava conversando, e minha priminha ela faz a mesma coisa que eu fazia quando era adolescente, fica de moletom o dia inteiro assim, aquele solzÃO rachando na cabeça e de moletom, tá ligado? ((riso)) Independente do/do sabe? tá quarenta graus, moletom.

Uhum.

E minha mãe falou: “cê fazia isso aí, cê fazia horrores isso aí. E isso/isso quando você não pedia pra comprar, tipo, moletom três vezes maior que você, né?” ((riso)) então tipo, eu sempre usei roupas mais larga, essas coisas, por causa disso, por, tipo, não querer mostrar o peito, tá ligado? Sempre me senti desconfortável com o meu peito. Chegou um momento da minha adolescência que eu tentei aceitar, tá ligado? Até, tipo, eu/eu/eu acreditava que eu gostava assim, eu queria acreditar que eu gostava deles, tá ligado? mas eu não gostava, não gostava ((risos)) era tipo isso, então tipo a minha adolescência com/com o meu corpo foi be::m, foi bem pesada assim ó. Eu não.. eu fingia que tava tudo bem, mas eu não/não tava tudo bem, tá ligado? Tava/tava ruim, aí hoje em dia eu.. eu querla, eu queria muito assim ó, que fosse diferente, tá ligado? óbvio né? Ma::s eu/eu tenho aprendido a aceitar, tá ligado? Tipo aceitar, que tipo, mano... (aceito, tá ligado?)... tipo, que nem a/a questão da cirurgia, eu quero muito fazer a cirurgia, mas é um tipo/primeiro que é um processo muito/muito caro e eu/como eu so::u autônomo, eu teria que ficar muito tempo parado e se eu ficar muito tempo parado eu não/não vou pagar minhas contas.

Uhum.

Então::, é um rolê que eu tenho que juntar uma grana muito alta, pra daí, sabe? conseguir fAzer, então: nossa, é/é um processão assim ó, eu sei que vai demorar, mas tudo bem, vai dar tudo certo, tá ligado? ((riso)) ... mas é isso, do meu corpo é isso.

Então hoje você é, disse que se aceita mais, né? ()

[É, tipo aceita, assim ó né? “É, fazer o que né?” ((risos))

Fazer o que.

Tipo, n/tem que aceitAr, tá ligado? É aquela coisa, eu vou ter que esperAr, entendeu? eu sei que, tipo, vai dar tudo certo, entendeu? Mas eu vou ter que esperar, entendeu?

Então você tá:: buscando a cirurgia?

Isso.

A mastectomia?

Isso, a mastectomia.

Em relação ao restante do seu corpo?

Não, eu não me preocupo

Não?

Meu problema é só meu peito mesmo.

Mas o::

[Até m/me perguntei já, alguma vezes assim, já fui ver como era tá ligado? o processo da cirurgia, eu acho/eu não sei, eu acho uma cirurgia muito/muito pesada ainda, sabe? Tipo, acho que ela, tipo, deixa marcas muito f/fortes, não/não só por questão de cicatriz, mas... sabe? eu acho que ainda não::, não/não me interessa ainda, sabe? tipo

Uhum.

Se me interessar talvez, não sei, em algum momento talvez, mas por enquanto eu/eu não/não tenho problemas sabe? Com isso assim.

A questão fica mais nos/nos seios?

Nos seios.. é o que mais me incomoda

Daí cê tá na hormonioterapia há dois anos, projetando sua cirurgia, né?

Isso. Aham.

Tem alguma coisa a mais aí com/com a/como você sente e se relaciona com o seu corpo que você ache importante falar?

Meu... eu acho que não, porque depois, eu acho que depois da transição, eu::;; eu comecei a/a::/a explorar mais meu corpo, tipo, em todos os sentidos, desde explorar até onde eu consigo ir, sabe? tipo em questão de tipo de, sei lá, força, sabe? tipo, eu comecei a explorar todas essas coisas, explorar é:: o meu corpo, é/não só:: com/com força, mas também com tipo, com resistência, ver até onde, sabe? tipo, eu consigo aguentar certas coisas, certas dores, certas, sabe? tipo, e::/e comecei a também o lado sexual mesmo, a começAr a respeitAr os meus gostos pra cada coisa, entendeu?

Uhum.

Então, tipo, te/teve uma/uma grande época da minha vida que eu, tipo, ficava, assa, mano, eu/eu deveria aceitar penetração, tá ligado? Porque tem que/tem que acontecer, tá ligado? Paciência, aí:: depois de um tempo eu comecei a aceitar que, tipo, se eu não gosto tá tudo bem, tá ligado? ((riso)) eu não sou obrigado, entendeu? ((riso)) e é isso, e tipo, a/a/aceitar também, tipo, que eu posso ter outros, sabe? outros lugares, outros prazeres, então, um/um medo que eu tenho da mastectomia, é o que? porque eu tenho muita

sensibilidade/sensibilidade no mamilo e eu tenho muito medo de perder, tá ligado? Isso, é um/uma/uma parte que eu fico triste sobre a mastectomia, assim ó

Aham.

Ma::s, mas é uma parada que eu aprendi a::/a aceitar no meu corpo, e a aceitar no meu seio, que é uma parada que eu não/não gosto, né? Ma::s eu/eu gosto dessa/da sensação, eu gosto de sentir.. mais isso mesmo. Mas eu acho que, tipo, sobre o corpo é mais isso, eu gosto/eu gosto de como eu tenho visto ele hOje, hoje em dia assim.

Tem mais alguma coisa da sua experiência assim que você acha que é importante?

Cara, eu::/eu acho que uma parada que é muito importante que eu que quase nenhum homem trans fala, é sobre o rolê de você: namorar com mulheres cis hétero.

Uhum.

Que é mUito difícil ((riso)) porque:: é claro que não são todas né?

[**Uhum.**

Mas, tipo, tem mulheres que elas tem um/não/não aceitaram essa coisa da diferenciação dos corpos, e aceitar que um corpo é um corpo, então eu já, tipo, tive um problema com relacionamento, tipo, por causa disso, por tipo a pessoa não me tocAr por, tipo, medo, por achar que não sabe como fazer, e:: nossa, foi muito pesado assim ó, pra mim assim ((voz embargada)) Isso foi uma das paradas, assim ó, que:: foi bem pesado pra mim.

Uhum.

Tipo... porque é aquela coisa né mano, tipo, é uma/é uma forma de.. você perder aquilo que vo/é só o que você, sabe? tipo quEr, tá ligado? Tipo, ser visto além disso, entendeu? Então:: eu acho que isso foi uma das paradas, assim ó, que mai:s me apertaram, mais me machucaram e::/e eu nunca vejo ninguém falando sobre isso, acho muito importante as pessoas falarem sobre isso.

Então... na sua experiência, relacionamentos com mulheres que tinham um certo incomodo com o seu corpo, isso?

Isso.

Como que é pra você... isso? Essa/a sex/a sexualidade em si, os relacionamentos?

Sempre foi muito tranquilo assim ó, tipo, antes/é que eu/a/a minha/eu comecei a minha transição, quando eu comecei a::/a/a me hormonizar né? eu já tAva namorando e/e eu namorei com essa pessoa, tipo, até:: agora, tá ligado? Então, tipo, e/e/a/atÉ agora eu ainda tô, sabe? tipo, tentando lidar com isso, enfim.. lidar com o fato de que.. ela tem o direito dela de fazer o que ela quer e de sentir como ela se sente, assim como eu tenho o meu direito... como, tipo,

quando eu fico com um cara e não quero ficar com ele, entendeu? ((risos)) Por qualquer coisa, enfim

Uhum.

E::... éh/é foda, eu não sei, assim ó, t/te explicar assim ó, mas eu acho que, tipo::... é uma parada que eu tento::, que eu tô tentando entender, tá ligado? Tô tentando entender, tipo, como lidar com isso ainda... é meio estranho, sabe? ((riso))

Estranho:: incômodo?

Não, não é que é estranho, incômodo, porque eu fico pensando que::, que tem muita gente no mundo, tá ligado? Tipo.. é estranho de tipo, por que que eu/por que que eu me incomodo com isso? Por que o/o/o sexo, ele tem que ser algo assim, tão redondo, sabe? tipo, tão de uma forma só, sabe?... Por que que a gente tem que encarar assim? Esses dias eu estava assistindo um vídeo com uma amiga minha ((riso)) engraçado, tá? mas e::ra da/d/da namorada da Ludmilla e da Ludmilla, tá ligado? ((riso))

[Hummm, aham.

E daí elas fizeram uma parte que era sobre sexo e daí a primeira coisa que as pessoas perguntam, era tipo, aí, quem que era a ativa e quem que era a passiva, tá ligado? meu Deus, tá ligado? Tipo: Ah! ((riso)) sabe? tipo:: pra quÊ? Entendeu? Tipo, qual/qual a necessidade disso? O que/o que trAz? O/o que que quer dizer ser ativo e ser passivo? Entendeu?... Sabe, tipo... e/e/é essa/essaas coisas que me incomodam, assim ó, na/na vida assim ó, é por que que a gente tem que colocar nome pra tudo? Padronizar tudo? Inclusive no dia lá do Divercidade aconteceu isso, eles estavam falando sobre as siglas “aí porque a sigla tem que aumentar, tem que ter mais letras, tá ligado? Tem mais gente pra encaixar”.. caralho cara, por que que ainda tem que precisar disso, tá ligado? É claro que precisa, infelizmente, tá ligado? a gente precisa de representatividade, mas nOssa...

Uhum.

Sabe? podia ser tão mais fácil, tá ligado? ((riso)) Mas enfim, é isso, esse/esse é meu incomodo, assim ó, eu me incomodo por ter que me sentir assim, tá ligado? Por, sabe? tipo

Só pra eu tentar entender bem, você falou que sentia atração por homem também, qual/como que você considera sua orientação sexual?

Ainda não sei também ((risos))

Ok, tudo bem ((risos))

mas eu/eu falo assim ó que eu::/a/a/eu::... eu gosto de pessoas, eu gosto de como as pessoas me fazem sentir. Esses dias, foi/e/esses dias eu fui pra balada/esses dias não, faz/já faz uns meses já, eu fui pra balada e eu conheci um carinha na balada, e, nOssa, foi incrível assim ó, e

tipo, nossa, foi super gostoso, e pAh, nossa, foi, nossa, casei com ele na balada, tá ligado? foi incrível, até pensei, fiquei pensando horrores, “nossa, eu vou pra casa com ele, com certeza” () ((risos)) e daí eu fiquei pensando, e, tipo, depois disso, eu fiquei: i, sabe? tipo:: q/questionando tudo isso também e:/e/e/e só aceitei que, tipo, porque eu/eu gosto/eu gosto de todo mundo, não sei, sabe? Eu gosto das pessoas, eu não tenho uma::, sabe? tipo, uma preferência, nunca, tipo, namorei com pessoas muito iguais, sempre foram muito diferentes.. eu/eu tenho atração acho que pelas pessoas diferentes, tá ligado? ((riso)) Pessoa diferente eu gosto ((riso))

Então:: pessoas.

É, pessoas.

Não tem uma denominação específica... Éh:: Tem alguma coisa a/a mais, assim, da sua vivência (de homem trans) que seja importante, que você ache importante falar?

Nossa, é louco, não sei, porque assim... todas as vezes que me chamam pra fazer entrevista, antes de fazer eu/eu tenho que aprender a escrever, (um esquema), antes de fazer eu fico pensando: “mano, eu tenho que falar sobre isso, isso é muito importante falar (também), não isso também, mano, é muito importante falar”. Ah, uma co/Ó uma coisa que eu acho importantíssimo que tem acontecido, que tá me incomodando demais assim ó, é::: o fato das pessoas quererem falar por mim que eu sou um homem trans.. Eu falo, tipo, mano, eu não tenho problema de falar que eu sou um homem trans, eu falo constantemente pras pessoas, eu não ligo mEsmo, assim ó, o meu problema é alguÉ::m falar por mim, entendeu? É/é/eu/Eu, é sobre mim, eu que tenho que falar, entendeu? ((riso)) isso me incomoda demais, assim, odeio quando as pessoas fazem isso... Deixa eu lembrar o que mais... ah outra coisa que me deixa assim Ó de cara.. eu tenho problema com outras pessoas trans, quando elas estão começando a transição, ou se elas não, tipo, começado a harmonização o/ou se elas não estão harmonizadas, eu/eu sem querer, eu acho que quando eu penso sobre isso, eu.. erro os pronomes.

Uhum.

Óssa, eu me sinto um lixo quando isso acontece, porque eu odiava quando faziam isso comigo, tá ligado? E daí agora que eu, tipo, sou passável, é tranquilo, eu não tenho mais esse problema, eu tenho problema só com, tipo, quem já me conhecia A:ntes, tá ligado? Daí, ah, tem toda uma dificuldade, mas a galera, tipo, que me conhece agora, nem tchum, e daí eu fico pensando o quanto era ruim quando as pessoas faziam isso comigo, e eu fiz isso com umas duas ou três pessoas já... Ah:! foi horrível, assim ó, eu passei dias, assim ó, sofrendo por causa disso, foi horrível ((riso))

Você falou sobre o olhar das pessoas, como que é essa coisa da passabilidade e lidar com esse olhar do outro?

No começo eu achava.. no começo não, quando eu co/tipo, quando eu comecei a ficar passável.. eu achava que todo mundo notava.. sempre assim ó, sempre achava que as pessoas estavam notando, até, tipo, quando elas erravam o pronome, só por errar, tipo, normalmente, a gente erra o pronome, né? tipo sem querer, elas erravam sem querer e elas nem notavam, mas:, Eu achava que elas tinham notado, “meu Deus do céu, ela notou que eu sou trans.. meu deus do céu, desespero”, e daí eu sempre ficava bravo, assim, sempre ficava muito de cara assim, muito de cara mesmo, porque eu achava que eu devia estar passável. E daí até/dá quando eu comecei a ficar passável, eu ainda não achava que eu estava passável, as pessoas falavam que eu tava passável, mas eu não achava que eu tava passável, porque eu tava me preocupando com tudo isso, tipo, “ai meu Deus, meu peito vai aparecer” tá ligado? “óh, tem a bo/bordinha aqui, ai meu Deus do céu”.. então tudo eu ficava preocupado, eu não abraçava as pessoas direito, porque eu não queria que elas sentissem o meu corpo, eu não queria que elas soubessem que eu não era um homem/que/que eu era um homem trans, e isso, óssa, eu ficava de cara, aí: depois de um tempo também já, foi uma coisa que foi:/que as pessoas começaram: “mano, nada a ver, tá ligado? É só você que tá se preocupando com isso” aí, tipo, as vezes eu/passa/bate um vento assim ó, tipo, aparece, eu vejo a faixa, tá ligado? “ai, meu Deus do céu” ((risos)) aí eu lembro: “mano, para com isso, velho”, nada a ver, tá ligado? Seja/seja feliz, seja livre, tá ligado? Daí eu mesmo tento me.. m/me/me conversar, assim ó, “cara, para com isso.. cê tá se preocupando, m/as pessoas nem.. elas nem olham pro lado, as pessoas não olham pro lado.. elas não vão ficar olhando pra você” tá ligado?.. ((riso)) Se eu não via antes, tá ligado? Acha que as pessoas vão ver agora? ((Risos)) Então é uma/uma parada, é/o/hoje em dia eu/eus/eu tenho, eu/eu me vejo, assim ó, num/num privilégio também gigantesco, tipo, d/de conseguir ser passável, de conseguir tá:: é:/é:, me ver em um lugar, sem as pessoas tarem, sabe? Constantemente fazendo perguntas, n/não tenho problema também com elas fazerem perguntas, mas constantemente (com isso) ((risos)) E::: e/e, mas sempre chegou um momento que eu falo sobre isso, eu falo mesmo pras pessoas, porque eu acho importante falar sobre isso, falar que existe isso, porque muita gent/muitas pessoas não sabem disso. Elas não sabem que isso é normal... Eu/eu trabalhava num estúdio de tatuagem aqui no centro que::: aconteceu que um cliente m/meu lá de Piraquara, conhecia a irmã de um deles lá do estúdio, e tipo assim, eu/eu estava passável esse tempo todo, porquE eu já tinha mudado o nome, o meu registro, então.. ninguém nunca nem notou, e daí:: e/esse menino conheceu u/uma menina lá de Piraquara, que já me conhecia de antes, e ela falou pra ele, e daí Ele

falou pra irmã do menino lá do estúdio. E daí começou u::m/um ela, ela, ela, ela, ((suspiro forte)) Ah!, tá ligado?

Começaram a trocar o seu pronome.

AhAm. E daí eu/daí eu::/eu fiquei de cara uma hora assim ó, porque a gente foi fazer uma/um::/um evento e no evento uma menina me chamou pra fazer uma entrevista (e) “ah, tem uma tatuadora lá que/que faz”... ((suspiro forte)) fiquei assim Óh possesso, porque tipo isso foi:: há uns:/uns seis meses atrás, então, tipo, eu já tava mUito passável. E daí, AH!, ah, nossa, eu fiquei muito puto assim ó, mandei um/um áudio pra ele, assim, porque eu não consigo falar na cara das pessoas sobre isso, eu não falo só mando por áudio assim ó, as vezes as pessoas tão lá no estúdio, elas me conheciam de antes, elas me chamam no feminino, eu fico em silêncio.. aí elas vão embora, eu aviso: “oh tipo, só pra avisAr” ((riso)) é/é muito louco assim ó, éh:: e/esse rolê assim ó, é um/uma parada que, tipo::, você/vocêÊ.. você sAbe que/que não/não fAz diferença, não faz diferença nenhUma isso, mas... o que que cUstAH? Tá ligado? ((risos)) É muito louco, assim, e daí lá no estúdio eles começaram, daí eu tive que conversar com eles, daí todo mundo “não, não, desculpa, não é isso, tá ligado? É que, não sei, tá ligado?” E daí nesse processo todo, eu passei por es/por essa situação de fazer isso com outras pessoas trans

Uhum.

E daí eu falei: “Meu Deus do céu, o que que eu tô fazendo da minha vida?” ((risos)) é um sarro isso tudo, é uma loucura isso

Eu entendo. Éh::Você acha que tem mais alguma... coisa da sua vida assim, assim, da sua histó:ria que seja importante?

Eu não sei, eu tive/eu/foi/eu fui muito privilegiado assim, porque a minha mãe ela: me aceita muito de boa, então eu não tive, sabe? (uma) uma coisa de dificuldade dentro de casa de aceitar tudo isso. O meu pai ele nem sabe, meu pai não faz diferença, meu pai ele não/nem liga, tá ligado? ((riso)) os meus/os meus irmãos foi mais difícil, o meu irmão mais novo, mais novo não, ele é do meio.. ele foi mais difícil assim ó, mas ele também, depois de um tempo ele aceitou de boa. Eh:: essas coisas assim não/não foram difícil pra mim. Acho que o que o/a/a/essa/o que mais incomoda mesmo n/em tudo isso é:: essa::/essa padronização toda de/do feminino, masculino mesmo, que é chato pra caralho.. mas eu acho que mais isso mesmo, mas eu acho que não:/não rolou nada muito.. sabe? extremo. O que eu tenho muito/eu tenho muito medo de ser preso ((riso))

De ser preso?

AhAm:, porque eu não sei como eles vão:: lidar comigo, entendeu?

Uhum.

Isso eu tenho bastante medo. Então toda vez que passa a polícia, toda vez que a gente leva/leva revista essas coisas eu, nOssa, me cago pra caramba... isso é uma parada que eu tenho muito medo ((riso))

É, também tenho ((riso))

Éh/é, Não, mas É::, imagIna!? eu conheci uma menina q/que ela foi presa, e::: ela foi pra delegacia, e:: n/na delegacia era só meninas e tinha um homem trans lá.. com elas e os cara chamavam ele no/pelo nome de registro.. ((suspiro)) ahh, na hora que ela falou eu falei: “ai, meu deus do céu, não quero isso, pelo amor de Deus”

Éh::, acabei nã:o perguntando, especificamente, mas cê acha q... eu quero saber talvez, de repente, se você puder falar, como é ser trans homem negro, pra você?

... Difícil.. porque:: e/e/eu, eu me considero negro, eu me aceito como negro, mas pra sociedade eu sou negro em alguns momentos... o que é bem esquisito, tá ligado? ((risos)) Então, tipo, várias vezes já conversei com pessoas que elas não/não, “não, você não é negro, nada a ver”, tá ligado? E muitas pessoas, tipo, “não.. cê é negro sim”, então tipo:: eu não o/o/o processo/o processo de racismo que eu passei, mais assim, foi mais por que/questões de::/de família de namorAda, geralmente, mais por eu ser tatuAdo, tá ligado? Éh:::.. Eu a/Eu acredito que/quE acontece muito deu/de eu perder muitos clientes, tá ligado? Dentro do estúdio por causa disso:::.. então eu tenho muito cliente que não/não vai lá no estúdio porque eu:/eu deixo bem claro, tá ligado? (no estúdio) que a/a gente é totalmente... amor livre, então tipo, eu tenho/tem cartilhas lá sobre trans/transsexuais, sobre travestis, tem cartilhas sobre sexualidade, em todo lado do estúdio, que é pra galera, já s/conhecer, já entender, já que (tá difícil entender) na escola, vai entender lá no estúdio ((risos)) então, tipo:::, eu/eu sempre deixo: claro pras pessoas (as coisas), já ouvI vÁrias:: coisas absurdas, assim, tá ligado? Tipo... Coisas do tipo:: “ah!, aquele menino ele era de cor, mas era gente boa”, tipo, coisas assim dentro do estúdio, assim, as pessoas falam pra mim isso, na minha cara ((riso)) mas né?... o que que eu pOsso fazer, não é mesmo? ((riso)) Aí eu:/eu, gera/geralmente a gente conversa, tudo mais, mas é uma coisa que é muito difícil, porque eu não sei, eu acredito que:: quando/quando se fala de periferia é um/é um assunto muito:::, sabe? Muito complicado, assim, as pessoas não se veem negras dentro da periferia, as pessoas não veem negras, as pessoas não veem que existem outras, sabe? outras coisas, então, muita gente é muito reprimida lá dentro, assim ó, mUito, em relação a tudo, tá ligado? Desde a masculinidade, desde a feminilidade, desde a sexualidade, tipo, né? É/é muito louco assim ó, as vezes eu falo que eu me sinto psicólogo lá dentro, porque eu converso sobre tudo mEsmo. Ontem mesmo

eu estava conversando com um/com uma moça que ela/ela é mãe, tem filhos e ela acabou de separar, e ela acha que ela gosta de uma mulher, mas ela acha que ela não deve gostar de uma mulher, tá ligado? Ela, “tá errado, e se minha filha começar a fazer isso porque eu tô fazendo? Ai meu Deus”, então tipo, é todo um, sabe? tipo, e/eu fui aprendendo a ser ma/muito mais paciente, assim ó, com umas coisas. Então, as vezes eu ouço umas besteira fortíssima, assim óh... (tipo) “não sabe o que tá fazendo”, tá ligado? ((riso)) a pessoa não sabe o que tá fazendo, tá tudo bem. Mas:... eu acho/eu acho que::: eu:/eu gosto de/desse rolê de colocar, tipo, eu sou um homem trans negro, por/por causa disso, porque eu acho que as pessoas têm que se definir, tem que aprender a se definir, entende? E eu vejo/eu vejo assim, que depois da transição, eu tive muito mais problema com a polícia, tá ligado? ((riso)) muito mais, Antes assim Ó, acontecia se eu tava com meus amigos, tá ligado? com a piada, porque daí a polícia vê que é mulher, “ah, não vou revistar”, entendeu?

Uhum

Aí tipo, já depois disso não, depois disso já comecei a apanhar já ((risos)) depois da transição já comecei a apanhar já ((risos)) mas aconteceu, fazer o quê? ((risos)) é/hor/é/a gente ri pra não chorar, mas n..

Mas, cê tá rindo, mas eu imagino que não seja fácil

AhAM, meu, é horrível, esses dias, na/na Parada Gay/na Parada Gay, a gente tava/porque eu fumo/eu fumo maconha, e a gente sentou num/num cantinho assim, fora da parada e fora dos bolsominion, porque os bolsominions tavam ali, né? Fora deles e fora da parada, assim, a gente foi num cantinho, assim ó, bem () assim ó, e páh, daí tava eu, tava um/mais um menino meu/um/um menino amigo meu que ele é gay, e::: e/e ele é todo assim, né? tipo páh, extravagante tal, de maquiagem assim, de/de alto, entendeu? E daí mais quatro amigas nossas... e/e tava a/eU e Ele, a gente tava de costas.. pra rua, e daí a/uma das nossas amigas tava bolando um baseado.. e daí a viatura parou.. e daí eles já saíram, tipo “éh, que que vocês tão pensando aí, seus vagabundo” e não sei o quê, tá ligado? já saíram com a arma já na mão, assim, já empurraram esse meu amigo, daí na hora que empurraram ele, “AI, meu/minha pepita, AI, não sei o quê”, tá ligado? ((voz aguda)) Aí já olhou pro policial, o policial viu/viu que ele tava maquiada, aí:: eu falei “Éh:: guarda esse baseado aí, vamo, pinando, todo mundo, todo mundo”, tá ligado? Aí, eu falei: “ai mano, pelo amor de Deus”, tá ligado? os caras levantaram, saíram da viatura, só pra mandar a gente sair... tá ligado? Não, mano, provavelmente se/se/se os caras não tivessem visto que era ele, tá ligado? E que era só menina e que, sabe? tipo, se/se ele tivesse ali, só olhando d/com a maquiagem, mostrando que ele tava com maquiagem, os cara não tinham parado a gente... eles pararam porque eles

acharam que era um monte de vagabundo, eram dois homem, tá ligado? Parado ali, bolando um baseado... tá ligado? E o pIOr, um deles era nEgro, tá ligado? ((risos)) então tipo, vAi sAber o que que tem ali? Então eles levantaram, pra olhar o que tInha, perguntaram “E cadê o resto? cadê o resto?”, que resto, mano, tá ligado? ((riso)) Tava todo mundo sem dinheiro (no rolê) ((risos)) aí: ainda levaram o nosso baseado, (ficamo sem baseado, foi bem triste) ((riso)) mas::, mas daí, e/e ali a gente foI/foi conversando até eu e meus amigos conversando, “não, mas é verdade mesmo”... os cara só pararam a gente porque eles viram que era tipo, q/que tinha dois caras... e é isso, tinha dois caras, tá ligado? Eles nem viram as minas lá na frente, se eles tivessem visto as minas, eles nem tinha descido, tinham mandado a gente só sair, ()... agora tipo, ixi... E sem falar que também né? é: m/é muito difícil achar uma viatura, né? que tenha uma mulher... que possa revistar outras mulheres, é geralmente só cara... e geralmente a graça deles é parar outros cara, porque daí né? faz aquela pose, né? machão e páh... eu lembro que antes quando eu/Antes:: quando eu/ac/acontecia da gente:: levar.. revista tudo mais, os cara eles::/eles só, né? Tipo, “você fica pra lá” tá ligado? Nem falava, assim/ne/num falava nAda, só mandava ficar de lado assim ó, depois, mEu Deus do céu, é:/é cada xingamento, assim ó, que cê perde ((riso)) a conta, tá ligado? é gordiInho, tá ligado? Tem um que foi/foi muito sarro assim, o que que ele falou mano? Ele me chamou de algum, fo/foi algum.. Nossa, foi alguma parada muito pAia assim ó, tipo:::... putz, eu nEm lembro, foi/foi alguma coisa do/do “Todo mundo odeia o Chris”, era alguma coisa parecida, tá ligado? aí eu fiquei “ai, esse cara tá tirando memo comigo, nossa mãe do céu”, já fico assim ó, possesso já, tá ligado? (dá vontade de dá) um tapa na cara ((riso)) Mas:: mas acontece, assim ó, os caras são mais::, são muito mais grosseiros, muito mais: agressivos assim, sempre... já perdi as contas já, na verdade...

Tem mais alguma coisa que cê acha importante falar? Daí a gente já fecha.

Não, não sei, acredito que não. Cê tem alguma coisa aí que cê lembre que cê possa me falar, pra gente lembrar junto? ((risos))

Acho que tá ótimo já, cê me contou bastante coisa importante da sua vida, do seu processo, então, acho que é isso, podemos fechar aqui a gravação.

Então, arrasou.

Obrigado!